

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC - SP

Sandra Carla Sarde Mirabelli

**Redescobrir – História e Memória do Serviço Social do Comércio:
narrativas das(os) trabalhadoras(es) do Sesc São Paulo**

Doutorado em Serviço Social

São Paulo
2023

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC - SP

Sandra Carla Sarde Mirabelli

**Redescobrir – História e Memória do Serviço Social do Comércio:
narrativas das(os) trabalhadoras(es) do Sesc São Paulo**

Doutorado em Serviço Social

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Serviço Social, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli.

São Paulo

2023

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Martinelli (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Maria Carmelita Yazbek

Prof^a. Dr^a. Lucineia Rosa dos Santos

Prof^a. Dr^a. Yolanda Aparecida Demétrio Guerra

Prof^a. Dr^a. Neusa Cavalcante Lima

Redescobrir

*Como se fora a brincadeira de roda
Memória!
Jogo do trabalho na dança das mãos
Macias!
O suor dos corpos, na canção da vida
História!
O suor da vida no calor de irmãos
Magia!*

Gonzaguinha

Dedico este trabalho

Ao meu esposo, Paulo Cesar, meu grande amor, pelo companheirismo, compreensão, incentivo, fortalecimento e por sempre estar ao meu lado.

Aos meus pais, Antonio e Maria Therezinha, pelo amor, dedicação e carinho que sempre dedicaram a mim.

Ao meu sogro, José Manoel (in memoriam), que esteve ao meu lado durante muitas leituras e reflexões.

AGRADECIMENTOS

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e ao corpo docente e discente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, pela contribuição de novos saberes;

À minha orientadora, Dra. Maria Lúcia Martinelli, pelo acolhimento, dedicação, ensinamentos e encorajamento. Nossa relação transcende o espaço acadêmico, minha inspiração profissional, minha eterna gratidão;

Às professoras, Dra. Maria Carmelita Yazbek e Dra. Yolanda Guerra, pelas reflexões e generosas contribuições para a pesquisa e para a minha formação profissional;

Às professoras, Dra. Lucineia Rosa dos Santos, Dra. Neusa Cavalcante Lima, Dra. Marli Pitarello e Dra. Áurea Eleotério Soares Barroso, por aceitarem o convite e contribuírem com este trabalho;

Ao Serviço Social do Comércio, especialmente ao Prof. Danilo Santos de Miranda pela confiança em meu trabalho, pela bolsa de estudos concedida e autorização na realização desta pesquisa no espaço institucional;

Aos participantes desta pesquisa, Dionino Cortelazi Colaneri, Joel Naimayer Padula, Lilia Ladislau, Lúcia Maria Lopes Garcia, Marta Aparecida Borges Lordello Gonçalves e Sônia Regina Galisteu, meu profundo agradecimento pela disponibilidade, confiança e motivação para o meu caminho acadêmico;

À Deus, por tornar este sonho possível, sua presença em minha vida me fortalece, me ilumina, me conduz, e à Nossa Senhora Aparecida por sempre me proteger com seu manto azul e guiar os meus passos;

Ao meu esposo, Paulo Cesar Mirabelli, que sempre apoiou minhas escolhas com seu olhar sincero, generoso, afetuoso e com sábias palavras;

Aos meus pais, Antonio Sarde e Maria Therezinha Firmino Sarde, por sempre acreditarem em mim e estarem ao meu lado me incentivando;

Gratidão a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para realização deste trabalho de pesquisa.

RESUMO

MIRABELLI, Sandra Carla Sarde. Redescobrir – História e Memória do Serviço Social do Comércio: narrativas das(os) trabalhadoras(es) do Sesc São Paulo. 2023. 264 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

O que **justifica** a realização desta tese é o fato de que, há 21 anos trabalhando no Sesc São Paulo, tenho acompanhado a trajetória do Serviço Social do Comércio e para compreendê-la, foi necessário resgatar a sua história e a sua memória no processo histórico. Senti a necessidade de revisitar a história do Serviço Social do Comércio – Sesc e reconstruí-la coletivamente, por meio da práxis dos(as) trabalhadores(as) expressa nas narrativas em diferentes momentos históricos e diferentes inserções no quadro de funcionários que desenvolvem e desenvolveram trabalhos na área social da instituição. Nessa perspectiva, o **objetivo geral** é estudar a história e a memória do Serviço Social do Comércio, no período histórico entre 1966 a 2022, para redescobrir, por meio de documentos institucionais, fotografias, jornais, publicações e narrativas das/os trabalhadoras(es) do Sesc São Paulo a trajetória construída pela instituição ao longo desse período. Entre os **objetivos específicos**, destacam-se: refletir sobre a importância da história e da memória para a reconstrução da trajetória do Serviço Social do Comércio - Sesc São Paulo; identificar na práxis das(os) trabalhadoras(es) a materialização da história expressa nas narrativas, considerando a intrínseca relação entre memória e história, bem como, contribuir para a reconstrução da memória do Sesc São Paulo; e, desvendar a importância do trabalho desenvolvido por Assistentes Sociais no Sesc São Paulo, no período de 1966 a 2022. A tese tem por **referencial teórico e filosófico marxista** os aportes de Walter Benjamin e sob o ponto de vista **metodológico** apoia-se no materialismo histórico-dialético, a partir das categorias: totalidade, historicidade e contradição, procurando entender o Sesc como uma instituição inserida no processo histórico. No que diz respeito à **metodologia de pesquisa**, opta-se pela História Oral trabalhada por Alessandro Portelli. Na leitura para o Serviço Social tendo participado, por três anos, do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Identidade – NEPI, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, coordenado pela professora Dra. Maria Lúcia Martinelli, espaço em que realizei diferentes leituras e reflexões e a partir dele, elegi a história oral, pois compreendo essa escolha como uma opção política, de troca entre pesquisadora/pesquisada(o), de confiança, de subjetividades, de relatos de experiências, fatos, projetos, aspirações e acontecimentos, pois a realidade é inesgotável.

Palavras-chave: serviço social, história, memória.

SUMMARY

MIRABELLI, Sandra Carla Sarde. Rediscover – Memories of the Social Service for Commerce: narratives of workers of Sesc São Paulo. 2023. 264 f. Thesis (Doctorate in Social Work) – Postgraduate Studies Program in Social Work, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

What **justifies** the realization of this thesis is the fact that, for 21 years working at Sesc São Paulo, I have followed the trajectory of the Social Service of Commerce and to understand it, one starts from the assumption that it is necessary to rescue its history and its memory in the historical process. I felt the need to revisit the history of the Social Service of Commerce - Sesc and rebuild it collectively, through the praxis of the workers expressed in the narratives at different historical moments and different insertions in the staff that develop and developed work in the social area of the institution. In this perspective, the **general objective** is to study the history and memory of the Social Service of Commerce, in the historical period between 1966 and 2022, to rediscover, through institutional documents, photographs, newspapers, publications and narratives of the workers of Sesc São Paulo the trajectory built by the institution throughout this period. Among its **specific objectives**, the following stand out: to reflect on the importance of history and memory for the reconstruction of the trajectory of the Social Service of Commerce - Sesc São Paulo; identify in the praxis of the workers the materialization of the story expressed in the narratives, considering the intrinsic relationship between memory and history, as well as contributing to the reconstruction of the memory of Sesc São Paulo; and, to unveil the importance of the work carried out by Social Workers at Sesc São Paulo, from 1966 to 2022. The thesis has the contributions of Walter Benjamin as a **philosophical reference** and, from a **methodological** point of view, is based on historical-dialectical materialism, from the categories totality, historicity and contradiction, trying to understand the Sesc as an institution inserted in the historical process. With regard to the **research methodology**, we opted for the Oral History work by Alessandro Portelli. In reading for Social Work, having participated in these three years at the Center for Studies and Research on Identity – NEPI, at the Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, coordinated by Professor Maria Lúcia Martinelli, a space in which I carried out different readings and reflections and from there, I chose oral history, because I understand this choice as a political option, of exchange between researcher/researched, of trust, of subjectivities, of reports of experiences, facts, projects, aspirations and events, because reality is inexhaustible.

Keywords: social work, history, memory.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
PARTE I	
FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	13
Capítulo 1 – O percurso construído para a realização da pesquisa	14
1. A viagem com afeto	14
2. A conexão da trajetória pessoal e profissional com a construção do objeto de estudo	15
2.1 Caminhos da pesquisa	22
2.2 Construção teórico-metodológica	28
3. Sobre o conceito de história	32
4. A escolha do método como opção política	35
5. A opção pela história oral como metodologia	38
6. Contribuições de Alessandro Portelli na escrita da história oral	40
7. Walter Benjamin: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”	45
7.1 As contribuições de Walter Benjamin para o Serviço Social	65
PARTE II	
CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO	70
Capítulo 2 – O Serviço Social brasileiro na história	71
1. O registro do Serviço Social na história do Brasil	71
2. Bases para implantação do Serviço Social no Brasil	84
Capítulo 3 – A trajetória do Serviço Social do Comércio	94
1. A formação sócio-histórica brasileira	95
2. Revolução burguesa e capitalismo dependente	96
3. O desenvolvimento das grandes instituições sociais	100
4. A gênese do Serviço Social do Comércio: Carta da Paz Social	107
5. Marcos significativos na formação do Serviço Social do Comércio - Sesc	112
6. As primeiras unidades do Sesc São Paulo	121
7. Ampliação de novas unidades e transformações no Sesc São Paulo	127
8. Sesc São Paulo: unidades, linguagens, programas e ações	171
9. As logomarcas do Sesc	199

PARTE III	
NÓS CONSTRUÍMOS ESSA HISTÓRIA	203
Capítulo 4 – A história no cotidiano e os significados da memória	204
1. Vida cotidiana e história	204
2. Tempo, história e memória	208
3. Memória e experiência na tessitura das narrativas	210
4. Lembranças das(os) trabalhadoras(es) do Sesc São Paulo	213
CONSIDERAÇÕES FINAIS	234
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	242
APÊNDICE	248
ANEXOS	249

APRESENTAÇÃO

Esta tese de doutoramento está dividida em três partes. Procuramos fazer a divisão para explicitar, de um lado, as bases teóricas, bem como o método de investigação do estudo realizado. De outro lado, situar e apresentar ao(a) leitor(a) os fundamentos sócio-históricos norteadores, identificando e contextualizando os determinantes políticos, sociais, econômicos, éticos e culturais que influenciaram toda a história do Sesc São Paulo. Bem como, elucidar e analisar as memórias e experiências de trabalhadoras (es) do Sesc São Paulo na tessitura das narrativas que compuseram toda a pesquisa.

A primeira parte, se apoia na fundamentação teórica referencial para a composição desta tese, apresentamos a metodologia e os conceitos fundamentais utilizados no transcorrer do texto. Na construção do primeiro capítulo, apresentamos a trajetória pessoal e profissional da autora e algumas reflexões sobre o conceito de história, apontando para a importância da narrativa e a operacionalização da pesquisa por meio da metodologia da História Oral. Para tanto, sintetizamos o suporte teórico-metodológico do materialismo histórico-dialético, especialmente nas categorias: historicidade, totalidade e contradição, a partir da perspectiva do referencial teórico e filosófico marxista de Walter Benjamin.

Na segunda parte, o segundo e terceiro capítulos foram construídos, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, fotografias, jornais e relatórios, na recuperação histórica do Serviço Social no Brasil. Foram recuperados alguns conceitos para conhecimento da gênese do Serviço Social do Comércio – Sesc São Paulo, bem como o percurso histórico e transformações da instituição diante da realidade sócio-histórica brasileira. Assim, contextualizamos a historiografia do Sesc São Paulo, desde o surgimento das primeiras unidades operacionais do Serviço Social do Comércio no estado de São Paulo – bem como as influências teóricas e ideológicas que sustentam a instituição até o momento atual.

As narrativas das(os) trabalhadoras(es) do Sesc São Paulo estão presentes durante todo esse percurso, porém, na terceira parte, destacamos, no quarto capítulo, diversas passagens desses diálogos, enfatizando a transmissão da experiência social no viver histórico e no cotidiano para a apreensão da realidade na construção da história da instituição. Finalizamos a tese com as considerações finais deste estudo,

compreendendo que memória e história se articulam na elaboração do tempo futuro e de uma construção sobre o passado ressignificada no presente.

PARTE I
FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O PERCURSO CONSTRUÍDO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

1. A Viagem com afeto

Para mim não basta ter ouvidos para escutar, a essência da escuta está nas batidas do coração, no profundo silêncio da alma e no olhar sensível de gratidão (MIRABELLI, 2023).

É com imensa alegria que trago minhas primeiras palavras sobre a importância das pessoas que fizeram e fazem parte da minha história de vida. Algumas delas são da minha família, outras conheci na escola, na universidade, no trabalho, no bairro, mas de uma coisa eu tenho certeza, algumas chegaram para nunca mais partir, mesmo que estejam distantes fisicamente, estão em meu coração e em minha memória.

É com sentimento de gratidão, que digo que o processo de doutoramento produz muito mais que uma tese, ele possibilitou a minha transformação, pois revisei a minha história, pude me conectar com a história de tantas pessoas que construíram e que constroem a história do Sesc São Paulo. Com as narrativas dessa gente querida, pude viajar como ouvinte e como participante, acredito que esse caminho é inesgotável! É como se as heranças do passado pudessem servir como alicerces para o futuro, por isso, busquei registrar as narrativas como um dos elos entre o que passou e o que ficou. Estou certa de que este movimento impulsionou a transformação no olhar do tempo presente sobre as experiências do tempo ido, mas que não está mais perdido. A narrativa de cada pessoa presente aqui nesta tese, tem uma força inimaginável, ímpar, pois contém o passado, revela a história como o suporte do olhar da memória no presente vislumbrando o futuro.

Assim, convido você a trilhar os caminhos percorridos para realização desta pesquisa, apresentando histórias plenas de vida e de significados a partir da leitura atenta do cotidiano, afinal, é nele que as histórias se constroem.

2. A conexão da trajetória pessoal e profissional com a construção do objeto de estudo

Os encontros no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Identidade – NEPI, me propiciaram muitas reflexões, a Professora Doutora Maria Lúcia Martinelli, que o coordena, minha amada orientadora, sempre diz que os nossos temas expressam nossas próprias histórias de vida. Ela tem toda razão, suas palavras ficaram gravadas em mim e as levarei por toda a minha vida, afinal, não há ser humano sem história, não há identidade sem escuta, somos plenos de possibilidades.

Como afirma Martinelli (2019, p. 28):

Nossas temáticas de estudo não são apenas acadêmicas; são problemáticas sociais, contém camadas de história e um rico repertório de histórias de vida, onde se entrelaçam dimensões políticas da vida pública e privada que só podem ser desvendadas quando nos dispomos a ouvir histórias pessoais, cotidianas.

É nesse sentido que procuro tecer o objeto de estudo imbricado com minha trajetória pessoal e profissional. Me pergunto sempre: O que eu procuro? Quais são as minhas inquietações? Como posso contribuir para um mundo melhor?

Mas antes de dizer o que procuro, pretendo me apresentar a vocês, afinal, quem eu sou? O exercício de escrever o memorial acadêmico me possibilitou rememorar momentos muito expressivos e significativos, cujos movimentos me levaram a refletir sobre a minha história de vida e que neste momento gostaria de compartilhar com vocês.

Nasci na madrugada do dia 19 de agosto de 1974, na cidade de Garça, São Paulo, meus amados pais deram a mim o nome de Sandra Carla, cujo significado é defensora da humanidade. Longe de ser a defensora de toda a humanidade, com muita humildade, hoje sei o quanto meu nome faz sentido para minha profissão.



Eu com 2 anos

Foto: Acervo pessoal - Sandra Carla Sarde Mirabelli

Em Gália, cresci no seio de uma família amorosa, meu pai motorista e minha mãe operária de uma fábrica e empregada doméstica, cujos valores mais importantes eram o respeito ao próximo e a honestidade. Tive uma infância feliz, brincava com argila colhida no barranco próximo de casa, fazia pipa com folhas de revistas usadas, subia nas árvores, amava cuidar do jardim e da horta do quintal de casa, tocar violão e visitar a biblioteca municipal quase todos os dias. Cresci ouvindo meus pais dizerem para eu não parar de estudar, pois eles não tiveram oportunidade e precisaram interromper os estudos aos 10 anos de idade por conta do trabalho.

O fato de minha infância ter sido feliz, não me isentou de certas responsabilidades desde muito cedo. Quando minha mãe trabalhava de doméstica eu cuidava do filho da “patroa” dela durante a sua jornada de trabalho, ele tinha apenas 2 anos de idade e eu tinha aproximadamente 13 anos. Durante seu trabalho na fábrica de fiação de seda, eu cuidava de minha irmã com 6 anos de idade, precisei ser responsável muito cedo, o trabalho sempre esteve presente durante a minha infância.

Muitas coisas marcaram esse período, mas uma delas, sem dúvida, foi ver o senhor pai de duas meninas que estudavam na mesma escola que eu e que vendia, na porta da escola, pirulitos de açúcar queimado, construir sua casa com latas de óleo amassadas. Essa família morava uma quadra da minha casa, me lembro como se fosse hoje, era um barranco muito grande e a condição de vida deles me chamava muita atenção desde pequena, eu não aceitava tanta desigualdade e sempre falava para os meus pais que queria muito que eles tivessem uma casa melhor, como a nossa, que era de Cohab.

Aos cinco anos de idade, ingressei na Escola Graciema Baganha Ribeiro, escola pública de Ensino Fundamental e Médio, considerada uma ótima escola do município de Gália.



Eu com 5 anos

Foto: Acervo pessoal - Sandra Carla Sarde Mirabelli

Conclui o parquinho, como falávamos naquela época, aos seis anos de idade, ingressei na primeira série e fui alfabetizada pela amorosa e inesquecível Professora Moema. Tive a felicidade de reencontrá-la em 2014, no Sesc Bauru, depois de 34 anos, participando do Encontro Regional de Idosos, sorridente e muito afetuosa, como sempre. O mundo é muito pequeno mesmo, parei ao lado daquela senhora e a sua fisionomia e sua voz me chamaram muito a atenção até que não hesitei em perguntar o seu nome e confirmar o reencontro com a Professora Moema que foi muito emocionante.



Reencontro com a professora Moema no Sesc Bauru
Foto: Acervo pessoal - Sandra Carla Sarde Mirabelli

Segui minha trajetória estudantil na mesma escola até o 1º Ano do Colegial, como era chamado o que atualmente é denominado de Ensino Médio. A escola desenvolvia inúmeras atividades e eu participava ativamente dos teatros, danças, feiras, campeonatos, oficinas e do grêmio estudantil, mas o meu local preferido era a biblioteca, eu era uma frequentadora assídua e desde muito pequena tinha grande prazer pela leitura.

Uma de minhas melhores lembranças era ir toda semana à Biblioteca Municipal, era longe da minha casa, mas eu amava aquele lugar, mergulhava no mundo da leitura e aprendia muito. Além da biblioteca, todos os finais de semana eu cantava e tocava violão na igreja, que alegria era encontrar meus amigos, brincar e aprender truques de mágica com o Padre Boaventura durante a catequese.

Aos 16 anos, eu e minha família nos mudamos para Bauru, meu pai havia conseguido um novo trabalho de motorista e deixamos a pequena cidade de 5.000 habitantes para nos aventurarmos em uma cidade considerada de médio porte do interior do Estado. Lá finalizei o Colegial na Escola Azarias Leite, local em que conheci meu primeiro namorado e hoje meu amado esposo.

Em Bauru, trabalhei em uma fábrica de cintos, meias e malas dos 16 aos 19 anos, foi um período muito difícil, era um ambiente bastante desgastante, mas precisava muito ajudar minha família. Depois fui trabalhar em um escritório de uma gráfica, até que ingressei aos 22 anos no curso de Serviço Social.

Meu sonho desde muito pequena era trabalhar com pessoas, em vários projetos, um dos dias mais felizes da minha vida foi quando vi meu nome na lista dos aprovados para o curso de Serviço Social na Instituição Toledo de Ensino – ITE Bauru. Nesse dia, me recordo da alegria e da preocupação, pois o meu salário não era o suficiente para pagar a mensalidade e, meus pais não tinham condições de me ajudar naquele momento, pelo contrário, eu auxiliava nas despesas de casa.

Mesmo assim, me matriculei sabendo que não havia naquele momento bolsa de estudos. Quando fui retirar o boleto da primeira mensalidade na secretaria da faculdade, me informaram que não havia nenhum em meu nome e que no dia seguinte eles esclareceriam o ocorrido. Confesso que não entendi naquele instante, mas no dia seguinte, para minha alegria, quando fomos apresentadas ao programa pela saudosa Professora Dra. Egli Muniz, Diretora da Faculdade de Serviço Social, fui chamada para receber a bolsa integral para realização do curso. Foi muita emoção, um misto de alegria e gratidão, afinal, eu não tinha condições de permanecer no curso. Me recordo como se fosse hoje, quando cheguei em casa, chorando contei aos meus pais que havia recebido a bolsa de estudos, pois Bauru completava seu Centenário e a Instituição Toledo de Ensino, em homenagem a cidade, estava concedendo 3 bolsas para os primeiros classificados do vestibular de todos os cursos.

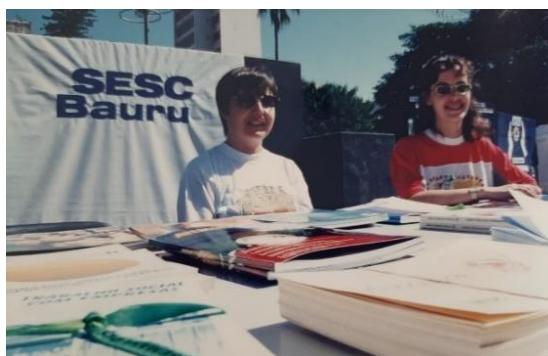
Até hoje, sou uma pessoa de muita fé, não desisto fácil das coisas que acredito, trabalhava e estudava muito, pois precisava tirar notas acima da média sete, uma exigência da ITE, para não perder a bolsa de estudos. Foi uma longa caminhada, saía de casa às 6 horas da manhã e retornava às 23h30 todos os dias, mas com a graça de Deus, eu venci!

Nesse período, tive a oportunidade de realizar vários estágios: no CEPET - Centro de Pesquisa e Encaminhamento ao Trabalho; no NUPESS - Núcleo de Pesquisa e Extensão da Faculdade de Serviço Social, no CRAMI - Centro de Referência e Atenção aos Maus Tratos na Infância, e, no Projeto FUNDATO – voltado ao atendimento de crianças e famílias em situação de vulnerabilidade social que é mantido pela ITE.

Confesso que vivenciei momentos muito difíceis nesses estágios, mas que só me fortaleceram e me mostraram que eu estava no caminho certo.

Na faculdade, participei ativamente de inúmeras atividades, jornadas científicas, seminários, conferências, cursos, palestras, pesquisas, amava aquele espaço, admirava o trabalho desenvolvido pelas(os) professoras(es), até que em 1998, na própria ITE, foram divulgar um processo seletivo para estágio em Serviço Social no Sesc Bauru. Eu e muitas colegas de classe fomos ao Sesc participar do processo, era um estágio remunerado, aquele dia foi muito significativo para mim, afinal, eu só conhecia o espaço pelo lado de fora.

Me recordo que um dia disse ao meu pai, ao passar na calçada do Sesc, que eu trabalharia naquele lugar, pois achava muito bonito o que eles faziam, mesmo sem conhecer o espaço institucional. Pois bem, fui aprovada e lá realizei nos anos de 1998 e 1999 estágio supervisionado no programa Trabalho Social com Idosos. Foi um período de muito aprendizado, era outro universo para uma menina que cresceu na pequena cidade de Gália com apenas 5.000 habitantes. Lá conheci muitas linguagens novas: cinema, teatro, música, dança, fotografia, manifestações culturais, entre outras; adquiri experiência na organização de atividades, eventos, projetos e programas; fiz muitas amizades com as(os) colegas de trabalho e as pessoas idosas que frequentavam as atividades no Sesc.



Eu e minha supervisora de estágio Lúcia participando de uma Feira Literária em Bauru na Praça Rui Barbosa
Foto: Acervo pessoal - Sandra Carla Sarde Mirabelli

Em 1996, no dia da minha colação de grau, muitas pessoas idosas estavam presentes, além dos meus pais e meus avós, afinal, eu era a primeira pessoa da família a realizar um curso universitário. Foi tudo muito marcante para mim, eu e meus pais, fomos chamados pela Dra. Egli Muniz para a entrega da medalha Antônio Eufrásio de Toledo, premiação que humildemente compartilho com vocês, por ter sido

a aluna a obter as melhores notas durante o curso. Os olhos dos meus pais brilhavam orgulhosos e o meu coração batia aceleradamente, pois eu não esperava pelo reconhecimento, afinal, eu me dediquei muito por amar o curso e não poder perder a bolsa de estudos.



Recebendo a medalha Antônio Eufrásio de Toledo das mãos da estimada Diretora da Faculdade de Serviço Social Egli Muniz e da Vice-Diretora Ana Maria de Toledo.
Foto: Acervo pessoal - Sandra Carla Sarde Mirabelli

Inicia-se um novo ciclo, no ano 2.000, já formada, após o casamento com meu amado esposo, vou morar na cidade de Primavera do Leste, Mato Grosso. Lá, fui voluntária em um Centro de Convivência para Idosos - Conviver, mantido pela Prefeitura Municipal. Por dois anos, permaneci realizando atividades, ministrei cursos na área da Gerontologia, aprendi e compartilhei meus conhecimentos.



Encerramento do curso Cuidadores de Idosos em Primavera do Leste – MT
Foto: Acervo pessoal - Sandra Carla Sarde Mirabelli

Em 2.002, visitando meus pais em Bauru, vejo um anúncio no Jornal da Cidade, de abertura de processo seletivo para escriturário(a) no Sesc. Senti que era o momento de regressar, participei do processo seletivo sabendo que não atuaria na área, até porque o Sesc não tinha o cargo de assistente social. Fui, então, contratada para trabalhar como escriturária. Desejei muito retornar ao Sesc e essa era a oportunidade para poder traçar a minha trajetória na instituição.



Na Central de Atendimento no Sesc Bauru
Foto: Acervo pessoal - Sandra Carla Sarde Mirabelli

Trabalhei um ano na central de atendimento, local que realiza as matrículas e inscrições para cursos; um ano na secretaria da gerência, lidando com questões mais administrativas e, em 2004, comecei a desenvolver meu trabalho no Mesa Brasil, programa de segurança alimentar e nutricional. Nele, posso efetivamente colocar em prática o que aprendi teoricamente durante o curso de Serviço Social. Foram 9 anos de muito aprendizado, trocas, afetos e muitos projetos realizados.

Foi um período de grande aprendizado e fortalecimento pessoal e profissional, mas como sabemos, muitas transformações ocorrem em nossas vidas, e em 2013, sou convidada para trabalhar na Administração Regional do Sesc São Paulo. Tudo era muito novo, pois lá eu não atuaria diretamente com as pessoas que frequentam as atividades do Sesc, mas no planejamento dos projetos voltados à velhice, ao envelhecimento e no trabalho junto às equipes das unidades operacionais regionais.



Com as(os) colegas da Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade – GETI
Foto: Acervo pessoal - Sandra Carla Sarde Mirabelli

Com minha ida para a Administração Central do Sesc na Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade – GETI e posteriormente para a Gerência de Estudos e Programas Sociais – GEPROS tive várias oportunidades para realizar visitas técnicas e participar em eventos internacionais representando o Sesc São Paulo.

Durante toda a minha trajetória profissional, sempre considerei importante o Sesc como um espaço para realização do estágio em Serviço Social. Assim como eu tive a oportunidade de realizar estágio na instituição, era uma de minhas atribuições e princípios possibilitar que esse espaço de aprendizado e troca pudesse ser assegurado aos estudantes de Serviço Social.

No período em que eu estava na coordenação do Programa Mesa Brasil Sesc Bauru, tive a oportunidade de acompanhar dezenas de estagiárias que me ensinaram muito e com quem pude também compartilhar minhas experiências. Na Administração Central do Sesc continuei a supervisão do estágio em Serviço Social tendo como prioridade, estimular a participação das(os) estagiárias(os) nos vários programas e ações que são desenvolvidas pela organização.



Eu e a estagiária Laís



Eu e a estagiária Celeste



Eu e a estagiária Natália



Eu e o estagiário Luciano, durante a supervisão de estágio na pandemia
Fotos: Acervo pessoal - Sandra Carla Sarde Mirabelli

No Sesc São Paulo, tive a oportunidade de desenvolver o meu trabalho com muita dedicação e amor, tive inúmeras oportunidades que compartilharei mais à frente e que fazem parte da minha história de vida e da história do Sesc SP.

Nesta perspectiva, apresentarei a seguir com mais profundidade minhas indagações e os caminhos percorridos por esta pesquisa.

2.1 Caminhos da Pesquisa

A arte brasileira é espaço de memória, de ressignificar e revisitar nossa trajetória, nossas experiências, nossas emoções, nos conecta com o tempo passado

e o tempo presente. A canção "Redescobrir" de autoria de Gonzaguinha, conhecida pela interpretação de Elis Regina, nos possibilita pensar sobre memória e história, quando diz: "Memória, entender que tudo é nosso, sempre esteve em nós, História", compreendendo que memória e história se articulam na elaboração do tempo futuro, mas que tratam da compreensão de uma construção sobre o passado ressignificada no presente, e que a memória engloba as dimensões individuais e coletivas trazendo as marcas da lembrança e do passado.

Segundo Heller (2016, p. 14-15),

A história é a *substância* da sociedade. A sociedade não dispõe de nenhuma substância além do homem, pois os homens são os portadores da objetividade social cabendo-lhes a construção e transmissão da estrutura social.

Todos nós chegamos ao tempo presente carregados de uma história impregnada de sentidos, interrogações e conhecimentos. Assim, acreditamos que a pesquisa "Redescobrir – História e Memória do Serviço Social do Comércio: narrativas das(os) trabalhadoras(es) do Sesc São Paulo, contribuirá para a reflexão de que:

Histórias serão conhecidas se contadas. Trabalhar com a história oral abre possibilidades para novas perspectivas, que articulam presente e passado, memória e história, objetividade e subjetividade, verdade do fato e significado social (MARTINELLI e LIMA, 2020, p. 109).

É na aproximação aos sujeitos sociais, na construção de uma relação de reciprocidade e horizontalidade que ao ouvir, ao dialogar e ao registrar suas narrativas, que podemos visualizar rostos, sorrisos, lágrimas e desvendar histórias vividas e silenciadas.

Mas do que é feita a memória de uma organização? Experiências, documentos, construções, fotografias, sentimentos, desejos? Onde a história se materializa? O que a faz permanecer? O que se pode ler além das margens dos documentos históricos?

Mais do que recordar, a memória faz do vivido algo presente nos valores que nos auxiliam no agir. Assim, propomos pesquisar por meio de histórias orais e documentos institucionais, a trajetória construída pelo Serviço Social do Comércio - Sesc São Paulo.

Trabalhando nesta organização há mais de 21 anos, desenvolvo atualmente o trabalho na Gerência de Estudos e Programas Sociais, responsável pela elaboração das diretrizes institucionais voltadas aos programas sociais e algumas questões foram ganhando contornos mais nítidos, como por exemplo: Como resgatar a história do

Serviço Social do Comércio – Sesc São Paulo, por meio das narrativas das(os) trabalhadoras(es)? Existem documentos da organização que podem auxiliar na construção dessa história? Quem são os(as) trabalhadores(as) que desenvolveram trabalhos na área social que poderiam contar suas experiências na organização? Como esses profissionais trabalharam ao longo dos 76 anos do Serviço Social do Comércio - Sesc? Qual a influência das(os) assistentes sociais no desenvolvimento de alguns programas do Sesc São Paulo?

Parte-se do pressuposto no materialismo histórico-dialético, de que trabalhamos com a totalidade, a contradição e a historicidade e, portanto, para compreender a trajetória de uma instituição como o Sesc, fez-se necessário resgatar a sua memória no processo histórico, afinal não vamos apenas pontuar datas significativas, mas compreender a história em movimento. A escolha do tema, portanto, nasce das inquietações/indagações da pesquisadora/trabalhadora que sente a necessidade de revisitar a história do Serviço Social do Comércio – Sesc São Paulo e reconstruí-la coletivamente, por meio das narrativas dos(as) trabalhadores(as) em diferentes momentos históricos, diferentes inserções no quadro de funcionários e com desenvolvimento de trabalhos na área social da instituição.

Sabemos que muitas pessoas inter cruzam os vários momentos do Sesc São Paulo nestes 76 anos de existência, e que poderiam contribuir com a tessitura das camadas de história que compõem a sua trajetória. Delinear as possibilidades me conduziu a optar por pessoas com as quais as longas trajetórias profissionais foram inter cruzadas com a história do Sesc São Paulo e com a história desta pesquisadora densamente vivida nos espaços da instituição. Nas aproximações sucessivas que realizei, busquei pessoas a narrar diferentes momentos e contextos dessa trajetória e que construíram suas trajetórias profissionais na capital e no interior de São Paulo em áreas diversas do Sesc São Paulo, no período de 1966 a 2022.

Por ser um grupo plural, no exercício democrático da palavra, contei com narrativas individuais que apresentaram na singularidade de cada história, contextos sociais e períodos históricos diversos que me conduziram à construção da história e memória do Serviço Social do Comércio.

Além de colocar os contextos da Capital e Interior, Unidade Operacional e Administração Central, privilegiei também outros pontos, tais como: formação profissional, cargos/funções e período que trabalhou na instituição.

Nome	Formação Profissional	Primeiro Cargo	Último Cargo	Período de trabalho no Sesc SP
Dionino Cortelazi Colaneri	Assistente Social	Assistente Técnico	Diretor	De 1966 a 1998 (Sesc SP) De 1999 a 2007 (Sesc Rio)
Joel Naimayer Padula	Filósofo	Orientador Social	Superintendente Técnico-Social	De 1969 a 2022
Lúcia Maria Lopes Garcia	Assistente Social	Recreadora	Assistente Técnica I	De 1977 a 2015
Marta Aparecida Borges Lordello Gonçalves	Assistente Social	Monitora de Atividades Sociais	Assessora II	De 1980 a 2014
Sônia Regina Galisteu	Advogada	Auxiliar Administrativo	Auxiliar Administrativo I	De 1985 a 1990 De 2002 a 2019
Líliã Ladislau	Socióloga	Animadora Cultural	Consultora	De 1987 a 2018

Conforme destaca Martinelli (1999, p. 25-27):

Não se trata, portanto, de uma pesquisa com grande número de sujeitos, pois é preciso aprofundar o conhecimento em relação àquele sujeito com o qual estamos dialogando. [...] é indispensável ter presente que, muito mais do que descrever um objeto, buscam conhecer trajetórias de vida, experiências sociais dos sujeitos [...]

Realizei as entrevistas, no período de fevereiro a abril de 2022, com as(os) seis protagonistas escolhidos e com o roteiro de entrevista (Apêndice - Roteiro de Entrevista – A história pela memória), levando em consideração toda a trajetória profissional de cada um(a) e suas memórias sobre a história do Serviço Social do Comércio, durante o período de 1966 a 2022.

As entrevistas foram marcadas com antecedência de acordo com a disponibilidade de horário de cada entrevistada(o), na Administração Central do Sesc São Paulo e pela Plataforma Teams, devido ao período de pandemia da COVID-19. Foi utilizada a técnica do gravador (áudio) e a gravação pela Plataforma Teams, expondo aos participantes os objetivos e a metodologia da pesquisa, com o intuito de ativar suas memórias.

Entende-se que a relevância desse estudo se refere à narrativa como forma de transmitir a experiência social no viver histórico, da vida prática e do cotidiano para a apreensão da realidade na reconstrução da história dos 76 anos do Sesc, afinal a história de um, pode revelar a história de muitos(as) trabalhadores(as).

A memória é uma importante categoria para consolidação de identidades e de resistência, ela faz parte de minha formação profissional e se reafirma quando

observamos a organização coletiva de grupos sociais que reivindicam o reconhecimento da memória e promovem ações para ocupação de espaços que são representativos em cada trajetória. No uso destes espaços, a resistência cultural se consolida desde o reconhecimento pela população de seus bens culturais ao pertencimento de sua própria história, até o direito à memória, afinal, todo lugar tem história e a história está ligada às pessoas.

A história que nos aproximamos na escola não aborda o passado recente, ela se distancia dos aspectos do cotidiano, que são fundamentais para o Serviço Social. Bosi destaca que:

As instituições escolares reproduzem essas versões solidificando uma certa memória social e operando em sentido inverso ao da lembrança pessoal, tão mais veraz em suas hesitações, lacunas e perplexidades (BOSI, 2018, p. 23).

Assim, meu objeto de estudo, História e Memória do Serviço Social do Comércio: narrativas das(os) trabalhadoras(es) do Sesc São Paulo, nos conduzirá na descoberta de uma história que ainda não foi narrada, a história do Sesc, é a história de muitas pessoas que trabalham e trabalharam na instituição, chamada Sesc São Paulo.

A memória dessas(es) trabalhadoras(es) nos conduziram por caminhos nunca percorridos, escolhendo acontecimentos e experiências que somente elas(es) poderiam nos narrar com tanto significado coletivo, afinal, rememorar é salvar um passado que estava guardado, quase esquecido. Segundo Bosi (2018, p. 36):

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, “descola” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

É esta memória que nos apresentará o cotidiano, afinal, a história que se apoia somente em documentos oficiais jamais dará conta do que as pessoas vivenciaram nas Unidades do Sesc São Paulo, experiências, emoções, paixões, amizades, suas descobertas... Percorreremos os caminhos da história do Sesc São Paulo mais recente, uma história plena de vida; no Sesc muitas pessoas, muitas histórias e muitas memórias se conectam ao movimento do passado e do presente.

Nosso compromisso é desvendar essa história em seu movimento histórico, como afirma Iamamoto (1998, p.21) "as possibilidades estão dadas na realidade, mas não são automaticamente transformadas em alternativas profissionais", ou seja, precisamos considerar a importância da nossa vivência, aprendendo em nosso

cotidiano a sermos cada vez mais leitores da realidade, enquanto estamos à serviço da construção do conhecimento.

Dentro da contemporaneidade vivenciada, Iamamoto considera que um dos maiores desafios que a(o) Assistente Social vive no presente é desenvolver sua capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas.

O desafio é re-descobrir alternativas e possibilidades para o trabalho profissional no cenário atual, traçar horizontes para a formulação de propostas que façam frente à questão social e que sejam solidárias com o modo de vida daqueles que a vivenciam, não só como vítimas, mas como sujeitos que lutam pela preservação e conquista de sua vida, da sua humanidade (IAMAMOTO apud NETTO, 2005, p.75).

Trago as marcas desta formação quando me aventuro a realizar esta pesquisa, tendo como metodologia a história oral, resgatando a história e a memória do Serviço Social do Comércio, narrada pelos(as) trabalhadores(as) do Sesc São Paulo, colocando em relevo a importância do Serviço Social como uma profissão interventiva sustentada por um Código de Ética Profissional que tem como um de seus princípios fundamentais a emancipação humana e a defesa intransigente dos direitos humanos.

Diferente de outras profissões essencialmente disciplinares, o Serviço Social abrange em sua formação a interlocução com diversas disciplinas, é uma profissão que se constrói e reconstrói historicamente acompanhando a dinâmica social e se ressignifica a cada espaço sócio-ocupacional ocupado.

Numa perspectiva de (re)alimentarmos a temática e reconhecendo a importância de uma investigação que coloque em destaque o Serviço Social, a memória e especialmente a perspectiva da história oral, apresento a presente pesquisa. Assim, defini como objetivo geral: estudar a história e a memória do Serviço Social do Comércio, no período histórico compreendido entre os anos de 1966 a 2022, para redescobrir, por meio de documentos institucionais, fotografias, jornais, publicações e narrativas das/os trabalhadoras(es) do Sesc São Paulo a trajetória construída pela instituição ao longo desse período. Ainda, os seguintes objetivos específicos foram definidos: refletir sobre a importância da história e da memória para a reconstrução da trajetória do Serviço Social do Comércio - Sesc São Paulo; identificar na práxis das(os) trabalhadoras(es) a materialização da história expressa nas narrativas, considerando a intrínseca relação entre memória e história, bem como contribuir para a reconstrução da memória do Sesc São Paulo; e, desvendar a

importância do trabalho desenvolvido por Assistentes Sociais no Sesc São Paulo, no período de 1966 a 2022.

2.2 Construção teórico-metodológica

Esta tese filia-se a uma abordagem qualitativa de pesquisa que, nas palavras de Chizzotti (2003, p. 221), se volta “para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre [...] procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles”. Em acréscimo, segundo Martinelli (1999, p. 24): “trata-se, portanto, de uma outra ambiência, onde vamos privilegiar instrumentos que superam os questionários, o formulário e que vão incidir mais na narrativa oral, na oralidade.”

Assim, sustenta-se na pesquisa qualitativa, a qual indica uma relação dinâmica entre o sujeito e o mundo real, uma interdependência viva entre a pesquisadora e o objeto de pesquisa a se construir – um vínculo indissociável entre o mundo objeto e a subjetividade dos sujeitos no processo investigativo.

Martinelli (1999, p. 24) destaca que:

Se queremos conhecer modos de vida, temos que conhecer as pessoas. Esse é o motivo pelo qual as pesquisas qualitativas privilegiam o uso de uma abordagem em que o contato do pesquisador com o sujeito é muito importante. [...] priorizamos não os fatos épicos, os fatos de grande dimensão, mas aqueles que estão mais próximos do sujeito e que repercutem diretamente na sua vida.

A metodologia qualitativa baseia-se em significados das ações e das relações humanas. Para uma pesquisa qualitativa, é necessária uma proximidade maior com o campo de observação, para se ter uma visão mais ampla do fenômeno estudado.

Segundo Martinelli (1999), é preciso enfatizar que há alguns pressupostos muito importantes que fundamentam o uso de metodologias qualitativas de pesquisa:

- O **primeiro pressuposto** é o reconhecimento da **singularidade do sujeito**, ou seja, conhecê-lo significa ouvi-lo, permitir-lhe que se revele.
- O **segundo pressuposto** é que essas pesquisas partem do reconhecimento da importância de se **conhecer a experiência social do sujeito** e não apenas as suas circunstâncias de vida, mas como ele constrói e vive a sua vida.
- O **terceiro pressuposto** é o reconhecimento de que **conhecer o modo de vida do sujeito** pressupõe o saber como elaborar sua experiência

social cotidiana, ou seja, o viver histórico cotidiano, expressa a sua cultura, a sua experiência social.

Esta pesquisa, também contou com uma revisão bibliográfica e na inspiração em Minayo (2013, p.15), ressaltamos que “a teoria e a metodologia caminham juntas, intrincavelmente inseparáveis”. Barros e Lehfeld (1990, p.34), na mesma direção, afirmam que “a pesquisa bibliográfica é de grande valia e eficácia ao pesquisador porque ela permite obter conhecimentos já catalogados em bibliotecas, editoras, Internet, videotecas, etc”. Andrade (2005, p.126), acrescenta, "a pesquisa bibliográfica tanto pode ser um trabalho independente como constituir-se no passo inicial de outra pesquisa".

Para sustentar as reflexões acerca da importância da narrativa histórica, tornou-se imperativo a busca por uma fundamentação teórico-metodológica que possibilitasse explicitar este posicionamento. Sendo assim, colocou-se como base das apropriações de análise, o referencial teórico e filosófico marxista de Walter Benjamin, cuja fundamentação teórica procede do documento produzido por Benjamin em 1940: Sobre o conceito de história.

Poucos textos na história do século XX, especialmente quando levamos em conta os textos teóricos e filosóficos, tiveram um nascimento tão conturbado e atravessado por acontecimentos históricos como as teses de Walter Benjamin. O fato de um acúmulo de perseguição e violência ter se concentrado sobre ele, um dos pensadores mais criativos e revolucionários da época, trouxe ao autor, sequelas. É justamente esta instabilidade existencial, própria de quem está cercado pela crise por todos os lados, que explica muito da singularidade do marxismo de Benjamin, assim como, por suposto, da sua atualidade.

Com a invasão da Polônia, em 1º de setembro de 1939, e a rápida conquista de boa parte da Europa ocidental, Benjamin, exilado em Paris desde 1933, sentiu sua vida em perigo. Na qualidade de estrangeiro em tempos de guerra, foi internado no campo francês de trabalhadores voluntários Clos-Saint-Joseph, em Nevers, de setembro a novembro de 1939. Saindo de lá com o apoio de amigos, ele retorna a Paris e lá fica entre novembro de 1939 e junho do ano seguinte. Desde seu retorno a Paris, ele redige, entre o inverno e a primavera europeus, as suas teses “Sobre o conceito de história”, em 1940. Nesse período, Benjamin junto ao Instituto de Pesquisas Sociais, dirigido por Marx Horkheimer, com apoio de seu colega Theodor

Adorno, buscava verbas para sobreviver em Paris e para obter passagem e visto para poder fugir para os Estados Unidos da América, onde seu companheiros de Instituto já haviam se refugiado. De junho a agosto de 1940, ficou com sua irmã Dora, em Lourdes, onde desfrutou também da companhia de Hannah Arendt, sua prima por afinidade (esposa de Günther Stern, primo de Benjamin). Na segunda metade de agosto, segue para Marseille, se dirige ao Consulado Americano e obtém o visto. Na passagem do dia 25 para o 26 de setembro de 1940, na tentativa de cruzar a fronteira entre a França e a Espanha, em direção a Lisboa, o grupo ao qual Benjamin havia se agregado, que havia atravessado a pé por uma trilha nos Pirineus, foi barrado. Não passaram a fronteira por falta de um visto de saída da França, visto impossível de se obter então na condição de estrangeiro. Nessa mesma noite, em Portbou, Benjamin tomou uma dose de morfina e faleceu na manhã do dia seguinte.

Seu testemunho enquanto tentava escapar do nazismo, trágico período da história da humanidade, são as suas teses.

[...] é este o legado que nos deixa Benjamin – ele próprio, no limite, um “vencido da história”. Como um espectro, Benjamin nos assombra na mesma medida em que nos desconcerta, lembrando-nos a todo momento o quanto a própria tradição revolucionária está sujeita ao “conformismo que dela busca se apoderar”. Na corda bamba, com uma vida caracterizada por malogros pessoais, políticos e intelectuais, Benjamin se afigura hoje como uma espécie de alegoria da resistência. (QUERIDO, 2023).

Ler as Teses sobre o conceito de história implica adentrar no ciclone histórico de onde elas nasceram e nos permite até os dias de hoje pensarmos criticamente a história. O pensamento de Benjamin possibilita despertar para a proximidade com o passado cuja afinidade eletiva com o agora permite estruturar um novo espaço de imagem, que estará na origem de uma nova consciência e atitude diante do mundo.

Nesta direção, compreendo que articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi, mas como o próprio Benjamin apresenta, apropriar-se de uma lembrança, de um relampejo. Isso significa, que cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta ao sujeito histórico, uma história que possibilita conhecer o passado.

Contar uma outra história a partir da memória significa, retirar a tradição dos oprimidos do conformismo, conduzir a emancipação; em outras palavras, uma história que seja capaz da reflexão para reparar injustiças e evitar a reprodução das mesmas, o que só é possível a partir da experiência humana evidenciada nesse processo. Por isso, contar a história é reescrevê-la e recriá-la, é um ato político. Tal vertente é

contrária ao historicismo, que está vinculado às classes dominantes e a favor da burguesia, em que a história é contada por eles, a favor deles.

Sobre a Tese I de Benjamin, Löwy (2021, p. 41-42), evidencia duas questões que exemplificam a historiografia benjaminiana: - interpretar corretamente a história, lutar contra a visão da história dos opressores; vencer o próprio inimigo histórico - as classes dominantes, em 1940: o fascismo.

Assim, a história na perspectiva benjaminiana, é uma construção social, que define ser possível lutar de maneira eficaz contra as classes dominantes se realizarmos uma interpretação verdadeira da história à luz da experiência histórica, o que possibilitará conhecer uma história portadora de mudanças revolucionárias, para além da história “oficial”.

Sob a luz benjaminiana e o ponto de vista metodológico do materialismo histórico-dialético, a partir das categorias da totalidade, historicidade e contradição, busco compreender o Sesc como uma instituição inserida no processo histórico. Destacamos a Tese IV de Benjamin, a qual o materialismo histórico-dialético me possibilitou aprofundar:

A luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde a vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais. Mas na luta de classes essas coisas espirituais não podem ser representadas como despojos atribuídos ao vencedor. Elas se manifestam nessa luta sob a forma da confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza, e agem de longe, do fundo dos tempos. Elas questionarão sempre cada vitória dos dominadores. Assim como as flores dirigem sua corola para o sol, o passado, graças a um misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se para o sol que se levante no céu da história. O materialismo histórico deve ficar atento a essa transformação, a mais imperceptível de todas (BENJAMIN, 1987, p.223-224).

Deste modo, a perspectiva benjaminiana, “atribui uma importância capital às forças espirituais e morais na luta de classes: a fé - tradução benjaminiana da palavra *Zuversicht*” identificadas nas palavras “a coragem, a perseverança”. (LÖWY, 2021, p.59).

A perspectiva benjaminiana do materialismo histórico, segundo Löwy, é que:

Existe, então, em Benjamin, uma dialética do material e do espiritual na luta de classes que vai além do modelo bem mecanicista da infraestrutura e da superestrutura: o que está em jogo na luta é material, mas a motivação dos atores sociais é espiritual. Se não fosse estimulada por algumas qualidades morais, a classe dominada não conseguiria lutar por sua libertação (LÖWY, 2021, p. 59).

Tais apontamentos nos evidenciam o marxismo benjaminiano, em que o conceito mais importante do materialismo histórico, segundo reflexões de Walter

Benjamin, não é, “[...] o materialismo histórico filosófico abstrato: é a *luta de classes*” (LÖWY, 2021, p.59). A partir de tal perspectiva é possível compreender o presente, o passado e o futuro, e suas relações articuladas historicamente. É na relação entre presente e passado apresentadas nas teses do historiador que fundamentamos todo o percurso metodológico, enfatizado na Tese VI:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer (BENJAMIN, 1987, p.224-225).

Portanto, reafirmo que o método de investigação utilizado perpassa pelos conceitos filosóficos da perspectiva benjaminiana e pelo materialismo histórico-dialético. Pretendo conhecer o passado para além das datas significativas, dos acontecimentos históricos, compreender o Sesc São Paulo inserido no processo histórico. Para isso, é fundamental identificar que “[...] cada novo combate dos oprimidos coloca em questão não só a dominação presente, mas também as vitórias do passado” (LÖWY, 2021, p. 60). Evidencia-se, assim, que a relação entre o passado e o presente não é unilateral, e sim um processo eminentemente dialético. Como destaca Löwy (2021, p. 60): “O passado é iluminado pela luz dos combates de hoje, pelo sol que se levanta no céu da história.” Aqui destaco, o sol, como sendo a própria luta e a utopia que a move e a inspira, afinal, é preciso escovar a história a contrapelo!

3. Sobre o conceito de história

Para este estudo da história do Serviço Social do Comércio – Sesc São Paulo a partir das memórias, afirmou-se anteriormente que nos apoiamos nos contributos de Walter Benjamin. Caminhamos o percurso junto a Benjamin: “Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia” (1987, p.213). Com esta pesquisa, pretende-se refletir o que afirma Garcia, durante entrevista:

[...] a história não é só a história oficial que se fala, que a gente conhece, mas existe dentro da história oficial, a história de vida de cada um que ajudou a construir essa história, que nem sempre é contada da mesma forma (GARCIA, entrevista concedida em abril de 2022).

As reflexões realizadas no NEPI – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Identidade, e as contribuições das disciplinas do doutorado, auxiliam grandemente na escolha desta pesquisa, tendo como objeto, redescobrir a história do Serviço Social do Comércio – Sesc São Paulo e reconstruí-la coletivamente por meio da práxis expressa nas narrativas de pessoas que trabalharam e trabalham em diferentes áreas da organização.

Nosso objeto de pesquisa não está fora de nós, ele nos constitui. Segundo Martinelli et al. nossas temáticas “são problemáticas sociais, contêm camadas de história e um rico repertório de histórias de vida” (2019, p. 28), onde se entrelaçam dimensões que só podem ser desvendadas quando ouvimos as histórias pessoais no cotidiano.

Nesse sentido, os temas que pesquisamos a partir da oralidade têm uma densa relação com as nossas histórias de vida e não apenas a palavra em si, mas tudo aquilo que constitui a performance oral das pessoas, articulando todas as circunstâncias que marcam a sua vida.

Penetrar nesse denso tecido e conhecer esses sujeitos e seus modos de vida exige do pesquisador uma postura política, teórico-crítica, no sentido de colocar-se à escuta, de interrogar os silêncios e de querer efetivamente conhecer a história a partir da narrativa acerca dos caminhos percorridos por aqueles que estiveram envolvidos com os acontecimentos que queremos estudar (MARTINELLI et al., 2019, p. 28).

Como pesquisadoras(es) compreendemos que os participantes das pesquisas não são meros informantes, são eles quem fazem as pesquisas, eles nos fornecem histórias, nos contam trajetórias, o seus cotidianos e vivências, compartilham conosco memórias. Assim, é fundamental compreendermos que as vivências cotidianas das(os) interlocutoras(es) são essenciais na tessitura de uma reflexão mais profunda para que se aproxime ao máximo possível dos sentidos que sustentam suas sociabilidades.

Portanto, é importante ressaltar que as histórias narradas são sempre recortadas, tendo como referência o tempo presente da narrativa. Nesse sentido, se reconhece a importância da apreensão das relações sociais em sua totalidade e no movimento histórico.

Assim, a reprodução das relações sociais é a reprodução da totalidade do processo social, a reprodução de determinado modo de vida que envolve o cotidiano da vida em sociedade: o modo de viver e de trabalhar, de forma socialmente determinada, dos indivíduos em sociedade (IAMAMOTO; CARVALHO, 2014, p. 79).

Benjamin (1987, p. 224) no texto “Sobre o conceito da história” afirma que, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. Isso significa, que cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta ao sujeito histórico. “Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?” (BENJAMIN, 1987, p. 223).

Nesta perspectiva, é essencial levarmos em conta que tudo que aconteceu um dia deve ser considerado para a história, é justamente neste ponto da questão que apreendemos todo esforço teórico de Walter Benjamin, sua intenção é mostrar que “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”” (BENJAMIN, 1987, p. 229).

Deste modo, para Benjamin está justificada a necessidade de contar uma outra história. Uma história que traga à memória a tradição dos oprimidos, dos vencidos de todas as épocas e de todos os continentes. Eis a importância do historiador de Benjamin: “o dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.” (BENJAMIN, 1987, p. 225). Observa-se que onde os otimistas e defensores do progresso veem uma continuidade, Benjamin constata uma grande catástrofe, ou seja, a história contada sob a ótica dos vencedores, é a ideologia que encobre esta catástrofe.

O curso da história como se apresenta sob o conceito da catástrofe não pode dar ao pensador mais ocupação que o caleidoscópio nas mãos de uma criança, para a qual, a cada giro, toda a ordenação sucumbe ante uma nova ordem. Essa imagem tem uma bem fundada razão de ser. Os conceitos dos dominantes foram sempre o espelho, graças ao qual se realizava a imagem de uma "ordem" - O caleidoscópio deve ser destruído. (BENJAMIN, 1989, p. 154).

Contar a história é escrever, criar e recriar a história, ou seja, contar a história passa a ser um ato profundamente político. Para Benjamin (1987, p. 209) “O cronista é o narrador da história”, é aquele que dá conta de pequenos e grandes acontecimentos, um historiador.

Contar outra história, a partir da memória significa, retirar a tradição dos oprimidos do conformismo. O tempo vazio e homogêneo onde se inscreve a noção de continuidade e progresso é no fundo uma negação da temporalidade. Nesse sentido, em suas obras, Benjamin contrapõe a ideia do conformismo, a partir do ato político de trazer à memória o que se perdeu e a imagem de uma humanidade redimida à qual cabe o passado em sua inteireza.

Nessa perspectiva, destaca-se aqui a primeira frase da tese XIV, das Teses Sobre o conceito de história:

A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”. Assim, a Roma antiga era para Robespierre um passado carregado de “agoras”, que ele fez explodir do *continuum* da história. A Revolução Francesa se via como uma Roma ressurreta. Ela citava a Roma antiga como a moda cita um vestuário antigo. A moda tem um faro para o atual, onde quer que ele esteja na folhagem do antigamente. Ela é um salto de tigre em direção ao passado. Somente, ele se dá numa arena comandada pela classe dominante. O mesmo salto, sob o livre céu da história, é o salto dialético da Revolução, como o concebeu Marx (BENJAMIN, 1987, p.229-230, grifo nosso).

Esse tempo saturado, que Benjamin denomina “agoras”, é, portanto, capaz de romper com a linearidade, com a noção de progresso. É nesse tempo que se inscreve a possibilidade de contar a outra história:

[...] o materialismo histórico faz desse passado uma experiência única. Ele deixa a outros a tarefa de se esgotar no bordel do historicismo, com a meretriz “era uma vez”. Ele fica senhor das suas forças, suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o *continuum* da história. (BENJAMIN, 1987, p. 231).

Contar a história é trazê-la presente como um flash, um relâmpago, para iluminar o presente, contar a história é um ato político que mais a frente retomarei durante a leitura das teses, sobre o conceito de história.

4. A escolha do método como opção política

“O método de pesquisa é sempre uma opção política, e, no caso da história oral, um verdadeiro imperativo ético” (MARTINELLI, 2012, p.5).

Essa pesquisa é o exercício de olhar a história “a contrapelo”, ou seja, na perspectiva de Walter Benjamin (1987, p. 225): “Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão”, eis a importância de se escovar a história a contrapelo, é preciso penetrar nas tramas constitutivas do real. Nesse sentido, busca-se a essência, a estrutura e a dinâmica do objeto a ser estudado.

Para nós, assistentes sociais:

O método é uma opção política e decorre de uma teoria, que tem uma direção social com a qual o pesquisador se identifica a partir de seu projeto político, não há neutralidade possível. Suas pesquisas devem ser expressões claras de tais posicionamentos, tendo sempre uma dimensão social mais ampla (MARTINELLI, 2019, p. 37).

Sendo assim, apresento o pensamento de Agnes Heller (2016) no qual me debruço ao longo desta pesquisa, a fim de realizar o processo do conhecimento fazendo sucessivas aproximações. Nesse desafio, vale novamente ressaltar que essa pesquisa está pautada na teoria marxista e no método dialético, sem essa perspectiva teórica seria impossível penetrar na história, fazer a leitura da realidade e adentrar nas tramas bem tecidas da história do Serviço Social do Comércio - Sesc.

O objeto tem que ser capturado no seu movimento histórico, nas suas conexões, no movimento do real, na dimensão da experiência social, no contexto social. Em síntese:

Essa concepção da história consiste, portanto, em desenvolver o processo real de produção a partir da produção material da vida imediata e em conceber a forma de intercâmbio conectada a esse modo de produção e por ele engendrada, quer dizer, a sociedade civil em seus diferentes estágios, como o fundamento de toda a história, tanto a apresentado em sua ação como Estado como explicando a partir dela o conjunto das diferentes criações teóricas e formas de consciência – religião, filosofia, moral etc. etc. – e em seguir o seu processo de nascimento a partir dessas criações, o que então torna possível, naturalmente, que a coisa seja apresentada em sua totalidade (assim como a ação recíproca entre esses diferentes aspectos) (MARX, ENGELS, 2007, p. 42).

A concepção materialista elaborada por Marx e Engels se caracteriza pelo papel absolutamente central que a história cumpre, afinal, são os homens concretos, e não o espírito, que fazem a história, o agir histórico tem por sujeito a massa, e não o indivíduo, e as massas atuam na história por meio de episódios revolucionários.

A análise da história é desenvolvida por Marx sob dois pontos de vistas complementares, são eles: de um lado, a história se explica pela dialética das forças produtivas e das relações sociais de produção, por outro lado, enfatiza o papel da luta de classes, quando afirma no Manifesto do Partido Comunista, que “a história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes” (MARX, 2005, p. 8)

Autores como Walter Benjamin e Edward Palmer Thompson foram alguns dos responsáveis por promover uma nova compreensão das ideias de Marx e Engels a

partir de uma concepção dialética da história já presente nas obras originais do marxismo.

Thompson buscou compreender na sua totalidade concreta a tessitura da história de homens e mulheres imersos naquilo que denominamos condição existencial de proletariedade. Com a categoria da experiência, ele recuperou na pesquisa histórica a articulação dialética entre liberdade e necessidade ou, ainda, teleologia e causalidade, que encontramos na filosofia sócio ontológica de Lukács.

Em Thompson o conceito de experiência diz respeito a uma “experiência histórica” no interior da qual se elabora um espaço de ação, no qual se constitui um sujeito de experiência que ocorre através do tempo, significando que o sujeito de experiência é um sujeito de narrativas.

As contribuições de Walter Benjamin para a concepção dialética da história se apresentam com grande atualidade:

A concepção da história de Benjamin não é pós-moderna, antes de tudo porque, longe de estar ‘muito além de todos os relatos’ – supondo-se que isto seja possível – ela constitui uma forma heterodoxa do relato da emancipação: inspirando-se em fontes messiânicas e marxistas, ela utiliza a nostalgia do passado como método revolucionário de crítica do presente. Seu pensamento não é, então, nem “moderno” (no sentido habermasiano) nem “pós-moderno” (no sentido Lyotard), mas consiste sobretudo em uma *crítica moderna à modernidade* (capitalista/industrial), inspirada em referências culturais e históricas pré-capitalistas (LÖWY, 2021, p.15).

O caminho para consolidar o processo de abstrações e aproximações da história do Sesc, e desvendar sua totalidade complexa, a partir da história oral das(os) trabalhadoras(es), é um exercício político, pois depende das escolhas da pesquisadora, não apenas sobre o que investigar, mas também das pessoas a serem envolvidas na pesquisa.

A escolha pela história oral, nas suas interfaces com a memória, é fundamental para a compreensão dos processos históricos vivenciados pelo Serviço Social do Comércio e pelas/os participantes da pesquisa, ou seja, “é sempre uma opção política, e, no caso da história oral, um verdadeiro imperativo ético, pressupondo a construção de um terreno comum de trocas entre interlocutores, fundado na confiança mútua, num verdadeiro interjogo de subjetividades” (MARTINELLI, 2019, p. 29).

5. A opção pela história oral como metodologia

Não podemos desistir das pessoas, do cuidado, da atenção, do valor da palavra, da escuta, de se colocar no lugar do outro (GALISTEU, entrevista concedida em abril de 2022).

A história oral, como metodologia, nos permite situar a história em todas as circunstâncias que marcam a vida de um sujeito: como é o seu cotidiano, como constrói a sua história, modos de viver, de lutar, de resistir.

Buscar o aporte metodológico da história oral é revelar a contradição nas relações sociais, mas principalmente das estruturas sociais que as determinam, e é por meio das narrativas, das vivências experienciadas que pretendemos apreender a realidade. Para isso, analisarei sob uma perspectiva crítica a partir de seu movimento dentro da totalidade, refletindo transformações mais abrangentes, mas historicamente mutáveis, da realidade concreta.

Destaca-se que a escolha pela metodologia da história oral, é uma opção política, de troca entre pesquisadora e pesquisado(a), de confiança, de subjetividades, de relatos de experiências, valores, fatos, projetos, aspirações e acontecimentos, pois a realidade é inesgotável.

Ressalta Guiraldelli (2013, p. 124) que:

O recurso à metodologia da história oral como um dos procedimentos possíveis de análise crítica e interpretação da realidade social se alicerça na busca de qualidade e profundidade investigativa com os sujeitos sociais envolvidos no processo de construção do conhecimento.

Apropriar-se da história oral como procedimento metodológico na pesquisa em Serviço Social demanda destacar a importância aos participantes da pesquisa, pois eles nos apresentam suas histórias, nos contam suas trajetórias, o seu cotidiano e vivência, compartilham conosco suas memórias.

Deste modo, é fundamental compreender que as vivências cotidianas dos interlocutores são essenciais na tessitura de uma reflexão mais profunda e que se aproxime ao máximo possível dos sentidos que sustentam suas sociabilidades. Neste caminho entende-se ser fundamental a mediação entre a/o participante da pesquisa e a pesquisadora, que segundo Martinelli (2019):

Essa mediação com o sujeito pesquisado, é fundamental que a(o) pesquisador(a) adentre na narrativa acompanhando o processo de atribuição de significados, trabalhando com os diferentes tempos da memória, com os diferentes jogos de força presentes em cada momento histórico, dando evidência à forma como se deu essa reconstrução a partir da perspectiva do sujeito (MARTINELLI, 2019, p. 29).

A experiência narrada é constituída de várias matizes, tanto pessoais, quanto institucionais, ela tem camadas da história e o sujeito se constitui no próprio ato do narrar. Durante a trajetória acadêmica ouvi sempre com muita atenção a narrativa da professora Maria Lúcia Martinelli, especialmente no NEPI, dizendo que: “A história de um é a história de muitos” e o quanto é importante conhecer as narrativas onde elas se dão, no sentido de confrontarmos um pouco o saber constituído. Sendo assim, compreende-se que a pesquisa com fonte oral como metodologia de análise da realidade social, é capaz de alcançar a experiência dos sujeitos no seu viver histórico cotidiano e na elaboração de seus modos de vida.

Nesta metodologia, quando nos dispomos a ouvir histórias pessoais, podemos desvendar camadas da história, afinal, a memória é um espaço vivo de lembranças, onde ao narrar o sujeito se revela para ele mesmo e para o(a) pesquisador(a) em uma relação que segundo Bosi:

Nos possibilita refletir que [...] feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época! [...] Há, portanto, uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade àquela classe (BOSI, 2018, p. 16-18).

Neste sentido, a metodologia da História Oral se relaciona na forma de trabalho da/o Assistente Social, que no cotidiano busca efetivar suas ações por meio da escuta, do olhar atento às diversas formas com as quais o sujeito apresenta suas demandas. Mas, para que essas sejam eficazes, se faz necessário a leitura da realidade a partir de uma perspectiva histórica, econômica, política e cultural. Assim, a metodologia da História Oral complementa nossa leitura e está em consonância com o projeto profissional da profissão de assistente social, nas suas dimensões ética e política.

Deste modo, reafirmamos que a pesquisa é parte constitutiva do trabalho profissional da(o) assistente social e que nosso objeto de pesquisa não está fora de nós, ele nos constitui. No espaço profissional chegamos muito próximo da experiência cotidiana de luta e resistência dos sujeitos com os quais trabalhamos. Nessa relação, a construção da narrativa é o reconhecimento do lugar de cada um, os participantes da pesquisa nos concedem as suas vozes e nós concedemos a nossa escuta, afinal, em história oral trabalhamos com a possibilidade do outro, é ele quem importa.

6. Contribuições de Alessandro Portelli na escuta da história oral

A história oral, então, é primordialmente uma *arte da escuta*.
(PORTELLI, 2016, p.10)

A história oral tem se constituído em prática expressiva na conjuntura globalizada em que cada vez mais contingentes da população vivem processos de desarticulação e de desenraizamento de modos culturais de viver, de trabalhar e de se socializar. Diante desse contexto, como metodologia de investigação social, a história oral tem suscitado trabalhos significativos, visibilizando sujeitos e lugares ocultos e emudecidos, e apresentando novas questões para esse diálogo.

A contribuição de Alessandro Portelli tem sido assinalada por importantes reflexões sobre as implicações metodológicas e políticas do conhecimento. As leituras das obras do professor Portelli nos propõem que reconheçamos a memória para além da preservação da informação, mas, especialmente, como sinal de luta e processo em andamento; contribuindo especialmente com as/os assistentes sociais no exercício de pesquisa com história oral.

Assim, destaca-se a natureza e os significados das narrativas orais e da memória para o diálogo como relação de troca entre pessoas, em condições históricas determinadas. Segundo Portelli (2010, p. 12): “Se buscamos palavras, é porque o direito mais fundamental é o direito de falar e de ser escutado.”

Para nós assistentes sociais, todos os elementos narrados pelo sujeito são de extrema relevância, uma vez que são neles que se torna possível capturar aspectos da subjetividade. Nesse sentido, para o Serviço Social, a história oral é uma mediação fundamental da linguagem.

Portelli (2000, p. 69) destaca: “acredito na história oral precisamente porque ela pesquisa a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais.” Portanto, nossa grande provocação é encararmos a memória não apenas como um lugar onde recordamos a história, a memória encontra-se intrinsecamente ligada à vida.

Nesse sentido, Garcia, nos relata um projeto que desenvolveu sobre história e memória quando estava responsável pelo Programa Trabalho Social com Idosos no Sesc Bauru:

Com relação à Terceira Idade, algumas coisas que eu gosto muito, foi o Projeto Memórias (silêncio). Eu gostei muito desse projeto porque eu trabalhei com história oral. O objetivo era mostrar para os idosos que eles faziam parte, que eles construíram a memória, a cidade, que a história não é só a história oficial que se fala, que a gente conhece, mas

existe dentro da história oficial, a história de vida de cada um que ajudou a construir essa história, que nem sempre é contada da mesma forma, enfim, e foi bem legal o projeto. O foco era a vida na cidade, a sua vida [...] Aí foi legal isso, e aí eu: desde quando você mora em Bauru, não sei o que, e ia contando. Onde você estudou? Até quando você estudou? Quando começou a trabalhar? Onde você morava, como era? O que que você brincava? Qual era a atividade de lazer? Que trabalho? Enfim, e eu sei que eu entrevistei, eu não me lembro, mas mais de trinta pessoas e depois mais de trinta horas de gravação, porque eles falam muito, eles falam muito. Eu tinha, agora já não é tanto, mas eu tinha uma memória muito boa e a Marisa participava, a estagiária participava comigo das entrevistas e eu contratei também um historiador daqui de Bauru (silêncio), talvez eu lembre o nome dele mais tarde. [...] ele escreveu dois ou três livros da história de Bauru e aí ele participava junto de algumas entrevistas, outras não (Garcia, entrevista concedida em abril de 2022).

Com esse relato e nas obras de Portelli (2016, p.10) compreendemos que: “Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontradas, mas cocriadas pelo historiador.” Segundo ele, elas não existiriam sob a forma em que existem sem o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo, afinal, fontes orais são suscitadas em uma troca dialógica, na entrevista, é fundamental que ocorra uma troca de olhares. Por isso, sua grande contribuição é nos possibilitar a reflexão de que a história oral é uma arte da escuta:

[...] quanta história, muitas coisas não estão documentadas, ouvir as pessoas nos conduzem para uma história que ainda não está escrita e esse é o meu papel (Mirabelli, entrevista realizada em março de 2022).

É interessante, que ouvindo você falar, é como se eu estivesse junto com você nessa história, porque esse é também o olhar de uma pesquisadora, de acompanhar a história junto com a pessoa entrevistada, essa é a essência (Mirabelli, entrevista realizada em abril de 2022).

Sim, a história oral é uma arte da escuta, porque é uma arte baseada em um conjunto de relações, ou seja, no diálogo, na relação entre entrevistados e entrevistadores; na memória, na relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico tratado na entrevista; na relação entre a esfera pública e a privada, entre autobiografia e história, entre a História e as histórias; e na relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador.

Garcia ainda sobre o Projeto Memórias relata que:

[...] a entrevista que deveria ser um meio talvez de se fazer a exposição e construir esses relatos, ficou sendo uma atividade também, porque as pessoas se viam no relato da outra, então ficou, teve muitas entrevistas que aquela salinha que a gente fazia a oficina de memória, ficava cheia de gente. Ia de 20 a 30 pessoas assistindo as entrevistas, foi, foi uma coisa bem marcante. Aí, como eu tinha uma boa memória, eu dividia em temas,

porque nada disso, eu não sabia o que que ia sair dali e aí conforme eu tinha e aí eu dividia em temas e a exposição depois foi por temas. Teve dois temas sobre a mulher, teve a Praça Rui Barbosa que era um lugar de passeio, de footing, o pessoal ia paquerar, namorar lá na Praça Rui Barbosa, o Tratamento de Água, a caixa d'água que eles sabiam que as pessoas iam lá também para conhecer, era uma caminhada, era longe do centro da cidade e a caixa d'água eu acho que também foi outro tema, a Estação Ferroviária, que tinha muitos ferroviários e filhos de ferroviários, então foi outro tema, eu acho que teve dois painéis disso, dois, e a cidade, também teve dois temas que eram coisas mais genéricas, escola, eu não sei, teve uns quinze a dezoito temas, eu tenho isso em algum lugar, é que agora eu não vou conseguir achar (Garcia, entrevista concedida em abril de 2022).

Portelli (1997, p. 35) afirma: “[...] que os documentos de história oral são sempre o resultado de um relacionamento, de um projeto compartilhado no qual ambos, o entrevistador e o entrevistado, são envolvidos”. As fontes orais têm um elemento muito precioso sobre o historiador, e nenhuma outra fonte possui do mesmo modo, que é a subjetividade do(a) narrador(a), segundo ele, as fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez e isso é fundamental durante a pesquisa.

São muitas as contribuições de Alessandro Portelli, as leituras possibilitaram destacar que ele traz para o debate a problemática da objetividade da interpretação, no trato com a subjetividade, a memória, a narrativa, a imaginação e o diálogo. Suas obras questionam abordagens e procedimentos que exercem a história oral de modo paternalista, ou lidam com entrevistas como meras informações, desvinculadas de suas raízes sociais e históricas. Seu trabalho estabelece um diálogo entre pesquisador(a) e entrevistado(a) no contexto do trabalho e da luta cotidiana, como caminho imprescindível à promoção da troca numa relação de igualdade.

Durante entrevista realizada em abril de 2022, no diálogo entre Galisteu e Mirabelli, podemos observar essa troca:

Galisteu: Realmente Sandrinha, eu sempre gostei muito do Sesc, de trabalhar na instituição, e eu vivenciei inúmeras situações tão especiais, únicas, por exemplo, o coral composto por vários funcionários que entoavam cantos belíssimos nos finais de ano. Por isso também, eu sempre conseguia ver a beleza, a magia, o encantamento além da jurisdição do Sesc, eu falo dos quarteirões ao lado, da Casa das Rosas, dos canteiros sempre floridos, exuberantes, do Hospital Santa Catarina, a delícia de se trabalhar naquela época no Sesc se estendia a esses lugares. Tudo era inspirador.

Mirabelli: Isso para mim é muito significativo, porque é olhar além muros do Sesc, a história do Sesc se conecta com a história do território, do bairro, é lindo isso!

Galisteu: Sandrinha, não tenho palavras para lhe dizer como era prazeroso trabalhar naquela época no Sesc, conforme eu lhe disse, trabalhava-se muito, mas estávamos na maioria das vezes sempre felizes, com um sorriso nos lábios. Por isso, agradeço muito a Deus por esse tempo, por tudo. “Obrigada por me fazer reviver esse tempo maravilhoso de minha vida (sorriu).”

Mirabelli: Sôzinha, é bom lembrar, porque parece que você volta naquele período, não é? (sorriu)

Galisteu: Sim, é maravilhoso! Muito obrigada por isso.

Mirabelli: Eu quem agradeço!

Portelli ao assumir que a verdadeira troca requer melhor compreensão dos significados culturais e políticos impregnados nas relações sociais vividas, adentra a problemática das barreiras, fronteiras e tensões subjacentes a essas relações, expressas, igualmente na interlocução, no trabalho de história oral. Assim, afirma a necessidade de se trabalhar respeitando as diferenças sociais, políticas e culturais, plenas de significados e de criar as condições para descobrir um território e uma linguagem comuns, que possibilitem a troca com as pessoas com quem conversamos. Em outras palavras, é imprescindível que o trabalho crie as condições políticas para a sua diferença e existência e se estabeleça como aprendizado da experiência do outro que compartilha a sua história.

E te ouvindo, está sendo tão marcante para mim, porque eu começo a perceber que o meu tema memória, faz muito sentido para mim, a história e a memória, porque faz parte da minha trajetória no Sesc, com a tua influência inclusive, porque eu não me esqueço das Oficinas de Memória que a gente fazia, quantas histórias que a gente ouvia (sorriram). Então hoje, onde eu estou, nesse lugar de pesquisadora, enfim, é porque tem essa história lá para trás que influenciou a escolha do tema da pesquisa. Eu estou até emocionada, porque realmente faz muito sentido te ouvir, porque é isso, vai se conectando, a influência, quando a gente é supervisora, a gente influencia o estagiário, no pensamento, no trabalho, enfim, é você quem está contribuindo com a formação daquele estudante, e faz muito sentido te ouvir, falando desse trabalho que você fez, o quanto também ele é importante para você e para mim também falar de memória e de história, eu estou muito feliz de te ouvir (sorriram) e vai ser muito importante tudo que você está me trazendo (Mirabelli, entrevista realizada em abril de 2022).

As obras de Portelli oferecem contribuições importantes no trabalho com história e memória como campos de possibilidades compartilhadas, constituindo mais enquanto processo do que um texto finalizado, colocando em destaque o movimento da palavra, da memória e da consciência, destacando na escrita, a potencialidade dos sujeitos sociais. Portelli enfatiza que “[...] a história oral é, principalmente, um modo

de deixar a política e as condições sociais vivas e tangíveis, evidenciando seu impacto sobre a vida de determinadas pessoas” (2010, p. 27).

No livro *História oral como arte da escuta* (Portelli, 2016), ele nos revela que o cerne da história oral está no ponto em que a história invade as vidas privadas ou quando as vidas privadas são sugadas para dentro da história. Assim sendo, a história oral nos possibilita o acesso à historicidade das vidas privadas, ela nos impulsiona a redefinirmos nossas noções preconcebidas sobre espaço público e espaço privado e suas relações.

Quando trabalhamos com fontes orais, precisamos traçar um caminho em três níveis distintos e conectados, que Portelli (2016, p. 18) destaca: [...] “um fato do passado (o evento histórico), um fato do presente (a narrativa que ouvimos) e uma relação fluida, duradoura (a interação entre esses dois fatos).”

Podemos observar no diálogo entre Garcia e Mirabelli em abril de 2022, sobre o Projeto Memórias a importância desse caminho:

Garcia: [...] e aí a gente construiu e foi tudo feito dentro do Sesc. Foi contratado aquelas moças que trabalhavam com memória para fazer o debate e a palestra sobre história, o historiador que me deu esse suporte histórico mesmo, a estagiária e o Davison, que fazia os folhetos e tal, ele fez a arte e aí a gente fez uns painéis com esses temas e aí tinham as falas daquele tema, das pessoas, então de repente você tinha fala na mulher, na Praça Rui Barbosa, na Estação Ferroviária, no Hospital de Aimorés, que chamava Hospital de Aimorés e fotos, muitos tinham fotos ou cartão postal, então a gente escolhia e colocava na fala, ao lado da fala, então era branco o painel escrito em preto e embaixo tinha uma faixa preta escrito em branco com a fala do historiador, então a Praça Rui Barbosa foi construída, foi reformada, então dava a explicação da memória, da história sobre aquele tema. Foi um projeto que eu amei fazer, que até hoje eu guardo. E o Curumim ia visitar sempre, levava os pais lá para ver as crianças e foi escola lá fazer visitas, os idosos amaram, eles levavam os filhos, levavam os netos, não só quem deu entrevista, mas outras pessoas também vinham e falavam: olha, eu não quis dar entrevista, mas isso daqui é verdade e não sei o que, foi, foi uma coisa assim bem, bem bacana, bacana!

Mirabelli: Eu me lembro, porque quando você falou do projeto, eu visualizei os painéis que ficaram expostos muito tempo na área de convivência Lucinha, nossa foi muito bacana esse projeto mesmo. E quanto ao processo, o que é mais importante talvez não seja só o resultado, é o processo todo, o envolvimento que eles tiveram, você e todo mundo que participou e quanto marcou esse trabalho, eu lembro disso, eu lembro muito, lembro das escolas visitando e eu já estava no Sesc como funcionária.

Assim, o trabalho do historiador oral envolve a reconstrução de eventos passados (a historiografia) no sentido tradicional; a interpretação da entrevista (a antropologia) por meio da análise cultural, da crítica textual; e por fim, como esses

eventos produzem determinada memória e determinada narrativa (o espaço intermediário).

Deste modo, podemos observar com as importantes contribuições de Alessandro Portelli, que a história oral, é história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos por meio da memória, o que mais a frente aprofundaremos.

7. Uma leitura das teses: “Sobre o conceito de história”

A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras” (BENJAMIN, 1987, p.229).

Os últimos escritos de Walter Benjamin, as teses “Sobre o conceito de história”, constituem um dos textos filosóficos e políticos mais importantes do século XX e, possivelmente, o documento mais expressivo do pensamento crítico do filósofo. O documento foi redigido no começo de 1940, pouco antes da tentativa frustrada de Benjamin fugir da França em que refugiados alemães judeus e/ou marxistas eram entregues às autoridades da Gestapo – Geheime Staatspolizei, polícia secreta oficial da Alemanha Nazista.

A primeira referência ao documento aparece em uma carta de Benjamin (GS I, 3, p. 1225) a Adorno, escrita em francês em 22 de fevereiro de 1940, na qual diz:

Acabo de terminar um certo número de teses sobre o conceito de história. Por um lado, essas teses se aplicam às visões que se encontram esboçadas no capítulo I do “Fuchs”. Por outro, devem servir como base teórica para o segundo ensaio sobre Baudelaire. Constituem uma primeira tentativa de fixar um aspecto da história que deve estabelecer uma cisão inevitável entre nossa forma de ver e as sobrevivências do positivismo que, na minha opinião, demarcam muito profundamente até os conceitos de história que, em si mesmos, nós são os mais próximos e os mais familiares. (apud LÖWY, 2021, p. 33).

O positivismo aparece, aos olhos de Benjamin, com o denominador comum das tendências que ele vai criticar, ou seja, o historicismo conservador, o evolucionismo social-democrata e o marxismo vulgar.

No entanto, é preciso situar o documento em seu contexto histórico, constata-se na leitura de seus escritos que o estímulo “[...] para a redação das teses foi, sem dúvida, o pacto germano-soviético, o começo da Segunda Guerra Mundial e a ocupação da Europa pelas tropas nazistas.” (LÖWY, 2021, p. 34). Através do prisma de um momento histórico determinado, Benjamin apresenta questões relativas a toda

a história moderna e ao lugar do século XX na trajetória social da humanidade, seus conceitos se relacionam a experiências históricas concretas.

Nesse sentido, para que possamos ter um olhar mais amplo das teses elaboradas por Benjamin, destacarei cada uma delas e as analisarei a seguir:

TESE I

Conhecemos a história de um autômato construído de tal modo que podia responder a cada lance de um jogador de xadrez com um contralance, que lhe assegurava a vitória. Um fantoche vestido à turca, com um narguilé na boca, sentava-se diante do tabuleiro, colocado numa grande mesa. Um sistema de espelhos criava a ilusão de que a mesa era totalmente visível, em todos os seus pormenores. Na realidade, um anão corcunda se escondia nela, um mestre no xadrez, que dirigia com cordéis a mão do fantoche. Podemos imaginar uma contrapartida filosófica desse mecanismo. O fantoche chamado “materialismo histórico” ganhará sempre. Ele pode enfrentar qualquer desafio, desde que tome a seu serviço a teologia. Hoje, ela é reconhecidamente pequena e feia e não ousa mostrar-se (BENJAMIN, 1987, p.222).

A tese I apresenta um dos temas centrais do conjunto do texto “Sobre o conceito de História”, ou seja, a associação paradoxal entre o materialismo e a teologia.

Segundo Löwy (2021, p. 36):

W. Benjamin é marxista e teólogo. É verdade que essas duas concepções são habitualmente contraditórias, mas o autor das teses não é um pensador “habitual”: ele as reinterpreta, transforma e situa numa relação de esclarecimento recíproco que permite articulá-las de forma coerente.

O que nos chama primeiramente a atenção, é que Benjamin destaca na tese I “o fantoche chamado ‘materialismo histórico’”, o uso das aspas nos possibilita pensar que esse autômato não é o verdadeiro materialismo histórico, mas aquele que os porta-vozes do marxismo de sua época costumavam chamar. Aos olhos dele, “o materialismo histórico torna-se efetivamente, nas mãos desses porta-vozes, um método que percebe a história como um tipo de máquina que conduz “automaticamente” ao triunfo do socialismo” (LÖWY, 2021, p. 41).

Nesse sentido, para esse materialismo mecânico, o desenvolvimento das forças produtivas, o progresso econômico leva à crise final do capitalismo e à vitória do proletariado ou às reformas que transformarão gradualmente a sociedade. Mas, esse fantoche, não é capaz de ganhar a partida que decide o futuro da humanidade. Para vencê-la, o materialismo histórico necessita da ajuda da teologia, do espírito messiânico. Percebe-se que Benjamin queria nos deixar a mensagem de que é para utilizarmos a teologia, mas não a deixamos visível.

Mas afinal o que a teologia significa para Benjamin? Conforme destaca Löwy (2021, p. 44): “[...] o termo remete a dois conceitos fundamentais: a rememoração (Eingedenken) e a redenção messiânica (Erlösung).” Esses conceitos, são essenciais para a construção do conceito de história que Benjamin construirá em suas teses.

Para Benjamin, a teologia “deve servir para restabelecer a força explosiva, messiânica, revolucionária do materialismo histórico – reduzido, por seus epígonos, a um mísero autômato. O materialismo histórico ao qual se refere Benjamin nas teses seguintes é aquele que resulta dessa ativação espiritual pela teologia” (LÖWY, 2021, p. 45).

Os escritos de 1940, que eram apenas a percepção de Benjamin, tornaram-se décadas depois, um fenômeno histórico de grande relevância, a chamada: Teologia da Libertação, que muito contribuiu para mudar a história da América Latina, colaborando com a formação do movimento operário e camponês brasileiro do Partido dos Trabalhadores (PT) e com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Sem dúvida, o contexto latino-americano das últimas décadas é muito diferente do contexto da Europa entre as guerras vivenciado pelo historiador, mas a associação entre teologia e marxismo com que pensava Benjamin manifestou-se, à luz da experiência histórica, sendo portadora de mudanças revolucionárias.

TESE II

“Entre os atributos mais surpreendentes da alma humana”, diz Lotze, “está, ao lado de tanto egoísmo individual, uma ausência geral de inveja de cada presente com relação a seu futuro”. Essa reflexão conduz-nos a pensar que nossa imagem da felicidade é totalmente marcada pela época que nos foi atribuída pelo curso da nossa existência. A felicidade capaz de suscitar nossa inveja está toda, inteira, no ar que já respiramos, nos homens com os quais poderíamos ter conversado, nas mulheres que poderíamos ter possuído. Em outras palavras, a imagem da felicidade está indissolúvelmente ligada à da salvação. O mesmo ocorre a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialismo histórico sabe disso (BENJAMIN, 1987, p.222-223).

A tese II, segundo Löwy (2021, p. 48) “[...] introduz um dos principais conceitos teológicos [...] a redenção [...] Benjamin a situa em primeiro lugar na esfera do indivíduo: sua felicidade pessoal pressupõe a redenção de seu próprio passado.” Essa tese nos possibilita pensar que a “felicidade” mencionada, pressupõe a reparação do

abandono e da desolação do passado. “A redenção do passado é simplesmente essa realização e essa reparação, de acordo com a imagem de felicidade de cada indivíduo e de cada geração.” (LÖWY, 2021, p.48)

No campo da história, observamos que a tese II passa gradativamente da redenção individual para a reparação coletiva. Já a rememoração é uma das tarefas do anão teológico escondido do materialismo, que não deve se manifestar tão diretamente. “Em outras palavras, a rememoração, musa do romance, surge ao lado da memória, musa da narrativa.” (BENJAMIN, 1987, p.211). Contudo, para Benjamin, a rememoração, a contemplação, na consciência, das injustiças passadas, ou a pesquisa histórica, não são suficientes, é necessário, para que ocorra a redenção, a reparação do sofrimento das gerações vencidas, e a realização dos objetivos pelos quais lutaram e não conseguiram alcançar. Podemos afirmar que, no conjunto das teses, a redenção pode ser compreendida como a emancipação dos oprimidos, ela é uma possibilidade mesmo que muito pequena, mas é preciso saber agarrá-la.

De acordo com Löwy (2021, p. 52): “A redenção é uma autorrealização, cujo equivalente profano pode ser encontrado em Marx: os homens fazem sua própria história, a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores.” Segundo a filósofa Agnes Heller (2016), a teoria segundo a qual os homens fazem sua própria história, mas em condições previamente dadas, contém as teses fundamentais da concepção marxista da história: por um lado, a tese da imanência, e por outro, a da objetividade.

Porém, o que distingue Benjamin de Marx para além da dimensão teológica, é a importância da exigência que vem do passado: não haverá redenção para a geração presente se ela fizer pouco caso da reivindicação das vítimas da história.

Segundo Gagnebin (2013, p. 105) para Benjamin:

A veemência, mesmo a violência da tradição profética e a radicalidade da tradição marxista se encontram aqui na exigência de uma salvação que não consista simplesmente na conservação do passado, mas que seja também uma transformação ativa do presente.

Nota-se que a tese II se guia ao mesmo tempo para o passado (a história, a rememoração) e o presente (a ação redentora).

A tese III nos mostra que a rememoração está no centro da relação teológica com o passado. Para Benjamin a redenção estabelece a rememoração integral do passado, sem distinguir os acontecimentos ou os indivíduos. Para ele, enquanto os sofrimentos de um único ser humano forem esquecidos, não poderá haver libertação.

TESE III

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa citação na ordem do dia – e esse dia é justamente o do juízo final (BENJAMIN, 1987, p.223, tradução nossa).

Benjamin escolheu o cronista para narrar os acontecimentos porque ele representa a história na sua “integralidade”, uma história que não exclui nenhum detalhe ou acontecimento, mesmo aquele que seja considerado insignificante, e para o qual não está perdido.

Aqui podemos resgatar a obra “O narrador”, de 1936, em que Benjamin evoca a simpatia de Nikolai Leskov pelas especulações origenistas relativas à *apocatástase*, melhor dizendo, à salvação final de todas as almas, sem exceção. Nessa tese, a redenção, ou seja, o juízo final, é uma apocatástase no sentido de que cada vítima do passado, cada experiência de emancipação, por mais humilde que seja, será salva do esquecimento e citada, reconhecida, honrada e lembrada.

Conforme relata Löwy (2021, p. 56): “Na versão francesa da tese III, redigida pelo próprio Benjamin, trata-se da “humanidade restituída, salva, restabelecida” – três termos que remetem à apocatástase.” Observa-se que existe uma dimensão utópica-revolucionária da apocatástase que não está presente explicitamente na tese III, mas que Gagnebin (2013, p. 14) destaca, que não é um projeto simples e ingênuo de restauração; é realmente uma retomada do passado “mas ao mesmo tempo – e porque o passado enquanto passado só pode voltar numa não-identidade consigo mesmo – abertura sobre o futuro, inacabamento constitutivo.”

Pode-se afirmar que a lembrança dos combates esquecidos e salvamento das experiências fora do tempo, a apocatástase dos momentos utópicos não é uma intervenção contemplativa, ela está a serviço da reflexão e da prática revolucionária do presente. Para Benjamin não se trata de substituir Marx pelo socialismo utópico, a questão é que o marxismo não tem sentido se não for também o herdeiro e o executor testamentário de vários séculos de lutas e de aspirações de emancipação.

TESE IV

“Lutai primeiro pela alimentação e pelo vestuário, e em seguida o reino de Deus virá por si mesmo”.

Hegel, 1807

A luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde a vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais. Mas na luta de classes essas coisas espirituais não podem ser representadas como despojos atribuídos ao vencedor. Elas se manifestam nessa luta sob a forma da confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza, e agem de longe, do fundo dos tempos. Elas questionarão sempre cada vitória dos dominadores. Assim como as flores dirigem sua corola para o sol, o passado, graças a um misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se para o sol que se levante no céu da história. O materialismo histórico deve ficar atento a essa transformação, a mais imperceptível de todas. (BENJAMIN, 1987, p.223-224)

Iniciou-se a reflexão sobre a tese IV a partir da epígrafe de Hegel, que liga as teses anteriores, no que se refere ao tema da redenção, ou seja, nada de salvação sem transformações revolucionárias da vida material.

Segundo Löwy (2021, p. 59): “O materialismo histórico – ‘a escola em Marx’ – que aqui, obviamente é reinterpretado por Benjamin, em suas próprias palavras, trata-se de uma versão heterodoxa, herética, idiossincrática, inclassificável.”

Percebe-se que Benjamin destaca na tese IV, uma dialética do material e do espiritual na luta de classes que ultrapassa o modelo mecanicista da infraestrutura e da superestrutura, melhor dizendo, para ele o que está em jogo na luta é material, mas o que motiva os atores sociais é espiritual. Para o historiador, o conceito mais importante do materialismo histórico, é a luta de classes, pois ela permite compreender o presente, o passado e o futuro, ela é o lugar em que teoria e práxis de naturezas diferentes, tem uma unidade, mas uma unidade de contrário, portanto, elas não se coincidem nunca.

Para Benjamin, o que interessa no passado, é a luta até a morte entre opressores e oprimidos, exploradores e explorados, dominantes e dominados. Constata-se na leitura de suas teses que a história é uma sucessão de vitórias dos poderosos, que não resulta somente de sua força econômica e política, mas implica em um triunfo histórico no combate às classes subalternas. Löwy (2021, p. 60) destaca seu pensamento: “Contra a visão evolucionista da história como acumulação de “conquistas”, como “progresso” para cada vez mais liberdade, racionalidade ou civilização, ele a percebe “de baixo”, do lado dos vencidos, como uma série de vitórias de classes reinantes.”

Em Benjamin compreendemos que cada novo combate dos oprimidos se coloca em questão para além da dominação presente, as vitórias do passado. Observamos na tese IV que o passado é iluminado à luz dos combates de hoje, pelo sol que se levanta no céu da história, sol do presente, e graças a esse sol, o sentido

do passado se transforma para nós. Portanto, é um processo dialético, no qual o presente ilumina o passado, e o passado iluminado torna-se uma força no presente.

TESE V

A verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente no momento em que é reconhecido. “A verdade nunca nos escapará” – essa frase de Gottfried Keller caracteriza o ponto exato em que o historicismo se separa do materialismo histórico. Pois irrecuperável é cada imagem do presente que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela (BENJAMIN, 1987, p.224).

Gagnebin (1987, p. 16) no prefácio a Walter Benjamin, Obras Escolhidas I, realiza um comentário sobre a “história aberta” de Benjamin que se aplica exatamente à tese V, quando Benjamin compartilhava com Proust:

A mesma preocupação de salvar o passado no presente graças à percepção de uma semelhança que os transforma, os dois: transforma o passado por este assume uma forma nova, que poderia ter desaparecido no esquecimento; transforma o presente porque este se revela como sendo a realização possível dessa promessa anterior, que poderia ter-se perdido para sempre, que ainda pode se perder se não a descobirmos, inscrita nas linhas do atual.

Na tese V Benjamin objetiva descobrir o que um fragmento do passado forma exatamente com um momento presente.

Podemos notar a dimensão política e ativa dessa relação com o passado, ou seja, o que ele chama de “intervenção salvadora”, que tem por objeto tanto o passado quanto o presente: história e política, rememoração e redenção são inseparáveis aos olhos de Benjamin.

TESE VI

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer (BENJAMIN, 1987, p.224-225).

O início da tese VI expressa a rejeição à concepção historicista/positivista da história, aquela em que o historiador simplesmente representa o passado tal como ele foi confirmando a visão dos vencedores.

Löwy (2021, p. 65) afirma que: “O momento de perigo para o sujeito histórico – ou seja, para as classes oprimidas (e para o historiador que optou por este campo) – é aquele em que surge a imagem autêntica do passado.” Porque possivelmente é nesse momento que se dilui a visão confortável da história como progresso contínuo. É o perigo de uma derrota no presente que estimula a sensibilidade pelas anteriores, provoca o interesse dos vencidos pelo combate e estimula um olhar crítico voltado para a história. Talvez a própria história de Benjamin tenha provocado o seu pensamento sobre o conceito de história, afinal o perigo eminente vivenciado por ele entre 1939-1940 quando foi entregue à Gestapo, lhe trouxe esse olhar único do passado que emana em suas teses. É no momento do perigo, quando a imagem dialética lampeja, que o historiador deve dar prova de presença de espírito para apreender esse momento único, essa lembrança que pode ser o que o salva.

Para Benjamin, o historiador revolucionário sabe que a vitória do inimigo atual ameaça até os que já partiram deste mundo pela falsificação ou pelo esquecimento de seus combates, e, esse inimigo não tem cessado de vencer, afinal, do ponto de vista dos oprimidos, o passado não é uma acumulação gradual de conquistas, mas uma série interminável de derrotas.

TESE VII

“Pensa na escuridão e no grande frio
Que reinam nesse vale, onde soam lamentos.”

Brecht, Ópera dos três vinténs

Fustel de Coulanges recomenda ao historiador interessado em ressuscitar uma época que esqueça tudo o que sabe sobre fases posteriores da história. Impossível caracterizar melhor o método com o qual rompeu o materialismo histórico. Esse método é o da empatia. Sua origem é a inércia do coração, a *acedia*, que desespera de apropriar-se da verdadeira imagem histórica, em seu relampejar fugaz. Para os teólogos medievais, a *acedia* era o primeiro fundamento da tristeza. Flaubert, que a conhecia, escreveu: “Poucas pessoas adivinharão o quão triste foi ressuscitar Cartago”. A natureza dessa tristeza se tornará mais clara se nos perguntamos com *quem* o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialismo histórico. Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que o chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de

transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 1987, p.225, tradução nossa).

Segundo Benjamin, a acedia, termo latino que designa a indolência do coração, a melancolia, é um sentimento melancólico da fatalidade, que priva as atividades humanas das coisas que existem. Nesse sentido, conduz a uma submissão total à ordem das coisas que existem, sentindo-se evidentemente atraída pelo cortejo dos vencedores.

Quando Benjamin diz que é preciso “escovar a história a contrapelo”, ele quer destacar que precisamos ir contra o historicismo servil, há um significado histórico e político, afinal, significa não se juntar ao cortejo triunfal que até hoje, continua marchando sobre aqueles que estão por terra.

O historiador também nos apresenta na Tese VII a dialética entre cultura e barbárie, segundo ele, as grandes obras de arte e de civilização somente podem ser feitas à custa do sofrimento e da escravidão da multidão, ou seja, a alta cultura não poderia existir sob a forma histórica sem o trabalho anônimo de escravos, camponeses ou operários, e estes são excluídos do prazer dos bens culturais. “Esses últimos são, portanto, “documentos da barbárie’ uma vez que nasceram da injustiça de classe, da opressão social e política, da desigualdade, e porque sua transmissão é feita por massacres e guerras” Löwy (2021, p. 78-79).

Como destaca Benjamin na Tese VI, a cultura e a tradição, tornam-se um instrumento das classes dominantes. Portanto, escovar a história cultural, significa considerá-la do ponto de vista dos vencidos, é preciso lutar para impedir que a classe dominante apague as chamadas da cultura passada e que elas sejam tiradas do conformismo que as ameaça.

TESE VIII

A tradição dos oprimidos nos ensina que o “estado de exceção” em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade. Nesse momento, perceberemos que nossa tarefa é originar-se um verdadeiro estado de exceção; com isso, nossa posição ficará mais forte na luta contra o fascismo. Este se beneficia da circunstância de que seus adversários o enfrentam em nome do progresso, considerado como uma norma histórica. O assombro com o fato de que os episódios que vivemos no século XX “ainda” sejam possíveis, não é um assombro filosófico. Ele não gera nenhum conhecimento, a não ser o conhecimento de que a concepção de história da qual emana semelhante assombro é insustentável (BENJAMIN, 1987, p.226).

Analisando a Tese VIII, pode-se compreender que Benjamin confronta duas concepções da história, uma doutrina para a qual o progresso histórico, o

desenvolvimento das sociedades no sentido de mais democracia, liberdade e paz, é a norma, e outra, que ele afirma ser seu desejo, centrada no ponto de vista da tradição dos oprimidos, ao qual a norma, a regra da história é, ao contrário, a barbárie, a opressão, a violência dos vencedores.

Segundo Löwy (2021, p. 83):

As duas concepções reagem de maneira diametralmente oposta ao fascismo. Para a primeira, trata-se de uma exceção à regra do progresso, uma “regressão” inexplicável, um parêntese na marcha avante da humanidade. Para a segunda, a expressão mais recente e mais brutal do “estado de exceção permanente” que é a história da opressão de classe.

Observa-se que para o historiador, é preciso, situar o fascismo na continuidade do cortejo dos vencedores. Compreender que o fascismo pode triunfar sobre os países mais “civilizados” e de que o “progresso” não o fará desaparecer automaticamente possibilitará, segundo Benjamin, melhorar nossa posição na luta antifascista. Luta, ao qual o objetivo final é o de produzir “o verdadeiro estado de exceção”, ou seja, a abolição da dominação, a sociedade sem classes.

TESE IX

“Minhas asas estão prontas para o voo,
Se pudesse, eu retrocederia
Pois eu seria menos feliz
Se permanecesse imerso no tempo vivo.”

Gerhard Scholem, *Saudação do anjo*

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1987, p.226).

Esse texto de Benjamin é o mais conhecido, citado e utilizado, pois toca profundamente na crise da sociedade moderna e anuncia duas das grandes catástrofes da história da humanidade – Auschwitz e Hiroshima.

Percebe-se que o Anjo da História queria parar, cuidar das feridas das vítimas sob o amontoado de ruínas, mas a tempestade incontrolavelmente o leva à repetição do passado, são novas catástrofes cada vez mais amplas e destruidoras. As ruínas

mencionadas por Benjamin na Tese IX não são objeto de contemplação estéticas, mas sim, imagem das catástrofes vivenciadas ao longo da história pela humanidade.

Para o historiador é preciso desmistificar o progresso e fixar o olhar marcado por uma dor profunda, inconsolável, uma acentuada revolta moral, em que ele faz alusão aos grandes massacres da história referindo-se aos mortos e às cidades destruídas pelas guerras. Benjamin evoca o progresso como uma tempestade, pois provavelmente faz menção a palavra extraída da linguagem bíblica: foi devido a uma tempestade de água que a humanidade morreu no dilúvio, e foi devido a uma tempestade de fogo que Sodoma e Gomorra foram destruídas.

Löwy (2021, p. 93) destaca que:

Aliás, a comparação entre o dilúvio e o nazismo é sugerida por Benjamin em uma carta a Scholem em janeiro de 1937, em que ele compara seu livro *Deutsche Menschen* [Povo alemão] a uma “arca” construída “de acordo com o modelo judaico” – diante da “ascensão do dilúvio fascista.

Mas como deter essa tempestade e interromper o progresso? A resposta de Benjamin é dupla: religiosa e profana. Teologicamente podemos dizer que se trata da tarefa do Messias; seu correspondente profano, é simplesmente a Revolução. A interrupção messiânica/revolucionária do progresso, é a resposta que Benjamin nos apresenta em relação às ameaças que fazem pesar sobre a espécie humana a continuação da tempestade e as eminências de novas catástrofes.

Em Benjamin, compreende-se que é preciso restituir ao conceito de sociedade sem classes seu verdadeiro caráter messiânico, dentro do próprio interesse da política revolucionária do proletariado, porque somente quando se dá conta de seu significado messiânico é que se pode evitar as armadilhas da ideologia progressista. A sociedade sem classes do futuro que ele descreve, não é a volta pura e simples àquela da pré-história: ela contém em si, como síntese dialética, todo o passado da humanidade. Para o historiador, a verdadeira história universal, é baseada na rememoração universal de todas as vítimas; o equivalente profano da ressurreição dos mortos, será possível somente na sociedade sem classes.

Walter Benjamin nos possibilita fluir em suas leituras que há uma relação mútua entre o religioso e o político que se conservam em suas teses de 1940 simultaneamente.

TESE X

Os temas que as regras do claustro impunham à meditação dos monges tinham como função desviá-los do mundo e das suas pompas. Nossas reflexões partem de uma preocupação semelhante. Neste momento, em que

os políticos nos quais os adversários do fascismo tinham depositado as suas esperanças jazem por terra e agravam sua derrota com a traição à sua própria causa, temos que arrancar a política das malhas do mundo profano, em que ela havia sido enredada por aqueles traidores. Nosso ponto de partida é a ideia de que a obtusa fé no progresso desses políticos, sua confiança no “apoio das massas” e, finalmente, sua subordinação servil a um aparelho incontrolável são três aspectos da mesma realidade. Estas reflexões tentam mostrar como é alto o preço que nossos hábitos mentais têm que pagar quando nos associamos a uma concepção da história que recusa toda cumplicidade com aquela à qual continuam aderindo esses políticos (BENJAMIN, 1987, p.227).

O início dessa tese é paradoxal, por um lado, podemos compreender equivocadamente na leitura da primeira frase, que Benjamin sugere nesse caso, de distanciar do mundo os leitores de teses, como os monges. Mas como sabe-se que não é esse o seu interesse, entende-se que o método das teses consiste em tomar distanciamento do campo, recuar diante da realidade política, não para ignorá-la, mas para encontrar suas causas profundas; e principalmente, distanciar das ilusões do século, das doutrinas sedutoras do progresso.

No que se refere a expressão “os políticos, nos quais os adversários do fascismo tinham depositado as suas esperanças”, Benjamin está tratando dos comunistas que traíram sua causa ao pactuarem com Hitler.

O historiador toca em outra questão fundamental: a burocracia que dirige os partidos operários e o fetichismo do partido, que se tornaram um fim em si supostamente infalível, especialmente no movimento comunista stalinista. Conclui a tese, referindo-se à esquerda em geral e, de maneira implícita, aos partidos comunistas. Seu pensamento e questionamento por meio das teses, da ideologia do progresso é profundo e está à frente de sua época, à frente das ideias críticas expressas pela maior parte das correntes marxistas dissidentes.

TESE XI

O conformismo, que sempre esteve em seu elemento na social-democracia, não condiciona apenas suas táticas políticas, mas também suas ideias econômicas. É uma das causas do seu colapso posterior. Nada foi mais corruptor para a classe operária alemã que a opinião de que ela nadava com a corrente. O desenvolvimento técnico era visto como o declive da corrente, na qual ela supunha estar nadando. Daí só havia um passo para crer que o trabalho industrial, que aparecia sob os traços do progresso técnico, representava uma grande conquista política. A antiga moral protestante do trabalho, secularizada, festejava uma ressurreição na classe trabalhadora alemã. O Programa de Gotha já continha elementos dessa confusão. Nele, o trabalho é definido como “a fonte de toda riqueza e de toda civilização”. Pressentindo o pior, Marx replicou que o homem que não possui outra propriedade que a sua força de trabalho está condenado a ser “o escravo de outros homens, que se tornaram... proprietários”. Apesar disso, a confusão continuou a propagar-se, e pouco depois Josef Dietzgen anunciava: “O trabalho é o Redentor dos tempos modernos... No aperfeiçoamento do

trabalho reside a riqueza, que agora pode realizar o que não foi realizado por nenhum salvador”. Esse conceito de trabalho, típico do marxismo vulgar, não examina a questão de como seus produtos podem beneficiar trabalhadores que deles não dispõem. Seu interesse se dirige apenas aos progressos na dominação da natureza, e não aos retrocessos na organização da sociedade. Já estão visíveis, nessa concepção, os traços tecnocráticos que mais tarde vão aflorar no fascismo. Entre eles, figura uma concepção da natureza que contrasta sinistramente com as utopias socialistas anteriores a março de 1848. O trabalho, como agora compreendido, visa uma exploração da natureza, comparada, com ingênua complacência, à exploração do proletariado. Ao lado dessa concepção positivista, as fantasias de um Fourier, tão ridicularizadas, revelam-se surpreendentemente razoáveis. Segundo Fourier, o trabalho social bem organizado teria entre seus efeitos que quatro luas iluminariam a noite, que o gelo se retiraria dos polos, que a água marinha deixaria de ser salgada e que os animais predatórios entrariam a serviço do homem. Essas fantasias ilustram um tipo de trabalho que, longe de explorar a natureza, libera as criações que dormem, como virtualidades, em seu ventre. Ao conceito corrompido de trabalho corresponde o conceito complementar de uma natureza, que segundo Dietzgen, “está ali, grátis” (BENJAMIN, 1987, p.227-228).

Na Tese XI, observa-se que Benjamin se inspira em Weber e em Marx para criticar a postura conformista da social-democracia diante da produção industrial/capitalista.

Segundo Löwy (2021, p. 101):

A ideologia do “trabalho” promovida pela social-democracia era apenas uma forma secularizada da ética protestante do trabalho, cujos laços íntimos – por afinidade eletiva – com o espírito do capitalismo tinham sido desnudadas pelas pesquisas de Max Weber, bem conhecidas de Benjamin. Essa celebração acrítica do “trabalho como ‘a fonte de toda riqueza’” faz abstração do fato de, no sistema capitalista, o trabalhador ser reduzido a uma condição de escravidão moderna e ser privado, pelos capitalistas, das riquezas que ele produz.

Essa tese, trata do positivismo da ideologia do progresso social-democrata. Ao contrário de outros marxistas, Benjamin percebe o aspecto tecnicamente “avançado” do nazismo, associando os maiores “progressos” tecnológicos, principalmente no domínio militar, aos mais terríveis retrocessos sociais. O que ele sugeriu na Tese VIII, aqui, na Tese XI, afirma: o fascismo, é uma manifestação patológica da modernidade industrial/capitalista, que se apoia nas grandes conquistas técnicas do século XX.

Benjamin finaliza a tese tratando de uma crítica radical à exploração capitalista da natureza, e à sua glorificação pelo marxismo de inspiração positivista e tecnocrática. O historiador apresenta sua posição singular do pensamento marxista da primeira metade do século, trazendo as preocupações ecológicas do final do século XX, percebemos que ele sonha com um novo pacto entre os humanos e seu meio ambiente.

“Precisamos da história, mas não como precisam dela os ociosos que passeiam no jardim da ciência.”

Nietzsche, *Vantagens e desvantagens da história para a vida*

O sujeito do conhecimento histórico é a própria classe combatente e oprimida. Em Marx, ela aparece como a última classe escravizada, como a classe vingadora que consuma a tarefa de libertação em nome das gerações de derrotados. Essa consciência, reativada durante algum tempo no movimento espartaquista, foi sempre inaceitável para a social-democracia. Em três décadas, ela quase conseguiu extinguir o nome de Blanqui, cujo eco abalara o século passado. Preferiu atribuir à classe operária o papel de salvar gerações futuras. Com isso, ela a privou das suas melhores forças. A classe operária desaprendeu nessa escola tanto o ódio como o espírito de sacrifício. Porque um e outro se alimentam da imagem dos antepassados escravizados, e não dos descendentes liberados (BENJAMIN, 1987, p.228-229).

Na epígrafe, segundo Nietzsche, a história, não deve ser um passeio ocioso ou um assunto de curiosidade arqueológica, ela deve servir para o presente, a história é fundamental para a vida e para a ação, para agir sobre o tempo e para favorecer o acontecimento de um tempo futuro.

A primeira frase desta tese, sobre o sujeito do conhecimento, nos possibilita pensar que o conhecimento, resulta da prática da luta, da experiência ativa da classe operária. Para história e consciência de classe, o marxismo representa uma forma de conhecimento superior porque se coloca do ponto de vista de classe do proletariado, que é o sujeito da ação e, ao mesmo tempo, o sujeito do conhecimento.

Para Benjamin, a última classe que luta contra a opressão e que é encarregada, segundo Marx, da “tarefa de libertação”, o proletariado, não pode se esquecer de seus ancestrais martirizados, pois não há luta pelo futuro sem memória do passado. Aqui, ele retoma o tema da redenção das vítimas da história, encontrado nas teses II, III e IV, em seu duplo abarcamento teológico e político. Pode-se afirmar, que para o historiador, rememorar as vítimas, não é uma lamentação, mas uma fonte de energia moral e espiritual para aqueles que lutam hoje. Trata-se, portanto, da dialética entre o passado e o presente sugerida por Benjamin na tese IV.

O conceito de ódio “se refere sobretudo à indignação diante dos sofrimentos do passado e do presente, e à hostilidade irreconciliável à opressão, principalmente em sua última e aterrorizante manifestação: o fascismo.” (LÖWY, 2021, p. 112). Como Marx, em O Capital, Benjamin não reforça o ódio aos indivíduos, mas a um sistema.

No pensamento de Benjamin, o importante é que o proletariado, reconheça-se como herdeiro de vários séculos de lutas, é a força acumulada dessas lutas que se

torna a matéria explosiva no presente e poderá interromper a continuidade da opressão.

Na leitura de suas teses compreende-se que ao falar dos vencidos da história, o historiador também estava pensando em si mesmo e em sua geração. Como sugere uma de suas últimas cartas, dirigida a seu amigo S. Lackner no dia 5 de maio de 1940, Walter Benjamin diz: “Acabo de terminar um pequeno ensaio sobre o conceito de história, um trabalho que foi inspirado não só pela nova guerra, mas por toda a experiência de minha geração, que deve ser uma das mais duramente submetidas às provações da história (BENJAMIM apud LÖWY, 2021, p. 115).

TESE XIII

“Nossa causa está cada dia mais clara e o povo cada dia mais esclarecido.”

Josef Dietzgen, *Filosofia social-democracia*

A teoria e, mais ainda, a prática da social-democracia foram determinadas por um conceito dogmático de progresso sem qualquer vínculo com a realidade. Segundo os social-democratas, o progresso era, em primeiro lugar, um progresso da humanidade em si, e não das suas capacidades e conhecimentos. Em segundo lugar, era um processo sem limites, ideia correspondente à da perfectibilidade infinita do gênero humano. Em terceiro lugar, era um processo essencialmente automático, percorrendo, irresistível, uma trajetória em flecha ou em espiral. Cada um desses atributos é controvertido e poderia ser criticado. Mas, para ser rigorosa, a crítica precisa ir além deles e concentrar-se no que lhes é comum. A ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia do progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha (BENJAMIN, 1987, p.229).

A epígrafe de Dietzgen, escolhida por Benjamin, ilustra o exemplo típico do progressismo social-democrata, uma visão otimista e linear da história, que é alimentada por uma leitura superficial do desenvolvimento.

Nessa tese, o historiador destaca três críticas que são baseadas em uma visão alternativa da história. A primeira delas, é de que é preciso distinguir entre o progresso dos conhecimentos e das habilidades e o progresso da própria humanidade, pois este implica uma dimensão moral, social e política que não é redutível ao progresso científico e técnico. O movimento da história é essencialmente heterogêneo, desigual e combinado, os avanços em uma dimensão da civilização podem ser seguidos de regressões na outra, como Benjamin apresentara na tese XI.

A sua segunda crítica, refere-se ao progresso da própria humanidade, pois não podemos confiar em um processo de aperfeiçoamento gradual e infinito, mas precisamos lutar por uma ruptura da opressão. Por fim, sua terceira crítica, afirma que não há progresso automático ou contínuo; a única continuidade é a da dominação, da

exploração, ou seja, uma atitude prática, que combina o otimismo do progresso com a ausência de iniciativa, passividade e imobilismo.

TESE XIV

“A origem é o Alvo.”

Karl Kraus, *Palavras em verso*

A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”. Assim, a Roma antiga era para Robespierre um passado carregado de “agoras”, que ele fez explodir do continuum da história. A Revolução Francesa se via como uma Roma ressurreta. Ela citava a Roma antiga como a moda cita um vestuário antigo. A moda tem um faro para o atual, onde quer que ele esteja na folhagem do antigamente. Ela é um salto de tigre em direção ao passado. Somente, ele se dá numa arena comandada pela classe dominante. O mesmo salto, sob o livre céu da história, é o salto dialético da Revolução, como o concebeu Marx (BENJAMIN, 1987, p.229-230).

Benjamin aqui nos apresenta a reflexão sobre o tempo histórico pleno, aquele em que a cada instante há uma chance única. Nesse texto a comparação que o historiador faz entre a moda e a revolução; nos possibilita interpretar que ao falar em moda, ele está se referindo a uma temporalidade, pois ao mesmo tempo em que cultiva a superstição do novo, ela é a eterna repetição do mesmo, sem fim, nem ruptura e serve às classes dominantes, de disfarce para ocultar seu horror a qualquer mudança. A revolução, é o oposto, é a interrupção da eterna volta e o surgimento da mudança mais profunda, nas palavras de Benjamin “é um salto de tigre em direção ao passado”, um salto dialético, primeiramente rumo ao passado e, em seguida, ao futuro. É como se Benjamin estivesse nos dizendo que o salto do tigre, significa salvar o legado dos oprimidos e nela se inspirar para interromper a catástrofe presente.

Na tese XIV, o historiador nos diz sobre um tempo saturado de “agoras”, ou seja, o passado contém o presente e, o presente, é tecido pela memória de acontecimentos que se perderam durante séculos.

Mirabelli durante entrevista realizada em abril de 2022, afirma:

[...] quando a gente trabalha com história e memória, é esse resgate das coisas que a gente vai lembrando mesmo. Eu estou trabalhando com Walter Benjamin, que é historiador e ele fala desses relampejos, que é o que a gente traz naquele momento que a gente está conversando (sorriram).

Vejamos o que nos apresenta a próxima tese do historiador:

TESE XV

A consciência de fazer explodir o *continuum* da história é própria às classes revolucionárias no momento da ação. A Grande Revolução introduziu um

novo calendário. O dia com o qual começa um novo calendário funciona como um acelerador histórico. No fundo, é o mesmo dia que retorna sempre sob a forma dos dias feriados, que são os dias da reminiscência. Assim, os calendários não marcam o tempo do mesmo modo que os relógios. Eles são monumentos de uma consciência histórica da qual não parece mais haver na Europa, há cem anos, o mínimo vestígio. A Revolução de julho registrou ainda um incidente em que essa consciência se manifestou. Terminado o primeiro dia de combate, verificou-se que em vários bairros de Paris, independentes uns dos outros e na mesma hora, foram disparados tiros contra os relógios localizados nas torres. Uma testemunha ocular, que talvez deva à rima a sua intuição profética, escreveu:

“Quem acreditaria nisso! Se diz que irritados contra a hora
Novos Josués, aos pés de cada torre,
Atiravam sobre o quadro para parar o tempo” (BENJAMIN, 1987, p.230, tradução nossa).

Nessa tese, Benjamin inicia enfatizando que as classes revolucionárias, têm consciência de poder “explodir o *continuum* da história” por meio de sua ação, ele se refere não somente ao proletariado, mas a todos os oprimidos do passado. Destaca em uma das frases: “um novo calendário funciona como um acelerador histórico”, aqui ele quer nos dizer que os calendários representam o oposto do tempo vazio, que expressam um tempo histórico, heterogêneo, carregado de memória e de atualidade. Segundo ele, os feriados são dias de rememoração, lembrança, que anunciam uma verdadeira consciência histórica.

Criticamente, o historiador nos apresenta a reflexão sobre a homogeneidade do tempo, identificando a temporalidade vazia dos relógios. Um tempo que é mecânico, automático, quantitativo, reduzido ao espaço, que foi progressivamente invadindo a vida dos trabalhadores durante o processo de industrialização, pelo tempo único do relógio de bolso ou de pulso. Para Benjamin, o tempo histórico não pode ser confundido com o tempo dos relógios.

TESE XVI

O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas para no tempo e se imobiliza. Porque esse conceito define exatamente *aquela* presente em que ele mesmo escreve a história. O historicista apresenta a imagem “eterna” do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única. Ele deixa a outros a tarefa de se esgotar no bordel do historicismo, com a meretriz “era uma vez”. Ele fica senhor das suas forças, suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o *continuum* da história (BENJAMIN, 1987, p.230-231).

Prosseguindo sua polêmica contra o historicismo, Benjamin elabora uma interessante alegoria que podemos interpretá-la como sendo a meretriz, “era uma vez”, instalada no bordel ‘historicismo’, recebia os vencedores um após outro. [...] Sua

sucessão constitui o caminho da história: era uma vez Júlio, era uma vez Carlos Magno [...] e assim por diante.” Löwy, (2021, p. 128)

Por outro lado, o adepto do materialismo histórico, vive com uma imagem do passado, uma experiência única, descobre as energias explosivas ocultas que se encontram em um momento preciso da história. Essas energias, são como faíscas que saem de um curto-circuito e permitem que faça explodir a continuidade histórica.

TESE XVII

O historicismo culmina legitimamente na história universal. Em seu método, a historiografia materialista se distancia dela talvez mais radicalmente que de qualquer outra. A história universal não tem qualquer armação teórica. Seu procedimento é aditivo. Ela utiliza a massa dos fatos, para com eles preencher o tempo homogêneo e vazio. Ao contrário, a historiografia marxista tem em sua base um princípio construtivo. Pensar não incluir apenas o movimento das ideias, mas também sua imobilização. Quando o pensamento para, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada. O materialista histórico só se aproxima de um objeto histórico quando o confronta enquanto mônada. Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido. Ele aproveita essa oportunidade para extrair uma época determinada do curso homogêneo da história; do mesmo modo, ele extrai da época uma vida determinada e, da obra composta durante essa vida, uma obra determinada. Seu método resulta em que na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos. O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém em seu *interior* o tempo, como sementes preciosas, mas insípidas (BENJAMIN, 1987, p.231).

Nessa tese, Benjamin delinea sua concepção qualitativa, descontínua, do tempo histórico. Nela, o historiador, critica o tempo do progresso, a esse tempo, ele opõe o tempo da memória, da rememoração, um tempo que não é homogêneo. Segundo Benjamin, a rememoração tem por finalidade, a construção de constelações que conectam o presente e o passado. Essas constelações, são momentos arrancados da continuidade histórica. Os momentos privilegiados do passado, diante dos quais o adepto do materialismo histórico faz uma pausa, são aqueles que constituem uma interrupção messiânica dos acontecimentos. Esses momentos para Benjamin, constituem uma chance revolucionária no combate ao passado oprimido, mas também, ao presente oprimido.

A interrupção messiânica é para ele uma ruptura da história, mas não o fim da história.

TESE XVIII

“Comparados com a história da vida orgânica na Terra”, diz um biólogo contemporâneo, “os míseros 50.000 anos do Homo sapiens representam

algo como dois segundos ao fim de um dia de 24 horas. Por essa escala, toda a história da humanidade civilizada preencheria um quinto do último segundo da última hora.” O “agora”, que como modelo do messiânico abrevia num resumo incomensurável a história de toda a humanidade, coincide rigorosamente com o lugar ocupado no universo pela história humana (BENJAMIN, 1987, p.231-232).

O tempo-de-agora que Benjamin destaca, é definido como uma prefiguração do tempo messiânico, da verdadeira história universal. O tempo-de-agora resume todos os movimentos messiânicos do passado, toda a tradição dos oprimidos é concentrada, como uma força redentora, no momento presente.

Apêndice 1

O historicismo se contenta em estabelecer umnexo causal entre vários momentos da história. Mas nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar dele separados por milênios. O historiador consciente disso renuncia a desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as contas de um rosário. Ele capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada. Com isso, ele funda um conceito do presente com um “agora” no qual se infiltraram estilhaços do messiânico (BENJAMIN, 1987, p.232).

Aqui o historiador nos surpreende com uma afirmação de que é a configuração entre uma situação presente e um acontecimento do passado que faz deste um fato histórico. Quando menciona os “estilhaços do tempo messiânico”, nos remete aos momentos de revolta, os breves instantes que salvam um momento do passado, e ao mesmo tempo, realizam uma interrupção da continuidade histórica, uma quebra na essência do presente.

Benjamin nos relata sobre um tempo qualitativo, constelado de estilhaços messiânicos, que se opõe ao fluxo vazio, ao tempo puramente quantitativo do historicismo e do progressismo, ou seja, aqui, falamos de uma ruptura entre a redenção messiânica e a ideologia do progresso, em meio a constelação apresentada pelas concepções da história de Walter Benjamin.

Apêndice 2

Certamente, os adivinhos que interrogavam o tempo para saber o que ele ocultava em seu seio não o experimentavam nem como vazio nem como homogêneo. Quem tem em mente esse fato, poderá talvez ter uma ideia de como o tempo passado é vivido na rememoração: nem como vazio, nem como homogêneo. Sabe-se que era proibido aos judeus investigar o futuro. Ao contrário, a Torá e a prece se ensinam na rememoração. Para os discípulos, a rememoração desencantava o futuro, ao qual sucumbiam os que interrogavam os adivinhos. Mas nem por isso o futuro se converteu para os judeus num tempo homogêneo e vazio. Pois nele cada segundo era a porta estreita pela qual podia penetrar o Messias (BENJAMIN, 1987, p.232).

Observa-se que primeiramente, Benjamin rejeita o comportamento daqueles que se informam junto aos adivinhos porque são dominados pelo futuro e ficam à espera do inevitável, são condenados à passividade. Destaca que a tradição judaica, ao contrário, exige a rememoração do passado, buscam no passado não é sua historicidade, mas sua eterna contemporaneidade.

Sabe-se que a passagem dessa tese que mais provocou debates foi sua conclusão. É importante destacar que não se trata de esperar o Messias, mas de provocar a sua volta. O que Benjamin quer nos dizer, é que fazer o momento, não é intervir passivamente na cronologia, mas sim, apressar o momento.

A leitura das teses sobre o conceito de história, iluminou o caminho que estou trilhando! Benjamin me possibilitou reflexões sobre questões fundamentais: a religião, o progresso, a política, a história, a utopia, saio completamente diferente desse encontro com o historiador que me apresenta um marxismo da imprevisibilidade, em Benjamin a história é aberta, o novo é possível.

Concorda-se com Löwy (2021, p. 150), quando ressalta que:

A imprevisibilidade certamente é apenas relativa: parece-me inegável que um certo número de previsões para o século XX em linhas gerais se realizaram. [...] Ao contrário dos eclipses da lua ou da próxima passagem do cometa Halley, o resultado da ação histórica dos indivíduos e dos grupos sociais continua consideravelmente imprevisível.

Ela flui da própria natureza da política como atividade humana coletiva e plural, seguramente condicionada pelas estruturas sociais e econômicas existentes, mas capaz de ultrapassá-las, de transformá-las, criando o novo.

Em Benjamin, a história aberta quer dizer, do ponto de vista político, considerar a possibilidade e não a inevitabilidade, por um lado das catástrofes, por outro, dos movimentos emancipadores. A história comporta outras possibilidades, revolucionárias, emancipadoras e/ou utópicas.

Reitero que a leitura das teses volta nosso olhar para que se conceba a história do ponto de vista dos vencidos. O futuro e o presente permanecem abertos na interpretação benjaminiana do materialismo histórico, mas o passado também está permanentemente aberto. Diante da história dos vencedores, da comemoração do fato, da inevitabilidade da vitória dos que triunfaram, das rotas históricas de mão única, é preciso compreendermos, que cada presente abre uma multiplicidade de futuros possíveis.

Nessa pesquisa sobre a história e memória do Serviço Social do Comércio, quero abrir o passado, sem julgamentos da história, afinal, não há nada de definitivo nem de imutável, pretendo reabrir os dossiês históricos que estavam fechados, reatualizar esperanças, rememorar sonhos, reviver desejos e redescobrir combates vencidos.

Dialogar com Benjamin é surpreendente, pois a abertura da história segundo ele, é inseparável de uma opção ética, social e política!

7.1 As contribuições de Walter Benjamin para o Serviço Social

Walter Benjamin transita nas mais diversas áreas da produção do conhecimento, tecendo críticas literárias e elaborando importantes reflexões sociológicas e filosóficas. Sua obra suscita interesse para nós assistentes sociais que observamos com indignação um mundo que ainda provoca guerras, destruição dos recursos naturais progressivamente, genocídio de múltiplas populações, ódio entre povos de diferentes culturas, tempos sombrios que expressam o contrário do que se entende por humanidade. Sua reflexão, como apresentei anteriormente, constitui um todo no qual arte, cultura, história, política, literatura e teologia são inseparáveis. Como afirma Löwy (2021, p. 14): “Ele é um crítico revolucionário da filosofia do progresso, um adversário marxista do “progressismo”, um nostálgico do passado que sonha com o futuro, um romântico partidário do materialismo.”

Sendo assim, é fundamental compreendermos que a concepção da história de Benjamin constitui um relato da emancipação, ou seja, inspirando-se em fontes messiânicas e marxistas, ela utiliza a nostalgia do passado como método revolucionário de crítica do presente. Seu pensamento consiste sobretudo em uma crítica à modernidade (capitalista/industrial), inspirada em referências culturais e históricas pré-capitalistas.

As teses “Sobre o conceito de história” que apresentei compõem um dos textos filosóficos e políticos mais importantes do século XX, decifrá-la não é uma tarefa fácil, mas nos possibilita interpretar a história do ponto de vista dos vencidos. O pensamento de Benjamin pode nos inspirar e nos auxiliar a pensar a realidade contemporânea. Dentre as várias contribuições, sua ideia de memória social presente nas teses, se apresenta enquanto um elemento fundamental para a compreensão da relação entre memória e história, seja no que diz respeito a história do Brasil, ou a

história do Serviço Social do Comércio – Sesc São Paulo, considerando que no interior da trama histórica existem vários elementos ocultos que não podem ser vistos em sua superfície.

Durante a leitura das teses, pode-se perceber a aproximação e o comprometimento de Benjamin com a concepção dialética da história e com a defesa do materialismo histórico, capaz de apresentar elementos necessários para a transformação da realidade social.

Benjamin compreende a história como uma construção humana determinada por fatores econômicos e sociais; faz referência à história, estabelecendo considerações e distinções entre a atuação dos oprimidos e dos opressores neste processo, e busca evidenciar as contradições existentes entre classes sociais antagonicas, com valores, interesses e concepções particulares de sociedade.

Nesta direção Löwy (2021, p. 83) destaca que:

Benjamin confronta, aqui, duas concepções da história – com implicações políticas evidentes para o presente: a confortável doutrina “progressista”, para a qual o progresso histórico, a evolução das sociedades no sentido de mais democracia, liberdade e paz, é a norma, e aquela que ele afirma ser seu desejo, situada do ponto de vista da tradição dos oprimidos, para a qual a norma, a regra da história é, ao contrário, a opressão, a barbárie, a violência dos vencedores.

Assim, os antagonismos das classes caracteriza a heterogeneidade da história, já que segundo Benjamin, as histórias dos opressores e dos oprimidos são contraditórias entre si. Os vencedores interpretam a história enquanto sinônimo de progresso, a contraface deste processo se caracteriza pela destruição da história dos vencidos, que são silenciados progressivamente, soterrando qualquer vestígio que possa os identificar na contagem da história.

Portanto, se para os vencedores a interpretação da história é um todo homogêneo, acabado, impossível de ser mudada, na perspectiva dos vencidos, orientados pela tradição marxista, visitar e revisar o passado é a única possibilidade de redimir os vencidos de todas as batalhas anteriores. Em outras palavras, trata-se de rememorar o passado ouvindo as vozes de todos aqueles que foram silenciados nas fases anteriores da história, ou seja, na perspectiva dos vencidos, a história está aberta a novas interpretações e ressignificações à medida que escutamos o eco das vozes que foram emudecidas no passado.

Sendo assim, é fundamental compreendermos que a história não é uma consecução de fatos cronologicamente organizados perfeitamente, ao qual

chamamos de história oficial. A “história oficial” não revela fatos em todo o seu potencial político, econômico e social, ou seja, é uma interpretação histórica que distorce o sentido da realidade à medida que omite tudo aquilo que supostamente se apresenta como dinâmico, pois para esta perspectiva a história se resume em enfatizar uma série de datas e personagens “ilustres”. Para Benjamin essa perspectiva soterra da trama histórica todos os fatos e silencia todos os sujeitos cuja voz provoque algum ruído e incômodo.

Minhas reflexões pretendem provocar alguns questionamentos à categoria profissional sobre como interpretamos a história. Não podemos ter um olhar superficial aos fatos sem elencar os acontecimentos e sujeitos que estão ocultos das narrações oficiais. Nosso esforço é escovar a história a contrapelo, no sentido contrário, na tentativa de desvendar aquilo que os olhos não podem ver. Este esforço, certamente trará à tona sujeitos esquecidos e eventos interrompidos com violência, cuja memória fora soterrada como afirma Benjamin (1987, p. 226) como “um amontoado de ruínas que crescem até o céu” acumulando fatos omitidos, corpos fragmentados e vozes silenciadas.

Para Benjamin (1987, p. 223) “O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção.” Nesta frase, o autor apresenta sua contribuição para pensarmos o conceito de história, afirmando que o passado traz em si um certo mistério e para que a história seja interpretada, é preciso, um esforço aprofundado de nós pesquisadoras(es) e assistentes sociais, afinal, precisamos considerar que nem todas as informações que buscamos estarão em um índice objetivo e transparente.

Nesse movimento, algumas interpretações deixam vários elementos ocultos e para desvendá-los é necessário um movimento de aprofundamento ainda maior. Em Benjamin (1987) compreendemos que o passado pode ser recuperado, mas sua recuperação exige um aprofundamento progressivo e radical sobre o processo histórico.

O índice misterioso citado por Benjamin, nos possibilita refletir que o passado traz um certo mistério, porque para a construção desse índice, as informações presentes passam por um processo de seleção já que a memória social é seletiva. Nesta perspectiva, é justamente esta seleção que faz com que as interpretações acerca de um mesmo momento histórico sejam distintas, considerando que cada narrador(a), ao construir suas análises, está imerso em um contexto social, político, econômico e cultural, o que influenciará profundamente suas construções teóricas

acerca da realidade. Nesta direção, desvendar o passado através da memória exige primordialmente um posicionamento político, pois dependendo da posição social que ocupamos, seja “vencedor” ou “vencido”, recuperamos a memória diferentemente, selecionando os eventos e as pessoas que merecem destaque e narramos essa história de uma outra forma.

Uma outra contribuição de Benjamin para nós assistentes sociais, é de que o passado à medida que é recuperado e seu índice misterioso desvendado, não está em segurança caso as interpretações oficiais continuem o seu processo de soterramento, o que dificulta significativamente a recuperação da história expressa na memória. Segundo Benjamin (1987, p. 224) “O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer.”

Essa citação traz à luz a reflexão de que a história dita “oficial” submete muitas vezes a morte pelo esquecimento condenado ao desaparecimento de muitas pessoas que poderiam ser lembradas na narração do processo histórico, o que transformaria a história em lugar repleto de tempo homogêneo e vazio. Nesta perspectiva, percebemos que a memória sendo seletiva pode ser perdida se não for recuperada a tempo.

Portanto, compreendendo que existe uma seleção na recuperação da memória e na redescoberta da história, a articulação entre presente e passado não pode ser feita sem que se observe as particularidades históricas. Isso significa que, para Benjamin (1987), a articulação entre passado e presente pode ser feita mesmo que não se conheça integralmente o passado como ele se apresentou ao longo do processo, pois um conhecimento profundo de um de seus fragmentos pode ser suficiente para abastecer o presente. Considerando assim, nas palavras de Benjamin (1987, p. 224) que “a verdadeira imagem do passado perpassa veloz”, e por isso não podemos conhecê-lo integralmente.

A potencialidade teórica do pensamento de Benjamin contida nas Teses sobre o Conceito de História está na capacidade dos vencidos em capturar a imagem do passado que surge como um relampejo diante de seus olhos, já que este passado em pouquíssimos momentos se apresentará de forma transparente.

Deste modo, para nós assistentes sociais, ao percebermos um fragmento da história, mesmo o entendendo como uma experiência única, é preciso que nos apropriemos amplamente deste material “suficientemente viril para fazer saltar pelos

ares o continuum da história" (BENJAMIN, 1987, p. 231). Esse movimento de reflexão crítica e apropriação da memória é capaz de interromper o fluxo das coisas como elas se apresentam, promovendo mudanças profundas na realidade social. Ao abastecermos o presente com este material, os vencidos, podem transformar não só o presente, mas também e principalmente o passado, já que neste momento estaria redimido e vivo ao mesmo tempo como a história expressa nas memórias.

Assim, as Teses elaboradas por Benjamin, são fundamentais para nossas reflexões, pois nos oferecem elementos essenciais para a compreensão das determinações políticas e sociais presentes na narração dos fatos históricos, produz caminhos metodológicos, teóricos e políticos para analisarmos os processos de mudança social.

A originalidade do pensamento benjaminiano diante da ideia estática de progresso científico e econômico homogêneo, certamente influenciaram muitos teóricos, pois trata-se de um pensamento que é atualizado cotidianamente à medida que oferece elementos efetivos para compreendermos questões da atualidade.

Portanto, é importante questionarmos qual é o conceito de história que atravessa as discussões sobre a realidade social e sobre a nossa própria profissão, pois, constantemente afirmamos e reafirmamos pela produção do Serviço Social, a importância de entendermos os processos sociais e suas manifestações no cotidiano.

Nesse sentido, o referencial teórico e filosófico marxista de Benjamin nos conduzirá nos próximos capítulos na recuperação da história, não apenas para conhecer o passado, mas, sobretudo, para redescobrir o Serviço Social (profissão) e o Serviço Social do Comércio (instituição) na história e, para isso, é preciso adentrar em várias camadas, pois a história é um processo intenso de lutas de classes.

PARTE II
CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

O SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO NA HISTÓRIA

Rememorando os fatos do papel do Serviço Social, vale voltar ao surgimento no Brasil, da profissão. Teve como início a fundação da Escola de Serviço Social em São Paulo, nos anos 30 do Século XX (COLANERI, entrevista concedida em março de 2022).

Para situar o significado da profissão de Serviço Social e a criação da instituição Serviço Social do Comércio – Sesc no processo de reprodução das relações sociais, primeiramente, faz-se necessário compreendê-la no movimento histórico. Por essa razão, procuramos investigar as bases que sustentam a hipótese de que o processo de afirmação de que o Sesc é indissociável da tradição de ação social da igreja católica. Portanto, observarmos o que o Sesc realizou nas primeiras atividades desenvolvidas com o nome de Serviço Social e o que a igreja entende por ações sociais, e se afinal, existem traços de permanência naquela tradição. Por outro lado, buscamos esta compreensão atrelada a transformações importantes para entender o papel do Sesc na sociedade brasileira do século XXI.

Procurarei trazer à luz, neste capítulo, subsídios para análise do objeto de estudo. Trata-se, portanto, de um primeiro nível de abstração, situando a história do Serviço Social no Brasil e a história do Serviço Social do Comércio – Sesc no movimento histórico.

1. O registro do Serviço Social na história do Brasil

Para conhecer a história de uma instituição como o Serviço Social do Comércio – Sesc São Paulo, é fundamental recuperar longos períodos históricos, especialmente no patrimônio que já foi construído pelo Serviço Social no Brasil, por várias(os) autoras(es), nos quais destacamos: Maria Carmelita Yazbek, Maria Lúcia Martinelli, Marilda Vilela Iamamoto, Yolanda Guerra, mas sempre haverá muito a desvendar:

[...] da rememoração, da retomada salvadora pela palavra de um passado que, sem isso, desaparecia no silêncio e no esquecimento. [...] como a tecedura, para produzir um véu, se compõe dos movimentos ao mesmo tempo complementares e opostos dos fios da trama e da urdidura, assim

também se mesclam e se cruzam, na produção do texto, a atividade do lembrar e a atividade do esquecer (GAGNEBIN, 2013, p. 3-5).

Enquanto pesquisadora sou movida pelo presente que está em constante transformação, portanto, a história é uma possibilidade de interpelação do presente, ao conhecê-la, o passado e o presente se transformam, eis meu grande desafio e minha motivação! A pesquisa é uma grande aventura, nos leva por caminhos nunca percorridos, jamais iniciamos uma pesquisa sem saber o lugar que pretendemos chegar, é preciso ter intencionalidade.

No processo de aproximação sucessiva ao meu objeto de estudo, foi possível compartilhar ideias com algumas doutorandas, e, especialmente contar com as contribuições da professora Maria Lúcia Martinelli, que se tornou minha orientadora e que me conduz nessa trajetória. Esse caminho tem sido muito importante para mim, ao realizar a pesquisa bibliográfica pude conhecer muitas nuances da história do Sesc São Paulo que eu não conhecia, o caminho trilhado pela instituição, mas sobretudo o que foi possível resgatar de história neste processo.

Mas, para conhecer a história do Sesc São Paulo, é preciso, penetrar na história do Serviço Social e situar o significado da profissão no processo de reprodução das relações sociais. Assim, faz-se necessário, inicialmente, apreender o movimento no qual e através do qual se engendram e se renovam as relações sociais que peculiarizam a formação social capitalista.

Na fundamentação desta pesquisa tornou-se substancial os aportes teóricos de Marilda Villela Iamamoto e Raul de Carvalho (2014), na obra clássica *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*, para que pudesse trilhar todo o percurso histórico do Serviço Social no Brasil.

Para iniciarmos, é fundamental refletirmos que é na vida em sociedade que ocorre a produção, afinal, é uma atividade social. Nesse processo, os homens estabelecem determinados vínculos e relações mútuas, dos quais exercem uma ação transformadora da natureza, ou seja, realizam a produção. A relação entre os homens na produção e na troca de suas atividades varia de acordo com o nível de desenvolvimento dos meios de produção, portanto, essas relações são estabelecidas, em condições históricas determinadas, nas quais os elementos da produção articulam-se de forma específica.

Conforme destacam Iamamoto e Carvalho (2014, p. 36) “[...] a produção social é essencialmente histórica. [...] não trata de produção de objetos materiais, mas de relação social entre pessoas, entre classes sociais que personificam determinadas categorias econômicas.”

Os autores afirmam que na sociedade capitalista, “o capital é a relação social determinante que dá a dinâmica e a inteligibilidade de todo o processo da vida social” (2014, p. 37). Assim, capital e trabalho assalariado, se expressam um no outro; o capital se expressa através de mercadorias e do dinheiro. “Estas formas que o representam são *necessárias* porque criadas e recriadas no movimento mesmo da produção.” (2014, p.37) Aparecem como relações entre mercadorias, mas são expressões de relações entre classes sociais antagônicas.

Mas as mercadorias não são apenas valor de uso; são grandezas ou magnitudes sociais que têm em comum o fato de serem produto do trabalho humano geral e indiferenciado (trabalho abstrato); são valores enquanto materialização de força humana de trabalho. Enquanto grandezas sociais não se distinguem por sua qualidade, mas pela quantidade de trabalho que têm incorporado. São valores que se medem pelo tempo de trabalho socialmente necessário, incorporado na sua produção (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 39).

Assim, as mercadorias são produto de trabalhos privados e tem um caráter social, precisam satisfazer uma determinada necessidade social, integrar-se no trabalho coletivo da sociedade, dentro da divisão social do trabalho.

O valor capital se revela em mercadorias: meios de produção e meios de subsistência. O capital supõe o privilégio dos meios de produção e de subsistência por uma parte da sociedade, a classe capitalista, em confronto com os trabalhadores desprovidos das condições materiais necessárias à materialização do seu trabalho. Para a sobrevivência do trabalhador, é necessário, a venda da sua força de trabalho.

Portanto, o capital na sua forma de dinheiro ou mercadoria só é potencialmente capital no processo de produção, com a incorporação da força de trabalho viva. Assim, a função peculiar do capital é a produção de um valor maior ao do início do ciclo produtivo. Iamamoto e Carvalho (2014, p. 42-43) ressaltam que “este sobrevalor ou mais-valia é o fim e o resultado do processo capitalista de produção. Significa substancialmente materialização de tempo de trabalho excedente, trabalho não pago apropriado pela classe capitalista.”

A transformação do dinheiro em capital decompõem-se em três processos inter-relacionados: a compra e venda dos meios de produção e da força de trabalho

que se desenvolve no mercado; o processo de produção mediante o consumo produtivo da capacidade de trabalho - os meios de produção, transformam-se em produtos que além de conterem o valor do capital adiantado, contém a mais-valia criada, ou seja, a produção e a reprodução do capital; o valor do capital e da mais-valia na órbita da circulação, mediante a transformação de mercadoria em dinheiro. Segundo Iamamoto e Carvalho (2014, p. 45): “A condição histórica para o surgimento do capital e o pressuposto essencial para a transformação do dinheiro em capital é a existência no mercado da força de trabalho como mercadoria.”

Cabe destacar, que o processo de produção capitalista não é apenas um processo de trabalho, de produção de valores de uso mediante o consumo de um trabalho concreto; é também, um processo de valorização, de criação e conservação de valor. Assim, se faz necessário, entender que o valor de troca do capital, se diferencia do valor de troca das mercadorias no processo de produção. O valor de troca da mercadoria força de trabalho, seu custo diário, é definido antes que a mesma ingresse na circulação, ou seja, se expressa no seu preço, no salário. O valor de uso, ou seja, o próprio trabalho, só se expressa no seu consumo, sendo necessário, a existência dos meios de produção, nos quais a capacidade de trabalho se materializa. Mas, a força de trabalho ao ser consumida já não pertence mais ao trabalhador e sim a quem a comprou temporariamente, o capitalista, sendo uma forma de existência de seu capital.

Por isso, interessa ao capitalista aumentar a duração e intensidade do trabalho, seja prolongando a sua jornada (mais-valia absoluta), seja potenciando o trabalho acima do grau médio (mais-valia relativa), para que obtenha um tempo de trabalho superior àquele necessário à reposição do salário (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 49).

Na formação social capitalista, o processo de trabalho é meio do processo de valorização, pois o objetivo principal da produção não é a satisfação das necessidades sociais, mas sim, a produção da mais-valia, a valorização do próprio capital. No modo de produção capitalista, a mercadoria, torna-se a forma geral de toda a riqueza e a alienação do produto, a forma indispensável para a sua apropriação; a produção torna-se mercadoria e as condições da produção se mercantilizam, até mesmo a força de trabalho, pois “é no ciclo do capital produtivo que ocorre a verdadeira transformação do dinheiro em capital, isto é, em valor que se valoriza, em valor que se gera valor” (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 52).

Nesse sentido, é fundamental destacar as relações sociais por meio das quais esse processo se realiza, considerando “o conjunto dos capitalistas e dos trabalhadores, enquanto *classe sociais* que personificam categorias econômicas: o capital, o trabalho e o seu antagonismo” (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 52, grifos dos autores). E, também, considerar o processo de produção na sua continuidade, na sua reprodução, ou seja, esse processo se reinicia permanentemente.

Cabe destacar, que o capitalista compra o direito de explorar a força de trabalho durante uma jornada, nesse processo, o trabalhador não só produz o trabalho para a sua subsistência, como também, um trabalho excedente ou um valor excedente. “Sem trabalho excedente não haveria mais-valia, e a continuidade da produção estaria comprometida, já que esta é seu impulso e finalidade básica” (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 55).

Pode-se afirmar que o que se constitui como preço do trabalho, a forma salário, encobre a divisão da jornada de trabalho necessário e excedente, fazendo com que todo o trabalho entregue ao capitalista apareça como trabalho pago, não sendo desvendada facilmente no cotidiano. Diante desse processo, compreende-se que do ponto de vista social, a classe trabalhadora é um atributo do capital, ou seja, capital e trabalho assalariado se criam mutuamente no mesmo processo.

Mas o próprio processo cria as aparências mistificadoras que evitam que a revolta se expresse e garantem a continuidade do processo produtivo. A reprodução das relações de dominação é também reprodução das formas jurídicas igualitárias e “livres” que as mascaram (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 58).

Portanto, o processo de produção capitalista é um processo de relações sociais entre classes, e, nesse processo, as forças produtivas sociais do trabalho aparecem como força produtiva do capital. A reprodução das relações sociais é uma reprodução expandida do domínio de classe e este é um processo altamente político. Ressalta Yazbek (2018, p. 48) que:

[...] a reprodução das relações sociais é entendida como a reprodução da totalidade da vida social, o que engloba não apenas a reprodução da vida material e do modo de produção, mas também a reprodução espiritual da sociedade e das formas de consciência social através das quais o homem se posiciona na vida social.

Ao analisar a reprodução das relações sociais, constata-se que é a reprodução da totalidade do processo social, uma totalidade concreta em permanente movimento. Assim, compreende-se que a reprodução das relações sociais, se expressa pela

reprodução das contradições fundamentais que a conformam, e estas contradições se gestam e se criam na totalidade das manifestações da vida cotidiana na sociedade capitalista. É a reprodução de determinado modo de vida que envolve o cotidiano em sociedade, que se expressa tanto nos costumes, no trabalho, na família, na cultura, na escola, no lazer, como também na profissão.

Ora, o Serviço Social, como instituição componente da organização da sociedade, não pode fugir a essa realidade. As condições que peculiarizam o exercício profissional são uma concretização da dinâmica das relações sociais vigentes na sociedade, em determinadas conjunturas históricas (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 81).

Os autores afirmam que:

O Serviço Social se gesta e se desenvolve como profissão reconhecida na divisão social do trabalho, tendo por pano de fundo o *desenvolvimento capitalista industrial e a expansão urbana*, processos [...] apreendidos sob o ângulo das novas classes sociais emergentes – a constituição e expansão do proletariado e da burguesia industrial – e das modificações verificadas na composição dos grupos e frações de classes que compartilham o poder de Estado em conjunturas históricas específicas. É nesse contexto, em que se afirma a hegemonia do capital industrial e financeiro, que emerge sob novas formas a chamada “questão social”, a qual se torna a base de justificação desse tipo de profissional especializado. A questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção, mais além da caridade e repressão (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 83-84).

De acordo com Iamamoto e Carvalho (2014, p. 84) a profissão é um produto histórico e não uma forma de evolução da caridade e da filantropia, situada no momento em que:

O Estado passa a intervir diretamente nas relações entre o empresariado e a classe trabalhadora, estabelecendo não só uma regulamentação jurídica do mercado de trabalho, através de legislação social e trabalhista específicas, mas gerindo a organização e prestação dos serviços sociais, como um novo tipo de enfrentamento da questão social.

Inserido na divisão social e técnica do trabalho, os autores compreendem o significado da profissão como um dos elementos que participa do processo de reprodução das relações sociais de classes e da contradição existente entre elas, por meio da prestação de serviços sociais, previstos e regulados pela política social do Estado. Sendo assim, contribui tanto para a reprodução da força de trabalho quanto na reprodução da ideologia dominante.

Para Iamamoto e Carvalho (2014, p.101-102), “É a existência e compreensão desse movimento contraditório que, inclusive, abre a possibilidade para o Assistente Social colocar-se a serviço de um projeto de classe alternativo àquele para o qual é chamado a intervir”. Assim, o significado social da prática profissional do Serviço Social depende da dinâmica social, das relações entre as classes e destas com o Estado, pois:

Embora constituída para servir aos interesses do capital, a profissão não reproduz, monoliticamente, necessidades que lhe são exclusivas: participa, também, ao lado de outras instituições sociais, das respostas às necessidades legítimas de sobrevivência da classe trabalhadora, em face das suas condições de vida, dadas historicamente (IAMAMOTO e CARVALHO, idem, ibidem).

Desta forma, o Serviço Social, inserido na divisão social do trabalho, participe do processo de reprodução das relações sociais, não se situa unicamente como um mecanismo de controle e de difusão da ideologia dominante, mas pode se tornar um instrumento a favor da classe trabalhadora.

Em uma perspectiva teórico-metodológica semelhante à de Iamamoto, Maria Liduína de Oliveira e Silva na apresentação da obra Serviço Social no Brasil: história de resistências e de ruptura com o conservadorismo, enfatiza uma perspectiva crítica e de totalidade, uma concepção singular a respeito da emergência do Serviço Social como profissão, afirma:

[...] que a/o assistente social exerce seu trabalho, ao mesmo tempo, faz história, resistências, produz mudanças na vida dos sujeitos e contribui com o pensamento crítico. Trabalha nas mediações das relações sociais produzidas na sociedade capitalista, tendo como mediação as políticas sociais, a proteção social, a luta pelos direitos humanos, a produção do conhecimento, a democracia, a liberdade (SILVA, 2016, p. 31).

No Brasil, o Serviço Social afirma-se como profissão, estreitamente integrado em especial ao setor público, reflexo da progressiva ampliação do controle e do âmbito da ação do Estado junto à sociedade civil. Vincula-se também, as organizações patronais privadas, de caráter empresarial, dedicadas às atividades produtivas e à prestação de serviços sociais à população. Nesse período, a profissão se consolida, como parte integrante do aparato estatal e de empresas privadas, e o profissional, como um assalariado a serviço das mesmas, conforme afirma durante entrevista Colaneri:

Assistentes Sociais fortemente envolvidos na ação dos institutos de Previdência, que era muito além do INSS atual. A Segurança do Comerciante, do Industriário, do Bancário, do Transportador, do

Ferroviário, etc., quase todos os Institutos Previdenciários possuíam uma Divisão de Serviço Social importante (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

Nesse sentido, ressalta-se que para este estudo da história do Serviço Social do Comércio – Sesc São Paulo, a partir das memórias:

Não se pode pensar a profissão no processo de reprodução das relações sociais livre das organizações institucionais a que se vincula, como se a atividade profissional se encerrasse em si mesma e seus efeitos sociais derivassem, exclusivamente, da atuação do profissional (Iamamoto e Carvalho, 2014, p. 86).

Na concepção materialista da história, “o significado da profissão só pode ser apreendido no contexto das relações sociais, que são relações de força e expressam interesses antagônicos das personificações do capital e do trabalho” (GUERRA, 2016, p. 288). Ainda nesta direção, segundo Martinelli (2000, p. 66):

A origem do Serviço Social como profissão tem, pois, a marca profunda do capitalismo e do conjunto de variáveis que a ele estão subjacentes – alienação, contradição, antagonismo -, pois foi nesse vasto caudal que ele foi engendrado e desenvolvido.

No Brasil, em suas origens, o Serviço Social está também intensamente vinculado a iniciativas da Igreja, “que imprime o selo do *apostolado* na profissão, desde as protoformas da sua emergência nesta parte do continente” (CASTRO, 2011, p. 18). Observa-se que a estratégia de qualificação do laicato, aqui refiro-me especialmente a sua parcela feminina, vinculada predominantemente aos setores abastados da sociedade, tinha como objetivo dinamizar sua missão política de apostolado social junto às classes subalternas, particularmente junto à família operária.

Os elementos que mais contribuíram para o surgimento do Serviço Social têm origem nos movimentos da Ação Social e da Ação Católica, conforme destaca Castro:

[...] intelectualidade laica, estritamente ligada à hierarquia católica – que propugna, com visão messiânica, a recristianização da sociedade através de um projeto de reforma social”, conforma uma legitimidade à profissão cuja ideologia vincula-se na doutrina social da Igreja (2011, p.47).

Tais bases configuram um caráter missionário ao ofício profissional a partir do princípio da justiça e da caridade na perspectiva do “apostolado social segundo parâmetros técnicos e modernizadores, numa sociedade secularizada, ameaçada pelo liberalismo e comunismo” (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 89-90).

No período em que o Serviço Social transita para sua profissionalização, quando ingressa nos centros de ensino superior e se vincula a instâncias do Estado,

duas encíclicas papais tiveram um papel importante: a encíclica *Rerum Novarum*, divulgada por Leão XIII em 15 de maio de 1891, e a encíclica *Quadragesimo Anno*, divulgada por Pio XI em 15 de maio de 1931.

A encíclica *Rerum Novarum*, Leão XIII (1977, p. 3-4) desde as primeiras linhas, situa-se diretamente a questão operária, destacando que:

[...] os progressos recentes da indústria e os novos caminhos trilhados pelos ofícios, a mudança operada nas relações entre patrões e trabalhadores, o enriquecimento de uns poucos e o empobrecimento da multidão, a maior confiança dos operários em si mesmos e a união com que se juntam entre si e, enfim, a corrupção de costumes fizeram eclodir a guerra.

A encíclica *Rerum Novarum*, ressalta a necessidade de tocar no cerne da questão social, enfatizando que esta tarefa compete à Igreja por conta da relação que existe entre a sua causa e a do bem comum; se posicionando contra os capitalistas ao pronunciar:

Acrescendo o mal, sobreveio a usura voraz que, repetidamente condenada pela sentença da Igreja, prossegue disfarçando sua essência sob formas várias, exercida por homens avaros e ambiciosos. Some-se a isto o fato de que a produção e o comércio de todas as coisas estão quase inteiramente em poucas mãos, de modo que uns quantos homens riquíssimos e opulentos impuseram sobre a multidão inumerável de proletários um jugo que pouco difere da escravidão (LEÃO XIII, 1977, p. 5).

Podemos afirmar que a encíclica tem uma dupla intencionalidade, ressalta que as formas de exploração da força de trabalho assalariada, permitiram a acumulação capitalista, e assim, critica a insensibilidade dos “homens avaros e ambiciosos”. Por outro lado, tem o objetivo de enfrentar as propostas socialistas, defendendo a propriedade privada, pilar das relações de produção capitalistas:

Para remediar estes males, os ‘socialistas’, depois de estimular entre os pobres ódio aos ricos, pretendem liquidar com a propriedade privada, substituindo-a pela coletiva, em que os bens de cada um sejam comuns a todos, respondendo por sua conservação e distribuição os que dirigem o município ou têm em mãos o governo geral do Estado. Eles acreditam solucionar o mal presente com esta transferência dos bens dos particulares para a comunidade, repartindo-os e dividindo-os de forma perfeitamente igual entre os cidadãos. Por isto se vê que o princípio socialista – segundo o qual toda propriedade há de ser comum – deve ser absolutamente rechaçado, porque prejudica aqueles que pretende socorrer, conflita com os direitos naturais dos indivíduos e perturba os deveres do Estado e a tranquilidade comum. Fica claro, pois que, quando se procura a maneira de aliviar os povos, o que é principal, fundamento de tudo, é isto: deve-se preservar intacta a propriedade privada (LEÃO XIII, 1977, p. 6).

Segundo a encíclica, o direito à propriedade é um direito natural que decorre da generosidade divina. Assim o documento descreve:

Quando Deus concedeu a terra em comum a todo o gênero humano, não quis dizer que todos os homens, indistintamente, sejam senhores dela; apenas, Deus não assinalou a nenhum em particular a parcela que deveria possuir, deixando ao esforço dos indivíduos e às leis dos povos a determinação do que cada um particularmente possuiria (*LEÃO XIII*, 1977, p. 9).

Foi com esse discurso que a Igreja Católica justificou por meio da inquestionável vontade divina, a injustiça sobre a terra que consagra o direito à propriedade privada, o direito à renda da terra, no período em que a forma desta renda já se apresentava predominantemente como capitalista.

Assim, a encíclica, que data do último decênio do século passado, elude a desigualdade central que remete à exploração do proletariado e a sua incontornável brutalidade, mesmo que estas fossem tão cruas na Europa de então (como na América Latina de hoje) e mesmo que a subordinação do trabalho ao capital não só acrescesse sofrimentos centenários, mas novos padecimentos que multiplicavam as denúncias à rapacidade capitalista (CASTRO, 2011, p. 54).

A *Rerum Novarum* reconhece a desigualdade, mas em contrapartida, busca o combate aos socialistas, pois segundo eles, atentam contra a ordem natural ao direito da propriedade privada; propõe a Igreja na encíclica, que o correto seria “humanizar” a ação dos capitalistas.

Sustenta-se, portanto, a ideia de que não haverá nenhuma solução sem o recurso à religião e à Igreja, apresentando a seguinte proposta:

Seja, portanto, primeiro princípio e base de tudo: não há outra alternativa senão a de acomodar-se à condição humana; na sociedade civil não pode haver igualdade – há os altos e os baixos. Nem todos são iguais em talento, inteligência, saúde e forças; e à necessária desigualdade destes dons segue-se espontaneamente a desigualdade na fortuna, que é claramente conveniente à utilidade, quer dos particulares, quer da comunidade (*LEÃO XIII*, 1977, p. 15-16).

Assim, a desigualdade não é apenas natural, é conveniente à coletividade. Mas afinal, o que rege o tipo de relações entre os segmentos que a divindade, por um lado, recompensou com abundância, e por outro, condenou à miséria? A encíclica *Rerum Novarum*, destaca:

Na questão que tratamos há um mal elementar: o de supor-se e pensar-se que umas classes da sociedade são, por seu caráter, inimigas de outras, como se a natureza houvesse feito os ricos e os proletários para se guerrearem numa luta perpétua (*LEÃO XIII*, 1977, p. 17).

Se a natureza produziu as classes sociais e se estas são o produto de poderes superiores, então este poder superior, representado pelo papa, pode contrapor que exista conflito entre elas e recusar a luta de classes. Mas, como já discurremos anteriormente, as classes não são produtos naturais, resultam de formas

determinadas de relação social entre os homens e, no capitalismo, das suas desiguais conjunturas em face dos meios de produção, legitima a apropriação privada do excedente socialmente produzido.

Nota-se na encíclica que para que ocorra a harmonia e o acordo entre capitalistas e proletários seja uma realidade, cabe ao operário:

[...] cumprir íntegra e fielmente o trabalho que livre e equitativamente se lhe contratou; jamais prejudicar o capital, nem exercer violência pessoal contra seus patrões; quando defender seus próprios direitos, abster-se do uso da força; nunca preparar sedições, nem participar daquelas dos homens malvados que, enganosamente, prometem muito e despertam esperanças exageradas, e a que quase sempre se seguem um arrependimento inútil e a desgraça (*LEÃO XIII*, 1977, p. 18).

Na encíclica constata-se que a equidade e a liberdade são fórmulas religiosas que nada têm a ver com as relações de exploração que se estabelecem entre o capital e o assalariado. O trabalhador deve aceitar disciplinadamente sua condição de explorado e aos empresários recomenda-se um código de deveres para favorecer a concórdia e a conciliação entre as classes. Segundo Castro (2011, p. 58) “[...] Isto permitiria a identificação dos interesses da classe operária com os da classe capitalista, e a concórdia e a paz poderiam imperar entre “os homens de boa vontade”.

Destacarei mais adiante trechos da Carta da Paz, que apresenta esses elementos com muita evidência e forte influência da igreja que naquela época, recomendava à classe dominante imprimir os deveres da justiça e da caridade; à classe trabalhadora, consolá-la para aceitar sua condição, compreendendo que se as classes atendessem a essas indicações poderiam vivenciar um “verdadeiro amor fraterno”, ou seja, a conciliação entre elas. Recomenda-se ainda, a criação de associações e outras entidades semelhantes, que pudessem atender às necessidades tanto do trabalhador como de sua família, a formação dos operários e o estímulo a obras sociais.

A encíclica, finalmente, traça formas de ação para as classes e o Estado e, em particular, para a própria estrutura organizativa geral da Igreja, sustentando a colocação da reforma social como instrumento político para enfrentar os problemas da época. A partir dela, por consequência, pode-se distinguir não só uma matriz ideológica, mas ainda o perfil de práticas concretas de intervenção social que, como o Serviço Social, a educação, etc., iriam encontrando em suas premissas a forma e o sentido da sua orientação. (CASTRO, 2011, p. 59).

Nesse sentido, a igreja defende o exercício do assistencialismo sob a ótica da conciliação de classes, entendendo que poderia atenuar os “males sociais”. Nesse

período, a demanda de trabalho da/do assistente social não decorre da classe trabalhadora, ou seja, daqueles que são o alvo de seus serviços profissionais, mas, do patronato, que é quem os remunera para atuar junto aos setores dominados.

Os serviços públicos ou privados, são na verdade a devolução à classe trabalhadora de uma parcela mínima de produto por ela criado, mas que não foi apropriado, obviamente com uma nova roupagem: a de serviços ou benefícios sociais. Mas, ao assumirem esta nova forma, aparecem como sendo doados ou fornecidos ao trabalhador pelo poder político ou pelo capital, como expressão da face humanitária do Estado ou da empresa privada.

[...] Os diversos serviços sociais previstos em políticas sociais específicas são a expressão de conquista da classe trabalhadora em sua luta por melhores condições de trabalho e de vida, que são consubstanciadas e ratificadas através da legislação social e trabalhista. A generalização dos serviços sociais expressa, portanto, vitórias da classe operária na luta pelo reconhecimento de sua cidadania na sociedade burguesa, mais do que a manifestação de um possível espírito solidário e humanitário de um caricato Estado de Bem-estar Social (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 99).

Porém, existe um outro lado da mesma questão, ao defrontar-se com o processo de organização da classe operária, o Estado e as classes patronais incorporam como sendo suas, várias reivindicações da classe trabalhadora em sua luta de resistência ao capital e de afirmação de seu papel como classe na sociedade, como a defesa de salários, o direito à educação, à saúde, à cultura, entre outros. No entanto, essas reivindicações, ao serem absorvidas pela Estado e pela classe patronal, através de suas organizações privadas, passam a ser desenvolvidas aos trabalhadores sob forma de benefícios indiretos, organizados e centralizados em instituições assistenciais e, agora, concedidos mediante uma estrutura burocratizada, sob o controle do Estado.

Iamamoto e Carvalho (2014, p. 100) afirmam que: “[...] As expressões de luta de classe se transformam em objetos de assistência social, e os serviços sociais que são expressão de “direitos sociais” dos cidadãos, transmutam-se em matéria-prima da assistência.”

Esse cenário, nos permite, entender que os serviços, de um lado, beneficiam os trabalhadores, como resultante de suas próprias conquistas no sentido de suprir necessidades básicas de sobrevivência, por outro lado, sua implementação, ao ser administrada pela classe capitalista, passa a ser um dos instrumentos políticos de reforço do seu poder, para controlar e prevenir possíveis insubordinações dos

trabalhadores que fujam ao domínio do capital e manter a força de trabalho em condições de ser explorada produtivamente, evitando alterações na política salarial que impactam a lucratividade dos empresários.

Nesse contexto, o Serviço Social, nas palavras de Yamamoto e Carvalho (2014, p. 102): “[...] participa, também, ao lado de outras instituições sociais, das respostas às necessidades legítimas de sobrevivência da classe trabalhadora, em face das suas condições de vida, dadas historicamente.”

A atuação profissional é, geralmente, mediatizada pelos serviços sociais que possibilitam o exercício profissional, mas que são prestados através de aparatos institucionais aos quais a/o assistente social se vincula por meio de um contrato de trabalho.

Por conta do crescente processo de expropriação a que estão submetidos os trabalhadores no movimento de expansão do capital, sua pauperização tende a aumentar em relação ao crescimento desenfreado do capital. Diante da lei de acumulação, o Estado, assume tarefas que objetivam zelar pela reprodução da força de trabalho, não só por meio da legislação específica expressando muitas vezes de ganhos efetivos da classe operária, como também, pela prestação de serviços básicos de organismos estatais, paraestatais ou privados, regulados por meio de políticas sociais. Segundo Yamamoto e Carvalho (2014, p. 109): “[...] Na perspectiva da classe capitalista, a filantropia é redefinida: a “ajuda” passa a ser concebida como investimento, que é o princípio que preside a organização dos serviços sociais. “

Nesse sentido, os serviços sociais para os capitalistas têm um caráter complementar à reprodução da força de trabalho a menor custo, mas para os trabalhadores assalariados, esses serviços são complementares na sua reprodução física, intelectual e espiritual e de sua família, já que a base de sua sobrevivência depende da venda de sua força de trabalho.

Compreende-se, portanto, que as políticas “assistenciais”, de “promoção social” ou de “bem-estar-social”, embora voltadas à classe trabalhadora, reproduzem os interesses dessa classe segundo a visão dos grupos que controlam o Estado, visando integrá-la à ordem estabelecida pelo capital, ou seja, sua permanência na condição de dominada.

Porém, o controle social, não se reduz ao controle governamental e institucional. É também exercido por meio das relações diretas que expressam o poder

de influência de determinados agentes sociais sobre o cotidiano de vida dos sujeitos, entre esses agentes, encontra-se o profissional de Serviço Social.

[...] Devido à proximidade com o usuário, o Assistente Social é tido como agente institucional que centraliza e circula informações sobre a situação social dos clientes para os demais técnicos e para a entidade, e as informações sobre o funcionamento desta para a população (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 121-122).

O Serviço Social, como uma das formas de atuação nas relações do cotidiano da vida social, tem, como instrumento privilegiado de ação, a linguagem, na “qual se efetiva a peculiar ação persuasiva ou de controle por este profissional” (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 122).

É a partir das relações sociais no cotidiano da vida dos sujeitos que a/o assistente social efetiva sua intervenção atuando no campo social a partir de aspectos particulares da situação de vida da classe trabalhadora, referentes à saúde, educação, moradia, relações familiares, entre outros.

Ressalta-se que a organização da produção exerce um controle do trabalhador tanto no interior da fábrica, como também afeta todo o cotidiano do trabalhador, impulsionando um novo tipo de socialização dele e de sua família.

[...] O capital busca estabelecer meios de tutela e normatização da vida do trabalhador fora da fábrica, invadindo sua vida privada. Nesse sentido tem à sua disposição o aparato de Estado, além das próprias iniciativas benemerentes levadas a efeito pela classe patronal (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 127).

Na condição de trabalhador/a assalariado/a, o/a assistente social responde às exigências básicas da entidade que o contrata, portanto, dispõe de relativa autonomia no exercício de suas funções institucionais, mas é corresponsável pela condução das suas atividades e pelas formas que as conduz. Portanto, o/a assistente social pode limitar-se a responder às demandas do empregador, ou em um esforço coletivo junto à categoria, aliada/o aos demais profissionais e aos setores populares, de apresentar outras propostas e efetivar uma nova direção para a intervenção técnica, e é o que temos construído e realizado em nosso espaço sócio-ocupacional.

2. Bases para implantação do Serviço Social

A implantação do Serviço Social, como vimos anteriormente, se dá no decorrer do processo histórico e surge da iniciativa particular de grupos e frações da classe,

que se manifestam, principalmente, por influência da Igreja Católica. A especificidade que reveste o Serviço Social desde sua implantação, se encontra na demanda social que o legitima, mas sua maior especificidade, está na ausência quase total de uma demanda a partir das classes e grupos a que se destina prioritariamente.

Conforme descrevem Yamamoto e Carvalho (2014) a crise do comércio internacional em 1929 e o movimento de outubro de 1930 representam um marco importante na trajetória da sociedade brasileira. Surgem como momentos principais de um processo que leva a uma reorganização das esferas estatal e econômica, acelerando o deslocamento das atividades de agro exportação para outras atividades de realização interna da acumulação capitalista. Nessa conjuntura, a pressão exercida pelo proletariado, permanece constantemente como pano de fundo a partir do qual diferentes atores sociais mobilizam políticas diferenciadas. São essas políticas que demarcam os limites dentro dos quais irá engendrar e atuar o Serviço Social – a caridade e a repressão.

O empresariado chama a atenção do governo, que, ao permitir o aumento do tempo livre do operário, estará atentando contra a base de sua própria dominação. Saliêta que as medidas de legislação social, para não representarem um desafio à dominação, vão além dos equipamentos de lazer e educação formal, exigem como complemento um disciplinamento do tempo conquistado pelo proletariado contra o capital. Isso significa que é necessário que o operário possa cultivar seu lar, ou seja, elevar o proletariado a um padrão ético-moral, a uma racionalidade de comportamento ajustada à interiorização da ordem capitalista industrial.

É nas grandes empresas que os mecanismos assistenciais aparecem de forma mais organizada, sendo os mais comuns as vilas operárias, as creches, os ambulatórios, as escolas, entre outros. É importante ressaltar, que os benefícios são condicionados ao bom comportamento do operário diante das greves e a uma vida pessoal regrada. Assim, embora sempre apareçam sob uma perspectiva paternalista e benemerente, procura incorporar o controle social ao aumento da produtividade e da exploração.

Os historiadores do período, afirmam que a partir da queda da República Velha, inicia-se o segundo ciclo de mobilização do movimento católico laico. A conjuntura política e social presente naquele momento, possibilita à Igreja um vasto campo de intervenção na vida social. Yamamoto e Carvalho (2014, p.165) destacam que: “Ela será chamada a desempenhar um importante papel nos momentos mais críticos para

a estabilidade do novo regime e com ele disputará arduamente a delimitação das áreas e competências de controle social e ideológico.”

Nesse contexto, Igreja e Estado, se unem com a preocupação de preservar e consolidar a ordem e a disciplina social, e, a partir de distintos projetos corporativos, se mobilizam e estabelecem mecanismos de influência e controle a partir das posições da Sociedade Civil que o regime anterior não fora capaz de ocupar.

O papel fundamental da Igreja Católica, é livrar o proletariado das lideranças perturbadoras e ordenar as relações de produção a partir da restauração dos costumes cristãos. Como destacou-se anteriormente, seria necessário harmonizar as classes em conflito e estabelecer entre elas relações de verdadeira amizade, prevalecendo o comunitarismo cristão, para além da regulamentação jurídica do Estado laico.

A Igreja concentra seu ativismo no meio operário com os *Círculos Operários*, que, desde 1932, vinham se desenvolvendo especialmente no Rio Grande do Sul. Esse movimento ganha estrutura nacional e, conta com apoio financeiro e incentivo do Estado e do empresariado, alcançando relativa amplitude. Segundo lamamoto e Carvalho (2014, p.172): “Sua imbricação com o Estado Novo é tão intensa, que praticamente não sobreviverá à sua queda em 1945.”

Vale ressaltar, dois aspectos que contribuíram para a caracterização política e ideológica do movimento católico. O primeiro, é que as instituições através das quais é mobilizado o laicato reproduzem aproximadamente os modelos europeus do início do século. Sua natureza será autoritária, elitista e rigidamente corporativista, inteiramente submetida ao controle da hierarquia. O segundo aspecto, diz respeito à íntima ligação do movimento laico com a Ação Integralista Brasileira (AIB), conhecida como fascismo nacional. Afirmam lamamoto e Carvalho (2014, p.173): “A trilogia integralista – Deus, Pátria e Família – seu visceral anticomunismo e a defesa intransigente da “família e da propriedade” se identificaram plenamente com o espírito do movimento católico.”

Nesse cenário, a Ação Católica passa a desenvolver com maior amplitude sua atividade de apostolado social coincidindo com o crescimento do movimento popular e a radicalização política. Seu desdobramento acontecerá no acordo velado entre a Igreja e o Estado, entre as diferentes facções burguesas, com o objetivo de um projeto comum sob a égide do corporativismo estatal, de integração e controle do movimento

operário, se expandindo no solo da repressão sistemática aos movimentos autônomos do proletariado.

O novo capitalismo encontra um terreno favorável às obras de assistência, preocupado em criar no interior das classes oprimidas, uma adesão ao sistema. Por isso, sua preocupação com o espírito comunitário e caritativo do catolicismo, capaz de traspasar o fundo das consciências para garantir o consentimento e a obediência.

A história nos diz que muitos religiosos estavam presentes no interior de grandes unidades industriais, nas Vilas Operárias, construíam capelas para que os trabalhadores pudessem acompanhar as missas e liturgias, mas na verdade, era uma forma de exercer o controle direto do operariado industrial. Com o apoio patronal, desenvolveram iniciativas assistenciais e organizacionais visando contrapor-se ao sindicalismo autônomo.

As instituições assistenciais que aparecem nesse momento, como a Associação das Senhoras Brasileiras (1920), no Rio de Janeiro, e a Liga das Senhoras Católicas (1923), em São Paulo, são obras que desde o início envolvem os nomes das famílias da grande burguesia paulista e carioca e, às vezes, a própria militância feminina. Possuem um aporte de recursos e muitos contatos em termos de Estado que lhes possibilita o planejamento de obras assistenciais de maior envergadura e eficiência técnica. Essas instituições surgem na primeira fase do movimento de reação católica, da propagação do pensamento social da Igreja e da formação das bases organizacionais e doutrinárias do apostolado laico. Ainda que numa perspectiva inicial de assistência preventiva, “apostolado social”, busca atender e minimizar determinadas sequelas do desenvolvimento capitalista, no que se refere às pessoas vulnerabilizadas, crianças, jovens e mulheres.

A fundação, em 1922, da Confederação Católica, pioneira da Ação Católica, tem em vista centralizar politicamente e dinamizar o início do apostolado laico.

A importância dessas instituições e obras, e de sua centralização, a partir da cúpula da hierarquia, não pode ser subestimada na análise da gênese do Serviço Social no Brasil. Se sua ação concreta é extremamente limitada, se seu conteúdo é assistencial e paternalista, será a partir de seu lento desenvolvimento que se criarão as bases materiais e organizacionais, e principalmente humanas, que a partir da década seguinte permitirão a expansão da Ação Social e o surgimento das primeiras escolas de Serviço Social (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 177).

O que se poderia considerar como protoformas do Serviço Social, tem sua base nessas obras e instituições que são desdobramentos da Ação Social e da Ação

Católica. O Serviço Social, portanto, se constituirá a partir da combinação entre as antigas Obras Sociais e os novos movimentos de apostolado social, principalmente destinados a intervir junto ao proletariado, ambos envolvidos na estrutura do Movimento Laico, impulsionado e controlado pela hierarquia.

O Centro de Estudos e Ação Social de São Paulo - CEAS, considerado como manifestação original do Serviço Social no Brasil, surge em 1932. Com o estímulo e sob o controle da hierarquia, emerge como uma necessidade percebida pelos setores da Ação Social e Ação Católica, tendo o objetivo de tornar mais efetiva as iniciativas e obras promovidas pela filantropia das classes dominantes paulistas com o patrocínio da Igreja visibilizando a mobilização do laicado.

Seu início oficial será a partir do “Curso Intensivo de Formação Social para Moças” promovido pelas Cônegas de Santo Agostinho [...] constituíam-se de jovens formadas nos estabelecimentos religiosos de ensino, representativa expressão feminina das famílias que compõem as diversas frações das classes dominantes e setores abastados aliados (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 178-179).

As atividades do CEAS se dirigiram para a formação técnica especializada de profissionais para a ação social e a difusão da doutrina social da Igreja, que passa a atuar como dinamizador do apostolado laico por meio da organização de associações para moças católicas e para intervenção direta junto ao proletariado. A partir do movimento realizado por esse grupo com o apoio da hierarquia, em 1936, é fundada a primeira Escola de Serviço Social de São Paulo.

Nota-se que a partir desse momento, paralelamente à demanda inicial por quadros habilitados por essa formação técnica especializada, originada da ação católica, percebe-se o aparecimento de um outro tipo de demanda, partindo de algumas instituições estatais. O Instituto de Serviço Social (SP), surgido em 1940 como desmembramento da Escola de Serviço Social, destinava-se à formação de trabalhadores sociais especializados para o Serviço Social do Trabalho.

Já nesse período, alguns autores relatam que foi instituída a concessão de bolsas de estudos a jovens que quisessem matricular-se no Instituto de Serviço Social. Porém, os principais patrocinadores dessas bolsas serão o Estado e as grandes instituições estatais ou paraestatais, ou seja, as prefeituras municipais, o Departamento Nacional da Previdência, a Legião Brasileira de Assistência - LBA, o Serviço Social da Indústria - SESI, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI, o Serviço Social do Comércio - SESC.

É importante situar, no entanto, que ocorre um processo de “mercantilização” dos portadores daquela *formação técnica especializada*, que se traduz em sua força de trabalho que pode ser comprada. [...] O portador dessa qualificação não mais necessariamente será *uma moça da sociedade* devotada ao *apostolado social*. Progressivamente se transformará num componente de Força de Trabalho, possuindo uma determinada qualificação, englobada na divisão social-técnica do trabalho (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 189-190).

Contudo, esse processo não constitui a eliminação do conteúdo doutrinário da formação escolar do Assistente Social, na qual é prontamente apreendido pelo Estado e pelas empresas, afinal, essa formação é funcional às suas necessidades. No entanto, esse cenário se constitui a partir de uma visão histórica dos tipos de instituições que vão surgindo, do momento em que optam por incorporar o Serviço Social, e das transformações gradativas que a formação técnica especializada apresenta no período.

Observa-se que a necessidade de formação técnica especializada para a prática da assistência tem, por um lado, a necessidade particular ao movimento católico e, por outro, enquanto necessidade social envolve o Estado e o empresariado. A visão da possibilidade de profissionalização do apostolado social ocorre sutilmente, conforme as necessidades de colaboradores para as obras particulares, prevendo a demanda de pessoal permanente para as instituições oficiais e patronais, reconhecendo nelas, as únicas instâncias socialmente habilitadas a possibilitar esse empreendimento.

Segundo Iamamoto e Carvalho (2014, p.197): “No decorrer da década de 1940 surgem diversas escolas de serviço social nas capitais dos Estados, sendo que quatorze enviam representação ao I Congresso Brasileiro de Serviço Social, realizado em 1947.” Ao longo desse período, apenas no Rio de Janeiro e em São Paulo, existem Assistentes Sociais diplomados, e mesmo assim, esse número é pouco expressivo. Até o final da década, esses profissionais representam pouco mais de 300 Assistentes Sociais.

Foram os cursos intensivos para auxiliares sociais e as bolsas de estudos mantidas pelas grandes instituições, em 1942, que impulsionaram a formação de Assistentes Sociais que passaram a constituir o quadro de funcionários dessas grandes instituições.

[...] Já nesse momento, para os Assistentes Sociais não se coloca um problema de mercado de trabalho – estando inclusive diversas das pioneiras em cargos de direção e organização, ou de docência – mas de luta pelo reconhecimento da profissão e pela exclusividade, para diplomados, das

inúmeras vagas que se foram abrindo no serviço público ou instituições paraestatais e autarquias, no campo dos serviços sociais. [...] Os relatos existentes sobre as tarefas desenvolvidas pelos primeiros Assistentes Sociais demonstram uma atuação doutrinária e eminentemente assistencial (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 198-200).

Em geral, nas primeiras experiências em Serviço Social de empresa, os Assistentes Sociais atuaram na fundamentação dos serviços assistenciais ou na sua implantação, em atividades de cooperativismo, ajuda mútua e organização de lazeres educativos. Conjuntamente intervieram nos encaminhamentos necessários à obtenção dos benefícios da legislação social junto aos órgãos de Previdência.

As primeiras Assistentes Sociais têm sua ação prática voltada fundamentalmente para a organização da assistência, para a educação popular, e para a pesquisa social. Os usuários dos serviços se constituirão, quase que exclusivamente, nas famílias operárias, especialmente as mulheres e as crianças. As atividades mais desenvolvidas pelas precursoras foram as visitas domiciliares, os encaminhamentos, porém, de pouco impacto na prática, devido à ausência de obras que sustentam essas técnicas. Além disso, realizavam a distribuição de auxílios materiais e a formação moral e doméstica por meio de círculos e cursos.

Na obra "Relações Sociais e Serviço Social no Brasil", de Carvalho e Iamamoto (2014), aparecem as instituições que empregavam Assistentes Sociais, entre 1939-1947, e a cronologia dos campos de trabalho (Quadro 2, p. 209). Em 1946, ano em que o Serviço Social do Comércio – Sesc é instituído, os autores mencionam a presença de Assistentes Sociais, no Sesc e Sesi, o chamado “Sistema S”. No campo de atuação dos Assistentes Sociais formados pela Escola de Serviço Social de São Paulo e pelas Escolas Femininas Católicas de Serviço Social, entre 1947-1949, um número significativo de Assistentes Sociais trabalham no Sesc, Sesi, Senai e Senac, totalizando 34 profissionais (Quadro 3 e 4, pg. 210).

À medida que aprofundam a experimentação empírica dos “problemas sociais”, [...] com maior precisão os Assistentes Sociais veem a necessidade de intervir na crise de “formação moral, intelectual e social” da família. Procuram, portanto, segundo uma perspectiva muito próxima à filantropia tradicional – que tanto criticam – minorar de forma autoritária e paternalista esses problemas de ordem material. [...] Logo, será necessário “começar pela reforma do homem”, despertando-lhe o gosto pela casa; mostrar a necessidade de habitação sadia. Há a necessidade de uma intensa campanha educativa e o aumento da fiscalização sanitária (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 217-218).

Naquele período, somente essa obra de assistência - pessoal, familiar, social – de educação, de orientação, de formação integral da sociedade, de saneamento do

meio, poderá atuar eficazmente sobre os flagelos sociais, como o alcoolismo, a saúde debilitada, a cura efetiva dos doentes e a reabilitação e reajustamento dos incapacitados – as crianças abandonadas, a juventude decaída, entre outros.

Entre os poucos trabalhos existentes sobre Serviço Social na indústria, os Assistentes Sociais reconhecem as condições de trabalho, duração da jornada imperiosa à subsistência, insalubridade, acidentes, entre outros. Conforme afirmam Iamamoto e Carvalho (2014, p.220): “A atividade humana passou a ser considerada como simples mercadoria despojando-a de toda dignidade.”

Para a empresa, o Serviço Social tem como finalidade básica restabelecer uma sociedade, cujos membros atentem para o mesmo fim. Concomitantemente deverá desenvolver seu trabalho no sentido de garantir ao trabalhador e à sua família um nível de vida moral, físico e econômico, e a adequada aplicação das leis trabalhistas para combater o absenteísmo, o relaxamento no trabalho, velar pela moralidade, promover o acordo nos dissídios trabalhistas e adaptar o trabalhador a sua função na empresa. O assistente social, passa a ser o elo entre patrão e operário, sendo o agente de justiça social, de coordenação dos elementos humanos da produção e da aproximação das classes.

O projeto teórico – e as práticas incipientes desenvolvidas – dos Assistentes Sociais orienta-se para a intervenção na reprodução material do proletariado e para sua reprodução enquanto classe. O centro de suas preocupações é a família, base da reprodução material e ideológica da Força de Trabalho (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 224).

Vimos que esse projeto de atuação adota o caráter assistencial. As(os) assistentes sociais, ao atuarem sobre a reprodução material do proletariado, atuam também na sua reprodução enquanto classe, transmitindo e buscando a aceitação para sua visão de mundo e, conseqüentemente, negando qualquer perspectiva desviante de comportamento. Marcante nessa fase, é o componente da formação religiosa dos Assistentes Sociais e de sua vocação a um apostolado social, favorecendo essencialmente a legitimação de seu projeto, intervindo na formação moral e social do proletariado, portanto, em sua consciência, a partir do cotidiano de sua existência.

Ressaltou-se ao longo do texto, que o processo de implantação do Serviço Social está relacionado às profundas transformações econômicas e sociais que a sociedade brasileira atravessa, e a interação de ação dos grupos, classes e

instituições com essas transformações. Por um longo período, o “bloco católico” manteve um certo monopólio na formação dos agentes sociais especializados.

A história do Serviço Social nos possibilita compreender que a partir da origem de classe dos núcleos pioneiros do Serviço Social, podemos deduzir que o modo de ver o mundo e de agir, e o comportamento das primeiras assistentes sociais faz parte da própria ideologia das classes dominantes: “pela origem, fortuna familiar ou capital cultural, que lhes confere uma *superioridade natural* em relação às populações pobres e *legítima* a forma paternalista e autoritária de sua intervenção” (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p.229).

Colaneri em sua narrativa nos confirma a composição desses núcleos que foram pioneiros do Serviço Social no Brasil.

Por sua vez, integrou com outras 4 instituições universitárias o grupo constituinte da formação da PUC SP. Fez parte também o Instituto de Serviço Social fundado em 1940 e posteriormente sucedido pela Faculdade Paulista de Serviço Social. Essas Escolas eram dirigidas por pessoas com vínculos à Diocese de São Paulo. Em sua maioria mulheres oriundas de um estrato social privilegiado, Leopoldina Saraiva, Lucy Montoro, esposa do Governador Montoro, um dos fundadores da Faculdade Paulista de Serviço Social, Juceline Guimarães, irmã do notório do Ulisses Guimarães, entre outras. Quando foi regulamentada a profissão de Assistente Social, essas profissionais intercederam junto ao Ministro do Trabalho - Franco Montoro e o estimularam a regulamentar o exercício da profissão de Assistente Social (umas das primeiras a ser aprovada, quiçá a primeira da área psicossocial).

Essas pessoas notórias na cidade de São Paulo, representavam o pensamento e a ação dos movimentos católicos na assistência e promoção social com o beneplácito da Cúria Metropolitana da Igreja Católica. Foram pioneiros e propiciaram o surgimento do profissional de Serviço Social em nosso país, como também a sistematização da Assistência Social pelos Governos da Nação, do Estado e Município. Meu ilustre Diretor e amigo Professor Francisco de Paula Ferreira, Assistente Social, pela Escola e um dos fundadores do Instituto de Serviço Social, foi o responsável por implantar e dirigir, por muitos anos a Divisão de Serviço Social do Senai, assim como foi Diretor do Serviço Social do Estado e um dos fundadores e dirigente nacional da FEBEM (Colaneri, entrevista concedida em abril de 2022).

Nesse período, observa-se que o capitalismo era visto como ordem natural, as situações conflitivas e a luta de classes aparecem como desvios, havia uma predisposição à apreensão moralizante por meio de categorias abstratas e subjetivas dos problemas sociais, ou seja, a miséria, a pobreza do proletariado, aparecem como uma situação patológica, originária na crise de formação moral desse proletariado e na sua incapacidade de ocupar o lugar e alcançar o bem-estar a que tem direito e que a sociedade lhe reserva.

Portanto, as assistentes sociais, ao pretender atuar sobre a “questão social”, negarão as transformações econômicas e sociais, para atuar sobre seus efeitos. A ação educativa a que se propõe o Serviço Social, aparece visivelmente como uma ação ideológica de ajustamento às relações sociais vigentes. Assim, as(os) assistentes sociais estabelecem uma relação com a população usuária como um ato de humanismo, despido de cidadania histórica e social, sem nenhuma ligação com a correlação de forças sociais e o confronto de classes.

Diante desse contexto, no próximo Capítulo vamos “escovar” o Sesc na história, para compreendermos sua criação e seu desenvolvimento ao longo desse período.

A TRAJETÓRIA DO SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Neste Capítulo, analisarei a documentação do Sesc trazendo elementos que foram capturados no contato com os boletins, as revistas, os relatórios da Associação Comercial, as atas do Conselho Nacional do Sesc e da Confederação Nacional do Comércio. Farei um movimento de apresentar essa história a partir das experiências das pessoas que estiveram e estão trabalhando na instituição.

Apresentarei de maneira analítica o processo de criação do Serviço Social do Comércio que corresponde a um processo de laicização, racionalização e profissionalização da ideia de caridade cristã, do bem comum, que aparece como uma preocupação com o progresso social e com a produção de riquezas.

Para compreendermos o Sesc é fundamental fazermos uma leitura crítica de que em sua trajetória, ele se compõe por um arranjo teórico doutrinário, ou seja, caracterizado pela conexão entre o discurso humanista cristão inspirado na teoria social positivista, *a lógica do caritativismo cristão*, do bem comum. Mas também, composto por um arranjo racional gerencialista doutrinário, *a lógica racional gerencial*, do controle e *a lógica desenvolvimentista*, baseada no crescimento da produção industrial e da infraestrutura, com a participação do Estado e sob seu controle.

Veremos ao longo da construção histórica, que ele faz parte da modernização conservadora e vai incorporando essas várias racionalidades, essas várias lógicas que se mesclam e que em determinados momentos de sua trajetória, uma tem predominância sobre a outra. Ao longo de toda essa história elas se fundem e perceberemos que é como se elas não se combinassem, mas ao mesmo tempo se combinam, nas relações e nas conjunturas, o Sesc vai pulsando com a história entre respostas individuais e coletivas.

Durante o percurso, provoquei reflexões que possibilitaram a conexão de um olhar sensível e profundo, de uma escuta cuidadosa e atenta, que irá escovar essa história relembrando importantes períodos e redescobrimo as transformações ocorridas.

1. A formação sócio-histórica brasileira

Antes de iniciar as reflexões a respeito do desenvolvimento das grandes instituições sociais brasileiras é fundamental ressaltar que o Brasil é um país economicamente adiantado, mas com uma realidade social, política e cultural típica de um país subdesenvolvido, na qual se encontra por toda a parte as heranças do escravismo, autoritarismo, coronelismo e clientelismo. A obra de Caio Prado Júnior nos possibilita compreender a formação da sociedade brasileira, uma nação ainda em construção, em formação inconclusa, a partir do seu passado colonial. Nesse sentido, nos revela as forças sociais que operam na composição e transformação da sociedade nacional.

Para compreendermos os traços da moderna sociedade brasileira, é importante refletirmos sobre três processos centrais em destaque na obra de Caio Prado Júnior, são eles: o sentido da colonização, o peso do regime de trabalho escravo e a peculiaridade do desenvolvimento desigual e combinado.

O sentido da colonização implica em que a formação brasileira se deveu, em primeiro lugar, a sua posição no período mercantilista, quando a colônia se constituiu para fornecer gêneros para o exterior sem atentar às necessidades da população que começa a se formar e a viver na nova terra. Como afirma Caio Prado Júnior em seu importante livro *Formação do Brasil Contemporâneo*:

Se vamos à essência da nossa formação, veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde ouro e diamantes; depois, algodão, e em seguida café, para o comércio europeu. Nada mais que isto. É com tal objetivo, objetivo exterior, voltado para fora do País e sem atenção a considerações que não fossem o interesse daquele comércio, que se organizarão a sociedade e a economia brasileiras. Tudo se disporá naquele sentido: a estrutura, bem como as atividades do país. Virá o branco europeu para especular, realizar um negócio: inverterá sus cabedais e recrutará a mão de obra que precisa: indígenas ou negros importados. Com tais elementos, articulados numa organização puramente produtora, industrial, se constituirá a colônia brasileira. Esse início, cujo caráter se manterá dominante através dos três séculos que vão até o momento em que ora abordamos a história brasileira, se gravará profunda e totalmente nas feições e na vida do país. Haverá resultantes secundárias que tendem para algo de mais elevado; mas elas ainda mal se fazem notar (PRADO JR., 1957, p. 25-26).

O sentido da sociabilidade do poder, da economia, da política e da cultura, estava marcado pelo escravismo. A economia brasileira, mesmo em fases posteriores, continua a mostrar essa face mercantil e voltada para o sistema internacional do capitalismo antes que uma estruturação em bases próprias e nacionais.

O outro ponto destacado pelo autor, é o desenvolvimento desigual e combinado que caracteriza toda formação social brasileira ao longo da Colônia, Império e República. Vamos observar que há uma sucessão e combinação de formas as mais diversas e contraditórias de organização da vida e do trabalho, que se articulam e mais ou menos frouxamente se entrosam entre si em variadas situações.

Nesse contexto, o passado nos parece não só múltiplo, diversificado, mas presente. Portanto, o sentido da colonização, o peso do regime de trabalho escravo e a peculiaridade do desenvolvimento desigual e combinado dão conta de épocas e situações.

Ao longo das várias Repúblicas formadas desde a Abolição da Escravatura e o fim da Monarquia a questão social passou a ser um elemento essencial das formas e dos movimentos da sociedade nacional. As múltiplas modalidades do poder estatal, compreendendo autoritarismo e democracia, defrontam-se com ela e estão presentes nas rupturas políticas ocorridas em 22, 30, 37, 45 e 64.

Para compreendermos a história do Serviço Social do Comércio nos movimentamos pela história do Brasil, e nesse movimento, aqui destacarei brevemente algumas particularidades que terão profundas reverberações na história do país e na história do Sesc.

2. Revolução burguesa e capitalismo dependente

A objetivação do capitalismo no Brasil criou características distintas em face da experiência de outros países. A influência determinante no processo de formação da burguesia e da revolução brasileira, segundo Fernandes, trata-se de:

(...) uma burguesia que teve uma de suas raízes no nexo estrutural entre a escravidão e a acumulação primitiva de capital, que tem de recorrer ainda hoje a certas modalidades pré-capitalistas de acumulação e que não rompeu (e nunca tentou decisivamente romper), com os laços visíveis e invisíveis da dominação indireta (por via do mercado mundial ou, mais tarde, da internacionalização das formas de produção) *não produz socialmente*, dentro e através de suas situações de classe, o impulso coletivo para as grandes reformas (ou revoluções encadeadas) que colocam o desenvolvimento do capitalismo no clímax da história das civilizações. Mesmo que esse impulso se configurasse, psicológica, cultural e socialmente, ela não contaria com base material suficiente para convertê-lo em realidade (FERNANDES, 1982, grifos do autor, p.108).

Deste modo, podemos compreender que no Brasil, dependência e subdesenvolvimento são dimensões subordinadas à esfera do imperialismo, tal como

a burguesia, surgida do desumano processo de transbordamento das relações sociais europeias e que arquitetou uma forma extremamente bárbara de exploração da força de trabalho na colônia.

A objetivação burguesa e do capitalismo no Brasil ocorre em um momento histórico, na qual a bandeira da emancipação sociopolítica não tem mais condições de ser hasteada. Isso transformará o processo revolucionário nativo em uma experiência profundamente conservadora: “[...] As burguesias que só agora chegaram ao vértice de suas possibilidades - e em condições tão difíceis - viram-se patrocinando uma transformação da ordem que perdeu todo o seu significado revolucionário” (FERNANDES, 1975, p. 295).

Sob esses condicionantes históricos, a produção e reprodução social da sociedade brasileira, firmado o desenvolvimento das forças produtivas propriamente capitalistas, transformarão o espaço nacional de rural-agrário em urbano-industrial. Diante desse contexto, estenderão desdobramentos histórico políticos antidemocráticos, antipopulares, anticomunistas, antinacionais e pró-imperialistas, dificultando, em face da rigidez conservadora desses fatores condicionantes, os tímidos ganhos à classe trabalhadora proporcionados pela revolução burguesa. Trata-se da experiência brasileira, de uma revolução burguesa conservadora, em meio ao desenvolvimento das forças produtivas capitalistas no Brasil.

Importante ressaltar a seguinte concepção de Fernandes:

Na acepção em que tomamos o conceito, a Revolução Burguesa denota um conjunto de transformações econômicas, tecnológicas, sociais, psicoculturais e políticas que só se realizam quando o desenvolvimento capitalista atinge o clímax de sua evolução industrial. Há, porém, um ponto de partida e um ponto de chegada, e é extremamente difícil localizar-se o momento em que essa revolução alcança um patamar histórico irreversível, de plena maturidade e, ao mesmo tempo, de consolidação do poder burguês e da dominação burguesa (1975, p. 203).

No caso latino-americano, a sociedade burguesa encontra seus embriões de desenvolvimento nas mudanças e transformações econômicas impostas pelos países centrais do capitalismo no século XIX, e na formação social das colônias de exploração das metrópoles portuguesas e espanholas. De acordo com Fernandes (1975), os conflitos, pressões internas e externas que se apresentaram nesse contexto histórico foram expressões das contradições internas do capitalismo competitivo dependente no Brasil.

Com a ampliação e aprofundamento da ordem social competitiva e da grande indústria correspondente, emerge como resultado histórico a diferenciação crescente

do regime de classes que encontrou barreiras na restauração da democracia restrita no pós-Estado Novo. Essa diferenciação do regime de classes significou o aumento dos setores médios da sociedade brasileira: como os profissionais liberais, servidores públicos, a imprensa brasileira, entre outros; que se organizaram em partidos, sindicatos e associações.

Além disso, a proletarização crescente dos trabalhadores assalariados vinculados diretamente com o desenvolvimento industrial brasileiro, mostram a tendência crescente de polarização da classe trabalhadora como classe em si. Desses setores heterogêneos da população trabalhadora do Brasil, tais como a Liga Camponesa, o movimento estudantil, os sindicatos e os partidos do PCB (censurado e proibido) e PTB, pode-se compreender a elaboração do conjunto de pautas das “Reformas de Base”, sendo destacados os seguintes pontos: reformas estruturais para a ampliação da democracia formal burguesa (sufrágio universal) e autonomia econômica nacional, ou seja, as reformas burguesas da democracia e da soberania nacional, traduzidas na reforma agrária, urbana, educacional, tributária e sistema político.

No entanto, esses setores médios e as organizações da população trabalhadora se localizavam em espaços políticos isolados e fragmentados da sociedade brasileira. Em outros termos, esse conjunto de forças sociais desempenham pressões internas insuficientes para se polarizar como classe social autônoma em nível nacional diante da alta classe burguesa e da classe média dominantes no Brasil.

Mesmo diante dessa conjuntura, observamos mudanças substantivas na legislação trabalhista e no sistema previdenciário no Brasil durante esse período. O modelo implantado na década de 1970 significou a refundação da economia brasileira no entrelaçamento orgânico e estrutural com as grandes corporações do capitalismo monopolista no interior do País. Nos anos de 1964 a 1970, a reforma bancária e monetária foram molas propulsoras para a centralização de capitais, no que se refere à facilidade de créditos para empresas de grande porte.

De 1960 a 1970, o modelo econômico impulsionou mudanças significativas na formação da classe burguesa no Brasil, no sentido de diluir os elementos que davam sustentação para o conflito intraclasses burguesa anterior ao golpe de 1964. O ethos burguês anterior articulava o cosmos patrimonialista herdado pelo passado colonial com o empresário moderno da ordem social competitiva. Entretanto, com o

imperialismo total, a racionalidade burguesa significa uma identidade imediata entre o seu comportamento, mentalidade, enfim, os traços psicossociais com os interesses e necessidades do imperialismo estadunidense. Nas palavras de Fernandes:

[...] Essa reviravolta ideológica e utópica quanto às suas repercussões no plano interno, não só aumenta o grau de alienação filosófica, histórica da burguesia perante os problemas nacionais e sua solução. Ela fortalece a insensibilidade diante deles, na medida em que não perturbem o desenvolvimento capitalista interno nem o “equilíbrio do sistema capitalista mundial”, ou ainda, na medida em que sejam úteis para a intensificação da acumulação capitalista (1975, p. 312).

Nesse sentido, a burguesia brasileira adquire um aspecto cosmopolita que compreende e age diante dos problemas nacionais a partir dos interesses pró-imperialistas. Na realidade, a esfera dentro e fora do país, assim como, capital nacional e capital estrangeiro tornam-se arcaicos.

Contudo, os problemas nacionais não desapareceram, assim como, as contradições internas do capitalismo dependente que repercute no regime de classes não foram superadas; permanece na história brasileira a dependência, mas, nesse momento, penetrada na vida econômica e social brasileira, com a dinâmica das forças sociais, políticas e econômicas do capital monopolista.

O desenvolvimento desse novo padrão de acumulação monopolista de capital no país não extingue as bases constitutivas do subdesenvolvimento, o que revela o retorno crônico e nefasto dos antagonismos de classes.

A industrialização brasileira traz consigo a proletarização crescente da população trabalhadora no Brasil e aprofunda a diferenciação do regime de classes que entra em antagonismo com o circuito fechado do Estado e do mercado, traduzido pela ditadura do capital e da elitização da esfera do consumo de mercadorias.

A dominação burguesa no Brasil somente se concretiza a partir da edificação da estrutura política de segurança. A ascensão do movimento operário estava articulada com o avanço da crise do modelo econômico, na medida que o movimento avançava diante das desigualdades sociais, o modelo econômico entrava numa crise irreversível.

Dessa forma, se manifesta a necessidade de criação dos meios políticos para o funcionamento e pacificação dos antagonismos de classes. Por um lado, abrir espaço político para absorver e manipular as pautas das classes sociais antagônicas, por outro, era indispensável a permanência da autocracia burguesa. No primeiro movimento, havia uma lacuna e abertura política para os conflitos sociais no interior

do Estado. No segundo movimento, a continuidade dos mecanismos de controle, seja nos termos do poder político do Estado, seja nos termos econômicos de um novo ciclo de acumulação capitalista.

Essas reflexões nos permitirão observar a trajetória do Serviço Social do Comércio, que se movimentará historicamente, transcendendo a missão para o qual foi criado.

3. O desenvolvimento de grandes instituições sociais

A década de 1940 significou para o Brasil um período de muitas mudanças no cenário interno e externo: o fim da Segunda Guerra Mundial, o fim do Estado Novo de Getúlio Vargas, a posse de Eurico Gaspar Dutra na presidência da República e o crescimento da industrialização, anunciaram o aprofundamento do modelo corporativista.

Getúlio Vargas governou o Brasil durante 15 anos seguidos, de 1930 a 1945, marcando definitivamente a história política, social e econômica do País. Em 1943, Getúlio Vargas faz uma adaptação aos novos rumos políticos que ameaçavam a sua permanência no poder, anunciando que, tão logo terminasse a guerra, realizaria um plebiscito para consultar os brasileiros sobre os destinos do País. Com isso os ânimos se acalmaram, mas, em princípios de 1945, as manifestações pedindo a redemocratização da vida nacional tornaram-se incontroláveis. Em 18 de abril de 1945, é assinado o decreto-lei nº 7.474, concedendo anistia aos presos políticos da ditadura do Estado Novo. Em 28 de maio, o decreto nº 7.586, estabelece a realização de eleições para o dia 2 de dezembro do mesmo ano e começam as movimentações políticas pela sucessão. Em julho de 1945 retornam da Itália os primeiros pracinhas, findando a II Guerra Mundial.

Assiste-se à lenta erosão na base social da ditadura, que culmina com a deposição de Vargas em 1945. Segundo Vieira (2015, p. 35) “[...] a partir de 1945 as condições reais de exercício da direção do Estado tinham-se alterado profundamente, de modo especial devido ao envolvimento das massas populares na luta política, gerando forte pressão sobre o poder.” Nosso objetivo não é entrar nos detalhes, mas apresentaremos alguns elementos do processo de deposição de Vargas. O primeiro elemento é o reaparecimento do movimento operário, as suas primeiras grandes

manifestações impulsionam a luta antifascista, passando pela organização aberta de entidades representativas, como o Movimento Unificado dos Trabalhadores (MUT), que surge em 1943. É importante ressaltar, que a ditadura varguista, procura adaptar-se à nova situação interna e internacional e busca atrair o movimento popular democrático antifascista, no sentido de viabilizar um processo de transição que mantivesse no essencial o modelo de dominação. Assim, diante desse quadro é permitida a existência legal do MUT e há um relaxamento dos mecanismos de controle sindical e enquadramento dos demais aspectos ligados à existência do operariado.

Essa conjuntura impulsiona o recrudescimento da luta reivindicatória, que passa a se manifestar com intensidade depois de quase uma década de achatamento salarial, agravado inclusive pelo esforço de guerra.

[...] Começa, assim, a consolidar-se no plano da organização do movimento operário uma vanguarda autônoma em relação aos mecanismos de enquadramento do Ministério do Trabalho. Ao mesmo tempo, diversos movimentos com forte conteúdo popular, como o movimento pela Constituinte, o *queremismo* etc., radicalizam o quadro político, marcando neste a presença e peso dos setores populares, o que se constituirá numa constante até 1947 (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 261).

Conforme destaca Vieira (2015, p. 35): “Com o fim do Estado Novo, portanto, a atuação das massas populares das cidades passa a ser muito mais significativa do que em qualquer outra época anterior, dando destaque aos líderes populistas.”

Importante destacar, que outro aspecto se refere aos mecanismos de enquadramento das classes e frações de classe dominadas, e a necessidade de sua reorganização dentro da nova estrutura de poder. Tem por característica uma organização democrática formal: eleições periódicas, independência dos poderes, e a manutenção da estrutura corporativa e da legislação coercitiva para a classe operária, com o objetivo de conter seus movimentos.

Ainda nesse período, conquistamos o voto universal e secreto a partir da *democratização* pós-Estado Novo e a existência de um Congresso com considerável margem de atuação demarcada pela nova Constituição de 1946, o que possibilita, no decorrer do chamado período populista (1946-1964), uma intensificação da vida política abrindo espaço para a participação dos setores dominados. Porém, esse espaço político será delimitado, explicitando-se os limites do liberalismo da nova organização do poder de classe: já em 1946 o Movimento Unificado dos Trabalhadores será proibido e o movimento sindical archoado com intervenções do Ministério do Trabalho nos sindicatos mais combativos; em 1947, com o início da

Guerra Fria, o Partido Comunista será colocado na ilegalidade e seus membros e dirigentes perseguidos.

Embora ocorra vários limites impostos à participação política dos trabalhadores, a desmoralização e o desmoronamento de uma série de mecanismos de controle, a atenuação da repressão e, especialmente, a necessidade de legitimação do poder junto às grandes massas da população urbana, via processo eleitoral, fazem com que a redemocratização de 1945 represente um momento importantíssimo para a redefinição das formas de dominação política que se inicia na década de 1930.

Com o fim do Estado Novo observa-se o adensamento das novas forças sociais juntamente com o crescimento das atividades produtivas urbanas e a continuidade da acumulação capitalista exige que esses setores sejam mantidos gradativamente em estado de carência, ou seja, a ampliação da acumulação afetando diretamente o aumento da miséria relativa da população trabalhadora e do aprofundamento de sua subordinação ao capital.

Nota-se, a partir desse momento, uma política econômica que se coloca nitidamente a serviço da industrialização, procurando reverter para esse polo os mecanismos econômicos. Como mencionou-se, cria-se uma nova dimensão política, que se traduz na necessidade de absorver e controlar esses novos setores que crescem aceleradamente a partir desses surtos de industrialização e da consolidação progressiva do polo industrial como centro motor da acumulação capitalista.

Diante desse contexto:

[...] o Estado procura a integração e mobilização controladas dos trabalhadores urbanos pela incorporação progressiva e falsificação burocrática de suas reivindicações e aspirações. A *paz social* do Estado corporativo pressupõe, assim, o surgimento constante de novas instituições - Seguro Social, Justiça do Trabalho, Salário-Mínimo, Assistência Social etc.- que aparecem em conjunturas determinadas como respostas ao desenvolvimento real ou potencial das contradições geradas pelo aprofundamento do modo de produção que atinjam o equilíbrio das relações de força. O desenvolvimento da Legislação Social e as Instituições de Previdência e Assistência Social são ilustrativas desse processo (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 252).

Nesse cenário, observa-se que o usufruto da legislação minimamente protetora está condicionado ao atrelamento do movimento operário ao aparelho de Estado, afinal, a capacidade de reivindicação está submetida a uma complexa rede de normas burocráticas controladas diretamente pelo Ministério do Trabalho, desmobilizando os sindicatos e fazendo com que o proletariado deixe de se interessar por eles como

instrumento de defesa de seus interesses comuns, acelerando o esvaziamento dessas entidades.

Os sindicatos nesse período, não podem organizar e liderar lutas, mas são crescentemente dotados de equipamentos assistenciais, aos quais se destacam os Departamentos Jurídicos, que velam pelo respeito aos direitos dos seus associados.

As instituições assistenciais e previdenciárias: saúde pública, seguro social, entre outros, começam a se desenvolver a partir da década de 1920 pela ação estatal, na tentativa de responder à pressão das novas forças sociais urbanas, tomando mais força na década de 1930 como resposta às necessidades do processo de industrialização e do aprofundamento do modo de produção capitalista.

Também nesse período, destaca-se a presença do IDORT – Instituto de Organização Racional do Trabalho, fundado em 1931, por um grupo de 92 associados que manifestavam na época interesse explícito para os grandes projetos de modernização do País, “passando a se movimentar na direção e no ritmo dos interesses dominantes, onde o conhecimento e a conformação do processo de trabalho e da força de trabalho foram de fundamental importância.” Antonacci (1987, p.76).

Nesse contexto, “o papel das instituições sociais e assistenciais como instrumento de dominação e enquadramento político é reafirmado e tem importância crescente, marca do novo “espírito social” do capitalismo” (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p.262). Assim, com o recrudescimento das políticas assistencialistas e com a articulação de um novo modelo de dominação política, se fortalece um projeto integrador como mecanismo de reprodução da dominação, que enfrenta permanentemente pontos críticos, tendo como uma das opções, o reforço do assistencialismo como instrumento político.

A principal característica dessas instituições “será a de propiciar benefícios assistenciais indiretos ao exército ativo de trabalho, assim como manter uma parcela da Força de Trabalho exaurida ou mutilada no processo de trabalho” (IAMAMOTO E CARVALHO, 2014, p.255). Constata-se que a abrangência crescente de: seguro, aposentadoria, pensões, atenção médica, ensino, lazer, entre outros, permitirá uma ampliada atuação sobre as sequelas da exploração capitalista, mantendo intactas as condições em que ela se realiza e a situação de carência do proletariado, que é abrandada apenas em seus aspectos mais chamativos.

Assim, as políticas sociais, “atuam como deslocadoras das contradições que se dão no nível das relações de produção, reproduzindo e projetando essas contradições ao nível das instituições assistenciais e previdenciárias” (IAMAMOTO E CARVALHO, 2014, p.256).

As instituições sociais e assistenciais transformam-se em instrumento de controle social e político dos setores dominados e de manutenção do sistema de produção. É por meio da fetichização dos direitos e benefícios, que são uma parcela insignificante do valor produzido pela classe operária e apropriado pelo capital e pelo Estado, que se conseguirá estabelecer mecanismos eficazes de enquadramento das massas urbanas, especialmente dos segmentos incorporados ao trabalho industrial.

Nota-se que as instituições mais antigas, os Institutos e as Caixas de Pensões e Aposentadorias, não foram as que incorporaram de forma mais abrangente o Serviço Social, como uma atividade de profissionais formados em escolas especializadas. Quando do surgimento das Escolas de Serviço Social, estas instituições, por se constituírem em estruturas relativamente complexas em seu processo de formação, já haviam criado em seus quadros de funcionários funções cuja especialização se assemelhava à que poderia ser desenvolvida por um/uma assistente social. Após a criação das primeiras Escolas de Serviço Social, com o aprofundamento das contradições desencadeadas a partir da Segunda Guerra Mundial e à crise política e social que precede a desagregação do Estado Novo, é que as grandes instituições sociais implantadas aproveitaram de forma mais generalizada e imediata a existência desse(a) trabalhador(a) especializado(a).

A partir da pressão da burguesia industrial e da intensificação da intervenção do Estado no mercado de trabalho, constata-se o bloqueio da já reduzida capacidade de reivindicação dos sindicatos operários, e a restrição da aplicação de aspectos importantes da legislação trabalhista.

Nesse momento, o Estado lança uma campanha que tem por objetivo buscar o apoio da população para o esforço de guerra, assim, é nesse engajamento do país que surge a primeira campanha assistencialista de âmbito nacional, a Legião Brasileira de Assistência (LBA), cujas características discorreremos mais adiante. Nesse mesmo ano, 1942, surge o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) respondendo à necessidade básica de qualificação da força de trabalho necessária à expansão industrial.

É importante ressaltar que a desmoralização dos Círculos Operários e de outras formas de intervenção no movimento operário, contribuíram significativamente para o surgimento de outras instituições assistenciais, como o SESI e a Fundação Leão XIII, no Rio de Janeiro. Estas entidades serão as primeiras a contratarem os novos trabalhadores especializados no atendimento às populações vulnerabilizadas.

[...]a implantação e desenvolvimento das grandes instituições sociais e assistenciais criarão as condições para a existência de um crescente mercado de trabalho para o campo das profissões de *cunho social*, permitindo um desenvolvimento rápido de ensino especializado de Serviço Social. Paralelamente, implicará um processo de legitimação e institucionalização da profissão e dos profissionais do Serviço Social (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 263).

Conforme relatou-se anteriormente, a primeira grande instituição nacional de assistência social, a Legião Brasileira de Assistência - LBA, tem por objetivo “prover as necessidades das famílias cujos chefes tenham sido mobilizados, e, ainda, prestar decidido concurso ao governo em tudo que se relaciona ao esforço de guerra” (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p.265). A instituição surge a partir de iniciativa de particulares, mas é encampada e financiada pelo governo, contando com o apoio das grandes corporações patronais, como a Confederação Nacional da Indústria e a Associação Comercial do Brasil, além do concurso das senhoras da sociedade. Sua organização está fortemente ligada às profundas transformações decorrentes do colapso do comércio internacional, que aceleraram o processo de aprofundamento do capitalismo.

A partir da assistência às famílias dos convocados para a guerra, a LBA começa a atuar em praticamente todas as áreas de assistência social, visando a um programa de ação permanente. Assim, se estabelecerá em um mecanismo de grande impacto para a reorganização e incremento do aparelho assistencial privado e o desenvolvimento do Serviço Social como elemento dinamizador e racionalizador da assistência.

Na condução do seu objetivo de trabalhar em favor do progresso do Serviço Social, oferecerá um real apoio às escolas especializadas existentes e estimulará a criação do sistema de bolsas de estudo e a distribuição de recursos financeiros, viabilizando o surgimento de escolas de Serviço Social nas capitais de diversos Estados, atuando em convênio com os movimentos de ação social e ação católica.

Constituindo-se na primeira campanha assistencial de nível nacional, como já mencionamos, a Legião Brasileira de Assistência será de grande importância para a

implantação e institucionalização do Serviço Social, colaborando em diversos níveis para a organização, expansão e interiorização da rede de obras assistenciais, incorporando e consolidando nestas os princípios do Serviço Social, e a concretização e expansão do ensino especializado de Serviço Social e do número de trabalhadores sociais.

Em 1946 é criado o Serviço Social do Comércio (SESC), que surge através do Decreto-lei Federal 9.853 e que atribui a uma entidade de classe, a Confederação Nacional do Comércio, a função de geri-la. Assim como o SENAI, o SESC está entre as primeiras grandes instituições a incorporar e teorizar o Serviço Social não apenas enquanto serviços assistenciais corporificados, mas enquanto processos postos em prática, para a obtenção de fins determinados que veremos em breve.

Observa-se que no caso dessas instituições, o Estado, como centro de decisões age relativamente com autonomia orientado para a manutenção do equilíbrio do sistema indispensável à acumulação capitalista, não atuará apenas como receptor das pressões do empresariado para que assuma inteiramente os encargos desse empreendimento.

O desenvolvimento da produção capitalista impulsiona novas necessidades da produção, que suscitam, novas necessidades que o operário precisa satisfazer para se reproduzir enquanto Força de Trabalho. Diante desse quadro, o desgaste da força de trabalho produzida deve ser controlado, assim, a saúde se transforma em uma necessidade social, a fim de reduzir os custos de sua produção.

Há, aí, uma mudança qualitativa no comportamento *assistencial* do Estado e do empresariado em relação ao proletariado. As atitudes aparentemente paternalistas – absolutamente não desprovidas de interesse econômico – que geralmente procuravam responder, até mesmo preventivamente, e desvirtuar em seu conteúdo a pressão reivindicatória, devem ceder o lugar a uma política mais global, representativa de uma nova racionalidade. Educação e saúde, principalmente, aparecem como *consumo produtivo* na produção, conservação e reprodução de homens enquanto Força de Trabalho do capital (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 271, grifos dos autores).

A implantação do chamado “Sistema S”, e aqui destacamos o Sesc, aparece visivelmente como elemento constitutivo desse processo de aprofundamento do capitalismo no Brasil e submetido a essa nova racionalidade, através da qual deve ser conduzida a “questão social” e as novas necessidades geradas por aquele aprofundamento.

Dentre os vários quadros técnicos que serão cooptados pela iniciativa, o Assistente Social, embora em pequeno número, terá um lugar de destaque. No caso

do Senai, uma das primeiras grandes instituições sociais gerida diretamente pela burguesia industrial, destaca dois elementos: a ação ideológica de ajustamento e a coordenação da utilização dos serviços assistenciais corporativos.

Na tentativa de dar respostas à questão social serão implementados:

[...] serviços sociais nas escolas mantidas pela instituição. A formação técnica aliada à educação social e moral – concomitante à prestação de serviços socioassistenciais (médico-odontológicos e alimentares) – da Força de Trabalho juvenil, será denominada, por seus implementadores, pedagogia integral, forma desenvolvida de educação popular (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 277).

Nota-se que há claramente uma discrepância entre as proposições teóricas do Serviço Social e o que se pode concretamente propor ou realizar, mas é fundamental observarmos a existência de um processo de adequação do discurso mais tradicional e integrista do Serviço Social à realidade do capitalismo urbano-industrial.

Nesse processo, observamos na formação dos grandes centros urbano-industriais, um processo cujos resultados são devastadores, reproduzindo um discurso determinista em que o progresso da sociedade se faz acompanhar, inevitavelmente, da miséria do proletariado e seu ajustamento ao aprofundamento do modo de produção.

Constata-se que o desenvolvimento capitalista, vislumbrado somente como desenvolvimento necessário da sociedade provocando o agravamento da questão social e a negação ideológica de alternativas não capitalistas, estará no centro dessa questão. Esse processo, possibilitará à formação cristã-humanista da/o Assistente Social e a solidificação da adesão ideológica à racionalidade capitalista.

Nesse contexto, abordarei a seguir, especificamente, a criação do Sesc no limiar de um novo ciclo de expansão capitalista da formação econômico-social brasileira, aparecendo, enquanto instituição, claramente determinada por aquela conjuntura.

4. A gênese do Serviço Social Comércio: Carta da Paz Social

O período da história social apresentado anteriormente é marcado por importantes transformações no nível econômico, social e político.

Após o período de crise cujo ápice se dá em 1939, assiste-se a uma intensa retomada do aprofundamento capitalista, seja no âmbito da expansão da produção

industrial, como no de outras atividades produtivas de realização interna e da agro exportação.

Diante desse contexto, se evidenciou a necessidade de um plano de ação social, que do ponto de vista dos empresários, diminuísse ou neutralizasse uma possível onda de greves e manifestações operárias em todo o país.

Assim, no intuito de corresponder a necessidades sociais urgentes, que atingiam igualmente os trabalhadores do campo e os da cidade, carentes de bem-estar e igualdade de oportunidades, os empregadores propuseram-se a criar um Fundo Social, aplicável em obras e serviços que beneficiassem os empregados de todas as categorias, bem como na prestação da assistência social em geral (Magalhães e Martin, 2013, p. 57-58).

O Brasil, na época, dava continuidade ao processo de urbanização, iniciado no período ditatorial. São Paulo, nesse período, já era uma metrópole ativa e cosmopolita.

Mas a expansão da acumulação do capital não é linear: vai abarcando progressivamente diversos ramos da produção. Ao atingir a agricultura, tende a reduzir a demanda da população trabalhadora rural [...] Uma das alternativas que se afigura à população é a migração para os centros urbanos. O fluxo para as cidades supõe, no campo, a existência de uma *superpopulação latente constante* (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 68, grifos dos autores).

Contudo, a crescente migração de contingentes populacionais do campo para as cidades trazia muitos desafios e aumentava as tensões sociais. A população sofria com a precária infraestrutura urbana. “Amontoam-se em bairros insalubres junto às aglomerações industriais, em casas infectas, sendo muito frequente a carência – ou mesmo falta absoluta – de água, esgoto e luz” (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 137) e o Estado não respondia às crescentes demandas. Além disso,

[...] a população sofre com a falta de infraestrutura nos transportes, no saneamento, na habitação. [...] Faltam hospitais e postos de saúde [...] Morre-se ainda de tuberculose e de malária e a paralisia infantil faz milhares de vítimas [...] Faltam escolas e moradias (SESC 1997, p. 25).

Ressaltam Iamamoto e Carvalho:

A nova qualidade que assume a questão social nos grandes centros urbano-industriais deriva, assim, do crescimento numérico do proletariado, da solidificação dos laços de solidariedade política e ideológica que perpassam seu conjunto, base para a construção e para a *possibilidade* objetiva e subjetiva de um projeto alternativo à dominação burguesa (2014, p. 135).

Os autores seguem suas análises afirmando que:

Historicamente, passa-se da caridade tradicional levada a efeito por tímidas e pulverizadas iniciativas das classes dominantes, nas suas diversas manifestações filantrópicas, para a centralização e racionalização da

atividade assistencial e de prestação de serviços sociais pelo Estado, à medida que se amplia o contingente da classe trabalhadora e sua presença política na sociedade (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p. 85).

Foi nesse contexto histórico, com o advento da nova fase de liberal-democracia no Brasil, com todos os ingredientes populistas e nacionalistas, que em 6 de maio de 1945, as lideranças empresariais do comércio, indústria e agricultura, reuniram-se na cidade de Teresópolis (RJ) para a Primeira Conferência das Classes Produtoras do Brasil - Conclap.



Encerramento da Conferência das Classes Produtoras do Brasil. Teresópolis, RJ, em 1945.
Foto: Acervo do Centro de Memória do Sistema FIEMG.

Segundo o SESC (2012, p. 3), "naquele encontro, um grupo representativo do empresariado brasileiro discutiu não somente o Estado, a ordem econômica e os meios para o desenvolvimento da atividade produtiva, mas também as políticas em favor do bem-estar-social".

Analisando o cenário, o que de fato preocupava o empresariado nacional naquele contexto histórico era a possibilidade de que o Brasil, não suportasse agitações trabalhistas e os consequentes entraves ao desenvolvimento do capital. Segundo Iamamoto e Carvalho (2014, p. 73): "A classe capitalista, zelosa de seus interesses, cuida para que as conquistas da classe trabalhadora não afetem visceralmente a continuidade da vida do capital."

Então, na I Conferência Nacional das Classes Produtoras, elaborou-se e aprovou-se a Carta da Paz Social, que somente em 1946, já decorridos oito meses do encerramento da conferência, foi tornada pública em sua redação final. Ao ser empossado como presidente da primeira diretoria da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo - CNC, em 10 de janeiro de 1946, João Daudt d'Oliveira, que também presidira a I Conclap, registrou em sua exposição:

É um documento altamente expressivo do espírito de solidariedade e do realismo amadurecido dos homens de empresa brasileiros desta geração. Ela

deverá contribuir para harmonizar e pacificar o capital e o trabalho em nosso país, em um plano superior de entendimento recíproco. Com ela, nos apresentamos ante os empregados, convidando-os a fundar, sobre base sólida, uma política de mútua compreensão e de respeito recíproco (SESC, 2012, p.8).

Podemos afirmar que o discurso de João Daudt d'Oliveira, deixa claro os mecanismos institucionais mobilizados pela burguesia “[...] no exercício do controle social e na ideologia da classe dominante junto à classe trabalhadora” (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014, p.101).

O documento em questão, a Carta da Paz Social, marca o início de novas formas de promoção, pelas classes patronais, da assistência social e da qualificação dos trabalhadores.



João Daudt d'Oliveira (sentado ao centro) durante a assinatura da Carta da Paz Social
Foto: Acervo Confederação Nacional do Comércio

Nas palavras de Padula compreendemos a importância do documento para o Sesc:

Então, a gente se identificava, porque o treinamento do Sesc logo no início, era a leitura da Carta da Paz Social e os fundamentos da instituição. (Padula, entrevista concedida em março de 2022).

Para o Serviço Social do Comércio – Sesc, a importância do documento histórico que foi reeditado em 2012 se relaciona à criação dos serviços sociais que se fortaleceu nesse período. “Nela os signatários assumiram o compromisso público de oferecer ao país, com recursos próprios, uma expressiva contribuição para minorar os problemas sociais que afligiam todos os brasileiros” (MAGALHÃES e MARTIN, 2013, p. 58).

Portanto, faz-se necessário, resgatar o conteúdo desse documento possibilitando-nos reconstruir essa história, mantendo vivo pela memória o permanente reencontro do trabalho profissional da/do assistente social frente aos princípios que deram origem à instituição.

Assim, destacamos alguns trechos da Carta da Paz Social:

Com o propósito, e na convicção de que nada será conseguido sem o mais estreito entendimento entre empregadores e empregados, o qual permita a aqueles o exercício livre e estável de suas atividades e a estes uma existência digna e a crescente participação na riqueza produtiva, solenemente assumem o compromisso [...] A manutenção da democracia política e econômica e o aperfeiçoamento de suas instituições são considerados essenciais aos objetivos da felicidade social e à dignidade humana. O **capital** não deve ser considerado apenas instrumento **produtor de lucro**, mas, principalmente, meio de **expansão econômica e bem-estar coletivo**. O trabalho é um direito de cada um a participar na vida social e um dever de para ela contribuir com o melhor de suas aptidões. [...] Confiando na **solidariedade** dos elementos que contribuem para a grandeza do Brasil em toda a vastidão do seu território, os signatários desta Carta esperam que, em um clima de **cooperação, fraternidade e respeito recíproco**, e na **união** de todas as forças vivas e conscientes da nação, será possível estabelecer liberdades públicas, **manter o equilíbrio social** e conquistar para a nossa Pátria o **respeito** e a admiração de todos os povos (SESC, 2012, p.11-18, grifos nosso).

Observa-se que a Carta da Paz Social, conforme palavras destacadas em negrito, reproduz fortemente o pensamento da classe burguesa, do Capital, apresenta traços do pensamento da Igreja Católica, representando elementos da produção social, essencialmente histórica, ou seja, a produção capitalista.

Magalhães e Martin (2013, p. 59) destacam que "os princípios norteadores da Carta da Paz Social propunham a criação de organismos a serem mantidos com a contribuição patronal e dedicados especificamente ao serviço social em benefício dos trabalhadores." Porém, para que tais princípios pudessem se realizar, foi necessário aguardar a eleição em dezembro de 1945, de Eurico Gaspar Dutra, que deu início à nova fase democrática no Brasil.

Segundo Iamamoto e Carvalho (2014, p. 109):

Dentro da ótica do capital, os serviços sociais tornam-se, ainda, um reforço para a garantia dos elevados níveis de produtividade do trabalho exigidos pela elevação da composição orgânica do capital. Contribuem para manter um equilíbrio psicofísico do trabalhador, canalizando e antecipando a emergência de focos de tensão, que afetem a paz social necessária à potencialização do processo de exploração do trabalho.

Acrescentam ainda Iamamoto e Carvalho (2014, p.144):

O patronato, a burguesia industrial que solidifica sua organização enquanto classe no período em foco, estará firmemente ancorado nos princípios do liberalismo do mercado de trabalho e privatismo da relação de compra e venda da força de trabalho, como pressuposto essencial de sua taxa de lucro e acumulação. Toda a sua força política – principalmente nos momentos em que cresce a pressão pela regulamentação social da exploração da força de trabalho – estará voltada para a manutenção desse estatuto.

Assim, é importante assinalar que a preocupação pelo empresariado com o social, representa a adaptação à nova fase de aprofundamento do capitalismo sob

uma conjuntura política diferenciada e sua adesão às novas formas de dominação e controle do movimento operário.

5. Marcos significativos na formação do Serviço Social do Comércio – Sesc

Para situar a criação do Serviço Social do Comércio – Sesc procuraremos apreender o movimento no qual e através do qual a instituição foi constituída historicamente.

Nessa perspectiva, apresentamos dois sujeitos centrais nessa história: João Daudt d'Oliveira (empresário, político, apoiador do Governo de Getúlio Vargas) e Alceu Amoroso Lima (crítico literário, influenciador nos projetos de educação católica, figura exponencial da intelectualidade e do movimento laico católico).



João Daudt d'Oliveira
Fotos: Acervo Sesc Memórias



Alceu Amoroso Lima

A parceria entre os dois sobre os projetos católicos de intervenção na vida social, tem origem na ideia de como entendem o serviço social e do papel que ele pode desempenhar para o progresso da sociedade brasileira.

Conforme destaca o Diário Carioca, de 30 de janeiro de 1947, João Daudt de Oliveira em seu discurso na 1ª reunião do Conselho Nacional do Sesc, define quais são os meios de atuação da organização:

Com este espírito, acrescentamos dois passos decisivos no programa das classes produtoras no setor do comércio, o SENAC e o SESC. Aquele para cobrir as deficiências do sistema oficial de educação para os comerciários, este para suprir as falhas da assistência social sob todos os aspectos.

É importante percebermos qual a relação que João Daudt de Oliveira estabelece com a tradição católica:

Deixemos bem claro que não se trata de filantropia, mas de serviço social. Certo, em todos os nossos atos devemos inspirarmos pelo carinho do caso individual, pelo amor ao próximo, pela solidariedade cristã, que dão autenticidade e força a verdadeira filantropia e ao serviço social. [...] Com esta inspiração cristã, porém, não nos movemos num ato isolado de filantropia mas numa atitude sistemática de combate aos males que estão retardando o progresso do nosso povo. Cumpre encarar os problemas sociais como problemas de massa e como problemas de estrutura (Diário Carioca, de 30 de janeiro de 1947).

Observa-se em seu discurso que a herança católica ainda é uma inspiração para a ação social. Nesse período, o Sesc estabelece como uma de suas prioridades, a alfabetização dos trabalhadores do comércio e a parceria estabelecida com a arquidiocese do Rio de Janeiro, destinando às ações da igreja católica, doações para o desenvolvimento do que se entende por serviço social.

A Confederação Nacional dos Operários Católicos, fundada em 1931 e, em especial a Ação Católica, fundada em 1935, desenvolve uma ação com grupos de estudantes universitários que subiam os morros do Rio de Janeiro e faziam grupos de estudos e de trabalho junto com os operários nos bairros populares estabelecendo uma rotina de educação não formal, na tentativa de socializar conceitos básicos de higiene, conceitos necessários no entendimento da época, essenciais para se conseguir um emprego. Essa prática, bastante recorrente na década de 30, formou-se com o campo de estudo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC Rio, sendo Alceu Amoroso Lima, um dos fundadores da universidade e do curso de Serviço Social.

Nota-se que a Ação Social Arquidiocesana tinha o compromisso de alfabetizar os trabalhadores do comércio; a Pontifícia Universidade Católica, o papel de formar as(os) assistentes sociais, e o Sesc nos primeiros anos de atuação, concede bolsas de estudos aos interessados no curso de Serviço Social que futuramente trabalharão na organização.

Em entrevista realizada em 1980, no Programa Canal Livre, Alceu Amoroso Lima afirma que:

É a Teologia que realiza aquilo que Marx situou no centro de sua concepção filosófica. Marx dizia que os filósofos tratavam de investigar a História e que a Filosofia devia procurar modificar a sociedade, mudar a História. É exatamente o que se procura fazer agora através da Teologia da Libertação, que é a verdadeira mensagem divina, mensagem de Deus, mensagem de Cristo, que não trata apenas da Igreja voltada para a salvação individual das almas, depois da morte, mas da Igreja social, **da justiça e da paz**. [...] Assim, a meu ver, a Teologia da Libertação não pretende, de forma alguma, que a Igreja assuma as funções do Estado ou desempenhe funções estranhas à sua missão, mas, ao contrário, demonstrar que a pregação da **justiça social**

faz parte dessa missão, como no que se refere à transformação das instituições e no combate às iniquidades (**grifos nosso**).

Por sua militância leiga, se o materialismo histórico era certamente um desvio, nem por isso a ganância capitalista se revelava um sentimento piedoso. Liberdade e justiça seriam, portanto, dois polos indissociáveis da mensagem cristã – ao contrário da autoridade, que a elas se submete:

Só descobri a liberdade depois de uma meditação sobre mim mesmo, depois de minha reconversão. Eu estava cansado do liberalismo, cansado da dúvida, da procura da verdade em Hegel, em Bergson. Em Marx eu nunca procurei realmente. Nunca me seduziu Marx. Sempre achei Marx de um radicalismo unilateral que me repugnava. Eu sempre fui muito da disponibilidade, do sibaritismo intelectual. Um Gide, por exemplo, um Anatole France tiveram uma influência infinitamente maior em mim do que um Marx ou qualquer outro socialista (LIMA, 1980).

Para Alceu Amoroso Lima, o Serviço Social é o elo com a ação que o Sesc desenvolverá, em primeiro lugar, no que diz respeito a evitar conflitos, da mesma forma, como o Sesc oferece uma qualidade de vida que contribui para manter o trabalhador satisfeito com o seu local de trabalho. Essa concepção do serviço social na época, é iniciada nos ciclos operários, uma experiência primária não sistemática, como é o caso do Sesc, de criação de uma rede de assistência médica e da oferta de formações profissionais.

É importante entendermos do ponto de vista do empresariado qual seria o interesse pelo serviço social. Nesse sentido, o I Congresso Brasileiro de Economia, que ocorreu no período de 25 de novembro a 18 de dezembro de 1943, no Rio de Janeiro, tem um papel primordial na aglutinação do empresariado do comércio e da indústria. Nele, os empresários exigem ao Estado que intervenha na organização da economia, solicitam condições para o desenvolvimento da iniciativa privada em todos os campos, inclusive no atendimento dos direitos básicos dos trabalhadores, como, saúde e educação.

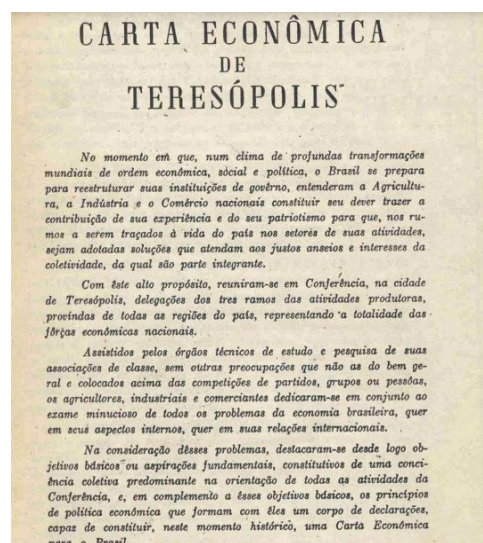
Segundo o Correio da Manhã, de 24 de dezembro de 1943, Euvaldo Lodi, vice-presidente do Congresso Brasileiro de Economia, por ocasião da sessão solene de encerramento, em seu discurso destaca:

Não basta, entretanto, uma simples formação geral, para os que venham abraçar carreiras no campo de atividades financeiras ou administrativas. É, frequentemente, indispensável que, ao lado de uma base humanística, possuam os jovens auxiliares do comércio, dos bancos, da indústria e da administração, conhecimentos especializados e técnicas particulares de trabalho. O Congresso ressalta esse problema e recomenda a formação especializada de empregados para esses misteres. Impulsionaram, assim, os

congressistas movimentos educacionais brasileiros que se devem processar nessa direção.

No discurso de Lodi, percebemos a importância da educação vista como instrumento de ascensão social, nesse momento, de ascensão social por uma formação melhor, no sentido de aproveitar melhor os recursos que estão disponíveis, destacando que a qualidade de vida do trabalhador passa por questões que na sua origem podem ser entendidas como próximas aquilo que a doutrina social da igreja define como harmonização das classes, como uma cultura do não enfrentamento entre o proletário e o proletariado.

Na conclusão do I Congresso de Economia, aponta-se para a necessidade de uma intervenção direta do empresariado que ganha mais força, em maio de 1945 na Conferência de Teresópolis com a criação da Carta Econômica de Teresópolis, e em janeiro de 1946, com a Carta da Paz Social, documento fundante dos princípios de origem do Sesc.



Carta Econômica de Teresópolis, documento resultante da Conferência Nacional das Classes Produtoras (Conclap, 1945)
Documento: Acervo Sesc Memórias

Nota-se em matérias publicadas em vários jornais da época, que João Daudt d'Oliveira apresentava em seu discurso a preocupação com a situação do Brasil em um momento de final de conflito de 2ª Guerra Mundial, pois os países que estavam envolvidos diretamente na guerra, tinham desenvolvido um esforço de economia que poderia ser facilmente convertido por conta do planejamento social para o desenvolvimento no período posterior, no caso dos países europeus, para a própria reconstrução.

Para João Daudt d'Oliveira e para boa parte do empresariado brasileiro, embora o Brasil tenha entrado em uma proporção bem menor no esforço de guerra em comparação com os Estados Unidos ou com os países europeus, o desarranjo provocado pela guerra seria muito mais danoso, na medida em que não haveria um planejamento da economia brasileira para essa nova situação de abertura dos postos de comércio mundiais com o fim da guerra e não haveria o investimento na indústria necessário ou na formação de um mercado interno pujante, que pudesse movimentar a economia brasileira.

Nesse período, para João Daudt d'Oliveira como não havia formação desse mercado consumidor, era fundamental investir fortemente nessa formação. Sendo assim, a Carta de Teresópolis vem propor diversas ações para o Estado, aparentemente uma desburocratização, uma sensação de órgãos que segundo eles atrapalhavam a vida econômica com os seus registros e as autorizações necessárias para a livre iniciativa manter a atividade econômica, em especial, aqui nos referimos aos Institutos de Pensão.

Na Carta de Teresópolis, observa-se que o social não está tão presente como na Carta da Paz Social, nas entrevistas iniciais concedidas há vários jornais da época, quando a carta ainda não havia sido escrita, mas já fazia parte dos projetos, João Daudt d'Oliveira, revela que havia uma certa dúvida em denominar o documento de Carta da Paz Econômica, o que remeteria de modo mais direto a inspiração para a Carta dos Estados Unidos, onde de fato se escreveu em 1945 e foi assinada por uma boa parte do empresariado uma Carta da Paz Econômica, prevendo uma relação entre Estado e Empresariado com vistas a estabelecer o predomínio da economia norte-americana com o fim da 2ª Guerra Mundial. Segundo João Daudt d'Oliveira, naquele momento, havia um modelo inicial americano de uma carta baseada na economia, mas a ideia inicial se transfigura para uma preocupação com o social e por isso, o documento recebe o nome de Carta da Paz Social.

Colaneri, nos relata a importância desse momento histórico com a criação da:

Carta da Paz Social, elaborada em encontro na cidade de Teresópolis, por representantes do empresariado nacional, logo após o término da 2a. Guerra Mundial - O propósito da Carta foi uma resposta ao totalitarismo de Estado. A partir deste documento são criados o SESC, SESI e o SENAC (Colaneri, entrevista em março de 2022).

Importante ressaltar alguns aspectos da Carta da Paz Social, conforme destaca o Sesc (1950, p. 3):

[...] necessidade de ampla assistência social ao trabalhador [...] na CARTA DA PAZ SOCIAL as bases em que essa assistência se deveria efetivar [...] pelo fortalecimento da ordem social e valorização do trabalho humano. [...] as entidades sindicais do comércio e as associações comerciais do país [...] reconheceram a oportunidade da organização definitiva de um serviço social, nos moldes indicados.

A ideia de criar um fundo social foi uma aposta ousada se pensarmos no contexto econômico brasileiro do período, meados da década de 40.

Se regressamos um pouco na história, com a formação de um pensamento e um grupo de pressão política que data de 1945, com a Conferência de Teresópolis em maio desse ano, com a criação do Sesc como decreto, dia 13 de setembro de 1946, há, portanto, mais de um ano entre um período e outro. Esse tempo, nos permite ter uma noção da dificuldade da negociação que pode ter havido para a aprovação da criação do Sesc nos moldes que são do interesse da Confederação Nacional do Comércio. Percebemos que no artigo 1º do Decreto-lei nº 9.853, de 13 de setembro de 1946, da fundação do Sesc, existe um detalhe importante, o texto diz que: “Fica atribuído à Confederação Nacional do Comércio o encargo de criar o Serviço Social do Comércio (Sesc) [...]” SESC (2014, p. 5), aqui não é o Estado que cria diretamente o Sesc, mas ele que transfere a responsabilidade de criação para a iniciativa privada, ou seja, a partir da Confederação Nacional do Comércio.

Esse texto é fundamental quando o Sesc passa a sofrer ameaças de ser transformado em uma autarquia do Governo, a defesa jurídica do próprio Sesc, nasce do texto de sua criação, em que se diz que desde a sua origem fica caracterizado que o Sesc não é de direito público.

A afirmação institucional do Sesc, a passagem do que está previsto nos documentos iniciais para a ação prática tem alguns obstáculos. O primeiro obstáculo, foi a tentativa de descaracterizar a iniciativa de tentar transformar o Sesc em autarquia. O argumento de tentar transformar em autarquia consiste em que a contribuição dos empresários é na verdade um imposto disfarçado, e sendo um imposto disfarçado, ele deveria ser destinado à um órgão de direito público e não a um órgão de direito privado.

É importante ressaltar que na Portaria 146 que regulamenta o Sesc, fica instituído que o recolhimento da contribuição dos empresários será feito a partir do Instituto de Pensão dos Comerciários, e dos Trabalhadores do Transporte, que trabalham uniformemente no sentido de não repassarem os recursos ao Sesc, chegando a um conflito institucional. João Daudt d'Oliveira após várias tratativas com

os Institutos de Pensão, recorre diretamente ao Presidente da República na tentativa de intervir para resolver esse conflito.

Outro obstáculo importante foi a contratação de assistentes sociais. As primeiras estudantes de Serviço Social, como já mencionamos anteriormente, foram mulheres da alta sociedade, ser assistente social nesse período trazia uma perspectiva da ideia de ação social, muito influenciada pelos valores da Igreja Católica. A contratação desses profissionais nos primeiros anos da instituição não foi tão expressiva, porém, ganha relevância o papel do programa de bolsas de estudos do Sesc, se afirmando um espaço sócio-ocupacional para assistentes sociais. Para o Sistema S, a profissionalização do(a) trabalhador(a), do(da) assistente social, é fundamental para que permita realizar com êxito o seu trabalho e para que seja remunerado seria importante o incentivo com bolsas de estudos.

Mas já em 1950 o Sesc, com a preocupação na formação do quadro de profissionais que atuariam na organização, elabora um documento com normas e programas voltados à formação de assistentes sociais. Esse documento sugere a criação de uma Escola de Assistência Social voltada à formação de profissionais na área de Serviço Social.

Destaca-se no referido documento que:

A assistência social surgiu em nosso tempo a fim de substituir essa atividade filantrópica muitas vezes desorientada que a precedeu. [...] Algo mais se exige do assistente social além das qualidades de bondade, dedicação e amor ao próximo. [...] Com elas, apenas, estaria exposto às graves consequências do erro. A profissionalização da carreira de assistente social, nos países de cultura mais avançada, tem se processado no sentido de intensificar o seu preparo acadêmico e especializado (SESC, 1950, p.3).

Nota-se que a preocupação do Sesc desde o início, era de possibilitar que as pessoas interessadas na área, pudessem realizar uma formação profissional de qualidade para desempenhar suas funções com profundo conhecimento e para a organização, esses profissionais poderiam compor o quadro de trabalhadoras(es) a desenvolverem os seus serviços.

O documento ainda justifica o pensamento para a criação da Escola de Assistência Social ressaltando que:

O SESC deve criar uma Escola de Assistência Social que constitua um padrão. O nível da Escola é automaticamente determinado pelo nível de preparo dos alunos. Livre de preocupações monetárias e compreendendo as altas finalidades da assistência social, o SESC pode imprimir novos rumos à Assistência Social no Brasil formando profissionais de indisputável competência. (SESC, 1950, p.5).

Segundo as normas e programas elaborados pelo Sesc, é fundamental se considerar os aspectos biológicos, psicológicos, sociológicos, antropológicos e econômicos, pois o assistente social atuará com pessoas, portanto, deve conhecer o meio em que vivem.

No Programa elaborado pelo Sesc o ensino de Serviço Social deve ser realizado em três níveis: o de estagiários, o de auxiliares sociais e o de assistentes sociais. Para os assistentes sociais estão previstos cursos posteriores à graduação, destinados à especialização e aperfeiçoamento; o ensino teórico e o prático não poderão ser dissociados, processando-se os cursos neste duplo sentido. Além disso, os cursos serão completados com estágios que visam propiciar ao assistente social o contato direto com a realidade social.

Segundo o SESC (1950, p.9) “[...] Com o 1.º ano, os alunos da Escola já poderão praticar, estagiando nos serviços do SESC. Ao fim do 2º ano, serão auxiliares sociais. Terminado o 3º ano, receberiam o diploma de assistentes sociais.”

Observa-se no documento, que o Sesc se preocupa em formar profissionais qualificados para atuarem na organização e, ao mesmo tempo, lançar a partir dos programas as bases da Escola de Assistência Social em caráter experimental, que deveria se tornar um centro de estudos, documentação e publicação de pesquisas.

No livro Critério para a Gratuidade dos Serviços Sociais publicado pelo Sesc em 1950, ressalta-se que a prestação dos serviços sociais, nas suas inúmeras modalidades, é a todo momento cercada pela imposição dos limites orçamentários das instituições, em geral muito restritos.

Algo que me chama a atenção, é que o Serviço Social é entendido como uma função social, “criada com o fim de garantir ao indivíduo o funcionamento da estrutura econômico-social, quando motivos independentes de sua vontade o impeçam de gozar condições normais de bem-estar” (SESC, 1950, p. 4). Nesta publicação, refere-se que a ação do Serviço Social deve, ser em grande parte preventiva, supletiva e de reparação, incluindo organização e promoção ou fomento, e que o bem-estar depende do funcionamento dos seguintes componentes da estrutura econômico-social:

A) Instituições básicas das organizações sociais

Indivíduo
Família
Órgãos de Associação

- B) Produtividade e capacidade aquisitiva, quanto as seguintes funções gerais: Desportos)
- C) Consumo, quanto aos seguintes setores fundamentais:
- Educação - (inclusive Cultura e Arte)
 - Saúde – (Inclusive Lazer e Trabalho)
 - Alimentação
 - Habitação
 - Vestuário

Ainda nessa mesma publicação, enfatiza que o Serviço Social e os Serviços Sociais são expressões cujo significado tem sido amplamente confundido, mas que “Concordamos em aceitar como significado de SERVIÇOS SOCIAIS todo o conjunto de funções sociais da estrutura econômico-social e que digam respeito aos componentes acima citados, nos seus aspectos humanos.” (SESC, 1950, p.4)

E acrescenta, algo importante sobre a nomenclatura da organização:

Considerando as definições que convencionamos neste trabalho, o Serviço Social do Comércio e o da Indústria deviam chamar-se SERVIÇOS SOCIAIS do Comércio e da Indústria, em face da lei que regula seus fins. Mas SERVIÇO SOCIAL, nesse caso, poderá significar, o que é real, um conjunto de Serviços Sociais (SESC, 1950, p.5).

Nota-se que para o Sesc o significado do Serviço Social, é o conjunto dos serviços sociais disponibilizados pela organização à população usuária, no caso, os comerciários e seus dependentes, e ainda destaca, que o maior entrosamento de todos os serviços sociais, públicos e privados, previdenciários e assistenciais são necessários para garantir a eficiência desejável.

Do ponto de vista da própria administração do Sesc, é também nesse período, que se afirma a descentralização da unidade. O Departamento Nacional do Sesc formula os princípios básicos, mas deixa a aplicação desses princípios sob a responsabilidade das delegacias, como eram chamadas naquele momento a Unidade Regional do Sesc que se forma por Estado.

Essa divisão entre os departamentos do Sesc Nacional e as suas delegacias, se faz necessária, para a administração dos bens e os recursos humanos do próprio Departamento Nacional. É interessante que na leitura de vários documentos institucionais, observamos que o Departamento Nacional entende que por mais planejada que fosse a sua ação, seria necessário ter o retorno das delegacias para compreender se a ação social desenvolvida pela organização era efetiva e atendia as

necessidades levando-se em conta a diversidade de questões no contexto nacional entre cidades grandes e médias, nas quais havia centros de atendimentos do Sesc.

Nessa perspectiva, em 1948, João Daudt d'Oliveira apresenta a necessidade de realizar um congresso de técnicos do Sesc e esse congresso ocorre em 1951. O encontro que havia sido pensado como um encontro entre técnicos e diretores do Sesc, passa a ser um encontro somente dos técnicos do Sesc, no Sesc Bertioga.

Nesse momento, pela experiência dos(as) trabalhadores(as) do Sesc e pelas reflexões realizadas durante o encontro, resultam-se algumas conclusões que vão modificar bastante o sentido que o Sesc atribui a sua função.

No relatório desse encontro, apresenta-se um diagnóstico de que a intervenção médica é um paliativo, pois por mais elaborados que fossem os programas de atendimento à saúde do trabalhador, de prevenção à sífilis, à tuberculose, de educação aos princípios básicos de higiene pessoal, não atenderiam as principais questões vivenciadas pelos trabalhadores. Destacou-se, que a educação seria o melhor caminho junto aos trabalhadores comerciários e nesse sentido, surge a proposta de atividades que garantam a saúde mental do trabalhador e que garantam espaços de sociabilidade no tempo livre. É nesse momento que o tempo de lazer se torna oficialmente o objetivo principal da ação do Sesc e em seguida nas décadas de 80 e 90 com o olhar mais voltado à ação cultural.

6. As primeiras unidades do Sesc São Paulo

A primeira sede do Sesc São Paulo foi na Associação Comercial de São Paulo, no viaduto Boa Vista. "Eram apenas quatro funcionários. O Conselho Regional do Sesc São Paulo [...] estabeleceu as atividades prioritárias: assistência médica, odontológica, sanitária e hospitalar, além da assistência jurídica aos comerciários e suas famílias (MAGALHÃES e MARTINS, 2013, p. 61-62).

O Sesc iniciou suas atividades em 1947, procedendo ao estudo das características demográficas, sociais e econômicas da população comerciária brasileira. Esse levantamento levou à conclusão de que a ação prioritária deveria ser a de assistência médica, traduzida na implantação urgente de serviços de saúde.

Como não havia na época, nenhuma atividade similar à do Sesc, e o leque de serviços era amplo, decidiu-se iniciar o trabalho a partir de Centros Sociais, casas alugadas na capital e em algumas cidades do interior, que funcionavam como

"unidades-eixo" da instituição, ou seja, polos irradiadores dos trabalhos sociais empreendidos.

Com a aquisição da sede própria, na rua Florêncio de Abreu, em janeiro de 1947, todo o processo tomou corpo. O Sesc escolheu a rua de comércio pulsante para instalar suas atividades assistenciais, consultórios médicos e atendimento odontológico.



A unidade teve diversos nomes desde sua criação: Clínica de Serviços Especializados Gastão Vidigal, Centro Social Gastão Vidigal, Centro Assistencial Gastão Vidigal. De 1985 a 2015, Sesc Odontologia, e desde 2015, a unidade passou a ser chamada de Sesc Florêncio de Abreu.
Fotos: Acervo Sesc.

O primeiro Centro Social, chamado Bento Pires de Campos, foi inaugurado em 1º de maio de 1947, na Av. Celso Garcia, 2424, no bairro Tatuapé. O nome do espaço fazia referência ao presidente da Associação Comercial de São Paulo entre 1914 e 1916. O Centro Social Bento Pires de Campos ocupava um imóvel cujas características são típicas dos centros sociais do Sesc nas décadas de 1940 a 1960: por fora, fachadas de casarões de arquitetura eclética, com telhados aparentes, portões baixos e grandes portas e janelas; por dentro, salas eram adaptadas para as diversas ações que a instituição desenvolvia à época.



Fachada do Centro Social Bento Pires de Campos, Foto: Agência Vasclo



Festa junina no Centro Social Bento Pires de Campos, junho de 1953. Foto: Manente



Peça "João Minhoca", Teatro infantil na Semana do Comerciário, 1956. Foto: Acervo Sesc

Ao longo de seu período de funcionamento, tendo como premissa de trabalho, o fortalecimento de vínculos comunitários, o Centro Social Bento Pires de Campos, primeira Unidade do Sesc no Estado de São Paulo, inicia suas atividades realizando encontros ligados a manifestações culturais diversas, como é o caso das festas juninas e de apresentações de teatro infantil, torneios esportivos, cursos, celebrações em datas comemorativas e atendimentos médicos. Desenvolveu suas ações entre 1947 e 1966; após isso, suas atividades foram transferidas para o Centro Social Mário França de Azevedo.

Ainda em 1947, no mês de agosto, entrou em funcionamento, na sede da instituição, a Clínica Central de Serviços Especializados, que cuidava dos atendimentos médicos. Acreditamos que ela era a melhor expressão dessa primeira fase do Sesc São Paulo, pois, "[...] embora os serviços médico-odontológicos também fossem oferecidos nos Centros Sociais, a nova clínica refletia, em maior escala, a ênfase no trabalho em relação à saúde pública e do trabalhador" (MAGALHÃES e MARTINS, 2013, p. 62).

Naquele mesmo ano, a título experimental, foi criado o departamento esportivo, que logo no início foi um sucesso pela diversificação das atividades oferecidas em diferentes unidades, estimulando a participação da população comerciária.

Logo em seguida, os Centros na Bela Vista e em Santana iniciam suas atividades, funcionando das 6h às 22h, em três períodos para os serviços médicos e odontológicos e sem interrupção para os demais serviços.

O Centro Social Horácio de Mello, que se localizava no bairro da Bela Vista, era um casarão alugado de dois andares, de estilo eclético, com telhado aparente, entradas e janelas amplas, cercado por muros baixos gradeados. Por dentro desses muros, foi desenvolvida uma programação diversificada, com cursos voltados ao mercado de trabalho, além de aulas de corte e costura, violão, modelagem de bolos, entre outros. O espaço também promoveu apresentações de teatro, música e dança, práticas esportivas, atividades voltadas para crianças, comemorações em datas temáticas e atendimento médico.



Fachada do Centro Social Horácio de Mello, São Paulo, 1959. Foto: Federação do Comércio / Cinefotopress.



Curso de formação doméstica e exposição de trabalhos, no Centro Social Horácio de Mello, 1953. Foto: Ubaldo Terra.



Atividade infantil, na quadra de esporte do Centro Social Horácio de Mello, sem data. Foto: Acervo Sesc

Entre as unidades pioneiras destacamos ainda o Centro Social da Água Branca, inaugurado em 1948, na qual queremos ressaltar que:

Surgiu ali, em novembro daquele ano, o serviço "das visitadoras sociais", que prestava assistência em domicílio para as famílias mais carentes dos trabalhadores do comércio residentes no bairro. No interior, a movimentação também foi intensa. Logo no início de 1948, Campinas e Santos ganhavam seus primeiros Centros Sociais (MAGALHÃES e MARTINS, 2013, p. 62-63).

Os centros sociais foram a forma predominante de atuação institucional nas décadas de 1940 a 1960, até serem substituídos por centros polivalentes que destacamos à frente.

Outro marco dessa primeira fase foi a inauguração do Restaurante dos Comerciários – Alcântara Machado, na Rua do Riachuelo, na capital, que funcionava no edifício da Federação Estadual dos Empregados do Comércio. Com preços subsidiados, ele se tornou necessário, segundo o relatório de atividades de 1948, por haver "um grande número de jovens comerciários que não se alimentam corretamente porque não dispõem de recursos."



Restaurante dos Comerciários – Alcântara Machado, na Rua do Riachuelo
Foto: Acervo Sesc

Para finalizar os trabalhos daquele ano, inaugura em Bertiooga, uma colônia de férias, projetada pelo engenheiro Prestes Maia, cuja proposta baseava-se no conceito

de que a valorização do tempo livre e do lazer dos trabalhadores era, também, um aspecto do bem-estar social. O primeiro registro de atividades musicais no Sesc informa a realização, durante o ano de 1949, de 37 shows, sendo 36 na Colônia de Férias de Bertioga.



Sesc Bertioga
Fotos: Acervo Sesc

Em 1951, decorridos cinco anos de atuação da instituição, conforme relatamos anteriormente, realizou-se em Bertioga (SP) a 1ª Convenção Nacional de Técnicos do Sesc. Durante o evento avaliaram-se os trabalhos empreendidos e o caminho que a organização iria traçar no futuro, estabelecendo novas diretrizes. Com o desenvolvimento dos serviços médicos oficiais, desdobraram-se as atividades na área de serviço social, aumentou significativamente as atividades educativas e reduziu-se a atuação na área de saúde. Decidiu-se também dar preferência à criação e desenvolvimento de obras recreativas, associativas e culturais de longo prazo.

No entanto, a própria natureza de suas atividades obrigava o Sesc São Paulo a continuar desenvolvendo-se no campo das relações humanas no trabalho e no esporte, e que também foram objetos de cursos específicos na época. “Surgiu, nesse contexto, o chamado “Serviço Social de Grupo” que teve vários reflexos na programação das Unidades” (Magalhães e Martin, 2013, p. 65).

Uma das bases sobre as quais se fundamenta o Serviço Social de Grupo é, na ótica de Konopka (1972, p. 25), a de que: “qualquer pessoa que ingressa numa situação de grupo se modifica graças a sua interação com os demais e, do mesmo modo, o grupo se modifica, por sua vez, como resultado da admissão do novo membro.” Porém, o Serviço Social de Grupo foi apenas parcialmente identificado com a profissão do Serviço Social, cujo campo parecia aos assistentes sociais, extremamente limitado.

Apesar do novo direcionamento, o Sesc São Paulo continuou investindo no campo da saúde, inaugurando, em 1958, a maternidade João Daudt d'Oliveira, situada na Av. Brigadeiro Luís Antônio.



Maternidade João Daudt d'Oliveira
Fotos: Acervo Sesc

Colaneri, durante nosso diálogo fala sobre esse período:

[...] o Sesc desenvolve projetos de habitação e muitas atividades voltadas para assistência à infância principalmente, porque nesse período ainda no país, havia pouca proteção ao nascituro e a infância, praticamente a assistência à maternidade não existia em ações do governo. A Previdência e os órgãos governamentais ainda estavam em seu nascituro. Assim o Regional do Sesc, no Rio de Janeiro - capital da república, e o do Estado de São Paulo possuíam maternidades. A Maternidade do Rio foi a mais importante do país naquela época. Acrescente o Programa de Pediatria que foi ao longo do tempo deixado em função da reorientação do trabalho da entidade e dos órgãos governamentais (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

Nos anos de 1950, havia no Sesc São Paulo um concurso chamado "Robustez Infantil", que acontecia na Semana da Criança e tinha como objetivo incentivar boas práticas relacionadas à saúde e à alimentação dos filhos dos comerciários. A seleção dos participantes ocorria nos Centros Sociais da capital paulista e a premiação, com entrega de faixa às crianças e diploma aos pais, era realizada no Restaurante Alcântara Machado, no centro da cidade de São Paulo.



Bebês acompanhados de suas mães no Concurso de Robustez Infantil.
Revista do Comerciário, São Paulo/SP. 1956. Foto: Agência Vasco

Ainda em 1958, o Serviço Social do Comércio, possuidor de uma extensa área na região de Suzano, depois de utilizá-la como colônia de férias, decide transformá-la em núcleo habitacional, fundando, a comunidade Brasília Machado Neto, no bairro Sesc, a chamada “cidade comerciária”. Segundo o Blog Redescobrimdo Alto Tietê, o Sesc cuidou da urbanização e o Instituto IAPC – Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciários, a quem o Sesc cedeu a área, realizou a construção e a comercialização das casas.



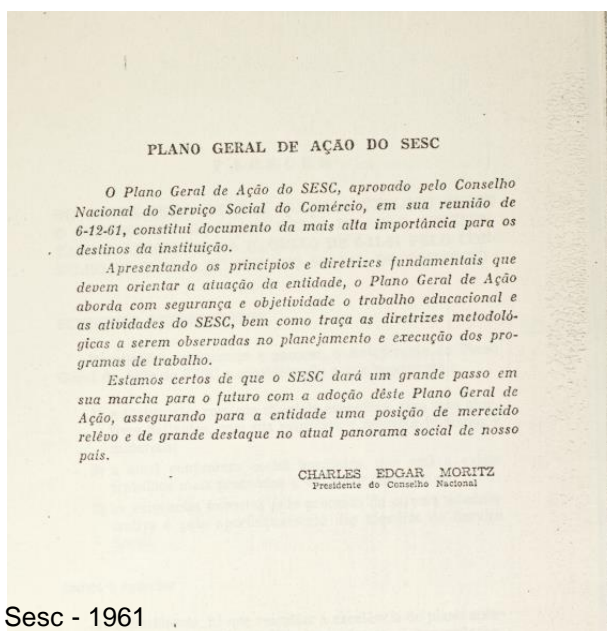
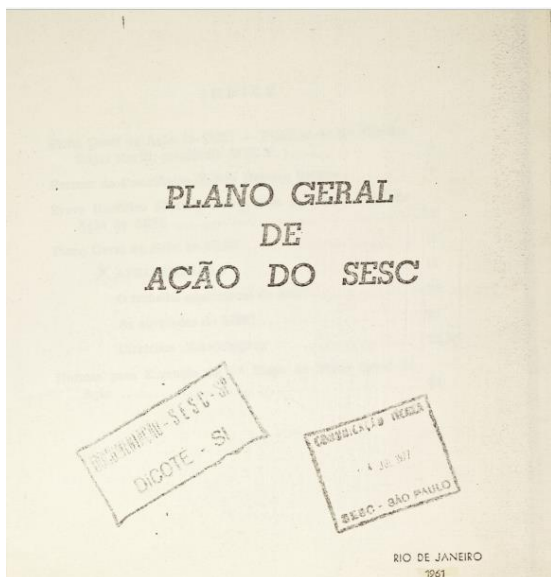
Comunidade Brasília Machado Neto – Suzano
Foto: Acervo Sesc

7. Ampliação de novas unidades e transformações no Sesc São Paulo

Ao iniciar a década de 60 o Sesc já contava com dezoito Unidades, entre capital e interior e com aproximadamente mil trabalhadores(as). "Sua penetração junto aos trabalhadores crescera, graças ao suporte do Conselho de Representantes de Funcionários de Firms Comerciais, cujos membros participavam ativamente na formulação e realização das atividades" (MAGALHÃES e MARTINS, 2013, p. 65-66).

Nas palavras de Colaneri, identificamos a importância desse período:

[...] porque em 1961 para mim é o ato (documento) mais importante que tem a ver com o Serviço Social no Sesc quando foi aprovado o Plano Geral de Ação do Sesc, conhecido como PGA, esse, na minha opinião, o mais importante documento produzido na Entidade ainda hoje atual. Eu sou insuspeito porque quando eu ingressei no Sesc o PGA já estava aprovado. Foi elaborado a partir de um Grupo de Técnicos do Sesc, com consultorias externas. O Conselho Nacional do Sesc aprovou em 1961. Eu participei da elaboração de outros Planos e Diretrizes mais intensamente. Planos subseqüentes, mas considero o Plano Geral de Ação do Sesc de 1961 o mais importante, porque ele propiciou um grande impulso do Sesc com foco em Serviço Social, através da educação social, depois mais tarde rotulada de educação permanente e hoje voltou a ênfase na titulação social. Na realidade era o pressuposto de que as pessoas além da educação formal, deveriam ter espaço para que se continuasse o processo de formação para a vida em sociedade. Esse é um aspecto importante.



Plano Geral de Ação do Sesc - 1961
Documento: Acervo Sesc Memórias

Para Colaneri, foi nesse período que o Sesc São Paulo fez uma mudança na atuação da instituição. Segundo ele, foi a partir do trabalho desenvolvido pelas(os) assistentes sociais que essa transformação pode ser observada:

Mas retomando a fala sobre a formação profissional de Assistentes Sociais do Sesc, foi uma grande virada de posicionamento na atuação da Entidade. Até então havia um predomínio acentuado no trabalho da Educadora Sanitária, em particular, voltada para a saúde infantil. Com a aprovação do PGA, as ações centralizavam principalmente a partir dos profissionais de Serviço Social, numa visão mais ampla de atuação no campo social, focados em políticas de promoção e bem-estar social. Mudanças, na realidade funcional propiciou alterações nos quadros de gestores da Entidade, que passaram a ser preenchidos, em sua maioria, por pessoas com formação em Serviço Social. De certa maneira reorientou o destino do Sesc, isso em nível São Paulo. Em nível nacional, o Departamento Nacional do Sesc era dirigido por um assistente social, o Sr. Francisco Meireles - um dos fundadores do CBCISS e seu Presidente por longo período (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

Apresenta em sua narrativa o estímulo do Sesc São Paulo, no período entre 1960 a 1965, na formação de profissionais na área do Serviço Social, a partir da elaboração do PGA – Programa Geral de Ação do Sesc:

Foi elaborado com uma ótica muito voltada para o Social, porque foi a partir desse documento que se estimulou profissionais do Sesc a se qualificarem em Serviço Social. Recrutou-se profissionais de fora formados em Serviço Social sendo valorizados os que tinham prática em trabalho com grupos. No caso particular do Sesc de São Paulo, um grupo muito grande de técnicos já formados, a maioria em outras especialidades, oriundos principalmente da USP, foram estimulados a cursar o Serviço Social. Alguns na Paulista de Serviço Social, não sei

se também na Escola - porque a Faculdade Paulista e a Escola de Serviço Social foram fundadoras da PUC, como você sabe. Depois a Paulista se desligou da PUC SP. Mas as pessoas que, de um modo geral, tinham um cargo diretivo no Sesc cursaram a Escola de Serviço Social de Niterói no Rio de Janeiro, por ser o curso ministrado nos fins de semana, para não interferir na jornada de trabalho. Eram profissionais formados em sociologia, direito e educação sanitária na USP. O estímulo à formação em Serviço Social foi do Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo, na época o Sr. Brasília Machado Neto (um dos signatários da Carta da Paz Social (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

No diálogo com Padula, ele nos narra que ao iniciar seu trabalho no Sesc São Paulo, muitas(os) assistentes sociais ocupavam cargos de gestão na organização:

O início no Sesc, quando eu cheguei em 69, eram os assistentes sociais que participavam da Diretoria, estavam na presença da Diretoria sempre, na Administração Regional, depois tinham os Gerentes de Unidades, alguns eram também assistentes sociais, naquela época já tinham algumas mulheres como Gerentes de Unidades, nós chamávamos de Diretoras de Unidades (Padula, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

Nesse período, em 1960, inaugura-se o Centro Social Mário França de Azevedo, hoje conhecido como Sesc Carmo, localizado no centro da cidade de São Paulo, próximo à Praça da Sé, contando com um restaurante com capacidade de atendimento de 3.500 pessoas diariamente.

Colaneri contextualiza em sua narrativa algumas ações importantes desenvolvidas pelo Sesc São Paulo, relatando a sua chegada na instituição e sua experiência voltada ao trabalho social com grupos no Centro Social Mário França de Azevedo (Sesc Carmo):

Por coincidência, eu e o outro Assistente Social começamos a trabalhar no mesmo dia no Sesc, em abril de 1966 (sorriu). E aí, aí começa a história, depois do treinamento inicial, fui trabalhar na rua do Carmo, no Centro Social Mário França de Azevedo, que era onde se concentrava o maior número de Orientadores Sociais. Os Orientadores Sociais era o maior grupo de servidores sociais, com formações bastante diversas sendo parte do grupo oriundo de seminários de formação religiosa. Atuantes, críticos e com ótima formação intelectual, trabalhavam, na maior parte das vezes, sob a chefia de um Assistente Técnico (Assistente Social). Eu fui designado para trabalhar no Setor Social. O outro setor era o de Recreação e Cultura. Os Orientadores Sociais do Setor Social, faziam - entre outras atividades - em revezamento - a animação das atividades de recreação, esportes, cultura e acolhimento da Colônia de Férias, em Bertioga. Eram supervisionados pelo Assistente Técnico do Setor, no caso sob minha responsabilidade, enquanto estive lotado nesse Setor. Outra parte de minhas atribuições, era o trabalho com grupos de empregados de empresas comerciais e de serviços que envolvia atribuições e objetivos bem diferentes dos grupos com os quais eu trabalhava no Senai e condutor de minha chegada ao Sesc que buscava nos concursos seletivos Assistentes Sociais que tivessem experiências com grupos. Meu trabalho de

conclusão de curso foi com grupos, na época, no Brasil, poucos Assistentes Sociais tinham experiências de trabalho com grupos, porém era o que o Sesc buscava. Como parte da proposta do Sesc foi trabalhar com grupos, só que o grupo que eu trabalhava de alunos era dentro da Escola e o grupo no Sesc, era empregados de empresas diversas, e eu tinha por objetivo, isto é, o Sesc, desenvolver trabalho de nucleação e associativo. Foi-me proposto, primeiro, trabalhar com grupos vinculados a sindicatos, e com grupos de empregados que representavam seus colegas de trabalho nas empresas. Posteriormente, por necessidade da Unidade, foi-me designado atuar junto aos grupos de Atividades Esportivas, dentro dos mesmos propósitos de desenvolver atividades de associativismo. Contudo a Unidade da Rua do Carmo, como até hoje, não tinha nenhum espaço para a prática esportiva. Eu a partir desta realidade, fiz um trabalho de nucleação de comerciários, nas suas empresas, e os convidava a frequentar o Sesc, participando de reuniões, para planejamento, desenvolvimento e execução de atividades esportivas. Definido os grupos, ia-se em busca de espaço para realização das atividades. Era parte da formação proposta pelo Sesc, levar as pessoas a se organizarem, a se socializarem, promovendo um crescimento pessoal enquanto participavam de atividades (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

Durante nosso diálogo, Colaneri continua narrando o trabalho que era desenvolvido no Centro Social Mário França de Azevedo (Sesc Carmo) junto às empresas:

Eu por exemplo, naquele tempo em que fui trabalhar com empresas, recebi como uma das primeiras responsabilidades, orientar um Conselho, o de representantes de empregados em empresas comerciais. A sigla, CREFEC e todas as Unidades do Sesc tinham esse Conselho. O central era o da Rua do Carmo. Basicamente era assim, os empregados das empresas indicavam um representante, ou o Setor de Pessoal da empresa o fazia para participar de reuniões no Sesc, com o propósito de discutir e sugerir ao Sesc a promoção de atividades e serviços de interesse do comerciário. Esses representantes recebiam do Sesc ou visita pessoal, ou através de mala direta, toda a programação do Sesc. Na rua do Carmo esse Conselho se reunia semanalmente para discutir as atividades. Faziam encontros anuais com significativa participação de comerciários - um grande e importante evento. Em geral no dia do Comerciário. Esse Conselho era um importante elo de ligação, o empregado do comércio e a instituição na busca de oferecer melhores serviços (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

O trabalho com grupos foi tão relevante para o Sesc, que em 1961, segundo Colaneri, a instituição publicou a obra “Prática do Serviço Social de Grupo:

Tal a importância e a necessidade de ampliar os conhecimentos e valorização da ação dos profissionais de Serviço Social, que o Departamento Nacional do Sesc, identificou nos Estados Unidos, alentada publicação (em dois volumes) o livro Teoria e Prática do Serviço Social de Grupo, de autoria de Gertrude Wilson e Gladys Ryland. Conseguiu autorização, traduziu, e imprimiu em grande tiragem. Distribuiu-se, graciosamente, para inúmeras instituições sociais brasileiras (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).



Prática do Serviço Social de Grupo
Livro: Acervo Biblioteca Sesc

Foi distribuído para muitas instituições de ação social. Eu inclusive, em época de mudanças e rearranjo da Administração Regional do Sesc em São Paulo, muitos anos depois, salvei dois exemplares, que foram enviados para a Biblioteca do Regional. Imagino que estejam lá até hoje pra guardar como Memória. O Sesc ofereceu as instituições sociais com o objetivo de estimular a prática do serviço social com grupos (na época publicações alusivas à serviço social - no Brasil, eram raras). não é? Depois veio publicar um outro livro sobre Supervisão em Serviço Social com Grupos (cuja autoria, se a memória não falha; Margareth Stevenson), foi nesse momento que iniciei minha jornada de 40 anos no Sesc, abril de 1966 (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

Continua relatando os primeiros anos em que o Centro Social Mário França de Azevedo (Sesc Carmo), desenvolveu o trabalho com grupos e que deu início a algumas ações voltadas para pessoas idosas:

O Sesc começou a descobrir, a buscar como fazer esse trabalho da educação social e optou pelo trabalho com grupos de pessoas segundo seus interesses no uso do tempo livre (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

Nessa Unidade Operacional, em 1963, nasce o Programa Trabalho Social com Idosos, com a formação dos primeiros grupos de aposentados, dando início a uma política social voltada à velhice e ao envelhecimento, na época, intitulada terceira idade.



Sesc Carmo
Foto: Acervo Sesc

Nos anos 1960, o Brasil ainda era reconhecido como um país jovem. De fato, tínhamos pouco mais de 5% da população acima dos 60 anos. Nesse período, a sociedade não oferecia alternativas de convivência e participação para esse segmento populacional e observava-se “um meio social relativamente hostil à sua presença” (SALGADO, 1982, p.99). A inexistência de políticas públicas para melhorar a qualidade de vida dos idosos, as precárias condições culturais em prol de um envelhecimento saudável, a inadequação das cidades às suas condições físicas, os baixos valores das aposentadorias, o desamparo das famílias, as dificuldades de acesso a atividades culturais e de lazer, entre outros fatores, levava muitos/as velhos/as ao isolamento, gerando sentimentos de solidão, insegurança e outros problemas que recrudesciam a invisibilidade social.

Como atentam Ferrigno, Leite e Abigailil (2006, p.1.436), a questão social das pessoas idosas não fazia parte da agenda da sociedade brasileira daquela época:

As poucas ações sociais propostas para os idosos tinham um caráter assistencialista, ou seja, serviam somente para suprir algumas carências básicas, como forma de minorar o sofrimento decorrente da miséria e da doença. Nessa perspectiva, as ações para esse setor confundiam-se por meio de instituições asilares, mantidas pelo Estado ou por congregações religiosas, com a finalidade exclusiva de garantir a sobrevivência física do idoso.

Nesse contexto, um passo importante para essa iniciativa partiu de uma equipe de técnicos da instituição, que viajaram aos Estados Unidos para observar trabalhos desenvolvidos em centros sociais para idosos, os *Golden Age*, que se propagavam por diversas cidades norte-americanas. Conforme nos relata Colaneri:

As primeiras e pioneiras ações com terceira idade, sob a ótica das demandas psicossociais, específicas e características dessa faixa etária por exemplo, foi uma situação vivida e percebida em uma visita institucional de servidor da casa e um membro do Conselho Regional do Sesc, a entidades nos Estados Unidos (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

Assim, com a experiência desse grupo e um estudo aprofundado de nossa realidade local, foi implantado um programa de atendimento específico para pessoas idosas no Sesc, ao qual destaca Padula:

Quando eu entrei em 69, já tinha nas Unidades. E quando eu fui para a Rua do Carmo, que tinha surgido o trabalho com idosos, era o grupo Malatesta. E o Sesc Carmo desenvolvia um trabalho que deu uma guinada no Sesc São Paulo (Padula, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

O primeiro grupo de convivência mencionado por Padula chamado “Carlos Malatesta”, foi em homenagem ao assistente social, precocemente falecido, que o organizou. Formou-se por meio de convites a comerciários aposentados que continuavam a fazer suas refeições no amplo restaurante daquele centro sociocultural e que ali permaneciam após o almoço, sem alternativas de preenchimento de seu tempo livre.

Ao mesmo tempo, aposentados das mais diversas profissões foram também convidados por técnicos do Sesc enquanto aguardavam nas filas dos institutos de previdência o momento de receberem seus salários. Outros idosos, moradores da região, também foram atraídos para essas reuniões. Pelos resultados positivos de programação e pela sensível aceitação desse público, a experiência tornou-se ponto de referência para a formação e desenvolvimento de grupos em outras Unidades do Sesc (na capital e interior do estado de São Paulo).

No diálogo com Padula, podemos constatar a importância desse trabalho:

[...] você vê, o trabalho social com idosos quando começou, eram pontos de encontro. O Sesc começou com as Escolas Abertas, não existia, o Sesc São Paulo é que trouxe as Escolas Abertas para São Paulo. Só que depois, quando as universidades assumiram, o Sesc deixou, porque já tinham outras instituições desenvolvendo, mas era o tempo livre de idosos que estavam em casa, sem nenhuma condição de participar e que sentiram que podiam se desenvolver, com condições de participar de uma vida ativa, como a participação em festas, em cursos, em atualização de conhecimentos, aprender uma nova língua, então, sabe de sentir útil à sociedade, que ele poderia trazer a socialização desses idosos que ficavam sozinhos. Ali no centro da cidade, o Sesc Carmo sempre foi um local onde tinham muitos idosos sozinhos e eles encontraram esse espaço e puderam se desenvolver nesse espaço. Então essa contribuição é grandiosa que o Sesc pôde desenvolver. Os grupos de idosos que o Sesc criou na época, hoje claro mudou, ampliou o trabalho com idosos, o idoso está envolvido diariamente nas nossas ações, em tudo, quando se falou em trabalho de idoso e juventude, de trabalharem juntos, o intergeracional, tudo isso foi um processo que hoje a gente nem fala, porque já faz parte da nossa programação, as pessoas têm esta visão (Padula, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

Esses grupos de convivência tinham, portanto, como objetivo contribuir para que a pessoa idosa pudesse enfrentar o isolamento social e tivesse a oportunidade de estabelecer vínculos de amizade, compartilhar saberes, preocupações e aspirações. A partir do trabalho desenvolvido pelo Sesc São Paulo, muitos núcleos dessa natureza se espalharam por todo o país, abrigados em instituições públicas e/ou privadas, conforme relata Colaneri:

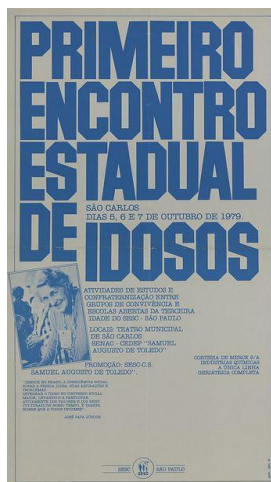
De um início muito tímido no começo dos anos 60 do século passado, o trabalho com essa faixa etária se multiplicou pelo Brasil. Na realidade, quem levou a expansão do trabalho com terceira idade no Brasil, a significação que hoje tem e o protagonismo, foi sem dúvida o Sesc o agente responsável pela divulgação e implantação. Foi basicamente a partir do Sesc São Paulo, seguido pelo Sesc de outros estados ao longo dos anos, e na sequência, por inúmeras instituições e órgãos de governo (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

Durante esse período, pesquisando os documentos institucionais, descobrimos que o Sesc realizou vários seminários e encontros dirigidos a profissionais da Gerontologia e a interessados no trabalho com pessoas idosas, incentivou a pesquisa e a reflexão sobre a prática cotidiana. Na perspectiva do contínuo aperfeiçoamento profissional, desenvolveu treinamentos a trabalhadores(as) que atuavam nesta área e estimulou a participação em congressos nacionais e internacionais, objetivando a qualificação permanente de seu corpo técnico.

Gonçalves nos narra a participação em muitos encontros e a importância dessas ações desenvolvidas pelo Sesc São Paulo para as(os) trabalhadoras(es) da instituição:

Nós tivemos muitos treinamentos, o Sesc investiu bastante, a Administração Central e trouxe esse grupo grande de técnicos que estavam entrando no Sesc, pra fazer um treinamento que foi lá em Piracicaba, nós ficamos em imersão realmente foi um treinamento amplo para trabalhar um pouco a ação do Sesc e especificamente o trabalho social com idosos. Eu havia participado, voltando um pouquinho atrás, no final de 79, do 1º Encontro Estadual de Idosos que aconteceu no Sesc São Carlos, é se não me engano, foi no final de 79, inclusive foi o primeiro grande evento que aconteceu no Sesc em São Carlos, não só profissionais que trabalhavam com os idosos e também alguns idosos que já estavam inseridos nesse trabalho em algumas Unidades do Sesc, no Sesc Mário França de Azevedo – Sesc Carmo, Sesc de Campinas, enfim, tinham algumas Unidades que já estavam desenvolvendo esse trabalho, Sesc Consolação, tinham outros também. Então esse treinamento foi extremamente importante, porque foi um primeiro contato com o material, com esse acervo que o Sesc disponibilizou e também uma discussão muito grande nas grandes áreas de ação do Sesc, que era de Educação, Saúde, de Lazer, Cultura e Assistência (Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

A partir da narrativa de Gonçalves, fomos “escovar” um pouco mais a história do Sesc e localizamos no Sesc Memórias, o cartaz do Primeiro Encontro Estadual de Idosos, realizado no Teatro Municipal Dr. Alderico Perdigão, em São Carlos, entre os dias 5 e 7 de outubro de 1979.



Cartaz do Primeiro Encontro Estadual de Idosos. São Carlos/SP, 5 a 7 de outubro de 1979.
Documento: Acervo Sesc Memórias

Os documentos informam que o evento oportunizou a discussão de aspectos relacionados ao envelhecimento e a troca de ideias entre os participantes, reunindo pessoas idosas e profissionais que atuavam na área. A programação do encontro contou com várias atividades, incluindo seminários, exposições e grupos de estudo.

O Sesc até os dias atuais realiza os encontros regionais, estaduais e nacionais de pessoas idosas, com diversas temáticas na área social, cultural e política, que têm contribuído decisivamente para estimular o envolvimento das pessoas idosas, tanto no que se refere a questões específicas do segmento, quanto sobre aquelas que afetam a sociedade em geral. Nessa perspectiva, o Sesc assegura que "o envolvimento do cidadão idoso nas questões que dizem respeito aos direitos e deveres de cidadania individual e coletiva são fundamentos básicos para sua autorrealização e valorização de sua autoimagem" (SESC, 2013, p. 14).

No diálogo entre Padula e Mirabelli, em fevereiro de 2022, identificamos a relevância desses encontros no que se refere principalmente ao estímulo à participação das pessoas idosas nos espaços de defesa de direitos:

Padula: Eu trabalhei oito anos na Rua do Carmo, a gente desenvolveu atividades importantes quando o Sesc procurou valorizar a cultura popular brasileira. O trabalho com idosos, que foi desenvolvido nesse período com os primeiros encontros de idosos, propiciou a formação de pessoas que queriam batalhar pelos direitos dos idosos. Foi quando pessoas idosas que eram do grupo Malatesta resolveram que não era só para dançar, jogar, ter uma alimentação adequada, não, os idosos tem que lutar pelos seus direitos de participar da sociedade e isso aconteceu, porque aquelas primeiras pessoas do Conselho Estadual do Idoso foram oriundas do Sesc.

Mirabelli: Olha só, e até hoje, porque quando eu participava do CONSEAS, do Conselho Estadual de Assistência Social, tinha um senhor que participava do Conselho Estadual do Idoso e ele participava

das atividades no Sesc Bauru, era conselheiro no Conselho Estadual do Idoso.

Padula: Olha, e isso era muito comum, porque o Sesc foi um dos locais onde o idoso sentia acolhido e valorizado.

A partir dos encontros com as(os) trabalhadoras(es) do Sesc, pudemos identificar em suas narrativas o quão importante foi o trabalho desenvolvido pelo Sesc São Paulo na área da Gerontologia. Nesta direção, Gonçalves nos narra o processo de formação das(os) trabalhadoras(es) da instituição, destacando nomes de algumas pessoas que foram referências para nós do Serviço Social e da Gerontologia:

Foi um ano basicamente de vamos dizer assim, de investimento em conhecimento na área da terceira idade, eu não era exclusiva da terceira idade, assim como quase todos os técnicos que entraram naquela ocasião, nós trabalhávamos, na ação comunitária que o Sesc desenvolvia dentro da cidade sede, e também na região, a equipe era composta por sociólogos, assistentes sociais, educadores físicos, tinha gente da filosofia, enfim, então a gente desenvolvia essa ação social na Unidade e nas cidades onde o Sesc prestava esse atendimento de ação comunitária.

Um outro treinamento, um outro curso que foi inovador e relevante, para esses mesmos técnicos que estariam a frente posteriormente do trabalho social com idosos, e que foram também convidados a participar foi no Instituto Sedes Sapientiae sobre Gerontologia Social e foi o primeiro contato com os docentes e profissionais responsáveis em algumas instituições e que disponibilizaram seus conhecimentos, pesquisas e trouxeram abordagens e metodologias importantes. Naquela ocasião estava a Professora Dra. Suzana Medeiros, a assistente Social e mestre em ciências Tomiko Born, a Professora Doutora Elvira Mello Wagner, psicóloga, psicoterapeuta, gerontóloga e coordenadora do Curso de Gerontologia no Sedes-Sapientiae. Nós tivemos a oportunidade de ter vários docentes que estavam à frente desse trabalho, principalmente a Dra. Suzana e outros colegas que vieram de outras instituições, não só do Sesc. Foi uma oportunidade muito grande da gente fazer essa troca, profissionais do Paraná, de Minas, outros técnicos de Santa Catarina onde já estavam à frente desse trabalho com idosos, inclusive com metodologias, com visões e com ações específicas, principalmente quem era da área da saúde. Nós tínhamos médicos, enfermeiros, foi uma oportunidade de ter uma contribuição e uma outra visão de colegas que estavam buscando conhecimento. Nós tivemos a oportunidade de conhecer esses trabalhos depois dessa introdução teórica, conhecer in loco, fomos conhecer algumas casas, instituições de longa permanência que na época não tinha esse nome ILPIs. A Tomiko, coordenava um trabalho muito grande, nós fomos à uma outra instituição com idosos de origem alemã, origem judaica também, nós tivemos a oportunidades de ver como é que esse trabalho acontecia nessas instituições hoje chamada ILPIs, algumas com uma estrutura que atendia as necessidades básicas dos idosos, de saúde, de lazer, de informação, não digo de educação, de informação e de pertencimento e fomos a algumas instituições também que elas nada mais eram do que depósitos, de pessoas idosas. A partir daí com esse conhecimento da realidade o que caberia a nós técnicos, quais seriam as possibilidades de nós desenvolvermos nossos projetos (Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

No diálogo com as(os) trabalhadoras(es) do Sesc constatou-se que esses processos formativos foram e são fundamentais para o desenvolvimento de uma intervenção técnica-operativa bem planejada que estimule a potencialidade do convívio como uma proposta efetiva de sociabilização, de participação social e de atualização de conhecimentos voltada à população idosa.

Pode-se observar na narrativa de Gonçalves que a participação no curso realizado pelo Instituto Sedes Sapientiae sobre Gerontologia Social, impulsionou o trabalho desenvolvido pela equipe técnica do Sesc no Programa Trabalho Social com Idosos:

[...] aí, nós começamos a desenhar o que poderia ser o trabalho, como poderia ser desenvolvido esse trabalho nas Unidades onde o Sesc tinha já essa ação. É, nós tínhamos uma carência de profissionais para trabalhar, todos estavam à frente de mais do que um programa, vários programas de ação comunitária, eles eram muito intensos e havia assim uma necessidade de estar sempre presente em feiras, com palestras, em cursos, em manhãs de recreio.

[...] A partir de 1982, nós avaliamos que mesmo com a demanda crescente de idosos nas Unidades foi importante que um coordenador estivesse à frente desse trabalho e foi o meu caso. Eu comecei a desenvolver um trabalho de forma mais presencial, e o meu tempo aí ficou voltado para o trabalho social com idosos, o TSI

(Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

Em todo espaço sócio-ocupacional certamente encontraremos questões que teremos que resolver, com Gonçalves não foi diferente, e ela nos narra as dificuldades que enfrentou nos anos iniciais de sua atuação no Programa Trabalho Social com Idosos:

Esse trabalho, ele já existia em São Carlos, o grupo, existia um grupo de idosos, pessoas idosas que frequentavam o Sesc em São Carlos. Existia uma Unidade que não é essa que existe hoje, que foi inaugurada se eu não me engano em 96, eu não tenho certeza dessas datas, não lembro, 95 se eu não me engano. Bom, então existiu uma Unidade no Sesc São Carlos que atendia um grupo de idosos, como todos os outros trabalhos que já existiam nessa época com os grupos de idosos, um trabalho de sociabilização, ainda não existiam as escolas abertas em São Carlos, embora ela já acontecesse em Campinas, um trabalho extremamente importante, acontecesse já no Sesc Consolação, que era o antigo Sesc Vila Nova, esses projetos voltados mais para a socialização dos idosos, para atualização de conhecimento através de palestras, oficinas já vinham acontecendo, daí eu fiquei à frente desse trabalho. Ele era coordenado por outra pessoa e assim, foi um momento meio delicado a minha entrada, porque houve uma mudança de coordenação, daí as pessoas, o grupo tinha uma característica quase que autoritária. O grupo era formado por pessoas tidas da sociedade São Carlense, elas escolhiam, elas é que identificavam quem eram as pessoas que podiam fazer parte desse trabalho com idosos, ou seja, era um grupo com uma estrutura formal, com presidente, vice-presidente, com conselheiros, ele tinha uma estrutura extremamente formal, onde os associados tinham uma contribuição mensal mínima, embora o

grupo, um estatuto um conselho fiscal e etc, esse grupo estava instalado nas dependências do Sesc, então, pra que a gente fizesse essa transição e essa mudança principalmente de comportamento, por parte dessa diretoria que impunha, que era, autoritária, estigmatizava e discriminava a pessoas foi assim, extremamente delicado esse período, houveram múltiplos embates (Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

Gonçalves relata que muitas pessoas idosas eram discriminadas por conta de sua condição social e sofriam preconceito racial, e essas questões incomodavam muito as técnicas e técnicos do Sesc que trabalhavam permanentemente com o grupo e que buscavam contemplar os interesses de todas as pessoas que participavam das atividades, mas em alguns momentos isso não acontecia. Pode-se perceber no seu relato, a importância do trabalho desenvolvido pelas(os) assistentes sociais no Programa Trabalho Social com Idosos para que houvesse uma mudança significativa:

[...] nós já estávamos, não só eu como o próprio chefe de programação, como outros técnicos incomodados com essa situação, nós tivemos contato com um trabalho realizado dentro da Unicamp, era um trabalho, eles tinham já uma vivência grande dentro da própria Unicamp com o Colegiado, então a gente começou a beber nessa fonte. Nós começamos a trazer profissionais, nós, buscamos mais informações a respeito disso e durante um bom período. Qual foi a estratégia, qual foi a metodologia utilizada, trazer palestras, trazer pessoas que pudessem falar a respeito dessa nova forma de atuação, de trabalho, de metodologia e de estrutura para desencadear o processo. Nessa ocasião eu já estava coordenando o trabalho de São Carlos e o trabalho de Araraquara, esse grupo não tinha pouco mais do que, em São Carlos pouco mais de 100, 120 pessoas e com o tempo ele foi aumentando, foi crescendo e o de Araraquara também. O grupo tinha uma característica muito próxima ao de Araraquara com o de São Carlos, porque, as diretorias se espelhavam, as diretorias copiavam esse modelo de estrutura. Eles achavam que tinha que ter esse modelo, porque desde que existia uma forma de pagamento, então precisaria ter essa estrutura formal com um presidente, um tesoureiro, enfim. Eles tinham uma participação ativa na sociedade, um certo vamos dizer especificamente em São Carlos a figura do presidente tinha um certo destaque junto às Universidades, à USP, à Universidade de São Carlos, à própria Universidade Federal e à outras associações, então isso era um, era um (silêncio), como se tivesse com um status, dava um status para quem era o presidente, era confortável para quem estava na direção manter esse tipo de estrutura, porque com o Colegiado você pulveriza esta ação e foi aos poucos que a gente conseguiu mudar, então foi por meio de uma votação tanto em São Carlos como em Araraquara após muita conversa, muitas palestras, muitas reuniões, começaram a aceitar essa mudança porque ela seria, ela traria a participação de todos, e essas pessoas não precisariam ficar submissas à decisões da própria Diretoria, seria o momento onde eles pudessem ser os protagonistas desta ação e isso trouxe um enriquecimento muito grande nas discussões é, e também nessa construção que ela passou a ser coletiva, ela foi desenvolvida a muitas mãos.

É deixa eu ver o que mais que eu me lembro. Uma coisa importante, a gente conseguiu minimizar essa competitividade entre os membros do grupo, porque não tinha essa necessidade mais de, de aparecer, de prestígio como presidente, etc. Então o Colegiado ele foi enriquecedor, essa forma, essa estrutura adotada, foi transformadora para os

membros que faziam parte desse grupo e como esse trabalho começou a crescer muito, foi feito um convite pra que a gente criasse também um outro grupo em Pirassununga, e foi aí que eu criei o grupo, o Trabalho Social com Idosos em Pirassununga

(Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

A experiência narrada por Gonçalves durante o diálogo com Mirabelli, em março de 2022, apresenta o impacto dessas mudanças na vida das pessoas idosas e no próprio trabalho desenvolvido por ela:

Gonçalves: E esse trabalho então, ele foi muito gratificante porque ele desmistificou muito, muita coisa e mobilizou esses idosos em busca de, não só de conhecimento, mas também de parcerias nas cidades todas, porque o Sesc disponibilizava um espaço e um técnico, só isso, então as pessoas tinham que realmente correr atrás, e isso fez com que o grupo se fortalecesse, o grupo alcançou uma maturidade, e realmente assim, foi muito gratificante trabalhar, foi, é não foi muito fácil (sorriu), mas a gente cresce com isso, você desconstruir uma estrutura extremamente engessada, mudar radicalmente, foi impactante, precisava de muita criatividade.

Mirabelli: Eu imagino, porque eu também vivenciei isso quando eu fiz estágio, isso em 98 e 99 já, bem mais a frente desse período que você está contando para mim e já vivenciei na época no grupo, no trabalho social com idosos, a experiência do Colegiado, que já era essa nova estrutura, então eu não conhecia essa história que você está me trazendo e a Lília também fala disso na entrevista dela.

Assim como Gonçalves, Ladislau apresenta questões importantes desse trabalho ao nos relatar como encontrou o Programa Trabalho Social com Idosos no momento de sua chegada na instituição:

Então com todas as transformações que o trabalho foi tendo, mas já era lá, abrigava um grupo de idosos muito grande, com todos os enganos também do que era o trabalho social, até o trabalho social do próprio Sesc, a ponto de que esses idosos já tinham aquilo lá como posse deles, que eles mandavam, que eles faziam, isso acontecia, que era uma coisa da época e que o próprio Sesc também foi, primeiro porque não tinha esse olhar, o que importava muito era aquela massa de pessoas que tinham o perfil, sim, que o Sesc já desde o começo trabalhava com os aposentados, aposentados do comércio, trabalhava dentro dessa trilha, mas aonde ia, eles eram o dono do pedaço, então com milhões de equívocos até dentro da própria essência do trabalho. Claro eu chego, o grupo já tinha ah, o grupo já tinha uns 10, 15 anos sei lá, é já tinha todas as sequelas, eles já tinham sequelas de equívocos, inclusive contrariando a filosofia do trabalho com idosos. Então claro que a minha chegada foi um certo impacto, mas que eu estava muito imbuída do sentido que tinha aquilo na minha vida e o que a minha vida com o entendimento que eu trazia já conhecendo a instituição, tendo estudado esse tempo todo de afeição pela instituição, qual era o meu papel frente a esse grupo, a esse trabalho. Então foi assim, quer dizer foi fascínio, isso só cresceu ahhh eu fiquei lá em Campinas 17 anos à frente desse trabalho, eu era uma menina segundo eles: “quem é essa menina que vem agora dizer pra gente o que é que tem que fazer (risos), quem pensa ela”; eu tinha apenas vinte e pouquinhos anos e eles: “quem é essa

menina”, com todo aquele pouco caso que eles tinham pela menina, mas muito, muito envolvida, no sentido do que eu via no trabalho, a possibilidade que esse trabalho tinha, e fui vendo e quer dizer, a experiência que foi crescendo com realmente a transformação na vida dessas pessoas que o trabalho era capaz. Então a minha chegada no Sesc é essa, a minha permanência a partir disso foram 30 anos (Ladislau, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

As inquietações desses profissionais que faziam parte da equipe técnica do Sesc, provocaram reflexões importantes quanto aos objetivos e a metodologia de trabalho desenvolvida no Programa Trabalho Social com Idosos. Seguramente o trabalho das/os assistentes sociais, sociólogos, psicólogos, entre outros profissionais, contribuiu grandemente com a produção do conhecimento e estimulou a participação das pessoas idosas nos Conselhos de Direitos. Gonçalves afirma em sua narrativa:

O que nós conseguimos avaliar com isso, é que os idosos, eles tinham capacidade de enfrentar realmente novos desafios, as pessoas elas não tinham essa capacidade de explorar, de se colocar à frente, sempre foram podados, não só esses idosos nessa época, assim pelos pais, pelos maridos, pelos filhos, então eles não tinham essa condição e essa possibilidade de realizar sonhos, então eu gostaria de fazer tal coisa, então eu vou em frente, porque não e, porque aceitar, porque ser submisso, então é muito difícil você desestabilizar uma situação que está confortável, embora incomodasse e muito vários deles e delas que eram discriminados por questão de raça, de cor, social, então essas pessoas deram um basta e isso foi assim, foi extremamente gratificante, fazer com que essas pessoas saíssem daquele lugar confortável que elas estavam e participar dessa mudança. Então isso aconteceu em Araraquara, em São Carlos e em Pirassununga. Sempre esse trabalho, esteve consonante com toda a metodologia do Trabalho Social com Idosos do Sesc, sempre, embora a gente não pudesse atender a todos os objetivos desse trabalho dada as condições, não só, de técnicos pra estar à frente, como financeira mesmo. Deixa eu relembra mais um pouco aqui (silêncio). É tanta coisa, bom, o que é que a gente percebeu com isso, e a gente vê em documentos do Sesc, nós todos escrevemos sobre isso, esse trabalho, ele se tornou uma referência, esse trabalho que o Sesc estava desenvolvendo nas Unidades e na região ele se tornou uma referência e ele apresentou questões desafiadoras, a partir daí esses idosos se envolveram em manifestos, se desafiaram a participar do Conselho já, estava começando essa, essa inserção dentro dos Conselhos Municipais, isso eu me refiro já quase no meio da década de 80. Então, esse movimento que aconteceu com o Colegiado, com toda essa mudança, com essa participação mais intensa dos idosos, abriu novas frentes, abriu novos caminhos e esses idosos realmente se sentiram com a possibilidade de fazer outras coisas, que não aquelas que eram, que estavam dentro daquele que eram permitidas (gesto entre aspas com as mãos). A partir deste período contamos com uma produção de textos, não só de colegas, de técnicos do Sesc, mas como também de algumas instituições que tiveram como referência esse próprio trabalho do Sesc, então já contávamos com uma produção maior, de textos, começam a acontecer os primeiros Encontros Estaduais de Idosos e que produziam a partir de questões temáticas apresentadas naqueles encontros, produziam os cadernos, eram os Anais, eram os Anais que eram assim, importantíssimos, eles traziam a voz daquelas pessoas que participaram, daqueles idosos de diferentes instituições, eram os Encontros Estaduais e que aconteciam nas Prefeituras, nos Centros de Convivência que estavam começando, e

aconteceram aí muitos seminários também. Bom, após a criação desses Encontros Estaduais vieram os Encontros Nacionais de Idosos, daí um trabalho que trouxe uma visibilidade em termos de Brasil, de representantes assim desde o Estado do Pará, também do Amazonas, como também do Rio Grande do Sul, realidades totalmente diferentes e condições geográficas também totalmente diferentes e com velhices totalmente diferentes. Foram idosos que trouxeram a sua experiência e trouxeram a sua vontade de lutar, de realizar, de discutir e que isso se tornasse uma realidade, em busca de direitos. Então esses Encontros Nacionais eles já trouxeram aí um início de discussão na área governamental (Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

Durante nosso diálogo, Gonçalves enfatiza a importância da participação de todas as pessoas na construção da história do Sesc São Paulo, na construção da história do nosso país, destaca que foram essas pessoas que influenciaram a elaboração de políticas públicas voltadas à pessoa idosa:

É um coletivo mesmo, foram vários, vários protagonistas aí nessa história toda. E eu considero importante não só as transformações que aconteceu na vida desses idosos, mas também a participação do Sesc nesses Conselhos, na reivindicação das políticas, o Sesc entrou a fundo nisso, isso a gente tem que reconhecer, o Sesc eu digo, os vários técnicos que estiveram à frente abrindo esses espaços importantíssimos de fala e dando uma visibilidade muito grande para os idosos na questão dos direitos e para o próprio Sesc. Então, todos os fóruns, todas as discussões você percebe uma mudança extremamente radical desse trabalho do Sesc, sempre atento ao que acontece simultaneamente na sociedade, mas a gente percebe que ela é dividida em décadas, é muito clara essa atuação do Sesc, porque ela atende as demandas da sociedade (Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

Padula, Ladislau e Gonçalves narram a seriedade com que o trabalho era desenvolvido pelo Sesc São Paulo e destacam a relevância do trabalho desenvolvido por Marcelo Antonio Salgado, assistente social, especialista em gerontologia, que coordenou o Trabalho Social com Idosos no Sesc São Paulo por trinta anos. Marcelo Salgado, como todos o conhecia, foi um grande pesquisador e uma referência na área da Gerontologia Social no Brasil:

Esse trabalho social com idosos é pioneiro e referência. Isso a gente deve ao Marcelo Salgado num primeiro tempo, o trabalho todo que ele fez, mas depois essa visão do Sesc de manter uma área com ênfase, com técnicos sendo preparados, sendo desafiados a trazer a contemporaneidade do programa (Padula, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

Então eu pude de dentro ir vivendo e inclusive experimentando caminhos ahhh diálogos, pontes de recado que a gente teria a fazer, a ter com essas pessoas, com este grupo de pessoas na mudança social, na mudança da sociedade brasileira, também principalmente que a gente teve lá a pirâmide, eu pude ir virando esta pirâmide, eu fui virando junto com a pirâmide, quando a gente vai tendo essa inversão da pirâmide, então eu enquanto pessoa, a instituição, o lugar do velho na

sociedade, e o entendimento que o Sesc passa a ter do seu papel frente a esta população. [...] a ponto quase da gente chegar uma hora que a gente tinha que dizer: bom, até aqui a gente foi sempre com o velho e não pelo velho, primeiro de poder dizer velho, não é? (risos) sempre foi um encanto, disse que foi uma coisa que a gente foi mudando, inclusive a terminologia. Sempre foi com o velho, não pelo velho e esse lugar do Sesc e assim esse eixo de trabalho fez toda a diferença, inclusive na minha vida, porque se eu pensava em transformar a vida como eixo de transformação, fazer pelo outro não tinha nada a ver, mas quando a gente faz com o outro e faz com o outro tendo um pré-requisito de capacitação minha, da própria instituição que tem que beber em todas as fontes internacionais, que traz técnicos do exterior, manda gente daqui pra lá, tem toda essa contribuição e nesse sentido há que se reconhecer que quem estava à frente dessa coordenação, deste trabalho, era Marcelo Antonio Salgado, com todas as entradas que ele tinha de conhecimento, de políticas, de respeito internacional, ele soube muito bem abrir isso, possibilitando, que nós técnicos, que estávamos a frente desse trabalho, pudéssemos estar o tempo todo trocando, bebendo nas fontes, fazendo alianças com universidades quer seja daqui, quer seja do exterior não é? Então foi um trabalho que foi sendo retroalimentado, porque tivemos a frente nesse período todo, uma pessoa que tinha esse olhar muito de ampliar e de dar uma dimensão de sentido para esse trabalho, e não como uma coisa, uma joia que é minha e que fica fora do crescimento da história, então isso tem que se deixar claro, [...] mas não esqueçamos que isso deu projeção para instituição, para quem estava estudando e trabalhando e de certa forma sendo quase que o precursor de uma questão que aqui no Brasil não se tocava, isto é um lugar que não tem, você pode, foi o trabalho diferenciado, foi o primeiro trabalho com este viés (Ladislau, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

A gente não pode esquecer de uma preocupação permanente, não só de atualização, como de inserção dos idosos e dessa discussão, desta ação do Sesc é nas questões não só dos direitos como dos deveres, de uma pessoa que foi importantíssima pra esse trabalho, era uma preocupação permanente dele, que foi o Marcelo Antonio Salgado e que não só trazia, não só trouxe uma visão de profissionais, inclusive de fora do Brasil, nós tivemos uma apresentação, um seminário com a Claudine Attias-Donfut que era da Universidade de Paris, também da Espanha, tivemos outros profissionais não só de Universidades, mas também ligados aos Ministérios, Ministério da Assistência e Desenvolvimento Social, das Prefeituras. Começa aí uma participação mais intensa do Sesc na discussão das políticas públicas voltadas para o cidadão idoso.

Claudine Attias-Donfut, o Marcelo já conhecia o trabalho dela e a convidou, ela fez uma apresentação extremamente importante sobre a questão do envelhecimento na França, que era um dos países bem avançado nessas discussões, existiam as Universidades Abertas lá e aqui também já estavam começando. Bom, nessa época estivemos mais presentes e mais à frente dessas discussões da questão das políticas de direitos dos idosos, eu ainda estava, deixe-me lembrar (silêncio), bom, estava à frente do trabalho com idosos.

[...] o Marcelo e a GETI, na época que era a Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade, ela tinha a coordenação em todo o estado de São Paulo, desenvolvia a capacitação, trazia essa discussão pra que a gente pudesse ter acesso a esse conhecimento voltado pra esse público tão específico. O Marcelo, a GETI disponibilizava as diretrizes do Programa, nós tínhamos muitas reuniões de avaliação, qual era esse trabalho realizado nessas Unidades e na comunidade em que o Sesc atuava (Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

Gonçalves destaca em seu relato algumas ações desenvolvidas pelo Sesc São Paulo que as pessoas idosas participavam e que impulsionaram uma transformação na vida delas:

Nós tivemos é um trabalho bastante importante voltando um pouquinho pro Sesc Consolação que já estava, voltei aí nesse período que eu havia dito pra você de 85 até 94 que eu fiquei integrando a área de Cultura, a frente de vários trabalhos, que nós tivemos o trabalho com esses grupos todos que puderam participar dentro das oficinas, o Sesc Consolação. Nós tivemos as Oficinas de Teatro com os idosos que foi assim, foi um marco na vida dessas pessoas e do próprio trabalho. Um trabalho que foi inusitado, algumas das senhoras do grupo participaram de alguns trabalhos com o Antunes Filho. Nós tivemos também vários idosos que tiveram oportunidade de participar do Centro Experimental de Música dentro da Orquestra de Cordas, não só do Coral, mas dentro da Orquestra de Cordas, então nós tivemos uns idosos que assim se desafiaram realmente, e foram em busca do seu sonho, e conseguiram realizar. Alguns a partir desse trabalho passaram a frequentar a Universidade Aberta da USP, não só o trabalho que o Sesc Consolação tinha que era a Escola Aberta da Terceira Idade, que propunha essa atualização de informações, esse conhecimento e também participar de seminários, de cursos, de palestras, etc, que era uma ação mais educativa, como também tiveram a possibilidade de buscar lá nas Universidades, que foi o caso de muitos que foram pra USP, na Universidade Aberta da USP com a Professora Ecléa Bosi, participaram de pesquisas com ela, é ainda inclusive de uma publicação dela. Bom, com isso, eu volto ao trabalho com idosos no Sesc, voltei novamente a coordenar esse trabalho em 94 até 2002 (Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

Podemos observar em sua narrativa que o Sesc impulsionou a presença de mulheres idosas e homens idosos em vários espaços, estimulou a participação nas diversas linguagens apresentadas pela instituição, como o teatro, a música, a dança, entre outras ações culturais e artísticas.

Um trabalho que ao longo desses anos envolve a participação e a contribuição das(os) estagiárias(os) de Serviço Social junto ao Programa Trabalho Social com Idosos, que é referenciado por Gonçalves:

Sim, voltei ao Sesc Consolação coordenar esse trabalho a convite da gerência, eu voltei a coordenar de 94 a 2002. Essa Unidade tinha uma equipe grande, lembrando sempre que nessas Unidades todas como em São Carlos, como também no Sesc Consolação nós tivemos estagiários de Serviço Social, e que foi muito importante, muito, muito importante a participação desses estagiários. Tivemos colegas como a Teca La Macchia que foi coordenadora não de campo, mas de estágio no Sesc Consolação, e em São Carlos também eu tive estagiários e que deram continuidade a esse trabalho e a outros trabalhos. [...] nós tínhamos estagiários, eu e a Regina, então quer dizer, era uma equipe grande, porque era um grupo que demandava uma atenção muito grande, eles eram muito grande, não só a Escola Aberta como o Grupo da Terceira Idade que participou, tem uma história única, tem uma história muito grande dentro dessa ação do Sesc (Gonçalves, entrevista

concedida em março de 2022).

Nesta direção, destacamos o diálogo entre Garcia e Mirabelli, em abril de 2022, que narram a experiência no Sesc Bauru. Mirabelli no período narrado, era estagiária de Serviço Social e Garcia sua supervisora de estágio no Programa Trabalho Social com Idosos:

Mirabelli: *Mas tem muita coisa que marcou a minha vida também, eu me lembro do teu trabalho, que eram aquelas oficinas que tinham de artes plásticas e elas pintavam quadros, eu tenho quadros até hoje (sorriu) que eu ganhei da Teresinha, o seu Milton também me deu um quadro, eu me lembro muito desse trabalho. Lembro das oficinas de memória que a gente fazia e que era um trabalho tão significativo Lúcinha.*

Garcia: *Foi, a Oficina de Memória, bom as oficinas de fazeres eram muito importantes porque é, nossa, a gente, é engraçado (sorriu), o pessoal aprendia, hoje eu me vejo nesse lugar, porque quando eu fui para o Sesc Pompeia, eu descobri o tear que eu achava muito bonito, que foi um projeto que eu trabalhei, não sei se você já estava no Projeto Labirinto da Moda?*

Mirabelli: *Sim, no Labirinto eu estava, eu lembro!*

Garcia: *Então, tinha um tear logo na entrada do Sesc. Ah eu praticamente desliguei da Terceira Idade e você e a Elaine que ficaram com os idosos.*

[...] A Elaine foi contratada para assumir, porque eu fiquei direto no Labirinto, enfim, eu achava maravilhoso tecer, aquele tear grande e tudo mais e lá, quando eu fui para o Pompeia eu vi, tinha a oficina, no começo eu ficava namorando, depois namorando mais, aí acabei fazendo, o meu horário mudou e aí possibilitou de eu fazer o curso, enfim, eu não sou artesã, eu não tenho jeito, mas me faz muito bem. Então hoje eu me vejo nesse lugar, e as atividades manuais então para os idosos sempre tinha um significado, não só o fazer pelo fazer, mas desde reciclagem de material, não se torna artista, mas o que você pode fazer, tinha bastante, foi outra coisa que eu gostava bem, era direto e a Oficina de Memória também. A Oficina de Memória foi uma coisa tão marcante que eu fui chamada para fazer palestra no PROMAI – Programa de Atendimento ao Idoso da Prefeitura para falar sobre a oficina, que a gente trabalhava não só memória, mas trabalhava também exercícios e atividades, e incentivava a trabalhar a memória mesmo, não a memória, mas trabalhar o cérebro de forma que mantivesse viva a sinapse e tudo mais e isso foi muito bom, a gente teve muitos retornos. Uma senhora que teve por exemplo, um AVC leve e ela voltou, mas ficou fazendo terapia ocupacional, fono, as duas profissionais foram me procurar, queriam saber o que que ela fazia na Oficina de Memória, que ela melhorou muito mais rápido e tal, estava melhor do que com a terapia que elas faziam. Incentivava as pessoas a fazerem coisas, teve uma senhora que saiu do grupo, não participou mais do Sesc porque ela começou a pintar, a pintar, e virou pintora e foi, não sei, eu acho que você nem a conheceu, a Tia Cida, ela queria ser chamada de Tia Cida.

Mirabelli: *E saiu porque encontrou outro significado, eu acho que é isso. E eu me lembro muito das Oficinas de Memória, porque elas marcaram também muito aquele período meu de estágio, porque eu fiquei um período grande, quando você estava com muito trabalho, lembra Lúcinha? (sorriram)*

Garcia: Você que ficava, é!

Mirabelli: A gente organizava, separava os exercícios e eu me lembro da D. Margarida, ela escrevia com bastante dificuldade e as vezes eu tinha que ficar ao lado dela para ela poder acompanhar os exercícios. Eu lembro que teve um período que eu coloquei um painel, que a gente colocava algumas figuras: estou triste, estou feliz, estou cansado, eu colocava para eles. Bom, me recordo que muitas vezes eles chegavam na oficina meio tristes, cansados e aí quando terminava a atividade, todo mundo colocava o nome na carinha feliz. E isso fazia a gente pensar o quanto era importante os exercícios, a parte cognitiva, mas muito para além dessa parte, tinha a socialização, que eles até instituíram o dia do abraço, você lembra disso? (sorriu)

Garcia: É, lembro, quinta-feira era o dia do abraço, porque era na oficina.

Mirabelli: Lembra? Então assim, tem muita coisa boa que a gente construiu.

No diálogo entre Gonçalves e Mirabelli, realizado em março de 2022, enfatizam algumas ações desenvolvidas nesse período, o protagonismo das pessoas idosas e as transformações que ocorreram em suas vidas:

Gonçalves: Colegas entrevistaram e pesquisaram esses idosos que fizeram parte das artes cênicas, trabalho voluntário que começou nessa ocasião eu comecei a desenvolver mais, mais próximo a esse trabalho com o Centro do Voluntariado de São Paulo, que estava à frente desse trabalho trazendo pessoas, profissionais pra fazerem, desmistificar aquele voluntário, que tinha um caráter mais filantrópico, qual é esse o voluntário hoje, hoje por volta de 2002, que foi inclusive acho que o Ano Internacional do Voluntário. Nós trouxemos alguns profissionais pra falar mais sobre esse conceito, sobre essa ação do trabalho voluntário, identificar esses voluntários, enfim dentro da, da ação, vamos dizer assim, não só da ação, mas dentro da missão do que era o trabalho voluntário naquela ocasião, naquele momento, em que momento que esses idosos poderiam estar participando e a resposta foi muito positiva, nós tivemos vários idosos que passaram a fazer parte desse trabalho voluntário e foi elaborada uma pesquisa inclusive nessa ocasião e foi produzido um documento sobre esse trabalho voluntário. Nós fizemos alguns debates no Sesc Consolação e um grande evento sobre o Trabalho Voluntário convidando, várias pessoas que estavam a frente desse trabalho, pra falar sobre essa nova construção e de que forma essas pessoas poderiam se qualificar e como elas poderiam exercer essas novas práticas, com o seu conhecimento, com a sua experiência em diferentes campos e isso foi bastante positivo, isso foi extremamente gratificante, esse envolvimento desses idosos que buscavam mais, eles queriam mais, então nós tivemos assim, professores, nós tivemos advogados, o Sesc Consolação ele tinha uma característica bastante peculiar em função da localização onde ele estava. No grupo de idosos nós tivemos professores universitários, tanto que nós fizemos um levantamento, uma pesquisa, nós tínhamos um ou dois casos de analfabetismo, era muito pouco. Nós tínhamos profissionais, professores universitários, advogados, enfermeiras, nós tínhamos uma assistente social fantástica, maravilhosa que fez parte desse trabalho também, músicos, essas pessoas faziam parte desse grupo e tínhamos também pessoas, com o nível de educação equivalente a antiga escola primária, hoje o ensino fundamental, mas que isso nunca foi impedimento, pelo contrário, era um grupo bastante

político e era um grupo que compartilhava muito, existiam muitos embates e isso foi muito importante pro crescimento desse grupo. As pessoas trocavam realmente, elas sugavam conhecimento umas das outras.

Mirabelli: Nossa, te ouvindo parece que eu estou mergulhando na mesma história sabe (sorriram), porque eu também fiz estágio no TSI, e vivenciei muito isso, eu ouvia as histórias das pessoas, elas diziam: “olha cheguei com muita depressão, eu tinha um tempo livre enorme em casa, eu não tinha com quem conversar”, aí chegavam no Sesc, faziam amizades, começavam a desenvolver atividades, participar e também ensinar, porque muitos idosos eram protagonistas nas oficinas (sorriram), eu me lembro muito disso em Bauru, então você trazendo isso pra mim, parece que eu estou vendo, vivenciando isso de novo, é muito gostoso Martinha. (sorriram)

Gonçalves: Isso realmente foi motivador, porque as pessoas, claro que nós já estávamos num outro momento, um outro momento da política, das reivindicações, dessa visibilidade do idoso, essa conscientização dos idosos isso já estava num outro patamar. E o que que acontece, nós tivemos depoimentos assim, realmente que nos sensibilizaram e muito dessa transformação que era real e que acontecia na vida dessas pessoas. Isso que você fala que as pessoas ficavam em casa, esperando a vida passar, velhando como dizia o Marcelo. Então essas pessoas se rebelaram contra essa situação, às vezes até contra a própria família, que as colocava num lugar de aceitação. Nós estamos falando de pessoas, quando eu comecei o trabalho em São Carlos, absurdo, era 45 anos (gesticulando com os braços). Era assim, depois passou, mas assim foi um período muito rápido, foi logo que eu entrei, depois passou pra 55 e depois veio na Política, a própria Organização Mundial de Saúde identificou que o idoso seria a partir de 60 anos.

Gonçalves durante a entrevista relata a influência do Sesc São Paulo na elaboração da Política Nacional da Pessoa Idosa e a importante participação das assistentes sociais nos Conselhos de Direitos, que tem como principal objetivo, deliberar políticas, influir no orçamento, nas ações, além do seu papel na promoção e defesa dos direitos:

Mirabelli: Mas o Sesc ao longo de sua história sempre acompanhou a política, ele sempre esteve envolvido.

Gonçalves: Sempre, sempre! É aquilo que eu falei, o Sesc atende muito, ele é consoante com a realidade da sociedade em relação à política, em relação as mudanças sociais, então nisso o Sesc sempre esteve muito atento. Então passamos a seguir essa nova ordem que era trabalhar com pessoas a partir dos 60 anos. Mesmo com o próprio trabalho a gente teve que estabelecer esse marco.

[...] O que fui lembrando um pouco mais assim, ainda nesse período, trazendo um pouco mais essa questão do conhecimento que eu já falei que foi, que constava dentro desses documentos, desses Anais que foram publicados nos Encontros Nacionais de Idosos, nos Encontros Estaduais, eu acho que você deve ter acesso lá no Sesc, ficou muita coisa lá.

[...] A partir desses Anais nós tivemos as primeiras discussões sobre a Política Nacional do Idoso e foram vários, foram muitos, foi muito grande, muito importante é, com uma construção coletiva com

diferentes velhices, diferentes idosos, de diferentes regiões, do Sesc e tudo mais. [...] Foi um período que já estava uma discussão efervescente quanto a questão dos direitos e dos deveres e aí nós tivemos as primeiras participações na Política Nacional do Idoso, eu não lembro exatamente, nós tivemos aí a Assembleia Mundial sobre Envelhecimento em Madrid que foi em 2002 e que ela já traçava novas diretrizes pra esse perfil desse idoso. Teve um desdobramento muito grande, muito interessante dentro da Política, e quando eu falo dessas pessoas que participaram, foram pessoas extremamente é representativas de várias frentes, dentro da Política Nacional, dentro das Universidades, começa aí já o Conselho Nacional do Idoso, que eu não lembro exatamente se ele é de 2003, essas datas eu teria que ver, não sei se isso é importante, essas datas. Começaram essas discussões, nós tivemos aí anterior a Política Nacional do Idoso, o Conselho Nacional dos Direitos do Idoso, da Pessoa Idosa, ele foi anterior, ele é de 94, ou a implementação da PNI, que é de 94 e o CNDI se eu não me engano ele é de 2002. Então ele tinha membros representantes tanto da sociedade civil, como governamental, como quase todos os conselhos, eu fiz parte do Conselho Estadual do Idoso, do Idoso muito pouco, mas do Conselho Estadual da Assistência Social, você ainda faz parte Sandra?

Mirabelli: Fui conselheira até 2020, estive por dois mandatos. Eu gosto muito de participar do Conselho, é um aprendizado muito grande não é Martinha?

Gonçalves: O CONSEAS foi assim, uma fonte de aprendizado muito atual da discussão das políticas, não só do idoso, mas de todos os segmentos. Bom, vamos falar de um marco, de uma coisa importantíssima que foi a deliberação, do Estatuto do Idoso [...] pelo então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Lula, isso foi a deliberação em 1 de dezembro de 2003, que falava sobre os direitos e deveres do idoso, essa, todas essas discussões que foram temáticas dos Encontros Nacionais que vinha sempre trazendo muito fortemente essas discussões era um entendimento e que o Marcelo Salgado tinha, tinha que trazer esses idosos pra essa realidade, em busca, na luta dos seus direitos. Isso foi realmente muito importante, fomentou uma série de outras ações, porque esses idosos não estavam sozinhos, não eram idosos só do Sesc, eles estavam em várias frentes, tanto no Conselho Estadual do Idoso nós tínhamos representantes, como também em várias ações na comunidade, enfim, a fim de que assegurasse o direito da pessoa idosa. Então nós tivemos a PNI, que são todas, elas vão acontecendo muito em períodos muito próximos, que foi a implementação da Política Nacional da Pessoa Idosa, foi a criação do Estatuto do Idoso que foi extremamente importante, daí nós tivemos assim, várias ações que foram baseadas nesse Estatuto, trouxemos assim representantes do Ministério Público que esteve em várias Unidades do Sesc chamando esses idosos pra que tivessem conhecimento desses direitos, desses deveres, que fossem em busca desta nova ação pra assegurar realmente os seus direitos que eles desconheciam. Divulgamos e debatemos com os idosos sobre a Política e também um Estatuto, que é uma ferramenta importantíssima pra esses idosos, muitos que sofriam violência, muitos sofriam assédio e abuso mesmo, abuso por parte da família, violência psicológica, violência física e etc. Bom, isso tudo tá contemplado inclusive dentro do Estatuto do Idoso. Foram inúmeras, inúmeras discussões, nas várias Unidades do Sesc, fora do Sesc, em muitas frentes, e mesmo assim, a gente pode observar que muitos idosos não tinham acesso, embora essas publicações fossem assim é distribuídas e discutidas em larga escala, a gente percebia que havia uma certa, era uma alienação, mas havia uma

ausência na participação disso.

Como vimos em algumas narrativas, o Sesc São Paulo também tem uma importante participação na construção do conhecimento na área da Gerontologia e do Serviço Social. Gonçalves relata essa participação na elaboração de pesquisas e na publicação de revistas e livros:

Gonçalves: Nós tivemos um trabalho que foi extremamente importante é dentro do Sesc, já na Gerência que foi algumas pesquisas importantes, a pesquisa junto à Fundação Perseu Abramo, Idosos no Brasil, que ela discute tudo isso, tivemos também algumas publicações que nós fizemos parte que foi da Ana Amélia Camarano, ou seja, o Sesc ele foi não só promotor de espaços de fala, de discussão, como também, incentivador à essas publicações que foram extremamente importantes. Hoje por exemplo, você tem as Revistas, com os Cadernos que foram lá pra trás, os primeiros Cadernos da Terceira Idade, depois a própria publicação da Revista A Terceira Idade que depois passou a chamar 60+?

Mirabelli: Revista Mais 60: estudos sobre envelhecimento.

Gonçalves: Então essas publicações, elas são uma fonte muito rica de uma realidade prática e teórica dessa área que a gente atua. Hoje você tem aí uma diversidade de profissionais que estão atuando nessa área, uma riqueza muito grande que foi produção de conhecimento, que é diferente de quando nós começamos. Nós, nós próprios produzíamos muito, muito desses documentos, desse material e tivemos a feliz oportunidade de ter assim, pessoas é tão envolvidas, tão comprometidas com isso e instituições como a própria Ana Amélia Camarano, outras pessoas da UFRJ, da Universidade do Rio Grande do Sul, não vou falar agora, porque senão a gente vai omitir e nós tivemos assim grandes parceiros e parceiros importantíssimos dentro das Universidades e muitos profissionais empenhados mesmo nessa questão da saúde, do direito, do lazer, da cultura, da educação, que tiveram juntos com o Sesc nesse tempo todo. Bom nós tivemos juntas num evento que foi pra mim foi importante, eu acredito que pra vários colegas, eu acho que pra você, pra vários, uma discussão grande sobre os 50 anos do Trabalho Social com Idosos em 2013, e dessas ações que foram desencadeadas a partir dessa discussão, o que se esperava, foi feita uma publicação. Nós tivemos outras publicações importantes que foi trazer a questão do Serviço Social no Brasil e o modelo francês, que foi a publicação do ano da França no Brasil, não, o Trabalho Social França Brasil. Nós tivemos o ano da França, mas nós tivemos esse seminário tão importante, com a participação de tantos docentes, de várias áreas pra discutir o Trabalho Social na França e no Brasil que por um determinado momento nós também bebemos nessa fonte.

[...] Teve muita coisa, não dá pra gente listar tudo Sandra, teve muitas Semanas de Gerontologia, eu participei, enfim, mas é, é uma parte que eu acho que realmente é muito importante essa ação e esse trabalho que o Sesc realiza (Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

É importante enfatizar que o movimento que realizei ao redescobrir a história do Sesc, me permite, caminhar por vários períodos históricos e são as narrativas

das(os) trabalhadoras(es) que me conduziram a esses momentos significativos da organização.

Sendo assim, retornamos ao ano de 1966, período em que foram inauguradas as Unidades Móveis de Orientação Social (UNIMOS), que passaram a atender outras cidades.



Unidades Móveis de Orientação Social (UNIMOS)
Fotos: Acervo Sesc Memórias

Colaneri em sua narrativa apresenta o trabalho da UNIMOS:

[...] trabalho de grande envergadura do Sesc, na época, o das Unidades Móveis de Orientação Social - UNIMOS, presentes nos mais diversos municípios do estado de São Paulo em ambicioso e propositivo trabalho de Ação Comunitária (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

A circulação das Unidades Móveis de Orientação Social - UNIMOS, marcou o início das atividades do Sesc em cidades onde não havia equipamentos socioculturais da Instituição. O veículo da UNIMOS, tinha como papel a atuação em regiões onde não havia unidades fixas do Sesc no interior do estado, eram equipadas com materiais esportivos e culturais.

As UNIMOS percorriam o estado e instalavam-se nas proximidades de escolas, clubes e praças, realizando cursos, espetáculos e práticas esportivas com a população local e por um determinado período. Suas atividades foram realizadas durante as décadas de 1960 e 1970 e atenderam mais de 350 cidades, incluindo alguns bairros da Capital Paulista.

Uma das tarefas fundamentais das equipes de Orientadores Sociais, era conhecer os moradores das cidades visitadas e desenvolver interações com as comunidades. As UNIMOS tinham por objetivo o fortalecimento comunitário, estimulando o envolvimento das comunidades nas ações propostas, contribuindo com a qualidade de vida por meio de atividades socioeducativas voltadas à transformação social.

As equipes viajavam com carros, conhecidos por Veraneio, equipados com materiais esportivos, apostilas de cursos nas áreas de relações humanas do trabalho, administração e de ação cultural, além de mimeógrafos e projetores de cinema. Ao chegarem em uma cidade, identificavam as lideranças comunitárias e promoviam atividades socioeducativas, artísticas, esportivas, recreativas e de saúde. Durante a permanência, as equipes também mobilizavam as lideranças do território para dar continuidade aos trabalhos iniciados.

Ouvi algumas narrativas de trabalhadores e trabalhadoras desse período, segundo essas pessoas, foi por meio da UNIMOS que se moldou a tecnologia de trabalho social que permanece até hoje no Sesc, principalmente o trabalho no território, como nos revela Padula:

Entreí como técnico direto, na época era orientador social da terminologia e aí a gente tinha aquele primeiro trabalho das UNIMOS, as Unidades Móveis de Orientação Social, que é a história do Sesc. Isto também foi muito importante, porque a gente ia para o interior, para as cidades, às vezes tinha cidade que não tinha nem acesso ao asfalto. A gente ia três jovens, com equipamento todo num carro e você chegava, você tinha que começar do zero, o contato com as instituições da cidade, com a Prefeitura, com a Associação Comercial e aí você ia procurar também as lideranças que desenvolviam trabalho. Tinha cursos de relações humanas no trabalho, não de formação, mas a gente enfatizava muito o trabalho em grupo. A gente tinha feito dinâmica de grupo aqui, com Lauro de Oliveira Lima sobre trabalho em grupo, e isso, no tempo do seminário, a gente procurava desenvolver muito, fazer trabalho envolvendo as comunidades, criando grupos, de clubes de mães.

[...] Então, a gente ia para o interior desenvolver esse trabalho, em um mês a gente tinha que fazer atividades numa cidade, um mês em cada cidade. A gente trabalhou com o juizado relativo à infância, a gente fazia seminários sobre a infância e aí procurava envolver instituições da cidade, procurava criar clubes de mães e junto com as atividades, tinham os obrigatórios, que era a bandeira do Brasil. Mas nós fazíamos atividade física, atividade cultural, então nesse um mês, você tinha que envolver a cidade. Era um retorno, o Sesc tinha pouquíssimas Unidades, e naquela época vamos considerar, telefone era muito complicado, a TV não chegava. Então, quando chegava três jovens com equipamento, com cinema, que era 16 milímetros e com projetor de slides falando sobre alimentação, por exemplo, tinha um “Você é o que você come”, olha, em 70, você fazer isso em 71, olha que loucura, o Sesc já era inovador.

[...] A gente tinha a Sede da UNIMOS na Grande São Paulo, que era lá em São Caetano, antiga faculdade de Serviço Social que foi demolida uma parte até depois. Naquela época eram os colegas do Sesc, foi o Glen que já morreu, o Dionino, tinham vários colegas nossos, o Walter Canôas que dava aula. Muitos profissionais do Sesc fizeram Serviço Social lá nessa época.

[...] E foi modernizando, as ênfases de trabalho foram mudando, as Unidades foram mudando também a configuração, ampliando o trabalho, era muito forte esse trabalho na UNIMOS de ação comunitária, então, o Sesc foi um dos pioneiros com as ruas de lazer, nós já estávamos começando o trabalho com idosos naquela época.

[...] Quando a gente fazia o trabalho da UNIMOS na Grande São Paulo, eu tive muito contato com os clubes de mães do ABC, a gente fazia seminários com elas, orientação sobre alimentação, o Sesc discretamente fazia um trabalho de valorização, de formação, trazia a discussão para que as pessoas pudessem participar da sociedade. O Sesc trazia nos seus técnicos, com quem a gente conversava essa preocupação do social e de capacitação de pessoas, toda a sua equipe tinha uma visão de trabalho social, de valorização da pessoa, de dar condições para as pessoas, mudança de sistema econômico, tudo isso já estava na visão das pessoas do Sesc.

[...] E foi modernizando, as ênfases de trabalho foram mudando, as Unidades foram mudando também a configuração, ampliando o trabalho, era muito forte esse trabalho na UNIMOS de ação comunitária, então, o Sesc foi um dos pioneiros com as ruas de lazer, nós já estávamos começando o trabalho com idosos naquela época

(Padula, entrevista concedida em fevereiro de 2022).



Rua de Lazer na cidade de Cerqueira César/SP, 1979.
Fotos: Acervo Sesc Memórias



Corrida de Independência - Ciclismo na cidade de Promissão/SP, 1973.

Sobre o trabalho desenvolvido pelas UNIMOS, Colaneri nos apresenta o quão importante foram as ações no estado de São Paulo:

Gostaria de mencionar e destacar, as atividades das UNIMOS (Unidades Móveis de Orientação Social), pois tiveram grande importância na ação do Sesc São Paulo, durante um longo período, nos anos 60 e 70. O trabalho de Ação Comunitária ganhou relevância nacional no Sistema Sesc. Assumi, na Divisão de Saúde a atribuição, entre outras, de preparar as equipes de Orientadores Sociais, para propor e desenvolver projetos voltados para ações de educação sanitária. Foi um longo e importante trabalho, merecendo destaque a realização das corridas Feiras de Saúde, com amplo envolvimento comunitário e participação de diferentes agentes de saúde nos municípios onde as ações se desenvolveram. A proposta de educar para a saúde, também foi realizada pelos Centro de Atividades. Exigiu muito empenho e dedicação em viagens sistemáticas nas mais diversas regiões do Estado de São Paulo. Mas foi muito prazeroso ver o crescimento e desenvolvimento das ações e o empenho dos colegas de trabalho. A metodologia de trabalho, das Feiras de Saúde, serviu como paradigma na implantação das Feiras de Lazer, com enorme sucesso (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

Gonçalves nos apresenta que foi no período em que cursava a faculdade de Serviço Social, 1978 e 1979, que conheceu o trabalho realizado no interior do estado de São Paulo pelas UNIMOS:

Aí nós convidamos alguns técnicos, existia você deve ter visto aí na história do Sesc, que era a famosa UNIMOS, Unidades Móveis de Orientação Social, eles faziam um trabalho nas comunidades onde o Sesc atendia. O Sesc era situado em São Carlos, porém eles desenvolviam um trabalho em Araraquara e nas cidades da microrregião, eles desenvolviam o trabalho. Então foi aí que eu conheci o Sesc, eles faziam manhãs de saúde, de esporte e já tinha um início aí de algumas discussões com os idosos e eu me interessei bastante sobre isso e fui buscando, mas foi eu acho que uma atitude meio ousada porque eu já estava no último ano da faculdade e resolvi mudar de campo de estágio. Então eu mudei no último ano da faculdade (sorriu), minha orientadora ficou desesperada, mudei para o trabalho que o Sesc desenvolvia em São Carlos (Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

Vimos que o trabalho desenvolvido pelas Unidades Móveis de Orientação Social alavancaram inúmeras ações em muitas cidades, e foi junto com as comunidades que o Sesc pôde ampliar cada vez mais a sua atuação no estado de São Paulo, sendo inclusive modelo para o desenvolvimento de programas e projetos em outras Unidades do Sesc nos diversos estados brasileiros.

Assim, seguimos a construção dessa história, em 1962, inaugurou-se o Centro Social Antônio Carlos de Assumpção - Sesc Ribeirão Preto, e em 1967, o Centro Cultural e Desportivo na Rua Dr. Vila Nova, em São Paulo, o atual Sesc Consolação. Com ele, inicia um processo de construção de um novo conceito: Centro Comunitário Sociocultural, localizado próximo à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e do Mackenzie, disponibilizando no território novas instalações na área desportiva, social e cultural, com destaque para o Teatro Anchieta, que apresentava uma nova dimensão ao desenvolvimento de um processo educativo permanente.



Sesc Ribeirão Preto
Fotos: Acervo Sesc



Sesc Consolação e entrada do
Teatro Anchieta

Sobre o Sesc Consolação, Colaneri relata sua experiência, enfatizando o permanente contato da instituição com outras organizações do exterior:

Após pouco tempo, fui convidado a integrar a equipe do Sesc da rua Dr. Vila Nova, recém-inaugurada, a maior e mais moderna unidade do Regional, hoje denominada Sesc Consolação. O motivo dessa rápida mudança, foi a necessidade de acelerar o processo de implantação da unidade de forma a ampliar o número de atendimento à clientela da unidade. As instalações eram amplas e de proporções grandiosas face às existentes até então. Havia muitas expectativas e muitas incertezas sobre o funcionamento e a adequação das propostas de trabalho. [...] A experiência nesse novo tipo de instalações, na época, era insuficiente, o Sesc não tinha conceitos definidos do que era administrar aquele equipamento e como motivar a participação da clientela. Então fui para essa Unidade, trabalhei lá basicamente uma parte do ano de 1967 e 1968 inteiro no cargo da Chefia do Setor de Esportes e posteriormente foi-me atribuído às funções de Coordenador Geral de Atividades Culturais e de Esportes. No início de 1969 fui convidado para fazer o curso em - Pós-Graduação - Stricto Sensu - Educação em Saúde Pública na USP, curso em tempo integral de 1 ano. No curso fui eleito representante dos alunos, como membro da Congregação da Faculdade de Saúde Pública. Conheci outros espaços, outros contatos em Saúde Pública, quer nas secretarias de Saúde do estado e do Município de São Paulo, como também no Ministério da Saúde. Meu estágio de formação específica, foi no Ministério da Saúde do Peru, durante três meses trabalhando na Zona Hospitalaria do Rimac, junto a Faculdade de Medicina Caetano Heredia. [...] Voltando ao Sesc, fui trabalhar na Administração Central, na Divisão de Saúde. Na Divisão de Saúde havia duas áreas, Odontologia e Nutrição e com minha chegada criou-se uma nova área que era de Educação em Saúde. Além da integração dentro da própria Divisão também a expectativa de integrá-la com as outras Divisões - de Orientação Social e de Recreação e Cultura (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

Constata-se na narrativa de Colaneri e em documentos institucionais que se mantiveram nesse período no campo da saúde, os serviços odontológicos e de alimentação, além de campanhas e programas educativos que estimulassem os hábitos de higiene e cuidados com a saúde que até hoje permanecem na programação do Sesc São Paulo.

Ainda sobre o Sesc Consolação, Gonçalves narra sua experiência alguns anos depois que Colaneri trabalhou na Unidade, destacando importantes parcerias com universidades, secretarias municipais, envolvendo sempre a comunidade:

Bom, então nesse final de 85 até 94, eu vim transferida pro Sesc Consolação, só que aí houve um hiato grande de 85 até 94, eu passei a integrar a equipe de cultura do Sesc Consolação. Nesse momento eu fiquei com outros projetos, projetos na área de Cultura do Sesc em parcerias continuou, parcerias com as Universidades, com as Secretarias Municipais, é com diferentes grupos, não só grupos de idosos que a gente também desenvolvia um trabalho voltado pra eles, mas também, é principalmente com os primeiros trabalhos com o Curumim, com os adolescentes, tinha o Alta Voltagem, acho que o Alta Voltagem era do Pompeia, tinha um outro nome, é Tribo Urbana, agora eu tô confundindo, eu não sei se o Tribo Urbana era do Pompeia ou era

do Consolação, eu acho que chamava Alta Voltagem. Então nós tivemos, eu tive uma participação muito grande com esses grupos de adolescentes, de jovens, com famílias, e com as associações e as instituições que o Sesc sempre trabalhou. Na verdade, sempre em busca de socializar, em busca de novos saberes pra esses grupos, novos conhecimentos por meio do teatro, da música pra integrar com seus pares, as pessoas buscavam isso e com objetivos claros que outros diferentes dos específicos pra terceira idade, com os adolescentes, e aí começa a haver uma participação, mais forte com esses outros grupos (Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

Nesse período no âmbito esportivo, começaram os grandes campeonatos e olimpíadas, envolvendo muitas empresas comerciais, agora não mais em locais cedidos, mas nas novas Unidades do Sesc São Paulo.

Sobre o programa Sesc Empresa, Galisteu em sua narrativa apresenta a importância desse trabalho, pois é através dele, que as(os) trabalhadoras(es) do comércio de bens, turismo, serviços e seus familiares têm o primeiro contato com o Sesc:

O Sesc Empresa é primordial, ele é a espinha dorsal do Sesc e o seu objetivo é trazer para as unidades, os trabalhadores do comércio e serviços e seus dependentes. Hoje existem muitos segmentos além do comércio e serviços que são considerados contribuintes do Sesc, são, portanto, comerciários nos termos da lei e nesse sentido, são inscritos e podem usufruir de todos os benefícios que o Sesc oferece que são muitos. Eu trabalhava muito fazendo visitas e ministrando palestras acerca da extensa programação da instituição, pois a demanda era gigantesca e eu amava meu trabalho, era muito prazeroso o contato com essas empresas, a confecção dos cartões, a entrega dos mesmos e principalmente o sorriso de felicidade do comerciante ao receber o cartão do Sesc (Galisteu, entrevista em abril de 2022).

No diálogo entre Galisteu e Mirabelli, em abril de 2022, observa-se a preocupação das trabalhadoras em atender para além do considerado público prioritário do Sesc, é preciso um olhar para as pessoas vulnerabilizadas, que em seus territórios não têm acesso à cultura, ao esporte, ao lazer:

Galisteu: É importante eu também falar do MIS, Matrícula de Interesse Social. Trata-se de um convênio firmado entre a instituição Sesc e alguns órgãos da sociedade civil, do poder público.

[...] Uma particularidade minha, que eu fazia questão de colocar em prática, era sempre procurar atuar nas periferias, nos lugares mais vulneráveis onde para a comunidade era mais difícil ter acesso a essas oportunidades.

Eu me realizei muito nesse trabalho Sandrinha, porque eu via a alegria de muitas dessas crianças das escolas da periferia, que nunca tinham entrado em um teatro, nunca havia assistido uma peça infantil, ver o sorriso delas, o brilho nos olhos de felicidade, era impagável.

Mirabelli: Sôzinha, isso é o mais importante! Percebemos no olhar das pessoas, num sorriso, o quanto é fundamental o nosso trabalho.

Sem dúvida, é no cotidiano que nos fortalecemos como trabalhadoras(es), as experiências diversas que o Sesc nos proporciona, nosso envolvimento nas atividades que desenvolvemos, a maneira como enxergamos o mundo e iremos transformá-lo com o nosso fazer profissional fazem diferença em nossa vida pessoal e profissional.

Seguindo a construção dessa história, o modelo de atuação do Sesc da rua Dr. Vila Nova (Sesc Consolação), novos Centros Culturais e Desportivos foram inaugurados no Estado de São Paulo: Sesc Piracicaba, Sesc Catanduva, Sesc São José dos Campos e Sesc Bauru, totalizando mais de 7 milhões de atendimentos ao ano. Destaca-se nesse período a inauguração do Cinesesc, uma Unidade especializada em cinema.



Sesc Piracicaba



Sesc Catanduva



Sesc São José dos Campos



Sesc Bauru



Sesc Campinas



Cinesesc

Fotos: Acervo Sesc

Para expandir sua atuação, na perspectiva de atender as comunidades, para além dos usuários diretos em seus equipamentos, faz parte em campanhas e projetos educativos, em parceria com outras entidades e órgãos governamentais. Entre elas, o projeto de qualificação profissional Pró-Jovem, e com o governo federal, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e o Projeto Rondon, promovendo o contato de estudantes voluntários com o interior do país, por meio da realização de ações assistenciais em comunidades isoladas em situação de vulnerabilidade social.

Sobre o Pró-Jovem, Padula relata:

Aí depois no Sesc mesmo, eu fui convidado para coordenar equipes e fui participar do trabalho com Pró-Jovem no Sesc Consolação, que era um programa de orientação vocacional. O Governo queria instaurar no Brasil, o segundo grau profissionalizante na época da ditadura e pediu que a gente ajudasse. Nós trazíamos profissionais para falarem com os jovens sobre as várias profissões, trazíamos professores de faculdade e favorecíamos esses seminários nas escolas, sempre em escolas públicas, então fiquei dois anos fazendo esse trabalho (Padula, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

Conforme Magalhães e Martin (2013, p. 67): "O estímulo ao ensino supletivo também foi objeto de algumas iniciativas, além do intercâmbio com universidades, instituições diversas e mesmo organismos internacionais."

Em 1973, o plano de ação do Sesc SP renova seu compromisso com o uso formativo dos momentos de lazer do trabalhador, contudo, continuavam desenvolvendo cursos formais e os programas de saúde, educação sanitária e medicina preventiva.

Na narrativa de Colaneri, pudemos identificar que:

[...] o trabalho com lazer também é pioneirismo do Sesc São Paulo, e alguns estudos iniciais e simultâneos na Universidade do Rio Grande do Sul onde também já ensaiavam os primeiros passos, na discussão acadêmica. Mas o grande impulso foi a partir do Sesc (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

Ladislau, nos possibilita durante o diálogo, compreender o que significava o lazer para o Sesc São Paulo e para ela como trabalhadora da instituição:

[...] eu entendia o lazer nessa altura como possibilidade de transformação, que era o que me encantava, era poder atuar na vida das pessoas transformando.
[...] E quando eu fui conhecendo então o trabalho do Sesc nessa categoria do lazer, é uma coisa absolutamente livre, absolutamente, [...] e que eu fui sentindo, aprendendo que era o caminho, que transformava a vida das pessoas e por opção, as pessoas iam porque queriam (Ladislau, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

Em 1975, com o aumento da população na área urbana, reduz-se significativamente as áreas verdes em São Paulo, assim, inaugura-se o Centro Campestre em Interlagos, definido como “equipamento de lazer” com mais de 36 mil m² de área construída, 500 mil m² de áreas verdes, um conjunto aquático, espaços esportivos, áreas sociais, auditório, restaurantes e locais para shows, que possibilita às famílias um conjunto integrado e amplo de atividades no mesmo espaço.

Colaneri nos relata o contexto em que o Centro Campestre em Interlagos, hoje chamado Sesc Interlagos, foi inaugurado:

Também é grato lembrar do primeiro Centro Campestre em Interlagos. Em 1967, eu desenvolvia trabalho com esportes, junto a grupos de trabalhadores das empresas distribuidoras de petróleo: Shell, Esso, Liquigás, Petrobras, Supergasbras e National, que eram contribuintes do Sesc. Utilizava-se dos espaços que os participantes conseguiam agendar em propriedades de suas empresas. O principal, um clube social da Shell localizado na Vila Carioca, junto ao terminal da empresa. Tinha campo de futebol, quadras esportivas, salão social, ampla área verde, playground. Aos sábados e domingos, durante os jogos, percebi que muitos pais iam com os filhos, deixavam-nos livres no playground enquanto jogavam. Semanalmente, notando o cenário se repetir, aproveitei a oportunidade em reunião com os diretores de divisão da administração central, para pontificar o fato e concluir que não tínhamos instalações que permitissem integrar a família, em seus diferentes interesses, ao ar livre, em um mesmo momento e local. Não sei como as coisas caminharam, mas em 1969, quando cursava a Faculdade de Saúde Pública o Sesc recebeu oferta de amplo terreno - 500 mil metros quadrados - muito bem arborizado a beira da represa Billings, em Santo Amaro. Comprou, fez projetos e inaugurou em 1975, com a presença do Presidente da República. Surgia o primeiro Centro Campestre, e depois outros Estados criaram também. Algumas Colônias de Férias, como a de Belo Horizonte/ Minas Gerais, destinavam espaços, nos fins de semana, à clientela sem hospedagem. Outras áreas foram surgindo, assim, em Belém do Pará, Salvador, etc. É interessante ver como as coisas acontecem. Reproduzem interna e externamente (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

Padula apresenta em sua narrativa a relevância do trabalho realizado pelo Sesc Interlagos na região:

Depois na UNIMOS, eu fui coordenador de equipe, aí depois eu fiquei coordenando uma parte do Pró-Jovem, depois teve a inauguração do Sesc Interlagos em 75, eu participei da inauguração. [...] Em 75 com o Sesc Interlagos, já é um outro conceito de unidade. [...] sábado eu dizia: lá vem o povo brasileiro descendo a montanha. Em Interlagos, quando descia aquele povo todo, chegando, que maravilha a gente poder oferecer espaço adequado, com boas condições, com programação, com alimentação a preços adequados para essa população, com valorização e oportunidades, com espaços de banheiros, com tudo adequados, quadras em ordem, o ginásio de esportes em ordem, uma boa programação cultural, a odontologia, quer dizer, então, essa programação, nossa, a gente pode ser meio utópico ainda acreditando, mas a gente batalha por isso (sorriu), a gente sempre

trabalhou por isso, a gente acredita nisso (Padula, entrevista concedida em fevereiro de 2022).



Sesc Interlagos



Fotos: Acervo Sesc

Continuando a ampliação da ação do Sesc São Paulo, em 1978, é criado o Centro de Estudos da Terceira Idade e o Centro de Estudos do Lazer, espaços para o contínuo aprimoramento do trabalho da organização. Nesse período, muitos trabalhadores do Sesc foram ao exterior para participarem de cursos de especialização em lazer, educação de adultos e animação cultural. Segundo Magalhães e Martin (2013, p. 68): “Foi também nessa época que a animação cultural se configurou definitivamente como uma “pedagogia de ação”. A antiga denominação aplicada aos técnicos, chamados de “orientadores sociais” foi trocada pela de “animadores culturais” e ainda hoje essa nomenclatura é utilizada.

Vale ressaltar que segundo Wanderley (2015), animação social e/ou animação sociocultural nos remetem a conceitos polissêmicos que, por sua vez, têm relação com práticas diversas. No Brasil, por exemplo, múltiplas expressões são utilizadas para designar atores, ações e atribuições de um grande campo semântico que poderia ser definido como de animação social, tais como: educação popular, animação popular, educação de rua, mobilização comunitária, entre outros. Todas elas referem-se a proposições e a projetos específicos nos campos da educação, da saúde, da assistência social, envolvendo militância social e política. Certas políticas, por exemplo, propõem a intervenção privilegiada de agentes comunitários e de educadores sociais. Assim, este conjunto de noções e práticas está presente tanto no âmbito público, como privado.

Começamos pelo conceito de “animação sociocultural” que de acordo com a UNESCO (1977) citada por Peres e Lopes (2006-2007, p. 95) diz respeito a uma metodologia de intervenção social que teria nascido com intenções pedagógicas nos anos 1960, momento em que os países mais industrializados e urbanizados da Europa desenvolveram, a partir da matriz francófona,

um conjunto de práticas sociais que têm como finalidade estimular a iniciativa, bem como a participação das comunidades no processo do seu próprio desenvolvimento e na dinâmica global da vida sociopolítica em que (os indivíduos) estão integrados.

Ressalta-se que a animação sociocultural articula áreas nucleares e complementares a partir de uma concepção de educação que ultrapassa o espaço da escola e se estende para a vida, objetivando a concretização de um mundo de homens livres, conscientes, participantes e comprometidos com a democracia: "homens educados e formados de uma forma dialógica com as pessoas e o mundo, numa valorização permanente da vida vivida em comunhão" (PERES e LOPES, 2006-2007, p. 7). Nessa perspectiva, um animador tem, portanto, a função de levar "o homem a partilhar saberes, vivências, a interagir e estabelecer relações interpessoais profícuas, lutando contra a incomunicabilidade, o medo e a mordaza" (PERES e LOPES, 2006-2007, p. 7-8).

Nessa mesma linha de pensamento, Bernet (2004, p. 26) entende a animação cultural como:

conjunto de ações realizadas por indivíduos, grupos ou instituições numa comunidade (ou setor da mesma) e dentro do âmbito de um território concreto, com o objetivo principal de promover nos seus membros uma atitude de participação ativa no processo do seu próprio desenvolvimento, quer social quer cultural.

Outro autor, Ander-Egg, propõe que a animação sociocultural seja entendida como tecnologia social que "baseada em uma pedagogia participativa, tem por finalidade atuar em diferentes âmbitos da qualidade de vida, promovendo, incentivando e canalizando a participação das pessoas em seu próprio desenvolvimento sociocultural" (1988, p. 42, tradução minha). Para ele, a animação sociocultural interrelaciona os sujeitos e grupos de todas as idades, num processo contínuo de crescimento. Assim, pretende desenvolver competências e aptidões do sujeito no grupo, a fim de participar no seu ambiente social e de transformá-lo.

Segundo Ander-Egg, o animador sociocultural ou o educador social é um agente de apoio cuja função engloba as seguintes ações:

- Estimular a iniciativa grupal;
- Conectar os indivíduos ao seu ambiente e provocar neles atividades de pesquisa, análise, criatividade, reflexão e organização social;
- Incentivar o afloramento de conflitos e de soluções informadas e críticas;
- Promover a participação cidadã e coordenar a produção social comunitária.

Quintana complementa: "um animador social é um educador social porque investe na busca, no descobrimento e na exposição das causas das desigualdades individuais e sociais" (1986, *apud* Cachioni et al. 2004, p. 106).

Outro acréscimo é feito por Wanderley (2015):

[...] animação sociocultural é, histórica e ideologicamente, herdeira dos movimentos de educação popular dos dois últimos séculos, visando o acesso de todos à cultura e à formação de cidadãos responsáveis e críticos. Do ponto de vista pedagógico, bebe em correntes psicossociológicas que valorizam o grupo e a ação comunitária como espaços de expressão e de criatividade. Inspira-se, também, na cultura do lazer, especialmente na segunda metade do século XX.

A autora ainda faz uma análise do material construído a partir do I Colóquio de Animação Sociocultural que foi publicado em 2004 intitulado *A animação profissional e voluntária em 20 países*, sob orientação de Jean Claude Gillet, que apresenta conceitos, referências, proposições e desafios no âmbito desta temática. A análise desse material levou a constatações interessantes, tais como: a grande influência de Paulo Freire em países de diferentes continentes e, também, da teologia da libertação, de um lado, e a do personalismo do filósofo francês Mounier, de outro. Há, igualmente, a influência de movimentos ligados aos povos andinos e aos ameríndios da América Latina; a do movimento comunitário em Quebec, a do sociólogo francês Dumazedier, presente ainda hoje na Argentina, no Uruguai e no Brasil em torno das questões de lazer.

No diálogo com Colaneri pude identificar a influência do Assistente Social Renato Requixa e do Professor Joffre Dumazedier nos trabalhos realizados pelo Sesc São Paulo nas questões sobre o lazer:

O passo posterior foi a assunção da terminologia do LAZER, cuja expressão pouco utilizada, no início dos anos 60. As áreas que as pessoas buscavam para uso de seu tempo livre, foram se definindo para o Sesc: atividades com esportes, atividades culturais, atividades manuais, cursos rápidos de formação pessoal e profissional, atividades recreativas, atividades de turismo.

[...] Gostaria de destacar nesta fala o papel do Assistente Social Sr. Renato Requixa, Diretor da Divisão de Orientação Social, nos estudos e influência nas Atividades de Ação Comunitária (tem publicação) e nos primeiros estudos sobre Lazer (tem publicação). Quando assumiu a Direção Regional ampliou os espaços e as parcerias institucionais. O Requixa iniciou seus estudos com foco na jornada de trabalho, a hora livre do trabalho resultando no aprofundamento para o uso do tempo livre ou de lazer. O passo seguinte foi na França, onde um sociólogo que discutia o lazer, o lazer enquanto uso do tempo livre.

[...] Nesse momento, a entidade propiciou a servidor participar de cursos no exterior, fez parceria com a Sorbonne, através do Professor o Dr. Joffre Dumazedier que além de ministrar suas aulas em Paris, o

fazia também no Sesc São Paulo para grupos de técnicos em treinamentos especialmente organizados. Não só em São Paulo, mas também no Rio de Janeiro, em uma Universidade Privada, em cursos abertos a interessados.

Localizei pela internet uma belíssima entrevista de Renato Requixa realizada em 2001. Durante a entrevista, Renato narra importantes momentos da história do Sesc São Paulo, em especial, quando lê um artigo de Joffre Dumazedier sobre a importância do lazer e descobre que o Sesc fazia lazer, mas não utilizava a palavra ainda. Foi nesse momento que ele começou a pesquisar sobre o assunto, viaja para a Europa em busca de material sobre lazer e logo após, é realizado o 1º Seminário sobre o Lazer em São Paulo.

Segundo Requixa (2004, p. 12):

Houve, num primeiro momento uma reação muito desfavorável ao estudo lazer, mas muito desfavorável: “que absurdo falar em lazer num país pobre, as pessoas precisando de trabalho”. O que também escondia um preconceito porque o pobre não pode ter lazer? Aí eu me ligava às vezes: criávamos, por exemplo, atividades de tênis para os trabalhadores do comércio e os trabalhadores do comércio gostavam de jogar tênis. Por que só a elite gosta de jogar tênis? (Requixa, entrevista concedida em novembro de 2001, cedida em 2004 ao Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, março de 2022).

Com essas palavras de Requixa que nos fazem refletir sobre a questão, descobrimos na narrativa de Colaneri, esses períodos que foram importantes para a história do Sesc São Paulo:

[...] Merece uma preliminar: o Sesc contatou o Departamento de Sociologia da USP, porque tinha um colega nosso, Sociólogo (pós-graduando/USP) para propor a realização conjunta, de um seminário para discutir a temática do LAZER, no ano de 1969 e a Sociologia da USP não aceitou, porque o interesse era discutir trabalho, não o lazer do trabalhador. O interesse era da ótica do proletariado, não da burguesia do não trabalho (sic).

A Prefeitura de São Paulo - Secretaria de Bem-Estar, tornou-se parceira e co-promotora do 1º Seminário de Lazer na Cidade de São Paulo. Posteriormente a USP veio a reconhecer (sorriu), mas naquela época estavam míopes. Fazendo um parêntese: quando trabalhei no Sesc Rio, fiz uma visita a uma Entidade na Itália, pois conhecia seus dirigentes por participação e contato nas reuniões do BITs (Bureau du Tourisme Social), mantida pelas principais Centrais Sindicais. O objetivo da entidade é assessorar os principais sindicatos da Itália na negociação dos contratos coletivos de trabalho, nos assuntos vinculados às cláusulas da participação da empresa no apoio financeiro aos trabalhadores em suas atividades recreativas, esportivas, e de turismo (férias). Então são coisas, o tempo, a oportunidade e visão futura, mas a USP ainda não tinha até então essa percepção.

É aí que o Sesc fez parceria com a Prefeitura de São Paulo, com a Secretaria de Bem-estar Social, que na época, eu acredito, era Secretária a Sra. Assistente Social Leopoldina Saraiva, professora da

Escola de Serviço Social da PUC. Bem-Estar ou Promoção Social era a denominação da Secretaria (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

Requixa relata esse momento narrado por Colaneri durante sua entrevista:

Em 1969, nós fizemos o primeiro congresso de lazer em São Paulo, no Brasil. E eu abri o congresso com uma palestra chamada “As dimensões do Lazer”. Aí o lazer, nessa palestra, o lazer entrou nos jornais, a palavra lazer entrou nos jornais, não existia, isso em 1969 – outubro de 69. O SESC, a Secretaria Municipal do Bem Estar Social. E então nós também falamos, outras pessoas... Falei eu, na abertura, falei sobre lazer, as dimensões do lazer, depois falou uma psicóloga, então foi o primeiro congresso que saiu, e a primeira vez que se falou em lazer no Brasil. Em seguida eu estive na França com o Dumazedier, levei a minha publicação para ele, todo orgulhoso, lógico, tinha um trabalho sobre lazer, foi citado... (entrevista concedida em novembro de 2001, cedida em 2004 ao Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, março de 2022, p. 5).

Ladislau, corrobora as palavras de Colaneri e Requixa com sua narrativa destacando o período em que ainda era estudante de Ciências Sociais e que acompanhava as atividades desenvolvidas pelo Sesc:

Então foi muito essa história e tudo isso quer dizer, o fascínio pela área, pelo tema, pela instituição, pelo trabalho da instituição, porque tudo isso você vai, eu ia para seminário via um cartaz na rodoviária de Campinas, olha sociólogo francês, imagina a rodoviária de Campinas Joffre Dumazidier vai fazer um seminário no Sesc Bertoga, eu ainda estava na faculdade, eu não sabia nem onde ficava Bertoga. Então eu comecei a ir atrás de tudo que era coisa, Sesc, lazer (Ladislau, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

E apresenta a compreensão do significado do lazer para o Sesc São Paulo e para ela como trabalhadora da instituição:

[...] eu entendia o lazer nessa altura como possibilidade de transformação, que era o que me encantava, era poder atuar na vida das pessoas transformando.
[...] E quando eu fui conhecendo então o trabalho do Sesc nessa categoria do lazer, é uma coisa absolutamente livre, absolutamente, [...] e que eu fui sentindo, aprendendo que era o caminho, que transformava a vida das pessoas e por opção, as pessoas iam porque queriam (Ladislau, entrevista em fevereiro de 2022).

Como o próprio Requixa (2004, p. 11) enfatizou: “É uma coisa importante, as pessoas devem ser incentivadas a se iniciarem nas coisas do lazer, mesmo que achem que não gostam, que não vão gostar, mas experimente!” Requixa, deixou uma densa bibliografia, contribuiu na criação do Centro de Estudos do Lazer (Celazer) e seus estudos na área do lazer são referências até hoje.

Durante esse período que uma vasta gama de atividades foram desenvolvidas e denominadas de animação sociocultural, sendo possível distinguir as diferentes

modalidades e âmbitos de atuação, tal como reconhecem Ander-Egg (1991), Pérez (2004) e Peres (2007). As três modalidades preponderantes de intervenção correspondentes ao contexto cultural são: desenvolvimento da criatividade, expressão e criação cultural ou artística. No que diz respeito ao contexto social, por sua vez: na vertente comunitária, ao desenvolvimento da participação e do associativismo, ao aperfeiçoamento das relações humanas e ao desenvolvimento local, entre outras; na vertente assistencial, às atuações do tipo compensatório ou de caráter paliativo e, também, à animação com coletivos vulnerabilizados. Já no contexto educativo, as intervenções estão orientadas para o desenvolvimento da motivação, para a aprendizagem e formação permanente, tanto quanto para a dinâmica e otimização de recursos pessoais tendo em vista a inserção social (formação ocupacional, educação compensatória, animação sociolaboral) ou a educação no tempo livre.

Nesse contexto, a animação sociocultural centra a sua intervenção na pessoa e seus espaços de atuação costumam ser os centros de educação permanente de adultos, as universidades abertas, os centros de ensino, os centros de férias, os centros culturais e desportivos e outras instituições e equipamentos como: ludotecas, casas da juventude, centros de convivência para idosos, entre outros.

O animador sociocultural requisitado, principalmente na Europa, para atuar com o segmento idoso tem como desafio planificar propostas de atuação junto a esse público, que poderão estimular o desejo de continuar a aprofundar conhecimentos, experimentar novos conceitos e conhecer outros espaços. No Brasil, principalmente no Sesc, há trabalhadores que ainda ocupam o cargo de animador sociocultural. Alguns deles, inclusive, que fizeram formação nas Universidades de Granada e Murcia, foram responsáveis pelo desenvolvimento de ações socioeducativas voltadas aos diversos públicos que participam dos programas da instituição.

Findando os anos 70, o Sesc São Paulo delineia sua ação fortemente no campo da ação cultural, desenvolvendo iniciativas pioneiras como o Projeto Pixinguinha, que visava difundir a riqueza cultural da música popular brasileira, a realização da Feira Nacional de Cultura Popular, dos Projetos Cemeio (Centro de Estudos do Meio) e Viva o Verde, atentando para as questões ecológicas.

A década de 80 inicia-se com a inauguração do Sesc Pompeia, em 1982, num edifício de uma antiga fábrica de geladeiras remodelado pela arquiteta Lina Bo Bardi, desenvolvendo iniciativas ligadas ao teatro, a música, as artes plásticas, atividades sociais e esportivas.

Padula em sua narrativa nos relata esse momento:

[...] e mais tarde, a transformação da Pompeia na compra do prédio e a análise que era uma antiga fábrica de tambores que tem um histórico valor para a cidade e a proposta do Sesc de rever que não deveria construir um prédio naquele lugar, mas sim de valorização da cultura. Foi graças a um grupo de pessoas da Diretoria que conversaram com o Presidente e ele teve essa visão de não destruir tudo e de contratar a Lina Bo Bardi para a construção de valorização do prédio, de retrofit, tinham começado esses exemplos na Europa de ocupação de alguns espaços deteriorados e transformados em espaços culturais e de atendimento ao público. O cultural sempre foi bem amplo Sandra. Mas sempre a cultura, a manifestação parte de tudo na nossa vida, na saúde, no esporte, na atividade física e a ênfase claro nas manifestações culturais propriamente ditas, então isso sempre foi (Padula, depoimento concedido em fevereiro de 2022).

O conceito de transformar espaços degradados em modernos centros culturais permitia a realização integrada de atividades culturais diversas e o imbricamento com as comunidades ao entorno, além de preservar a memória urbana.



Sesc Pompeia
Foto: Acervo Sesc

Em 1980 realizou-se no Sesc Piracicaba o Programa Meio Ambiente, primeiro evento ambientalista do Sesc São Paulo, embrião de grandes projetos que foram realizados nos anos seguintes.

Ainda nesse período, desenvolveu-se as atividades voltadas ao corpo, entendendo o esporte como um instrumento educativo. Importante também destacar a criação, no Sesc Consolação, do Centro de Pesquisa Teatral – CPT, que foi dirigido por Antunes Filho, sendo um dos mais importantes núcleos de investigação e criação cênica do país.

O Sesc continua sua expansão, em 1986, com a inauguração do Sesc Santos, um Centro Cultural e Desportivo, que na época possuía o mais completo teatro da

organização, com oitocentos lugares. Dois anos depois, em 1988, inaugura-se o Sesc Taubaté, no Vale do Ribeira.



Sesc Santos



Sesc Taubaté

Fotos: Acervo Sesc

Outra importante iniciativa dos anos 1980 foi o Programa Curumim, atendendo crianças entre 7 e 12 anos, com o objetivo de ampliar e potencializar o papel educativo da escola, por meio de atividades lúdicas, desenvolvendo sua sociabilidade, suas relações com o meio, com a natureza, as ciências e sua sensibilização artística.



Programa Curumim

Foto: Acervo Sesc

Galisteu em sua narrativa compartilha conosco alguns aspectos do Programa Curumim no Sesc Bauru:

Em princípio, fui trabalhar na Central de Atendimento, tinha muito contato com as pessoas, e realmente o Sesc é movido por projetos constantes em várias vertentes, e eu pude me aproximar, conhecer e interagir no sentido de participar desses projetos, a saber: Sesc Curumim, relacionado ao pleno desenvolvimento na área infantil, introduzindo a criança no mundo das artes, do entretenimento, lazer, educação não formal, atuando também na parte cognitiva (Galisteu, entrevista concedida em abril de 2022).

Ainda sobre o programa, Garcia relata a sua experiência na mesma Unidade em Bauru:

Foi, o Curumim foi implantado, fez uma equipe para estudar como que ia ser o Curumim no Sesc Bauru e eu participei dessa equipe, e era eu, a Ana, acho que o Luiz Carlos, eu não tenho certeza, tinha um grupo e

aí a gente programou, apresentou a proposta e quem ficou acabando coordenando, acabou ficando a Ana. Quando a Ana saiu, o Altino que era o coordenador, adjunto, sei lá, na época não tinha adjunto, mas ele que assumia o lugar do curso e coordenava a programação, ele que me chamou para coordenar a Terceira Idade e o Curumim.

[...] Então, eu fiquei um tempo grande e nessa, foi quando formou a equipe. A equipe anterior saiu, só ficou a Luci do Curumim, foi quando entrou o Márcio, a Guta e a Raquel. Então eu coordenei o Curumim junto com a Terceira Idade um tempo bem grande, bem grande.

[...] então é legal fazer uma programação integrada, ter claro, sempre ter um responsável, não responsável por tantas áreas assim, mas é bom, porque eu gostei de ter trabalhado com o Curumim, foi legal, é sempre muita experiência e você sempre consegue também trabalhando com as duas áreas fazer integração das coisas, dos dois extremos e teve muita atividade assim, porque, como eu estava, o pessoal do Curumim sabia o que eu estava fazendo e muita coisa era legal para as crianças, então a gente juntava tudo isso (Garcia, entrevista concedida em abril de 2022).

No diálogo com Garcia, pode-se identificar que o trabalho intergeracional já estava presente nas ações que o Sesc desenvolve nesse período. Nessa direção, Gonçalves em sua narrativa apresenta o pioneirismo do Sesc nessas áreas, enfatizando a experiência do trabalho coletivo no programa Curumim no Sesc Consolação:

Tudo isso, sempre baseado em pesquisas, todo esse trabalho como, da mesma forma que o trabalho com idosos ele precisou buscar, entender, pesquisar, trocar muito conhecimento em seminários, e etc, aconteceu também com as crianças, que foi o trabalho do Curumim, ou seja, o Sesc estava sendo pioneiro em vários trabalhos, pioneiro no trabalho com idosos, pioneiro no trabalho com o Curumim, na proposta do trabalho do Curumim, dos adolescentes que era uma coisa que todo mundo tinha uma certa dificuldade, um receio, de trabalhar com adolescente, quem que é esse adolescente? Então tudo isso, pra que a gente pudesse identificar e propor essas transformações, tudo isso foi baseado em muito estudo, em muita pesquisa, em muita discussão, portanto, foi um trabalho e uma construção há várias mãos, esse foi um trabalho coletivo (Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

Nesse período de ampliação dos projetos e programas do Sesc São Paulo, destacamos o ano de 1989 que marca a volta efetiva do país à democracia, com a primeira eleição direta, em quase trinta anos, para presidente da República.

As eleições diretas de 1989 revelaram a cara da “Nova República”, erigindo-a ao mesmo tempo em seu instante mais vital e em sua agonia prolongada. A “Nova República” não desempenhou papel novo ou original, mas trouxe de volta o infindável “passado no presente”, a conciliação em proveito da classe dirigente (VIEIRA, 2015, p. 410).

O Sesc São Paulo buscou nesse período reforçar ainda mais o que chamou de função propositiva, voltada para a mudança social em seu sentido mais amplo de desenvolvimento das pessoas.

À medida que avançou o processo de democratização, o Sesc foi incorporando as questões que emergiram na sociedade e transformando a natureza de seu

trabalho. Sua atuação na área da saúde, se modificará ao longo dos anos, concentrando-se na assistência odontológica e nos serviços de saúde preventiva (para acesso às piscinas ou para iniciação em programas de ginástica). Complementando esse processo, foram aprimorados os serviços de alimentação nas comedorias (restaurantes urbanos) de atendimento diário aos trabalhadores e nas comedorias e lanchonetes de férias e fins de semana (Sesc Bertioga e Sesc Interlagos).

No campo da cultura, a inovação possibilitou que o próprio público participasse do processo de produção cultural, implementando oficinas, organizando cursos e debates.

Magalhães e Martin, 2013, p. 74, destacam que:

Num documento antecipatório do que viria naqueles anos, o Sesc São Paulo elegia três diretrizes fundamentais para orientar sua ação cultural: deveria ser voltada à construção de uma consciência cidadã; a cultura deveria ser distribuída de forma socialmente justa; e a excelência dos serviços deveria ser mantida intacta.

Assim, nos anos 90, a organização assumiu o seu importante papel na ação cultural, por meio de uma política ousada, possibilitando conviver em sua programação, criativamente, o multiculturalismo, a globalização, a identidade cultural e a cidadania.

Nesse período muitas Unidades Operacionais iniciaram suas atividades no Interior e na Capital: Sesc Rio Preto (1992), Sesc Itaquera (1992), Sesc Ipiranga (1992), Sesc São Caetano (1993), Sesc São Carlos (1996) e Sesc Vila Mariana (1997).



Sesc Rio Preto



Sesc Itaquera



Sesc Ipiranga



Sesc São Caetano
Fotos: Acervo Sesc



Sesc São Carlos



Sesc Vila Mariana

A partir dos anos 2000, o Sesc expande ainda mais e muitas Unidades Operacionais foram inauguradas na Capital e Grande São Paulo, são elas: Sesc Santo André (2002), Sesc Pinheiros (2004), Sesc Santana (2005), Sesc Osasco (2010), Sesc Belenzinho (2010), Sesc Bom Retiro (2011), Sesc Santo Amaro (2011), Centro de Pesquisa e Formação (2012), Sesc Campo Limpo (2014), Sesc Parque D. Pedro (2017), Sesc 24 de Maio (2017), Sesc Avenida Paulista (2018), Sesc Guarulhos (2019), Sesc Mogi das Cruzes (2021); e no Interior de São Paulo: Sesc Araraquara (2000), Sesc Presidente Prudente (2007), Sesc Sorocaba (2012), Sesc Jundiaí (2015), Sesc Registro (2016) e Sesc Birigui (2017).



Sesc Santo André



Sesc Pinheiros



Sesc Santana



Sesc Osasco



Sesc Belenzinho



Sesc Bom Retiro



Sesc Santo Amaro



Centro de Pesquisa e Formação



Sesc Campo Limpo



Sesc Parque D. Pedro II



Sesc 24 de Maio



Sesc Av Paulista



Sesc Guarulhos



Sesc Mogi das Cruzes



Sesc Araraquara



Sesc Presidente Prudente



Sesc Sorocaba



Sesc Jundiaí



Sesc Registro



Sesc Birigui

Fotos: Acervo Sesc

Podemos afirmar que os fatores que norteiam a atividade do Sesc São Paulo no século XXI são: a educação para a sustentabilidade; a inclusão, a acessibilidade,

a universalização do atendimento; um conceito polissêmico de cultura, socialmente constituído, que se realimenta a partir de suas próprias iniciativas.

A definição de cultura da organização é ampla, orientando-se por uma concepção humanista que inclui desde valores e práticas ligadas ao mundo simbólico, à fruição das artes, a imaginação criativa e a participação do sujeito na vida coletiva de sua comunidade e do país. O objetivo da ação cultural no Sesc São Paulo é apresentar as diversas faces da cultura brasileira, de outras culturas também, pois os intercâmbios culturais são essenciais para a construção das sociedades contemporâneas.

Nas palavras do Diretor Regional do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda (2017), durante entrevista concedida à Revista CULT, compreendemos que cultura é:

Algo que eu chamaria de cultura no sentido mais amplo. Essa noção de cultura, mais antropológica, diz respeito a tudo com o que o ser humano está envolvido, não apenas as artes e o espetáculo, que é uma parte mais sofisticada e nobre do mundo da cultura, mas lidar com uma série de outras coisas que mantêm o ser humano: a alimentação, o vestuário, o transporte, o dia a dia, a língua, a maneira como se relaciona, tudo isso faz parte da cultura no sentido ampliado. Você imagina, então, a educação, que nós muitas vezes entendemos como algo de caráter escolar, cercado nos muros da escola – amplia esse conceito de educação como algo que tem a ver com a vida do ser humano. É o mesmo conceito da cultura ampliada. Cultura e educação para mim são duas facetas de uma mesma realidade. Por isso, quando me perguntam o que fazemos no Sesc, digo que é educação.

Segundo Miranda, 2010, p. 146-147:

A cultura é uma manifestação nobre do ser humano [...] A cultura está presente no dia a dia das pessoas em todo momento. [...] Então, está presente de uma maneira absoluta, muito mais forte, mais intensa do que podemos imaginar e tem a ver com o humano, tem a ver com valores humanos, se liga à busca de melhorias, de desenvolvimento, de avanço, de conforto, de prazer.

Nessa perspectiva, atento às novas configurações do mundo contemporâneo, que se conecta e se estende pelos meios de comunicação, o Sesc São Paulo, além de sua atuação em seus espaços físicos, está cada vez mais presente também no mundo virtual, levando adiante sua missão em múltiplas frentes de atuação.

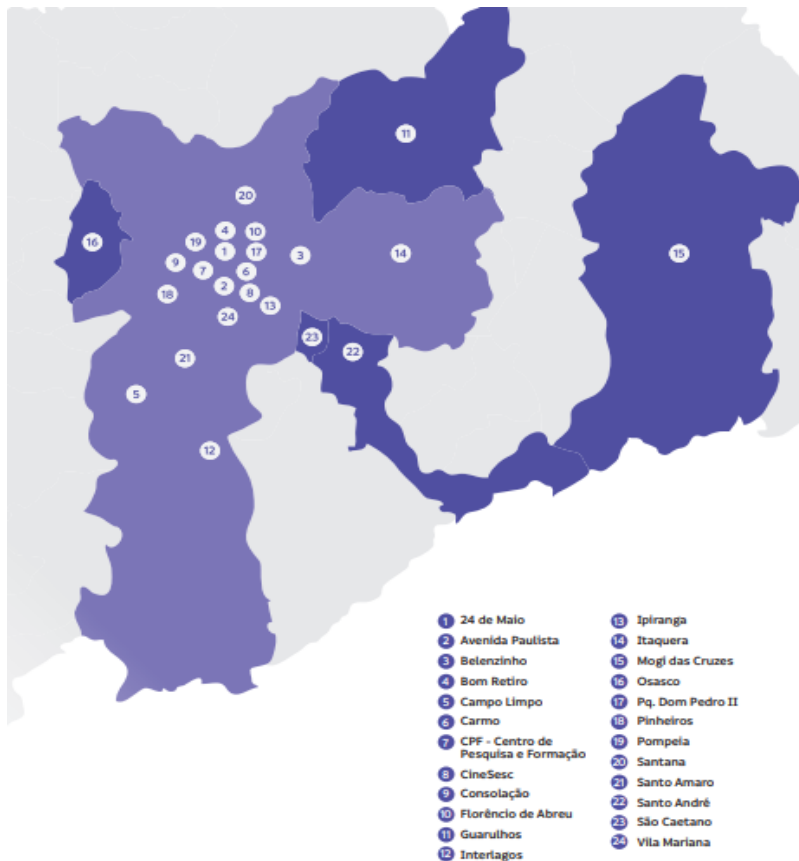
8. Sesc São Paulo: unidades, linguagens, projetos, programas e ações

- Unidades no Interior e Litoral



- 1 Araraquara
- 2 Bauru
- 3 Bertoga
- 4 Birigui
- 4a Polo Avançado em Araçatuba
- 5 Campinas
- 6 Catanduva
- 7 Jundiaí
- 8 Piracicaba
- 9 Registro
- 10 Ribeirão Preto
- 11 Rio Preto
- 12 Santos
- 13 São Carlos
- 14 São José dos Campos
- 15 Sorocaba
- 16 Taubaté
- 17 Thermas de Pres. Prudente

- Unidades da Capital e Grande São Paulo



- | | |
|---------------------------------------|---------------------|
| 1 24 de Maio | 13 Ipiranga |
| 2 Avenida Paulista | 14 Itaquera |
| 3 Belenzinho | 15 Mogi das Cruzes |
| 4 Bom Retiro | 16 Osasco |
| 5 Campo Limpo | 17 Pq. Dom Pedro II |
| 6 Carmo | 18 Pinheiros |
| 7 CPF - Centro de Pesquisa e Formação | 19 Pompéia |
| 8 CineSesc | 20 Santana |
| 9 Consolação | 21 Santo Amaro |
| 10 Florêncio de Abreu | 22 Santo André |
| 11 Guarulhos | 23 São Caetano |
| 12 Interlagos | 24 Vila Mariana |

- **Unidades Especializadas**



Como forma de efetivar sua vocação socioeducativa, o Sesc desenvolveu diferentes modelos de ação sociocultural. A experiência resultante desse longo processo desdobrou-se na formulação de atividades de qualificação em gestão e mediação culturais, propiciando tanto o compartilhamento de saberes tecidos no âmbito da instituição como, também, o diálogo com abordagens desenvolvidas em outros contextos. Essas iniciativas traduziram-se em cursos, seminários, debates, vivências e oficinas realizadas nas diversas Unidades.

Nessa perspectiva, destacamos o papel do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc – CPF, criado em 2012. Unidade especializada na abordagem teórico-metodológica dos diversos saberes ligados à organização do campo cultural, assim como à reflexão acerca de temas cruciais da contemporaneidade, o CPF tornou-se, paulatinamente, referência no que diz respeito a processos de formação e qualificação em gestão e mediação cultural.

Organizado segundo três vetores: formação, pesquisa e difusão, a Unidade desenvolve ações voltadas à qualificação de pesquisadores e profissionais que atuam, ou pretendem atuar, em organizações e iniciativas do campo cultural. Em 2021, no contexto da pandemia de COVID-19, esses vetores estiveram também presentes nas ações desenvolvidas no formato digital. Na vertente de formação, foram organizadas atividades de curta, média e longa duração, com destaque para o Ciclo de Debates em Gestão Cultural, que apresentou metodologias e experiências atentas à conjuntura de isolamento social. Destaca-se, ainda, a série de debates on-line intitulada Sesc Ideias, caracterizada como espaço de intercâmbios em torno de questões da sociedade contemporânea, com representantes dos mais diversos segmentos.



Baseada em um projeto aberto ao diálogo com as áreas de atuação institucional, bem como com questões voltadas à contemporaneidade, as Edições

Sesc é composta pelas seguintes áreas: artes visuais, antropologia, arquitetura e urbanismo, biografia, ciências, cinema, comunicação e jornalismo, design, educação, esportes, filosofia e política, fotografia, gestão e produção culturais, história, meio ambiente e sustentabilidade, música, sociologia, teatro e dança.

Com cerca de 340 livros impressos e digitais, a editora mantém parcerias com instituições e casas editoriais como a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM-USP), Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), Ateliê Editorial, N-1 Edições, Editora da Escola da Cidade, entre outras, fortalecendo preceitos caros ao Sesc, como a educação, a cultura e a diversidade.



O Selo Sesc traz a público obras que atestam a amplitude da produção artística brasileira, tanto em sua dimensão contemporânea quanto na da memória cultural, estabelecendo diálogos entre a inovação e o histórico.

Em catálogo, constam CDs em formato físico e digital que vão de registros folclóricos às realizações atuais da música de concerto, passando pelas muitas vertentes de nossa música popular em projetos especiais. Amplia-se, assim, a possibilidade de contato com uma vasta gama de manifestações estéticas, elemento fundamental para o desenvolvimento de uma melhor apreciação musical.

Entre as obras audiovisuais fixadas em DVD destacam-se conteúdos que apresentam convergências entre linguagens, estabelecendo relações em que são explicitados diferentes aspectos da música, da literatura, da dança e das artes plásticas, segundo uma proposta que enseja o contato dos públicos com a diversidade de manifestações estéticas.



O SescTV é o canal cultural do Sesc que reconhece a arte e o meio audiovisual como um potente recurso agregador à transformação social, uma das missões da instituição.

Desde maio de 2006, o Sesc São Paulo assume integralmente o SescTV, canal de televisão anteriormente gerido pelo Sesc e Senac (Rede STV), cuja programação

é composta por séries, musicais, filmes, documentários e debates nas áreas de teatro, música, dança, literatura, cinema, artes visuais e arquitetura.

O canal tem como proposta a democratização ao acesso de conteúdos e inovação artística, somando-se a modelos de ação cultural no âmbito socioeducativo. Destinado a todos os públicos, em diversas faixas etárias, busca valorizar a reflexão por meio de expressões e modos diversos de pensar, agir e sentir. Disponível gratuitamente e sem necessidade de cadastro na internet e em operadoras de TV por assinatura, em várias regiões do país, o SescTV pode ser assistido por meio de diversos suportes de mídia, incluindo vídeo sob demanda no site do canal.

O SescTV disponibiliza também um acervo sob demanda em sesctv.org.br, 24 horas por dia, gratuitamente, uma imersão em mais de 800 produções, com um acervo de quase 10.000 títulos.

- **As linguagens do Sesc São Paulo**

- Artes visuais*

A fim de proporcionar experiências de formação sensível e crítica acerca da cultura visual, o Sesc desenvolve ações ligadas à criação, à difusão, à fruição e à preservação de manifestações em artes visuais, contemplando diferentes formatos, temas e períodos históricos, em ambiente digital e presencialmente. Por meio de exposições, instalações, intervenções e performances, estabelecem-se aproximações com e entre profissionais do campo da arte e da cultura do Brasil e também do cenário internacional e públicos diversos.

O Acervo Sesc de Arte é fundamental para o trabalho permanente de ação cultural e educativa da instituição. No Sesc Digital, estão disponibilizados registros das obras que compõem o acervo, contribuindo para expandir o acesso ao patrimônio institucional.

As ações educacionais tem como objetivo ampliar, aprofundar e difundir os conhecimentos da área e de suas interfaces com outros campos. Importante ressaltar que, nesse período foram desenvolvidas atividades de mediação dos conteúdos das exposições tanto em ambiente digital como presencialmente. No *Circuito Sesc de Artes – Praças Digitais*, realizou-se o *Ciclo de Sensibilização para Educadores*, voltado a profissionais das redes pública e privada de ensino, com foco na arte-educação, além de oficinas, cursos, palestras e debates.

Cinema

O trabalho desenvolvido pelo Sesc por meio do cinema enfatiza a difusão e a fruição de conteúdos audiovisuais, destacando os diferentes dispositivos que contribuem para o fazer cinematográfico. Além disso, busca refletir sobre a produção, a preservação e as possibilidades de mediação de obras audiovisuais, fomentando o conhecimento por meio de cursos teóricos e práticos, debates, palestras e encontros, com o intuito de ampliar a experiência com o cinema.

No período de pandemia, o projeto Cinema#EmCasaCom0.Sesc, disponibilizou filmes na plataforma do Sesc Digital, possibilitando a ampliação de telas a públicos plurais, ultrapassando barreiras físicas por meio do on-line. Segundo o documento Sesc Realizações 2021, foram apresentados mais de 500 filmes, entre os gêneros documentais e ficcionais, incluindo os infanto-juvenis.

Importante ressaltar algumas ações, como a Mostra de Cinemas Africanos e a Mostra Alemã de Cinema: Elas Dirigem!, cuja curadoria valorizou o cinema realizado por mulheres em diferentes contextos geopolíticos e culturais. Do mesmo modo, a Mostra de Cinemas Negros contou com criações coletivas que proporcionaram olhares sensíveis para as questões de raça e identidade, além de celebrar obras de profissionais negros. O Festival de Cultura em Direitos Humanos destacou a multiplicidade sociocultural e a compreensão sobre a defesa dos direitos fundamentais e o respeito à diversidade. Durante todo esse período, visando fortalecer o olhar e o pensamento dessa linguagem, atividades formativas promoveram encontros plurais com diferentes vozes, olhares e saberes.

Circo

Por meio dessa linguagem o Sesc desenvolve atividades que fomentam o diálogo, favorecem os intercâmbios e estimula a diversidade estética nos modos de fazer circo na contemporaneidade. Para isso, a instituição trabalha com produções tradicionais e contemporâneas, abarcando desde circos itinerantes de tradição familiar até artistas e trupes formados em escolas estrangeiras.

O conjunto de ações em circo reflete o compromisso da instituição em oferecer uma programação variada, contemplando as diferentes modalidades e habilidades circenses, assim como os diversos públicos, ampliando o acesso a esses bens

culturais e incentivando, com isso, a manutenção e o desenvolvimento desse gênero artístico.

No período da pandemia, foi desenvolvida pelas Unidades Operacionais do Sesc, a produção de vídeo circos que contemplou números circenses, pílulas de técnicas variadas e minidocumentários, favorecendo amplamente o desenvolvimento da linguagem, focando nas frentes de pesquisa, produção e difusão de conteúdo.

Dança

Abrangendo as vertentes popular e contemporânea, a tríade da difusão, circulação e fruição de espetáculos reflete parte importante do trabalho institucional desenvolvido na área da dança.

As ações formativas, práticas e teóricas, potencializam as possibilidades de encontro e a contínua reflexão sobre a dança, com vistas à promoção de intercâmbios e diálogos com criadores e profissionais ligados a instituições locais e internacionais, nutrindo possibilidades de criação e pesquisa.

Na edição de 2021 da Bienal Sesc de Dança, realizada totalmente on-line, apresentou um panorama diversificado da atual produção na área, por meio de espetáculos e performances, assim como de encontros e reflexões em torno da linguagem. Nesse sentido, foram realizadas mesas de conversas, aulas, oficinas, exposições de filmes e videodanças.

Literatura e Bibliotecas

As ações da área buscam incentivar à prática da leitura e de formação de leitores, além de fomentar a difusão da criação literária e de contribuições complementares trazidas por autores(as), com ênfase na experimentação da palavra em diálogo com outras linguagens artísticas, considerando a diversidade de manifestações e dos públicos.

As Bibliotecas Fixas e os BiblioSescs proporcionam o empréstimo e a leitura de obras da literatura, de ficção e não-ficção, das áreas de saúde, alimentação, esportes, artes e humanidades.

Ressalta-se, também, os projetos de feiras e festivais literários, realizados em parceria com agentes locais e instituições, na qual destacamos os que foram realizados recentemente, os encontros com escritores e especialistas organizados por Unidades do Sesc, em iniciativas como o 3º Seminário Internacional Arte, Palavra e

Leitura – Por uma Educação Transformadora , realizado no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc SP, a 7ª Feira Literária da Zona Sul – Felizs, no Sesc Campo Limpo e o 9º Festival Literário de Iguape no Sesc Registro. Também são realizadas diversas ações artísticas e formativas, como clubes de leitura, debates, oficinas de criação, contações de história, saraus e slams.

Música

O trabalho orienta-se pela difusão e circulação da produção artística, nacional e estrangeira, e pelo incentivo e condução de processos formativos permanentes e eventuais. Critérios de qualidade musical e artística, relevância cultural, diversidade na programação, adequação aos espaços e ao contexto das ações, gêneros e artistas não contemplados pelo grande mercado pautam as escolhas nessas frentes de trabalho.

Tem como ação principal a realização de espetáculos e concertos em espaços diversos (teatros, auditórios, ginásios, palcos ao ar livre, áreas de convivência e comedorias); a difusão também ocorre por meio digital, ampliando o acesso às programações e oferecendo novos conteúdos e abordagens no campo da música. Entre os projetos em rede, a realização de festivais e circuitos fortalece a atuação na área e amplia o alcance e o papel da instituição na constituição de plateias para uma diversidade maior de gêneros musicais.

Os Centros de Música do Sesc, presentes nas Unidades Consolação, Guarulhos e Vila Mariana, expandiram a dimensão de suas instalações, ocupando espaço destacado na programação on-line da instituição, com canal próprio nas redes sociais e conteúdo unificado, elaborado de maneira coletiva pelos educadores ligados ao programa. Com a proposta educativa de aproximar os públicos da linguagem musical, tem oferecido elementos para o reconhecimento de seus signos e para uma escuta aprimorada das obras, os Centros de Música construíram novas formas de sensibilizar públicos para diversos aspectos do fazer musical. Estas incluem a aprendizagem de como tocar um instrumento e a ampliação de saberes na área musical, permitindo ainda diálogos entre a música e outras áreas do pensamento.

Teatro

Os compromissos que norteiam as ações programáticas e reflexivas da linguagem teatral dirigem-se ao estímulo e ao acesso dos diferentes públicos às criações contemporâneas, por meio de atividades formativas, temporadas, mostras, festivais e projetos temáticos especiais.

Além de companhias e nomes consagrados da cena teatral brasileira, a programação do Sesc também contempla coletivos periféricos, grupos de jovens atores e companhias de fora do estado de São Paulo, buscando atender à diversidade étnica, regional, etária, de gênero e de corpos, tanto no que se refere à composição dos grupos, quanto no que toca à temática discutida nas dramaturgias.

Considerando o legado de Antunes Filho, o CPT – Centro de Pesquisas Teatrais, localizado no Sesc Consolação, inaugurou sua programação on-line em 2020 com novos formatos e ampla abrangência de ações, organizadas nos eixos: Formação de Atores; Criação e Experimentação; Dramaturgia; Cenografia; e Acervo, Memória e Pesquisa. Foram realizadas várias ações, entre cursos, oficinas, bate-papos, podcasts, exposições virtuais e residências artísticas. Públicos diversos, distribuídos por todo o país, participam dessas ações, contribuindo para os debates e desenvolvimentos da linguagem teatral fomentados pelas atividades.

Trazendo uma diversidade de linhas estéticas e de pesquisas, em um constante diálogo entre as tradições e as novas experimentações, são apresentadas peças nacionais e internacionais, buscando-se a fruição, a realização de intercâmbios e o encontro entre públicos, artistas, criadores, produtores, parceiros e instituições diversas.

Tecnologias e Artes

Partindo do entendimento de que o termo tecnologia corresponde tanto ao universo digital quanto às conexões com as ferramentas analógicas, os Espaços de Tecnologias e Artes no Sesc São Paulo, tornaram acessíveis procedimentos que fomentaram a produção e experimentação artística, por meio de atividades formativas e de fruição.

Nesses espaços são oferecidos horários específicos para o acesso mediado à internet e aos cursos de inclusão digital, contemplando práticas tecnológicas ligadas

às diversas linguagens artísticas e outros campos do conhecimento, mediante oficinas, cursos, exposições, instalações, espetáculos, performances e palestras.

Um dos grandes projetos nessa área, é o FestA! – Festival de Aprender, que em sua última edição, por conta do cenário pandêmico, foi realizado no ambiente digital, envolvendo todas as Unidades do Sesc no estado de São Paulo. A programação abordou diversas técnicas do fazer manual (arte têxtil, desenho, gravura e pintura), além de áreas como design, quadrinhos, audiovisual, fabricação digital e cultura maker, com foco em atividades que possam ser realizadas no espaço doméstico, considerando as restrições de convívio social por conta da pandemia.

Programa Espaço de Brincar

O programa se constitui como um conjunto de ações para, com e sobre bebês e crianças até 6 anos, seus adultos de referência, gestantes e pessoas interessadas nas questões da primeira infância.

Sua ação permanente pressupõe ambientes lúdicos, fixos ou volantes, com ambientação cenográfica elaborada para valorizar o brincar, seja ele espontâneo, dirigido ou mediado. Busca-se, com isso, receber e favorecer a convivência com os mais diversos vínculos, tanto os de natureza familiar e afetiva, como os de procedência escolar ou programática. Os ambientes são preparados por educadores que mobilizam diversas possibilidades de montagens educativas e recreativas, selecionando elementos e acervos brincantes com a intenção de promover estímulos para uma experiência particular a cada indivíduo ou coletivo.

O brincar, entendido como elemento fundamental de expressão da criança, busca recuperar a ludicidade da cultura popular, promover a diversidade cultural, estimular a reconexão com a natureza e com modos de vida sustentáveis, além de combater a disseminação de preconceitos e estereótipos. Com base nesses valores, também são realizadas vivências lúdicas e ações nas linguagens de teatro, dança, música, literatura e artes plásticas, destacando-se ações em rede, como: Semana Mundial do Brincar e Cuidar de Quem Cuida, além de ações remotas por meio da hashtag #coisadebebe_sesc.

Programa Curumim

O Curumim é um programa de educação não formal que tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento integral das crianças de 7 a 12 anos. Há 35 anos atende, preferencialmente, os dependentes do público prioritário do Sesc e das famílias de baixa renda.

O Sesc tem uma atuação muito própria a partir do momento que o Estado brasileiro, ao reconhecer os direitos humanos da criança e do adolescente em 1989, com a elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, cria-se a proteção integral e o Sesc a partir desse importante marco, tem ampliado o seu trabalho.

Atualmente está presente em 33 Unidades do Sesc São Paulo, atuando com familiares e educadores, proporcionando diferentes experiências socioeducativas: corporais, artísticas, ambientais e culturais, a fim de promover a cooperação, a solidariedade, o respeito ao próximo e a formação de cidadãos autônomos e conscientes.

Diante dos desafios dos tempos pandêmicos, novas metodologias foram desenvolvidas, priorizando o afeto e a convivência. Como parte do processo educativo, séries de ações remotas sustentadas nas bases do programa lançaram mão de diferentes plataformas digitais, além de fornecer materiais para uso nas atividades. Primando pela diversidade temática das ações, as atividades tiveram como foco: o protagonismo, a ampliação do repertório e a ludicidade, acompanhados da mediação dos educadores. Além das atividades, acompanhou-se constantemente as condições emocionais e socioeconômicas das crianças e de seus familiares, em atenção à conjuntura.

Nas mais de três décadas de existência, o programa Curumim tem atuado como propulsor de múltiplas experiências, desafios e compartilhamento de saberes, ancorado na valorização da infância, na convivência e na espontaneidade do brincar.

Programa Juventudes

Destinado a adolescentes e jovens com idade entre 13 e 29 anos e, também, a profissionais interessados pelas discussões acerca desse universo etário, o programa tem suas ações fundadas na diversidade das juventudes, na análise do contexto social, na relação com o território e, sobretudo, na participação dos jovens. Por meio de variados formatos e linguagens artísticas, busca-se contribuir com a

ampliação dos repertórios culturais dos envolvidos, assim como estimular a convivência, a autonomia e o respeito às diferenças. O programa desenvolve suas ações a partir dos eixos: para, com, entre e sobre os jovens e as juventudes. Para tanto, concretiza-se de duas maneiras:

- Grupos permanentes de adolescentes e jovens, como nas iniciativas nomeadas Alta Voltagem, Bora Lá!, Tribo Urbana e Vamo Aí!?. No período de pandemia, as equipes de educadores de infâncias e juventudes realizaram ações virtuais que possibilitaram momentos de debates, convivência e experimentações de distintas linguagens artísticas, ao mesmo tempo que mantiveram o acolhimento, o diálogo e o estreitamento de vínculos com os jovens participantes do programa.

- Projetos de cunho processual e ações pontuais, como por exemplo realizado em 2021 o Quebra da Quarta Parede, que a partir de encontros virtuais estimulou nos jovens a leitura de peças teatrais; ao final do processo, os participantes escolheram a obra Música de Feitiçaria, de Mário de Andrade, gravando-a com recursos sonoros e publicando-a como radionovela nas redes sociais da Unidade Bom Retiro. E o Cápsulas de Afeto, uma série de vídeos produzidos pela Unidade Ribeirão Preto, em que os educadores do programa Juventudes apresentaram artistas da cidade, valorizando os diferentes fazeres expressivos.

Programa Trabalho Social com Idosos

O programa se orienta pela promoção e ampliação das discussões acerca da velhice e do envelhecimento, através de atividades artísticas, reflexivas e corporais. Desde 1963, atua na perspectiva da valorização da cultura do envelhecimento e do protagonismo da pessoa idosa, procurando romper com estereótipos e preconceitos.

Considerando as transformações demográficas, sociais e culturais que incidem na velhice, o programa formula proposições e enseja situações favoráveis à socialização, às relações intergeracionais, ao intercâmbio de experiências e saberes e à construção de conhecimentos, além de promover o bem-estar, a qualidade de vida e a saúde.

Dos projetos na área, destaca-se a implantação de um conjunto de ações permanentes no programa, que contou com iniciativas baseadas na curadoria

coletiva dos técnicos do Sesc em todo o estado de São Paulo, abordadas em três eixos: Arte e Expressão, Corpo e Movimento e Sociedade e Cidadania.

A última campanha realizada em 2021 sobre Conscientização da Violência Contra a Pessoa Idosa debruçou-se no tema Não Enxergamos, Mas É: Violência Contra a Pessoa Idosa, fomentando reflexões sobre o quanto as violências interpessoais resultam muitas vezes de fatores macroestruturais.

A Semana de Prevenção de Quedas em Pessoas Idosas, por sua vez, trabalhou com o tema Cuidar Para Não Cair: Meu Corpo/Casa, buscando estimular a percepção sobre a complexidade e a integração entre o corpo biológico e a casa em que vivemos, para que o cuidado de ambos possa contribuir para a prevenção das quedas.

Entre as publicações organizadas pelo programa, a revista quadrimestral Mais 60 - Estudos sobre o Envelhecimento apresentou análises, pesquisas e reflexões no âmbito da gerontologia social, além de tratar de dimensões sociais e simbólicas do corpo velho.

Como disse no início desta tese, foi neste programa que iniciei minha jornada no Sesc São Paulo. Nos anos de 1998 e 1999, realizei estágio supervisionado na área de Serviço Social, no conhecido TSI – Trabalho Social com Idosos, nele pude compreender a dimensão do trabalho desenvolvido pela instituição voltado às pessoas idosas e ampliar meu olhar para as questões da velhice e do envelhecimento.



Realizando estágio em 1998 no Programa TSI – Trabalho Social com Idosos no Sesc Bauru
Foto: Acervo pessoal - Sandra Carla Sarde Mirabelli

Tenho plena certeza de que a Gerontologia faz parte da minha vida desde cedo, na infância meus avós sempre estiveram presentes, o que contribuiu para despertar

em mim a valorização da pessoa idosa, sua história de vida, a troca de experiências e a aprendizagem intergeracional.



Eu, minha avó Lina e meu avô Lino como eu os chamava carinhosamente desde pequena, no dia da minha Colação de Grau
Foto: Acervo pessoal - Sandra Carla Sarde Mirabelli

Sendo assim, em 2014, ingresso no mestrado em Gerontologia Social pela PUC São Paulo, com bolsa concedida pelo Sesc São Paulo, desenvolvendo o trabalho na Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade - GETI, e em 2016, finalizo o mestrado que contribuiu grandemente com minha formação, ampliando de forma significativa meu arcabouço teórico e meu pensamento crítico.



Defesa do Mestrado - com a orientadora Suzana Carielo da Fonseca e as professoras A Dra. Nádia Dumara Ruiz da Silveira e Dra. Ilda Lopes Rodrigues da Silva
Foto: Acervo pessoal - Sandra Carla Sarde Mirabelli

Assim, sigo minha trajetória...

Programa Direitos Humanos

O programa assenta-se no princípio da educação em Direitos Humanos, com objetivo de reconhecer a importância do alcance da dignidade humana para todas as pessoas. Por meio de uma perspectiva socioeducativa permanente, as práticas

apontam para uma postura ativa na proteção da equidade social, favorecendo a convivência e a promoção de diálogos. Nesse sentido, as ações em formatos e linguagens diversas apontam para a defesa dos direitos humanos, além de promover um pensamento crítico, capaz de reelaborar continuamente as necessidades contemporâneas que contribuem para um ambiente democrático.

O Programa Direitos Humanos está presente de forma transversal, por meio de atividades que fomentem a reflexão na área do Serviço Social, que a partir de um processo participativo, procura construir espaços de diálogos, estimula que as ações e os projetos sejam construídos coletivamente entre as(os) trabalhadoras(es) do Sesc São Paulo, profissionais, pesquisadores/as e parceiros institucionais que atuam em variados espaços sócio-ocupacionais.

Realiza mapeamentos territoriais com o objetivo de identificar os serviços socioassistenciais e estabelecer parcerias com a rede socioassistencial e seu reconhecimento nos territórios em que as Unidades do Sesc estão inseridas, para o reconhecimento das demandas e o planejamento de projetos na perspectiva de análise conjunta da realidade.

Na perspectiva educativa do Serviço Social, foca-se nas parcerias institucionais fortalecendo o diálogo com a categoria profissional, um exemplo, é a parceria com o Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais – CBCISS, que tem promovido cursos, encontros, lives, conferências e seminários na área de Serviço Social. As ações buscam expandir a compreensão de que o Serviço Social atua amplamente nas diversas expressões da Questão Social e na defesa intransigente dos direitos humanos.

Desde 2014, tenho me dedicado profundamente com esse trabalho no Sesc São Paulo. Como trabalhadora e pesquisadora meu envolvimento é permanente, participo em Conselhos no Brasil e na América Latina, em eventos nacionais e internacionais na área do Serviço Social; participamos de comissões organizadoras de seminários, conferências, fóruns e encontros que realizam uma análise crítica de nossa realidade. No Sesc São Paulo tive a oportunidade de organizar coletivamente inúmeros eventos, dentre eles, destaca-se: em 2016, a Pré-Conferência Latino-americana Dignidade e Valores Humanos: uma visão da América Latina e o III Seminário Nacional Serviço Social no Mundo do Futebol - Interdisciplinaridade na formação esportiva de crianças e adolescentes; em 2017, o Fórum Direitos Humanos das Pessoas Idosas; em 2018, o IV Seminário Nacional Serviço Social no Mundo do Futebol - A Importância da

Proteção Integral da Criança e do Adolescente na Formação Esportiva e o I Fórum Serviço Social no Mundo do Futebol – Ética Profissional - Ética e o exercício profissional da/o Assistente Social; em 2019, a Pré-Conferência Latino-americana Relações Humanas e Desigualdade na América Latina; em 2020, o V Seminário Nacional Serviço Social no Mundo do Futebol – O Serviço Social na defesa dos direitos humanos na Formação Esportiva Infanto-Juvenil e o II Fórum Serviço Social no Mundo do Futebol – A Instrumentalidade no Exercício Profissional da/o Assistente Social; em 2021, o I Seminário Internacional Serviço Social no Desporto – O trabalho da(o) assistente social na formação desportiva; e em 2022, VI Seminário Nacional Serviço Social no Mundo do Futebol - Prevenção e combate ao tráfico de crianças e adolescentes e o III Fórum Serviço Social no Mundo do Futebol – Relações Étnico-raciais e trabalho profissional da/o assistente social no âmbito esportivo.



Participação no Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais – CBCISS – 2013 aos dias atuais
Fotos: Acervo pessoal - Sandra Carla Sarde



Apresentação no Simpósio Comemorativo 90 anos do ICSW – International Council on Social Welfare - DUBLIN – IRLANDA 2018

É com dedicação, amor e comprometimento, acreditando cada vez mais no nosso trabalho, que sigo construindo essa história, a minha e a do Sesc São Paulo!!!

Programa Diversidade Cultural

O programa realiza ações que contemplam pessoas, populações e culturas cujos direitos se encontram ameaçados e/ou minorizados, como é o caso das mulheres, das populações LGBTQIA+, das pessoas em situação de rua, em situação de refúgio e migração, negra e indígena, bem como dos povos e comunidades tradicionais.

As iniciativas objetivam conferir visibilidade à diversidade cultural, criando espaços para convivência, intercâmbios e discussões sobre preconceito e respeito,

na busca por reconhecer as diferenças como componentes legítimos para o viver junto.

As análises conjunturais, assim como as pesquisas relacionadas às questões populacionais e culturais, corroboram os princípios de desenvolvimento das ações na área, levando em conta uma série de relatórios e estudos que apontam a persistência de profundas desigualdades sociais no país, perpassando toda a estrutura social.

Entre as iniciativas, destacam-se as ações institucionais em rede Agosto Indígena, Legítima Diferença, Do 13 ao 20: (Re)Existência do Povo Negro e Refúgios Humanos. As atividades integrantes dessas e de outras iniciativas procuram colocar em relevo o papel da educação na proteção e na promoção da diversidade cultural, de modo a contribuir para o processo de reconstrução simbólica e concreta no campo individual e coletivo, favorecendo a reflexão sobre as formas de dominação e exclusão.

Programa Valorização Social

A realização de processos socioeducativos em Valorização Social visa à inclusão produtiva de pessoas e grupos por meio da ampliação de conhecimentos, e a formação de redes entre iniciativas, tendo em vista a criação de possibilidade de inserção no mercado de trabalho.

Uma ação institucional que destacamos em rede, Territórios do Comum, propôs discutir cidadania em suas dimensões colaborativas, com ênfase nas iniciativas socioambientais presentes nos territórios, sobretudo onde estão inseridas as Unidades do Sesc. De modo transversal entre as áreas de Educação para Sustentabilidade, Educação para Acessibilidade e Valorização Social, em 2021, foi possível mapear 114 experiências concretas relacionadas a modos de viver mais sustentáveis e acessíveis, além de práticas de economia solidária que contribuem para o desenvolvimento local.

No enfrentamento da pandemia, o projeto Tecido Solidário, iniciado em 2019, permaneceu em 2020 e 2021, em diálogo com a campanha Ação Urgente Contra a Fome, totalizando a produção e distribuição de mais de 13 mil máscaras de tecido. A ação cuja premissa de geração de renda se efetivou através da contratação de iniciativas sociais, cooperativas e pequenos grupos de costura para a confecção de máscaras, conjugada à sua distribuição gratuita para pessoas vulnerabilizadas,

destinou parte das doações para pessoas atendidas pelas instituições sociais do Programa Mesa Brasil.

Ações Físico-esportivas

As ações na área físico-esportivas envolvem realizações voltadas ao estímulo e à ampliação das experiências relacionadas aos esportes, às atividades físicas e ao lazer. Procuram conscientizar sobre os benefícios da prática esportiva regular, segura e prazerosa, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida e da saúde, assim como a redução do comportamento sedentário, a partir do enfrentamento da inatividade física.

Concebendo as atividades físico-esportivas e de lazer como dimensões da cultura e como direito social, busca-se um tipo de abordagem favorável à redescoberta dos aspectos simbólicos e de suas possibilidades de apropriação em diferentes circunstâncias e contextos, mediante processos contínuos de construção e disseminação de conhecimentos.

Por meio de campanhas, eventos e cursos regulares, promove-se a difusão da atividade físico-esportiva, orientadas pela perspectiva do esporte como ferramenta para o desenvolvimento humano e elemento potente para a educação. As ações oferecidas por meio da prática, do espetáculo e do conhecimento favorecem os saberes, o desenvolvimento de competências, o protagonismo dos participantes, o respeito à diversidade, a inclusão social e a possibilidade da educação pelo e para o esporte.

As ações permanentes buscam reconhecer e valorizar a cultura do movimento e os interesses individuais para o aprendizado de novas expressões corporais, assim como para a conquista da autonomia. Sob essa perspectiva, são desenvolvidos os seguintes programas:

Programa de Ginástica Multifuncional – conhecido no Sesc por GMF, transcende o trabalho da academia, pois baseia-se no estilo de vida do aluno que realiza seus exercícios a partir de roteiros personalizados, além de participar de aulas coletivas; de forma equilibrada, a GMF promove o desenvolvimento de habilidades motoras e capacidades físicas.

Programa Sesc de Esportes – promove a educação através do esporte e para o esporte, concebendo-o como prática plural permeada pelo brincar, aprender, jogar

e socializar; suas atividades incentivam, além da aprendizagem de novas habilidades, o desenvolvimento de valores culturais.

Programa de Atividades Aquáticas – desenvolve competências que possibilitam a segurança do praticante no meio líquido, abrangendo o aprendizado dos nados, o condicionamento físico, a recreação e o bem-estar.

Programa de Práticas Corporais – composto por aulas que utilizam diversas técnicas corporais orientais e ocidentais, sua ênfase recai em movimentos que desenvolvem força, flexibilidade, ritmo, respiração e concentração, colaborando para o autoconhecimento.

As ações de caráter transversal, como seminários, exposições, encontros com atletas e apresentações esportivas, procuram valorizar a história e reconhecer o esporte como componente fundamental da cultura brasileira.

Educação para Acessibilidade

Essa área de atuação caracteriza-se pela identificação, diminuição e eliminação de barreiras sociais, culturais, comunicacionais e físicas que, historicamente, se interpõem no cotidiano das pessoas com deficiência. Seu viés sistêmico envolve um conjunto de ações voltadas tanto ao público prioritário quanto à comunidade em geral, assim como aos funcionários e aos contratados do Sesc, de modo a construir uma cultura de participação da pessoa com deficiência em sua diversidade.

Nesse período, foram aprimoradas, nesse sentido, as ações formativas orientadas para o uso da comunicação acessível, com o Guia de Recursos e Ferramentas de Acessibilidade na Comunicação, desenvolvido para subsidiar as equipes na elaboração de materiais institucionais e de relacionamento com os públicos.

Educação em Saúde

Com o intuito de fomentar a consciência crítica a respeito das condições e modos de vida, criando oportunidades para os indivíduos e as comunidades fazerem as melhores escolhas possíveis dentro de sua realidade, foram desenvolvidos processos educativos e ações programáticas interdisciplinares, com foco na promoção da saúde e na prevenção de doenças. Através do compartilhamento de

saberes e experiências, o público participa como protagonista de um arco de iniciativas dialógicas voltadas à autonomia dos sujeitos em relação aos cuidados com sua própria saúde.

Dentre os programas destacamos:

Programa Saúde Bucal - que se desenvolve numa perspectiva ampliada de saúde, ultrapassando a dimensão curativa, pois pauta-se por práticas que valorizam e respeitam as pessoas, em atenção aos contextos social, cultural e econômico. A recuperação da saúde bucal e da autoestima são compromissos igualmente importantes, alcançados pelo estímulo à autonomia das pessoas atendidas, tornando-as partícipes na manutenção da sua saúde.

O atendimento segue por critérios e procedimentos de priorização das pessoas em condição de maior vulnerabilidade, e a equipe é composta por mais de 500 funcionários que atendem em 34 Clínicas e 155 Consultórios nas Unidades do Sesc São Paulo.

Programa Alimentação – é entendido como um dos pilares da promoção de saúde e tem como objetivo oferecer refeições e preparações saudáveis, com variedade local e regional, a preços subsidiados e acessíveis ao público. Desse modo, o Sesc incorpora novos valores, com foco nas práticas alimentares promotoras de saúde, em consonância com as diretrizes do Guia Alimentar para a População Brasileira, respeitando a autonomia do sujeito sobre as escolhas alimentares.

Nos Restaurantes, Cafeterias, Cafés e Lanchonetes no Sesc São Paulo, os cardápios são desenvolvidos de acordo com a estrutura física e as características do público frequentador, a partir do tripé: saudável, brasileiro e contemporâneo, aspectos que se manifestam na priorização dos ingredientes in natura; na valorização da diversidade culinária regional; e na busca por inovar nos sabores e apresentações. Sempre com atenção à qualidade e à segurança dos alimentos, as Comedorias oferecem ambientes acolhedores e promotores da comensalidade. Além disso, os processos de trabalho se mantêm alinhados ao equilíbrio socioambiental e ao princípio da economicidade, que incluem a redução na geração de resíduos, o uso responsável de descartáveis e a oferta de água filtrada gratuita ao público, compreendendo que muitas pessoas não têm acesso à água potável, principalmente quando se encontram em situação de rua.

Programa Mesa Brasil

Fundamentado no princípio de que a alimentação é um direito de todos, o programa Mesa Brasil une empresas, instituições sociais e voluntários com o objetivo de atuar no combate à fome e ao desperdício de alimentos.

O programa é formado por duas ações: a primeira, chamada Colheita Urbana, estabelece a conexão entre empresas doadoras de alimentos que perderam o valor comercial, mas que estão próprios para o consumo, e instituições sociais que os utilizam para complementar as refeições servidas às pessoas por elas assistidas, além de atender famílias em situação de insegurança alimentar. A segunda ação tem um caráter educativo e promove cursos e oficinas voltados a instituições sociais e empresas doadoras, a fim de sensibilizar e orientar sobre boas práticas aplicadas nas etapas de recebimento, armazenamento, preparo e distribuição dos alimentos, além de abordar técnicas culinárias com o aproveitamento integral, resultando na preparação de refeições mais seguras e saudáveis.

No diálogo entre Colaneri e Mirabelli, realizado em março de 2022, pode-se compreender a importância desse trabalho para as(os) trabalhadoras(es) do Sesc, a influência das(os) assistentes sociais no desenvolvimento do programa e o impacto de suas ações na sociedade:

Colaneri: [...] Outro destaque interessante, foi o da criação do projeto, hoje denominado Mesa Brasil, um programa maravilhoso.

Mirabelli: Eu trabalhei no Mesa Brasil 9 anos no Sesc Bauru (sorriu).

Colaneri: Ah é um trabalho fantástico (sorriu)! Particpei da implantação, no Estado do Rio de Janeiro, do denominado Banco Rio de Alimentos, hoje parte do Mesa Brasil, em consonância com o Sesc São Paulo. É ajuda, é promoção, é parceria, é estímulo. Trabalha-se com amplo envolvimento das instituições e das empresas evitando o desperdício e suprimo necessidades. No Sesc Rio, concomitante ao trabalho de alimentação eram desenvolvidas parcerias, segundo demanda, em todas as áreas do trabalho do Regional.

Mirabelli: Nossa, é maravilhoso! Eu sou suspeita de falar, porque nós fizemos um trabalho lindo lá em Bauru junto com um assentamento. Havia um assentamento grande na cidade no Horto de Aimorés, e eles não tinham como escoar a produção deles, então, conseguimos uma parceria com a CONAB e através do Programa de Aquisição de Alimentos do Governo, na época do primeiro Governo Federal do Lula, adquirimos por meio desse programa os alimentos produzidos no assentamento e entregávamos nas instituições sociais, que na época eram 81 cadastradas no Mesa de Bauru. Mas muito além disso, eram as ações que eram realizadas no assentamento, as ações que a gente realizava voltadas para as cozinheiras das instituições que estavam lá há muito tempo, mas não participavam de cursos, não continuavam

aprimorando e trocando os seus conhecimentos. Enfim, a partir da prática, do trabalho, a gente fazia muitas atividades nas instituições sociais de formação, voltadas às famílias, então é isso que você falou, da autonomia e então para nossa alegria, muitas pessoas faziam os cursos de manipulação de alimentos, que eram cinco cursos e a pessoa conseguia um trabalho, trabalho na cozinha do hospital, teve pessoas que vieram me dizer no Sesc: eu estou trabalhando na cozinha do Hospital Estadual, estou trabalhando em uma padaria de um supermercado e para a gente era isso, ver realmente o resultado de um trabalho que vai muito além da entrega daquele alimento, é autonomia e dignidade para as pessoas.

Colaneri: Vai além do alimento, na medida que você chega na instituição, também mobiliza a instituição. Vivenciei muito isso, no Rio. Quando se concebeu o projeto do Banco de Alimentos, o Sesc faria a coleta, centralização, estoque e controle, da entrega às instituições, nas dependências do Banco Rio de Alimentos (hoje Mesa Brasil). As instituições providenciaram seus transportes. Presenciei momentos fantásticos. Numa determinada situação uma grande empresa fabricante de biscoitos, ofereceu um volume expressivo de seus produtos com prazo de validade grande. Mais de uma dezena de carretas, 17 se não me falha a memória, de biscoitos, mas que precisavam ser retirados num período muito curto de tempo do depósito da indústria. Aí foi a luta para arranjar transporte. Ultrapassava o limite da licitação, e não havia como usar, em tempo hábil, outro mecanismo de concorrência para o transporte. Enfim, o setor de compras agilizou e deu ampla transparência à licitação. Assinei a autorização com riscos pessoais, mas com segurança de ter agido com boa fé e cidadania, para tornar útil o bom alimento. Na sequência, onde guardar. A quantidade era muito grande. Requeria amplo espaço, seguro e protegido. Os parceiros foram contatados e foram devidamente armazenados. A alegria foi ver todas as instituições vinculadas ao programa, receber biscoitos ao longo de 2 meses ou mais.

Na ação do Banco tinha um grupo permanente de instituições que retiravam alimentos regularmente, cerca de duzentas. Outras cadastradas aguardando vaga para retirar sistematicamente. Quando tinha excesso de arrecadação, chegava-se a atender todas as instituições, algo em torno de quinhentas. Biscoitos, todas retiraram. Assistentes sociais, nutricionistas, educadores, enfermeiras, e dentistas, visitaram as obras, orientaram as cozinhas, os cardápios, e atenderam os clientes. Um trabalho fantástico, de envolvimento e participação (sorriu). Salvar, proteger o alimento, distribuir bem é a missão. Muitas vezes exigia luta, esforços e fé na capacidade de contornar barreiras.

[...] É a gente tem que continuar lutando, enfrentando e superando empecilhos, má vontade, mas acreditando sempre que é possível fazer mais e melhor. Certa vez em enchentes e deslizamentos em cidades serranas do Estado do Rio de Janeiro, o Banco Rio de Alimentos, além de alimentos, virou coletor e distribuidor de móveis, de roupas, e agasalhos, com ajuda e parceria da Receita Federal. Nessas crises, os trabalhadores do Sesc/Banco conseguiram grandes doações da Receita, geralmente apreensões do órgão federal. Uma ocasião, um empresário disponibilizou um grande lote de camas que foram muito úteis no apoio a desabrigados pelas chuvas nas cidades serranas, graças a capacidade de mobilização dos trabalhadores do projeto Banco Rio de Alimentos como também por estarem permanentemente atuando na região. Eram poucos profissionais, porém com grande capacidade de mobilização de voluntários e de um alto nível de profissionalização e solidariedade.

Mirabelli: É lindo o trabalho! Hoje eu não sei se você sabe, hoje tem o CECAM, o Centro de Armazenamento aqui em São Paulo do Mesa, que é enorme, porque hoje o Mesa Brasil tem grandes parceiros, doa-se carretas de determinados produtos, que na época a gente não tinha esse tipo de doação. Bauru especificamente onde eu trabalhei, nós tínhamos muita doação de hortifruti, que era o forte ali da região, doação de pequenos produtores, do Ceasa, enfim, é um trabalho que eu tenho um carinho muito grande e estive nele por 9 anos.

Colaneri: É bonito e importante trabalho. Por ocasião da implantação do Banco Rio de Alimentos do Sesc, conheci o Programa Banco de Alimentos de Milão, quando constatamos que o trabalho de coleta era do Banco, mas a ação de distribuição, mais complexa e custosa, era feita de modo eficiente e barato, sob a responsabilidade das entidades que se valiam do aproveitamento da distribuição. Foi um dos pilares da sistemática implantada no Rio.

Mirabelli: Verdade?

Colaneri: É, foi de Milão. Eu já conhecia o de São Paulo. Participei das discussões preliminares e também do I Seminário sobre a criação de mecanismos de coleta e distribuição de alimentos, valendo-se do conceito do não desperdício. Do aproveitamento do bom alimento, para serem distribuídos a instituições sociais, que teve a organização feita pelo Gerente do Sesc Carmo, o Efre Rizzo, um grande entusiasta da causa. Tive a oportunidade, em sua fase inicial, de participar intensamente nos debates promovidos na Rua do Carmo. Já no Rio de Janeiro, eu e Jesus Vasquez Pereira, fomos juntos trabalhar no Sesc Rio. Coube ao Vasquez a liderança na implantação do Banco Rio de Alimentos. Teve muita receptividade e forte participação do pessoal do Sesc. Inclusive sua implantação foi feita a partir do conceito do não desperdício. Iniciou-se em um almoxarifado e utilizando câmaras frigoríficas de uma cozinha desativada, como também de dois caminhões que estavam na garagem sem uso permanente, o crescimento foi espontâneo e rápido. Um belo trabalho!

Durante a pandemia de COVID-19, o programa ampliou a captação de doações de alimentos básicos, passando a distribuir produtos de higiene pessoal e limpeza, além de estabelecer e fortalecer parcerias com empresas em âmbito nacional e internacional, com vistas a expandir o atendimento.

Para envolver a sociedade numa ampla mobilização, em 2021, foi criada a Ação Urgente Contra a Fome, campanha de arrecadação de alimentos, em parceria com o Senac e com apoio do Sindicato do Comércio Varejista. Pontos de coleta foram instalados nas Unidades do Sesc e do Senac na Capital, Grande São Paulo, Interior e Litoral. Nesse mesmo sentido, o Sesc realizou o Festival Sesc Mesa Brasil, no Dia do Trabalhador, com 13 horas de atividades culturais e artísticas, com a finalidade de arrecadar alimentos.

Padula enfatiza em sua narrativa a desigualdade social no Brasil e esse período triste da nossa história, com muitos desafios a serem enfrentados durante a pandemia:

Nós temos um desafio muito grande, que tristeza essa enorme lacuna que tem, de quem tem condição nesse país e quem não tem e agora com essa pandemia piora ainda, pessoas perderam o emprego, essa quantidade de gente morando nas ruas. O Mesa Brasil foi um projeto essencial para o aproveitamento dos alimentos, agora você vê em 69 e 70 nós já tínhamos um trabalho que valorizava os alimentos, tinha uma série de slides e programas que a gente falava de como aproveitar o alimento. Aí depois de 20 e 30 anos, surgiu o Mesa Brasil, um trabalho para combater o desperdício de alimentos. Foi desenvolvendo de eu conheci você, o trabalho que você fazia lá em Bauru, tremendamente importante.

[...] mesmo agora durante a pandemia não paramos com a Odontologia, não paramos com a alimentação, o Mesa Brasil continuou essa campanha de doação de alimentos, tudo que o Sesc fez, quer dizer, chega um momento que você tem que ser assistencialista, o Sesc sempre trabalhou para mudança de comportamento, de visão do trabalho social, de inclusão das pessoas, mas chegou um momento que a gente precisou sanar a fome e aí foi uma instituição a mais com um trabalho grande e o que se conseguiu fazer nesses dois anos aí de pandemia, mais críticos de situação. (Padula, entrevista concedida em fevereiro de 2022)

Esse relato nos revela a importância desse trabalho e me possibilita compartilhar um pouco de minha experiência no Sesc Bauru, quando estava no Programa Mesa Brasil Sesc Bauru.

Destaco que esse programa me traz muitas memórias, pois nele, desenvolvi um trabalho por 9 anos no Sesc Bauru. Entre os anos de 2004 e início de 2013, tive a oportunidade de realizar oficinas, cursos, palestras, seminários, encontros e principalmente valorizar o trabalho desenvolvido pelas(os) trabalhadoras(es) das organizações sociais que participavam do programa. Nele, pude ampliar meu conhecimento sobre a questão agrária, desenvolvendo um extenso trabalho junto ao Assentamento Rural Horto de Aimorés.

Tudo começou com uma reportagem no Jornal da Cidade em Bauru, em 2007, informando que as famílias assentadas estavam produzindo mandioca e não estavam conseguindo vender o produto, estavam perdendo toda a produção no campo. Entramos em contato com os líderes do Assentamento para verificar o que poderíamos realizar em parceria, durante o diálogo e as pesquisas, descobrimos que o Governo Federal por meio do PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar estava aceitando projetos para a ampliação do programa. Lá fomos nós, junto à CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento de Bauru, realizar o primeiro projeto pelo Programa CAEAF – Compra Antecipada Especial da Agricultura Familiar. Foi uma grande conquista, por meio do PRONAF, buscávamos os alimentos produzidos no assentamento para serem doados às organizações

sociais cadastradas no Mesa Brasil e as famílias agricultoras vendiam seus produtos ao Governo Federal. Recordo nesse período de muitas ações coletivas, acompanhamos a luta pela demarcação da terra, a conquista pelos lotes dos(as) agricultores(as), a ampliação da produção, a construção das casas, as certificações e a estruturação da associação, até hoje tenho contato com algumas pessoas que vivem no assentamento.

Nas imagens abaixo, compartilho algumas ações que pude realizar durante o trabalho desenvolvido pelo Serviço Social no programa Mesa Brasil Sesc Bauru.



Reunião com agricultoras(es) no Assentamento Rural Horto Aimorés



Primeiras reuniões com os/as agricultores/as no Sesc Bauru



Palestra no CRAS em Bauru Aproveitamento integral dos Alimentos

Fotos: Acervo pessoal - Sandra Carla Sarde Mirabelli

No relato de Galisteu, com muita humildade, reconheço que meu trabalho foi importante e tudo que realizei era com o objetivo de efetivar os direitos das pessoas com muita dedicação e comprometimento, sempre pensando em quem iria participar das ações desenvolvidas no programa:

Participei também de muitas oficinas com a terceira idade, muitas ações do Mesa Brasil, que você atuava de maneira brilhante, enfim... [...] Não conheço muitos Assistentes Sociais no Sesc, mas tenho como exemplo de uma exímia Assistente Social, você, pois a conheço desde o Sesc Bauru, onde você desempenhava de forma brilhante o seu trabalho como Assistente Social no projeto do Mesa Brasil, e nessa condição você sempre executou e executa um excelente trabalho, [...] por sua conduta impecável, seu esforço, interesse em dar o melhor de si, colaborando com todos e em prol de um resultado satisfatório no campo profissional. Porque você ama o que faz, por isso faz tão bem-feito, de forma maravilhosa, exemplar (Galisteu, entrevista concedida em abril de 2022).

Por conta da minha formação acadêmica, quando estava na coordenação do programa, juntamente com as manipuladoras de alimentos (cozinheiras e auxiliares de cozinha) das organizações sociais, organizamos o primeiro livro de receitas com aproveitamento integral do Programa Mesa Brasil Sesc Bauru. Observava durante as visitas técnicas nas organizações sociais, que muitas mulheres que trabalhavam nas cozinhas, estavam naqueles espaços há mais de 10 e 20 anos e que nunca haviam

participado de um curso fora da organização. Comprometidas com o trabalho, participavam ativamente das ações do Mesa Brasil no Sesc, elaboravam receitas e ninguém conhecia a história de cada uma delas.

A proposta que até nos dias de hoje é desenvolvida, é a realização de uma Oficina Culinária em que preparam receitas elaboradas por elas com aproveitamento integral de alimentos, tira-se fotos dos pratos, fotos dessas mulheres trabalhadoras maravilhosas, conta-se suas histórias na organização e entrega-se os primeiros exemplares dos livros no Encontro Anual realizado entre as organizações sociais e os doadores do programa Mesa Brasil Sesc Bauru.



Oficina Culinária de Aproveitamento Integral dos Alimentos com cozinheiras das instituições sociais
Fotos: Acervo pessoal – Sandra Carla Sarde Mirabelli

Nesse período, em que desenvolvi esse trabalho no Sesc Bauru, pude realizar na Instituição Toledo de Ensino de Bauru uma pós-graduação em Gestão de Políticas Públicas e Terceiro Setor. Vivenciei momentos de muito aprendizado, trocas e socialização de experiências. Meu trabalho de conclusão de curso intitulado Educação: caminho para a segurança alimentar e nutricional, apresentava essa experiência no Programa Mesa Brasil Sesc Bauru e a vivência no COMSEA – Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional de Bauru, ao qual fui conselheira por dois mandatos, 2009-2011 e 2012-2014, fazendo parte da Comissão Intersetorial do Programa Bolsa Família, quadriênio 2010-2014.

Foi um período de grande aprendizado e fortalecimento profissional, que o Sesc possibilitou que eu pudesse me envolver. Portanto, pode-se afirmar com a narrativa de Gonçalves que:

O Sesc sempre teve muito envolvido com algumas questões, questão da fome, [...] a questão do alimento que é tão importante, então assim, coisas mais pontuais, a gente sempre teve à frente, por isso que eu falo, o Sesc ele está sempre atendendo a realidade da sociedade, sempre dentro da missão que foi criado, atendendo os objetivos a que se dispõe (silêncio) (Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

Meio Ambiente

A conservação da natureza, aliada ao desenvolvimento humano, representa a base da ação socioambiental do Sesc. Processos educativos que discutem a interdependência entre sociedade e ambiente são desenvolvidos em favor de modos de vida mais sustentáveis.

Estratégias diferenciadas, dirigidas a vários perfis de público, buscam contribuir para a formação de sujeitos conscientes para a transformação da realidade, priorizando o cuidado com as pessoas e a natureza. A sustentabilidade, por seu caráter transversal, visa minimizar os impactos ambientais, conservar e recuperar áreas verdes nas Unidades do Sesc São Paulo e lidar, de maneira responsável, com os recursos em seus programas.

Assim, destaca-se o programa Lixo: Menos é Mais, que desenvolve uma proposta formativa para o público do Relacionamento com Empresas, com ênfase na gestão de resíduos no setor de bens e serviços. O foco está na responsabilidade socioambiental e na construção de agenda sustentável, compondo uma rede de impacto positivo com pontos de intersecção entre iniciativas sociais, lideranças locais e cooperativas.

Na Reserva Natural Sesc Bertioga, destacamos a Trilha do Sentir, desenvolvida com recursos de acessibilidade com espaços de acolhimento, vivências e oficinas. A ambientação conta com domo geodésico, uma estrutura que possibilita reflexões sobre bioconstrução e sustentabilidade e com o Jardim das Brincadeiras, área ajardinada com estruturas orgânicas destinadas ao brincar e à interação com elementos naturais.

Destaca-se também os Centros de Educação Ambiental (CEA), concebido com tecnologias sustentáveis, apoiadas nos princípios da permacultura, contando com elementos e estruturas educativos, como paredes em bioconstrução, captação de água de chuva, zona de raízes, jardim de chuva, composteiras, telhado verde e horta agroecológica.

Turismo Social

A atuação em Turismo tem por objetivo democratizar o acesso dos trabalhadores às práticas turísticas, colaborar para a consolidação de cadeias econômicas éticas e sustentáveis em turismo; enfatizar a educação pelo e para o

turismo; valorizar o protagonismo dos viajantes, desenvolver processos voltados ao respeito pela diversidade e colaborar para a consolidação de cadeias econômicas éticas e sustentáveis no setor.

Tais diretrizes orientam a práxis do programa e efetivam-se por meio de roteiros turísticos para diversos destinos nacionais; hospedagem ou visitas de um dia ao Sesc Bertioga; iniciativas de apoio ao desenvolvimento local e comunitário, proporcionando o contato com modos de vida particulares, ações de caráter reflexivo em torno dos dilemas envolvidos na prática atual do turismo, oferta de passeios com temática voltada à participação plena de crianças nos roteiros e ações de valorização do Patrimônio nas localidades.

Garcia nos relata as primeiras atividades do Turismo Social no Sesc Bauru:

É vamos ver, vamos ver como está a memória agora. [...] quando eu falei que trabalhava como recreadora, eu fui assim, tipo pioneira do Turismo Social (sorriu). Na época não existia o Turismo Social, não se falava em Turismo Social, mas eu fazia. Eu fiz um projeto de levar comerciantes para conhecer outros lugares a preço de custo e tudo mais. Era preço de custo mesmo, não visava lucro, mas era uma coisa assim, é vamos dizer amadora (sorriu). [...] vários comerciantes saíram, foram conhecer outros Sescs e tudo mais graças a esse projeto (Garcia, entrevista concedida em abril de 2022).

Memória Social e Patrimônio Cultural

Baseado na ideia da memória como valor institucional, o Sesc mantém ações para proteção e promoção dos bens materiais e imateriais. No que se refere à proteção do patrimônio material, ela se dá a partir do cuidado com a arquitetura quando da concepção, construção, adaptação e manutenção dos edifícios e, em especial, o zelo com as edificações tombadas que sediam Unidades, como nos casos do Sesc Pompeia e do Sesc Registro; e a gestão de acervos variados, destacando-se o conjunto de documentos históricos, com o Sesc Memórias; de obras de arte, com o Acervo Sesc de Arte; de conteúdos audiovisuais, com o Centro de Produção Audiovisual e SescTV; e do acervo mobiliário que, de maneira recorrente, constitui desdobramento dos projetos de arquitetura elaborados para as Unidades.

A ação da instituição refere-se também ao patrimônio ambiental: além das medidas de proteção e conservação realizadas nas Unidades Itaquera e Interlagos, inseridas em áreas de proteção e recuperação ambiental, e a Reserva Natural Sesc Bertioga, localizada em área de Mata Atlântica.

Em 2021, com o agravamento da crise desencadeada pela pandemia estimulou ações em educação patrimonial nas quais o tema da memória social esteve conectado ao combate à vulnerabilização de certos grupos e territórios. Exemplos disso são o projeto Cartografia de Ação e Desenvolvimento Social: Memória Social e a História da Tamarutaca; as pílulas de mediação Memória em Monumentos: Apagamentos e Representatividade com o Coletivo Ebó de Palavras; e o projeto Rememorar: Trajetórias na Zona Leste, realizado em parceria com o Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Guaianás, destacando-se o ciclo de encontros Entre Histórias, Narrativas e Documentos: Pesquisando Patrimônios Históricos da Zona Leste.

Programa Sesc Memórias

O Sesc Memórias é um programa que atua na coleta, higienização, organização, guarda e disponibilização da documentação produzida pelo Sesc, viabilizando o acesso gratuito a um acervo que reflete seus processos de trabalho, além de prover recursos que permitem narrar a trajetória de 75 anos da instituição. Sua atuação contribui para a valorização da memória institucional como elemento estratégico de gestão e desenvolvimento da ação programática, além de se configurar como fonte para pesquisas relativas ao campo cultural brasileiro.

Em 2021, sua coleção foi incrementada com a formalização do comodato do acervo pessoal do diretor teatral Antunes Filho para o Sesc. São aproximadamente 19 mil itens, como fotografias, publicações e folhetaria, que estarão sob a guarda do Sesc Memórias pelos próximos 10 anos.

Somado a isso, o Sesc Memórias intensificou nesse período sua inserção no ambiente virtual com a inauguração de um canal na rede social Instagram e com um espaço dedicado no Portal Sesc. Difundem-se por esses canais documentos de seu acervo, coleções temáticas, manuais de práticas de preservação da documentação, pesquisas e outros projetos.

A seguir trarei as transformações que foram ocorrendo na logomarca do Sesc, afinal elas representam o acompanhamento dessa história ao longo de seus 76 anos de trajetória.

9. As logomarcas do Sesc

O símbolo gravado nas placas, uniformes, impressos e crachás; em todas as unidades e na comunicação, é a assinatura institucional. Tem o objetivo de identificar a instituição, mas também apresenta como ela foi se adaptando a cada contexto histórico, buscando sempre efetivar sua missão.

Não localizei registros precisos sobre a data de lançamento da primeira versão do logotipo do Sesc, mas, segundo relatórios, estima-se que tenha sido por volta de 1949. O primeiro brasão trazia o desenho do elmo e do cajado ligados à figura de Hermes junto ao texto SERVIÇO SOCIAL do COMÉRCIO, com o "do" escrito bem apertado no meio do nome - como se alguém tivesse esquecido de inseri-lo e depois tentou corrigi-lo com a inclusão da palavra.



1949, é uma data presumida, pois o logo não está nas fotos do Relatório Anual de 1948, mas aparece no periódico Sesc em Marcha, ano I, nº1, de novembro de 1949.

Vale também destacar o elmo de Hermes, presente tanto nas logomarcas do Sesc quanto da própria Fecomércio. Um elemento constantemente identificado com essa divindade grega é o conceito de troca, tanto de ideias quanto de coisas. Nesse sentido, Hermes foi considerado deus da Comunicação e do Comércio, além de ter sido visto como protetor das viagens e da ginástica.

O cajado e o elmo reaparecem na logomarca presente em uma publicação comemorativa, por ocasião dos 10 anos do Sesc.



Em 1956, o logo foi utilizado somente na edição comemorativa da Revista do Comerciário, ano I, n. 7, de agosto-setembro de 1956.

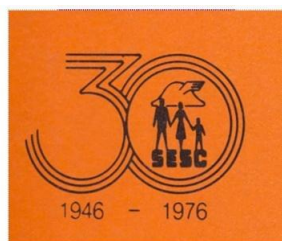
Três anos depois, em 1959, surge uma logomarca com elementos que acompanhariam a instituição por muitos anos: permanece o elmo de Hermes, mas agora junto com a representação de uma família.



Trata-se de uma representação de “família tradicional” formada por um homem, uma mulher e um filho, distanciada totalmente das discussões sobre configurações familiares plurais que marcam os tempos atuais.

A logomarca foi sendo atualizada durante as décadas seguintes e contou com ajustes pontuais para aplicações em selos comemorativos, aos quais destacamos:





A logomarca circular e o selo de 20 anos do Sesc são de 1966. Logo após, os selos de 25 anos (1971), 30 anos (1976), 40 anos (1986) e 50 anos (1996).

Em 1989, inicia-se uma transição, o logotipo circular de 1966 mantém a imagem da “família tradicional” com menor destaque, enfatizando as quatro letras que formam a sigla da instituição, além da menção ao setor econômico que mantém a instituição:



Com o passar dos anos, a logomarca suprimiu o elmo e a família, passando a apresentar variações aproximadas com a mesma tipografia:



2001



2002



2004



2005



2008

Interessante destacarmos, que justamente no período em que a tipografia teve maior destaque na logomarca, ambos os selos comemorativos de aniversário optaram por caminhos diferentes:



1996



2006

Ocorre em 2012 uma revisão da identidade visual do Sesc, quando há um realinhamento em nível nacional e todos os regionais passaram a usar uma mesma logomarca, que é aplicada até hoje:



As logomarcas são expressão de momentos históricos muito importantes, por isso, acreditamos que a logomarca institucional ainda se modificará muitas vezes, afinal o Sesc se transformou e ainda se transformará construindo essa história.

Acompanhar uma instituição ao longo de décadas de funcionamento é um convite para muitas reflexões: como viviam as pessoas em suas diversas idades e identidades, em cada tempo e lugar? O que as fotografias, os documentos, as identidades visuais nos possibilitam pensar sobre a passagem do tempo e sobre o momento presente? Afinal, é devido à capacidade de provocar esses pensamentos e emoções que as memórias são tão valiosas!!!

Nesse movimento entre o passado e o presente, buscaremos no próximo Capítulo compreender que a memória pode auxiliar na reconstrução histórica, é parte indispensável e fundamental para compormos o nosso cotidiano, afinal, as lembranças das(os) trabalhadoras(es) do Sesc São Paulo é que possibilitaram redescobrirmos essa história.

PARTE III
NÓS CONSTRUÍMOS ESSA HISTÓRIA

A HISTÓRIA NO COTIDIANO E OS SIGNIFICADOS DA MEMÓRIA

[...] ao cotidiano, enquanto produto histórico e enquanto vivência pelos sujeitos, ele é aqui aprendido como manifestação da própria história, na qual os agentes a produzem e reproduzem, fazendo-se e refazendo-se nesse processo social (IAMAMOTO E CARVALHO, 2014, p. 123).

1. Vida cotidiana e história

Compreender o cotidiano não se limita aos aspectos mais aparentes, comuns e rotineiros, é a descoberta das possibilidades da transformação da realidade; o cotidiano faz parte da vida, ou seja, em todos os momentos históricos os homens vivem no cotidiano. Por isso, a reflexão sobre o cotidiano ultrapassa as aparências para redescobri-la em toda densidade do seu conteúdo histórico, a partir do desvendamento das formas pelas quais se expressa.

Destacam Iamamoto e Carvalho (2014, p. 123) que “[...] o cotidiano é a expressão de um *modo de vida*, historicamente circunscrito, onde se verifica não só a reprodução de suas bases, mas onde são, também, gestados os fundamentos de uma prática inovadora.”

O cotidiano é o “chão” da produção e reprodução individual e social. Esse espaço ineliminável e insuprimível, e existe em todas as sociabilidades humanas, é base de todas as reações espontâneas dos homens em relação ao seu ambiente social. É nele que a/o Assistente Social, através da prática, apreende a multiplicidade das expressões da vida cotidiana, por meio de um contato estreito e permanente com a população.

Durante entrevista Garcia afirma que:

[...] no cotidiano é que se constrói a história (GARCIA, entrevista concedida em abril de 2022).

Segundo Heller (2016), a vida cotidiana só pode ser compreendida em sua totalidade, em sua dinâmica evolutiva, quando se está em condições de entender a vida cotidiana em sua heterogeneidade universal.

A vida cotidiana é a vida de *todo* homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade (HELLER, 2016, p. 35).

Portanto, como ela mesma diz, a vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; do homem que participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade e de sua personalidade.

Como o homem nasce inserido em sua cotidianidade, seu amadurecimento significa, em qualquer sociedade, que “o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade.” Heller (2016, p. 37)

Esse “amadurecimento” para a cotidianidade, inicia sempre no coletivo, “por grupos”, de modo geral, na família, na escola e em pequenas comunidades.

É no cotidiano que damos respostas para as questões que afloram no nosso dia a dia, seja na esfera privada, profissional, no âmbito do lazer, nas relações sociais, etc., mas pouco refletimos sobre o que pensamos, falamos e fazemos.

O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se em toda sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda intensidade (HELLER, 2016, p. 35).

As características do cotidiano são: a heterogeneidade - as demandas do cotidiano são essencialmente diversas, o que exige dos sujeitos o desenvolvimento de diferentes ações simultaneamente, ocupando integralmente a sua atenção; a espontaneidade - característica dominante da vida cotidiana, em razão dela, os sujeitos se apropriam de maneira espontânea e naturalizada dos costumes, dos modos e comportamentos da sociedade; a imediaticidade - uma relação automática entre o pensamento e a ação, as ações desencadeadas na vida cotidiana tendem a responder às demandas imediatas da reprodução social dos sujeito; e a superficialidade extensiva - uma vez que há o desenvolvimento simultâneo de diferentes ações, o indivíduo domina apenas superficialmente a realidade e os conhecimentos que mobiliza, dado que a prioridade da vida cotidiana está em

responder aos fenômenos na sua extensão e amplitude e não na sua intensidade, ou seja, o cotidiano dificulta o esforço concentrado e contínuo.

Afirmou-se anteriormente que o cotidiano é insuprimível, também é importante ressaltar que nem por isso é necessariamente sempre alienador, pois se vivêssemos em outra ordem societária, com valores emancipatórios hegemônicos, certamente daríamos respostas mais qualificadas, mesmo ainda que imediatas.

Na vida cotidiana os homens atuam como singularidades, visando aos fins individuais de sobrevivência. O cotidiano é o espaço das respostas imediatas em todas as esferas da nossa sociabilidade, inclusive as relativas ao trabalho. O desafio para as(os) Assistentes Sociais é fazer a crítica dos fundamentos da cotidianidade, tanto aquela em que nos encontramos inseridas(os), quanto a do cotidiano dos sujeitos sociais. Heller (2016, p. 32) nos apresenta uma importante reflexão: “As alternativas históricas são sempre reais: sempre é *possível* decidir, em face delas, de um modo diverso daquele em que realmente se decide.”

No cotidiano, o sujeito vive o mundo a partir do “eu”. Somente quando ele supera essa singularidade pode ter acesso à consciência humano-genérica. Para isso, é preciso concentrar toda a atenção sobre uma única questão e suspender qualquer outra atividade, ou seja, suspender a heterogeneidade da vida cotidiana, e as formas privilegiadas para suspensão são: o trabalho, a arte, a ciência e a ética.

No Sesc São Paulo, podemos afirmar que nós trabalhadoras(es) tivemos muitos momentos de humano-genérico, de plenitude, de possibilidades de criação.

Conforme afirmam Carvalho e Netto (2007, 46): “As suspensões do cotidiano, que se operam à passagem do homem inteiro para o inteiramente homem, fazem emergir o tempo na sua dimensão histórica a ser resgatada.”

Nesta suspensão, a singularidade se reconhece como participante da universalidade/totalidade e nesse momento o sujeito sente a plenitude existencial.

Embora essa suspensão seja temporária, não é possível o sujeito ficar permanentemente “suspenso”, mas permite ganhos de consciência e possibilidade de transformação do cotidiano singular e coletivo, ao voltar ao cotidiano, o sujeito o percebe de forma diferente.

A vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social. [...] As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças a seu posterior efeito na

cotidianidade. O que assimila a cotidianidade de sua época assimila também, com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação possa não ser consciente, mas apenas “em si” (HELLER, 2016, p. 38-39).

A substância social de que destaca Heller são os homens, são eles que constroem uma dada estrutura social e a transmitem. Carvalho e Netto (2007, p. 28) afirmam: “Ora, este movimento da substância que contém “não apenas o essencial, mas também a continuidade de toda a heterogênea estrutura social” e a “continuidade de valores”, chama-se história.”

Segundo Heller (2016, p. 27): “A história, portanto, é a substância da sociedade.” Assim, a vida cotidiana, se insere na história, se modifica e modifica as relações sociais, por isso, está carregada de alternativas e escolhas.

Aqui abro um parêntese em minhas reflexões, afinal, fazemos escolhas a todo momento e escolhi trabalhar no Sesc porque nele pude me aproximar da arte. Ela nos possibilita romper com a espontaneidade do pensamento cotidiano, embora estejamos imersos no nosso trabalho no espaço sócio-ocupacional. “A arte realiza tal processo porque, graças à sua essência, é autoconsciência e memória da humanidade [...]” (HELLER, 2016, p. 47-48).

Portanto, pode-se afirmar que o contato com essa dimensão da experiência é o que proporciona ao homem não ser mais “inteiro”, mas sim estar no mundo “inteiramente”, pois ele teve acesso a uma particularidade que atinge universalidade e o coloca em contato com a natureza humana propriamente dita.

Heller (2016), nos apresenta reflexões importantes de que a vida cotidiana, é aquela que mais se presta à alienação e muitas vezes nos parece “natural” a separação de ser e essência.

Porém, embora constitua indiscutivelmente esse espaço propício à alienação, não é de nenhum modo necessariamente alienada. Isso quer dizer, que as formas de pensamento e comportamento produzidas nessa estrutura podem deixar ao sujeito uma possibilidade de movimento e de explicitação, permitindo que essa experiência da cotidianidade possa revelar-se como essência unitária das formas heterogêneas de atividades próprias da cotidianidade e nelas objetivar-se, afinal, todo homem pode ser completo, mesmo que na cotidianidade.

Mas como isso é possível? Sabemos que a vida cotidiana tem continuamente uma hierarquia espontânea determinada pela época. Essa hierarquia permite à individualização possibilidades de movimento diferente em cada caso.

Possibilidades sempre existiram; mas, a partir do momento em que a relação de um homem com sua classe tornou-se “casual” (Marx), aumentou para todo homem a possibilidade de *construir para si uma hierarquia consciente, ditada por sua própria personalidade, no interior da hierarquia espontânea*. Contudo, as mesmas relações e situações sociais que criaram essa nova possibilidade impediram, no essencial, seu desenvolvimento; no momento da superação dialética do conjunto da sociedade, ou seja, com o fim da alienação, poder-se-á contar com a máxima explicitação daquela possibilidade. Ainda com as palavras de Goethe, podemos chamar de “condução da vida” (*Lebensführung*) a construção dessa hierarquia da cotidianidade efetuada pela individualidade consciente” (HELLER, 2016, p. 66-67).

A “condução da vida” explicitada por Heller, não tem o significado de abolir a hierarquia espontânea da cotidianidade, mas possibilita a cada sujeito, uma vida própria, apropriando-se a seu modo da realidade e impondo a ela a sua própria personalidade.

2. Tempo, história e memória

Os 76 anos de história do Sesc, que, como toda a história, não pode ser reduzida, confundida e/ou identificada às memórias que se tem dela. A memória individual e coletiva é parte constitutiva dessa história e incide sobre ela, a memória é uma construção que recupera vivências, no sentido do “vivido”.

A história que nos aproximamos na escola não aborda o passado recente, ela se distancia dos aspectos do cotidiano, que são fundamentais para o Serviço Social. Como refletimos anteriormente, “a história é a *substância* da sociedade [...] *continuidade* de toda a heterogênea estrutura social, a continuidade de valores.” (HELLER, 2016, p. 14-15). Nesse sentido, ressalta-se que é preciso romper com a perspectiva dominante de história submetida à noção de “*khronos*”, do tempo dos relógios e dos calendários, um tempo distanciado da humanidade.

Vale lembrar que Heller (2016, p. 15) nos apresenta o conceito de que “O tempo é a irreversibilidade dos acontecimentos. O *tempo histórico é a irreversibilidade dos acontecimentos sociais*.” Segundo a autora é impossível pensarmos que, nas várias épocas históricas, o tempo decorre em alguns momentos lentamente, em outros com maior rapidez. O que se modifica não é o tempo, mas o ritmo da alteração das estruturas sociais. Segundo Heller (2016, p. 16): “Mas esse ritmo é *diferente* nas esferas heterogêneas. É esse o fundamento da desigualdade do desenvolvimento, que constitui uma categoria central da concepção marxista da história.”

Benjamin questiona a ruptura entre passado e presente ao desenvolver uma concepção de tempo que, partindo do presente, traz o passado à atualidade do presente, com o que ele denomina rememoração (Eingedenken). Como Benjamin (1987, p.211) destaca: “a rememoração [...] surge ao lado da memória, musa da narrativa.” Como vimos, em sua obra “Sobre o conceito de história”, o autor assegura que como um relâmpago, cujo clarão não dura mais do que um instante, o passado se torna aparente, porém como imagem irrecuperável. Apreendê-lo significa apoderar-se de uma recordação que surge súbita e instantaneamente num momento de perigo. A ameaça incide na possibilidade de nos transformarmos, e as nossas tradições, em instrumentos das classes dominantes. Ao materialismo histórico interessa-lhe, segundo Benjamin (1987, p. 224) “apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.”

Para Benjamin, lidar com o passado implica lançar-se ao futuro, afinal, o passado projeta o futuro. Ao afirmar que o acesso ao passado só é possível por meio da recordação, Benjamin enfatiza o estreito laço entre tempo, história e memória.

O autor nos inspira a pensar no conceito dialético de história em que passado e futuro estão íntima e necessariamente relacionados como possibilidade de construção do novo, invocado pela memória.

Netto (2016, p. 54) destaca que:

[...] se a memória pode subsidiar a reconstrução histórica, esta pode fomentar um redimensionamento da memória. Contudo, mesmo na sua interação, elas – memória e história – não se identificam na sua gênese e, menos ainda, no seu desenvolvimento e na sua significação/funcionalidade [...] (NETTO, 2016, p. 54).

Assim, a memória, como uma dimensão da história, sendo instrumento fundamental que permite ao sujeito conjugar o que passa no decurso do tempo com um tempo que jamais morre, exige ser atualizada. Atualizar é dar novos contornos ao vivido, portanto, há um tempo que se dirige ao passado e um tempo que se dirige ao futuro. A atualização se dá nesse movimento que retorna do passado no presente, quanto no inverso, do presente ao passado, permitindo inaugurar algo novo.

Existem no funcionamento da memória três vertentes que se entrelaçam: os traços marcados das experiências vividas, pensadas, sentidas ou imaginadas, a força da impressão desses traços e os efeitos do tempo sobre eles.

Deste modo, compreendemos que memória, primeira apreensão do tempo, é aquilo que conjuga o que passa no tempo com um tempo marcado em cada pessoa,

e nesse processo, os sujeitos nos apresentam histórias plenas de vida, suas experiências no âmbito das relações sociais, a partir da historicidade, permitindo uma compreensão da realidade pautada na sua narrativa.

A história que apresentamos nesta tese procurou articular a dinâmica própria da constituição do Sesc com a dinâmica da sociedade brasileira contemporânea, ou seja, a história da instituição expressa como uma resposta para demandas na atual conjuntura. A história do Serviço Social do Comércio – Sesc, reproduz teoricamente o movimento da instituição tomando partido frente ao seu presente e também detectando/delineando algo do seu devir.

Por isso, na perspectiva benjaminiana, ao estudar a história do Serviço Social do Comércio, procuro fazer o exercício de olhar a história “a contrapelo”, quero olhar os detalhes, afinal, a aparência não é suficiente; quero buscar a essência, privilegiando a experiência social e a história de cada sujeito, o seu cotidiano e a grandeza de sua práxis expressa nas narrativas.

3. Memória na tessitura das narrativas

Um comentário elucidativo de Jeanne Marie Gagnebin sobre a “história aberta” de Benjamin se aplica exatamente à tese V: Benjamin compartilhava com Proust a:

preocupação de salvar o passado no presente, graças à percepção de uma semelhança que transforma os dois. Transforma o passado porque este assume uma nova forma, que poderia ter desaparecido no esquecimento; transforma o presente porque este se revela como a realização possível de uma promessa anterior – uma promessa que poderia se perder para sempre, que ainda pode ser perdida se não for descoberta inscrita nas linhas atuais (GAGNEBIN, 1987, p. 16).

Mas como podemos salvar o passado no presente e transformá-los? Seria pela memória?

A memória é a vida, nesse sentido, ela está em constante evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. A memória é um elo vivido no eterno presente, é afetiva, se alimenta de lembranças globais, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções.

Como afirma Bosi (2018, p. 15): “A memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano. [...] A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios.”

Por isso, um dos principais conceitos dentro da história oral que é a memória, é esse lembrar e esquecer, essa questão da memória ser deliberada e provocada, mas ao mesmo tempo dela ser espontânea, o que é dito na entrevista, o que não é dito, os silêncios, as pausas, todas as percepções e sensações que temos. Portanto, a memória oral, faz intervir pontos de vistas contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza.

Quando nos dispomos a ouvir histórias pessoais, podemos desvendar camadas de história, afinal, a memória é um espaço vivo de lembranças.

BOSI (2018, p. 16-18), nos possibilita refletir que:

Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época! [...] E ainda acrescenta: Há portanto, uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade àquela classe.

Jamais nos esqueçamos do papel da memória individual, ou seja, a memória daquilo que aconteceu a nós mesmos, quem somos, como foi nossa vida, nossas memórias familiares, quem são nossos amigos. Benjamin debruçou-se sobre a memória familiar e a escassa memória pública dos burgueses franceses do tempo de Baudelaire e dos burgueses alemães de sua época. E concentrou-se sobre os efeitos do capitalismo anônimo que corrói, quando não destrói a memória coletiva, forçando segurar-se aos fiapos da sua memória familiar.

Não se pode atuar na vida sem essa memória; ela é parte central da consciência humana ativa, e é essencialmente oral. Para nos lembrarmos dela, podemos ser auxiliados por documentos escritos, mas grande parte depende só de nossa memória oral. Sem a memória pessoal não podemos viver, não podemos ser seres humanos.

Portanto, não temos dúvidas de que a memória é um fenômeno individual e psicológico, mas, principalmente, é um fenômeno social, constituído nas relações sociais estabelecidas pelos atores sociais e que transcende o aspecto individual dos sujeitos. “[...] Mais que o documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida quotidiana.” Bosi (2018, p. 19-20)

Importante ressaltar que a memória parte do presente, de um presente que deseja pelo passado. Galisteu em sua narrativa nos diz:

Sandrinha, eu que te agradeço imensamente por essa oportunidade, por me fazer reviver, visitar em minha memória, em minha alma todas essas lembranças maravilhosas... (Galisteu, entrevista em abril de 2022).

Durante as entrevistas percebeu-se que a memória atua com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, que se relacionam intensamente com um significado coletivo. Para Benjamin, a rememoração é uma retomada salvadora do passado, nas narrativas das(os) trabalhadoras(es) do Sesc São Paulo é evidente o processo de reconhecimento e de valorização desses sujeitos na construção da história.

Segundo Bosi (2018, p. 36):

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, “descola” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Durante a escuta das histórias orais constatou-se que muito mais do que serem escutados, os sujeitos ao narrarem suas experiências se fazem escutar, dizem novamente sobre suas vivências.

Quem está atento à escuta da voz e do *pathos* do narrador oral, que revive os momentos cruciais de sua vida, consegue distinguir uma fala que, ao mesmo tempo, produz imagens e conota a sentimento do tempo enquanto *duração*. Não é portanto uma linguagem de coisas (no sentido estreito de função referencial), pois o que se lembra são *momentos vividos*, respostas pessoais, em suma, a melodia do passado interpretada pelo presente. Não é uma *linguagem de coisas* porque o autor da narrativa oral coincide existencialmente com o seu sujeito; a duração do relato coincide com o Tempo lembrado que assim é instituído por dentro (BOSI, 2018, p. 48).

Narrar a sua própria história, possibilita que o sujeito fale no tempo e do tempo, recuperando na sua oralidade o fluxo circular que a memória abre do presente para o passado e deste para o presente.

Com essas histórias pude acompanhar as transformações do Sesc São Paulo; as inaugurações de novas Unidades, o início de alguns programas, várias atividades desenvolvidas, a importância da instituição para a sociedade. O Sesc é uma totalidade estruturada, com suas particularidades locais, comum a todos, que vai percebendo pouco a pouco, e que nos traz um sentido de identidade.

Para compreender o que incide sobre cada um(a) de nós trabalhadores(as) do Sesc São Paulo, é fundamental analisarmos essa história a partir da relação dialética teleologia (consciência) e causalidade (natureza) que aqui não vamos nos aprofundar, mas que é importante destacarmos. Segundo Lukács (2007, p. 236): “O trabalho é

formado por posições teleológicas que, em cada oportunidade, põem em funcionamento séries causais”.

De um lado, nós temos a “liberdade”: toda práxis é uma decisão entre alternativas, por outro, existe a “necessidade social”, que exerce pressão sobre os sujeitos, a fim de que as decisões tenham uma determinada orientação.

Lukács expressou essa contrariedade do ser social, nas seguintes palavras:

“Os homens fazem sua história — diz Marx — mas não em circunstâncias por eles escolhidas”. Isso quer dizer o mesmo que antes formulamos do seguinte modo: o homem é um ser que dá respostas. Expressa-se aqui a unidade, contida de modo contraditoriamente indissolúvel no ser social, entre liberdade e necessidade; ela já opera no trabalho como unidade indissolúvelmente contraditória das decisões teleológicas entre alternativas com as premissas e consequências ineliminavelmente vinculadas por uma relação casual necessária. Uma unidade que se reproduz continuamente sob formas sempre novas, cada vez mais complexas e mediatizadas, em todos os níveis sócio pessoais da atividade humana (LUKÁCS, 2007, p. 236).

Ao longo dessa história pudemos constatar na práxis expressa em cada narrativa, que existe uma pessoa que percebe, luta, cujas mãos tecem o tecido vivo da história, por isso, seguimos com força os fios dessa trama densamente vivida por cada um(a) de nós.

4. Lembranças das(os) trabalhadoras(es) do Sesc São Paulo

[...] com muita sensibilidade, eu quero trazer as vozes de vocês nesse trabalho contando a história do Sesc através das suas experiências, narrativas e de alguns documentos e fotografias (Mirabelli, entrevista realizada em abril de 2022).

Como pesquisadora e trabalhadora, confesso que me emocionei muitas vezes ao ouvir as histórias narradas pelas(os) trabalhadoras(es) do Sesc São Paulo. Procurei ao longo dessa pesquisa, apresentar as narrativas com muita ética, entusiasmo e conectar as histórias dessas pessoas com a minha história e de tanta gente que construiu e que está construindo a história do Sesc São Paulo.

Portanto, nesse momento apresentarei alguns trechos das narrativas muito significativos de nossa trajetória pessoal e profissional, que considero essenciais para nós trabalhadoras e trabalhadores:

Sobre a chegada no Sesc:

Então eu estava começando a te contar, que quando a gente saiu do seminário, o grupo, foi uma época, que tanto a igreja metodista, como

as igrejas católicas, tinha movimentos nos seminários em 68. Então em 67 e 68 a gente se encontrava, o auge do ecumenismo. Então, tudo isso foi muito forte para gente como estudante, participando de movimentos sociais em São Paulo, tinham padres que desenvolviam trabalhos nas comunidades em que a gente conversava, trocava.

O movimento católico era muito forte, nós tentando como jovem, 21 anos, no auge quer dizer, e aí a identificação de missão de trabalho, e tudo isso fez com que a gente se envolvesse. Quando fechou o seminário, eu resolvi ficar em São Paulo. Ficando em São Paulo, fui à procura de emprego, fui trabalhar num banco, mas aí um colega nosso chegou e disse: olha, tem um concurso, para um trabalho, para uma instituição que faz um trabalho social e paga bem. (risos)

A gente vai fazer o que a gente gosta, opa, vamos fazer esse concurso. Então eu me inscrevi no final de 68 e aí participei de todo o processo seletivo do Sesc e entrei em junho de 69, por isso que eu te falei, que esse ano a gente vai completar 53 anos de Sesc (Padula, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

Com base no relato oral de Joel Naimayer Padula, Filósofo, Superintendente Técnico Social, trabalhador do Sesc São Paulo por 53 anos, pude acompanhar momentos importantes de sua trajetória quando narra sua experiência como estudante que participava dos movimentos sociais. Foi com essa intencionalidade, trabalhar com pessoas, com comunidades que o levaram até o Sesc.

Já Dionino Cortelazi Colaneri, Assistente Social, iniciou sua carreira como Assistente Técnico no Sesc São Paulo e encerrou como Diretor no Sesc Rio de Janeiro. Sua trajetória iniciou no Senai quando estudante de Serviço Social e me relata com detalhes como se constituía a área e os cargos na instituição naquele período, mencionando alguns nomes de Assistentes Sociais que tiveram inclusive participação na criação da Faculdade Paulista de Serviço Social - FAPSS. Sua chegada no Sesc ocorreu após um amigo ouvir uma palestra de um Assistente Social que trabalhava no Sesc e informá-lo sobre o processo seletivo. Colaneri inicia sua trajetória no Sesc Carmo, permanecendo por 32 anos no Sesc São Paulo e posteriormente mais 8 anos no Sesc Rio:

Bom, eu cheguei ao Sesc vindo do Senai. Na realidade, quando comecei a cursar Serviço Social, no prédio da Monte Alegre, PUC SP, onde funcionava à noite um único curso, o da Faculdade Paulista de Serviço Social. Eu trabalhava na Secretaria Geral do Senai, que era um órgão da Diretoria Regional. Como ingressei no curso de Serviço Social, e o Senai tinha uma importante Divisão de Serviço Social com presença em todas as Escolas de Aprendizagem, participei de processo seletivo para o cargo de Auxiliar de Serviço Social, cuja condição era ser estudante de serviço social. A Divisão de Serviço Social era chefiada por um dos primeiros assistentes sociais brasileiros, o Sr. Francisco de Paula Ferreira, que cursou a Escola de Serviço Social e depois ajudou a fundar a Faculdade Paulista. A Divisão de Serviço Social, tinha um ou mais assistente social em cada Escola, além dos Auxiliares de Serviço Social, dependendo do número de alunos de cada Escola. A seleção de

Auxiliares era feita entre os empregados do Senai que estivessem cursando Serviço Social. Era promoção dentro do quadro funcional do Senai. Eu fiz o concurso, passei. Era o mês de maio, eu tinha começado o curso de serviço social em março, no mês de junho, fui transferido, mudando do cargo de Escriturário Datilógrafo, para o de Auxiliar de Serviço Social, na Escola de Artes Gráficas do Senai, que se chamava Felício Lanzara, no Cambuci. Nessa Escola, o Serviço Social sem profissional, o cargo de assistente social estava vago, eu fui lá pra responder pelo Serviço Social. Mas eu tinha uma supervisora fantástica, formada pela Escola também, das primeiras turmas. A Srta. Alaíde de Toledo Silva Pinto, que fazia supervisão, mas não era uma supervisora a distância não, era uma supervisora sempre presente. Estava lotada na Divisão de Serviço Social, mas ela ia no meu primeiro ano de Escola, ao menos dois dias por semana, em jornada integral. Naquele tempo, 1962, eu tinha 21 anos, e respondia pelo Serviço Social - um desafio muito bem apoiado pela supervisora. E tinha um detalhe, na Escola, existia o Núcleo Pedagógico e ou Núcleo de Acompanhamento da Escola que era composto pelo Diretor da Escola, de seu Vice-Diretor, do Secretário de Escola, de dois Assistentes Especializados em Artes Gráficas, um Técnico e um Artístico, e eram o "coração do parque gráfico, da Escola e do Assistente Social, no caso eu Auxiliar de Serviço Social, que representava no Núcleo o que se chamava atividades Para escolar: composto de Médico, Enfermeiro, Dentista e do Assistente Social. Então na realidade, eu um jovem iniciante em Serviço Social, estudante ainda, fazia parte desse núcleo que semanalmente discutia os avanços e enfrentamentos do dia a dia da Escola. Aí, nessa função permaneci meus quatro anos de faculdade e 5 anos de Senai. Quando terminei o curso fui promovido para Assistente Social. A minha supervisora achou que eu tinha espaço inclusive para continuar as atividades em novos desafios, com o qual eu também partilhava. Chegou a indicar-me para uma grande empresa que a consultou para que sugerisse um profissional qualificado, para comandar seu Serviço Social. Submetido a processo seletivo fui aprovado na seleção. Mas como o tempo é o Senhor da Razão um colega de Faculdade e amigo, ouvira uma palestra de Assistente Social do Sesc, ficou entusiasmado e sabendo do processo seletivo, estimulou-me a participar. Olha o Professor foi muito competente na exposição dos trabalhos do Sesc e seus desafios, como também das oportunidades de crescimento profissional. Aí, concomitantemente ao processo seletivo da empresa, eu participei do processo seletivo - concurso público, no Sesc. Naquele ano o Sesc fez quatro concursos para o cargo de Assistente Técnico (na época o 3o. cargo de importância na hierarquia da pirâmide funcional) ou seja era o antepenúltimo cargo na linha ascendente da entidade. No concurso do qual participei, fui o único aprovado. Em um outro concurso passou mais um Assistente Social e nos outros dois concursos não foi aprovado ninguém. Por coincidência, eu e o outro Assistente Social começamos a trabalhar no mesmo dia no Sesc, em abril de 1966 (sorriu). E aí, aí começa a história, depois do treinamento inicial, fui trabalhar na rua do Carmo, no Centro Social Mário França de Azevedo, que era onde se concentrava o maior número de Orientadores Sociais (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

Lúcia Maria Lopes Garcia, Assistente Social, Assistente Técnica I, trabalhadora no Sesc São Paulo por 38 anos, me apresenta o momento de sua chegada relatando sobre algumas atividades que desenvolvia no período voltadas aos comerciários:

Eu participei da seleção para trabalhar como recreadora, porque eu não tinha terminado a faculdade ainda, eu tinha 20 anos na inauguração do

Sesc aqui em Bauru e aí eu entrei, eu não entrei em maio na inauguração, eu entrei em setembro, porque eu estava na faculdade e pegava o horário, aí eu transferi para o período da manhã.

[...] Bom, eu entrei em 77 como recreadora, eu estava, era no Setor de Esportes, eu trabalhava com o Bonelli, o Fernando e a Naida, que eram Monitores de Esportes, ah e o Olegário. Logo depois entrou o Olegário, ainda em 77. Bom, aí eu trabalhava com criança no período da tarde, atividades com crianças, eu participei da implantação do Projeto Oficinas de Criatividade e que foi um pouco depois da minha entrada e a noite com comerciários mesmo. Na época, tinha muita coisa de trabalhar com o comerciário, então, como eu estava no Setor de Esportes e o Setor de Esportes trabalha os torneios e campeonatos e tudo isso, eu trabalhava mais com essa parte cultural, então eu fazia no Dia do Comerciário gincanas culturais e entre empresas, [...] aparecia o Coral da Tilibra, na época a Tilibra, a loja Tilibra era comerciário, aparecia individual, não só em grupo, mas talentos individuais de pintores, então, eu ia fazendo coisas assim, que pudesse manifestar esse tipo de atividade (Garcia, entrevista concedida em abril de 2022).

No diálogo com Marta Aparecida Borges Lordello Gonçalves, Assistente Social, Assessora II, trabalhadora no Sesc São Paulo por 34 anos, pude escutar sobre um momento importante, em que ela chega na instituição para realizar estágio em Serviço Social, destacando que o Sesc e o Senac desenvolviam muitas ações juntos no interior de São Paulo. Muitas(os) trabalhadoras(es) do Sesc realizaram estágio em diversas áreas antes de participarem de processos seletivos e serem contratadas(os) pela instituição.

Gonçalves relata que seu supervisor de estágio, assistente social, era gerente do Sesc Bauru, cargo que muitas(os) trabalhadoras(es) nesse período ocupavam com essa formação acadêmica. Narrou inclusive, que durante o estágio conheceu uma das grandes referências para nós assistentes sociais, a Professora Yolanda Guerra, na época estagiária em Serviço Social no Sesc Bauru.

A narrativa de Gonçalves apresenta questões importantes, no que se refere à estereótipos e preconceitos relacionados à velhice, enfatizando que no início desse período como estagiária no programa Trabalho Social com Idosos foi desafiador. Logo após, apresenta sua inserção no quadro de funcionárias(os), enfatizando que muitas(os) assistentes sociais, sociólogas(os), filósofas(os) e educadoras(es) físicos participavam do processo seletivo do Sesc, porque se identificavam com o trabalho desenvolvido pela instituição e relata que muitos treinamentos eram realizados para que as pessoas pudessem conhecer o que é o Sesc e as ações desenvolvidas, essa prática permanece até os dias atuais:

Eu pleiteei, fiz parte de um grupo de estagiários e fui aprovada, e aí fui fazer estágio no Sesc. Foi ousado porque eu saí do meu trabalho, porque eu queria fazer o estágio em período integral, eu queria fazer alguma coisa que realmente valesse a pena. Aí eu passei e comecei a

fazer o estágio com o pessoal em São Carlos e nessa época eu conheci a Yolanda Guerra e o meu supervisor. Era uma loucura, porque o meu supervisor era de Bauru, o supervisor de estágio, não o teórico, ele era o gerente do Sesc de Bauru, porque a faculdade, ela exigia que tivesse um profissional da área pra acompanhar o estágio. [...] Era o Cirso Mendes Silveira. [...] Ele tentou fazer algumas reuniões, na própria faculdade onde ia um grupo de estagiários, ele tinha eu acho que pelo menos umas cinco estagiárias em Bauru. Eu lembro que, eu acredito que uma ou duas elas eram daquelas cidades próximas que o Sesc Bauru atendia na época e daí que eu conheci a Yolanda Guerra e claro participamos de algumas reuniões etc, mas a minha passagem como estagiária foi relâmpago porque ela durou 7 meses.

[...] eu ia entrar nesse mundo, que era o mundo do idoso e que a gente dispunha de pouquíssimo material, pouquíssimo material, pelo menos o que a gente tinha acesso. O que nós tínhamos até era bastante reduzido, eu fiz o meu trabalho de conclusão de curso, fiz estágio, comecei a estagiar em São Carlos e em Araraquara também. Tinha essa ação e que ela se desenvolvia dentro do espaço do Senac, era muito comum isso, as instituições, o Sesc, o Senac trabalhavam muito junto, muito com a ação cultural, ação social, era um trabalho realmente muito forte, tanto em Araraquara como nas cidades vizinhas, que eram várias. Aí eu fiz esse estágio em Araraquara foi uma mudança extremamente radical na minha vida (sorriu). Começar a entender, começar a entrar realmente nesse mundo, quem era esse idoso. Engraçado que eu tinha uma amiga, isso foi tão intenso essa mudança, que quando eu me dei conta, quando foi chegando mais no final do semestre que eu estava fazendo as minhas entrevistas, a pesquisa, o estudo, eu tinha uma amiga que dizia que eu estava mudando a minha forma de vestir, a forma de falar, e que eu estava ficando muito parecida com os idosos (risos). Eu levei um susto muito grande e daí eu comecei a pensar, e não é que é verdade mesmo? Porque era assim, a gente tinha o entendimento que tinha de ter uma postura é tanto na forma de abordar, quanto na forma de se portar, de vestir, é assim dentro, daquele estereótipo que era atribuído ao idoso, e eu era jovem, primeiro que as pessoas não aceitavam muito uma estagiária pra trabalhar com os idosos e eu estava entrando nisso, tinha aí um certo preconceito com o estagiário, mas, eu fui passando e fui ultrapassando essas barreiras, que foram, foi realmente, foi marcante na minha vida, principalmente com os depoimentos dos idosos, que era uma nova realidade assim, eu tinha meus pais, tinha os amigos, inclusive meus pais eram bem mais velhos, tiveram os filhos com mais idade, então a gente tinha essa referência, mas, eram múltiplas realidades, então isso foi bastante pesado nesse início.

Bom, passado isso então aí veio o concurso do Sesc, e vários colegas pleitearam, enfim, e eu passei no mês de outubro, eu passei, e a gente tinha que participar daqueles treinamentos pra poder conhecer a ação do Sesc, o que era o Sesc, que ação que ele desenvolvia, e nessa ocasião várias colegas assistentes sociais é, eu não tenho exatamente certeza, mas eu acho que a Lucinha entrou nessa mesma época, no final de 80. A Lucinha, eu tenho uma amiga que é a Maria Alaíde, a Lalá de Taubaté, teve gente que era do Sesc Carmo, mas nessa ocasião, um grande número de técnicos, de profissionais, pleiteavam, em função da própria ação desenvolvida pelo Sesc, que tinham interesse, eram assistentes sociais, eram sociólogos, eram filósofos, educador físico, o antigo professor de educação física (Gonçalves, entrevista concedida em março de 2023).

Para Lilia Ladislau, Socióloga, Consultora, trabalhadora no Sesc durante 31 anos, chegar ao Sesc foi a realização de um sonho. Em sua narrativa pude observar

seu encantamento nas questões sobre o lazer desde o período em que era estudante e foi a partir dessa área que ela conheceu a instituição e pôde se aprofundar nos estudos sobre o lazer e ter contato com o programa Trabalho Social com Idosos. Ladislau relata que por conta do curso que estava realizando, não conseguiu fazer estágio na instituição, pois no Sesc Campinas não havia uma pessoa que pudesse acompanhá-la durante o estágio, mas sim, um assistente social, que era gerente da Unidade e que poderia supervisionar apenas o estágio em Serviço Social. Constatei durante todos os diálogos, que muitos profissionais nesse período realizaram sua formação em Serviço Social e as narrativas apresentam alguns nomes desses(as) trabalhadores(as) que inclusive, foram professores da PUC.

Ladislau relata que participou de dois processos seletivos para que pudesse se efetivar como trabalhadora no Sesc, para ela, foi uma longa jornada, mas que ela desejava e conseguiu realizar com muita dedicação:

Bom, a minha chegada no Sesc foi uma realização de um sonho, porque, eu fiz Ciências Sociais e dentro das Ciências Sociais no segundo ano eu acho, é por aí, segundo ou terceiro ano, eu conheci o lazer, por meio da sociologia do trabalho que eu conheci, tive contato com a sociologia do lazer, com o lazer de uma forma geral e a sociologia do lazer, e fiquei encantada com esse universo, imagine isso em 1981 e 82 dentro de um curso de Ciências Sociais da Unicamp, onde tinham lá algumas linhas, uns eixos muito fortes: sindicato, operários e questões agrárias, enfim, tinha todo um universo e eu sempre fui muito simpática à questões do cotidiano, modos de vida, eu sempre fui na verdade, eu sempre tive uma pegada muito mais antropológica dentro das Ciências Sociais, mas a sociologia foi a área escolhida, mas eu sempre tive um pé dentro da antropologia, mas enfim.

Bom, então dentro desse universo da sociologia do trabalho que trouxe a sociologia do lazer, eu fui descortinando esse universo e fui ficando encantada com essas possibilidades, o que era, o que representava. [...] Aí eu fui buscar a antropologia e tinha um professor além de ter toda uma proximidade da pessoa, da linha que trabalhava, que foi Zé Guilherme Magnani, que naquele momento era meu professor, antropólogo e quando eu contei isso, então ele me pôs no colo, bom você quer pesquisar lazer, deu muita força e disse: “se você quer conhecer lazer, você tem que conhecer antes de mais nada, a única instituição no país que trabalha com isso, que é o Serviço Social do Comércio.”

Então, eu fui me aproximando, isso era em Campinas, eu fui me aproximando do Sesc Campinas, eu vou lá olhar, eu vou lá conhecer sem nenhum tipo de amparo, eu ia fuçar, fuçava, conhecia o que era o Sesc, ia lá, ia ver atividades que nem uma louca e fui entendendo, fui conhecendo e lia tudo, tudo que tinha, tinha uma luta para conseguir tirar xérox dos documentos, a bibliotecária não deixava levar, foi muita luta, ah tudo muito sofrido e aí dentro deste universo todo do Sesc, Sesc Campinas e o lazer, eu descobri que uma ação que o Sesc tinha e em Campinas principalmente que era muito forte, que era um trabalho, uma programação que era com idosos.

[...] E quando eu fui conhecendo então o trabalho do Sesc nesta categoria do lazer, é uma coisa absolutamente livre [...] e que eu fui

sentindo, aprendendo que era o caminho, que transformava a vida das pessoas e por opção, as pessoas iam porque queriam. Então foi isso, esse caminho, esse trabalho com terceira idade, com idoso, eu fui ficando muito, muito simpática a isso e fui achando que era um diferencial, que era uma revolução entre aspas, que era revolução, era revolucionário, nossa era uma linha completamente diferente de tudo que podia e tinha muito a ver comigo, eu querendo mudar o mundo, querendo mudar o mundo, vendo as coisas de outro jeito. E nessa aproximação, bom nisso tudo, eu tentei fazer estágio no Sesc Campinas, mas claro, quando eu chegava, eu fui falar com o gerente que era Assistente Social, o gerente do Sesc.

Sandra: *Quem era na época Lília?*

Lília: O Ênio Bruno Quícoli, foi professor da PUC em Campinas de Serviço Social, assim uma ação, uma atuação inclusive do Serviço Social, mas também muito, ah claro imagina fazer estágio, não, não pode fazer estágio, porque não tinha ninguém para assinar, porque o único sociólogo que tinha na Unidade, tinha saído um tempinho antes, então não tinha ninguém que pudesse ser responsável pelo meu estágio.

Bom e fiquei nesse namoro, [...] quando um professor, uma pessoa que tinha trabalhado no Sesc, que era essa pessoa que tinha saído do Sesc como sociólogo, que me conheceu e a gente teve uma aproximação por interesse na área, ele tinha lançado um livro e eu contei do interesse, e ficamos mais próximo e ele soube que tinha uma vaga, ah, ia ter um concurso no Sesc Campinas, era uma coisa específica, uma vaga no Sesc Campinas e então, se eu quisesse, para mim se inscrever.

[...] Aí a gente prestou esse concurso para uma vaga, eu acho que eram seis candidatos e bom, aí é detalhe, onde era esta vaga, era para coordenar esse programa que era o trabalho com idosos, não era trabalho social com idosos, mas assim, ah o grupo de idosos, o trabalho com idosos, aí eu fiquei fascinada.

Isso foi em 84 [...] e aí ah eram seis candidatos e uma vaga e aí passaram 4 pessoas, passamos 4 pessoas, eu, a Beth, mais uma outra moça que era psicóloga e uma assistente social, que era inclusive aluna do Ênio na PUC Campinas, a Ucha. [...] e depois quem escolhia, quem escolheria o candidato, a finalista dessas quatro, era o gerente do Sesc Campinas, óbvio que o gerente escolheu uma assistente social, aluna dele, que foi a Ucha (sorriu), muito que bem! [...] E aí bom, então esse concurso, esta aprovação não escolhida, mas aprovada ficou valendo por um ano se tivesse outra vaga no estado.

Passou o tempo, eu fui para o Rio de Janeiro, fui fazer um trabalho nos morros do Rio e aí e sempre olhando o jornal, aquelas coisas, e aí quando apareceu empresa, isso lazer, empresa voltada ao lazer nossa alvoroçava e mandava currículo. Então numa dessa, mandei currículo outra vez, passados porque caducou, claro valia por um ano, esse concurso caducou, passou, eu não fui chamada, acho que uns dois anos, 85, 86 eu estava no Rio, é 86 mais ou menos, então manda currículo e vem um telegrama pedindo para comparecer e de onde? Que empresa era essa? Quando eu mandei o currículo eu não sabia que empresa era aquela, porque isso não aparecia nos jornais, não falava a empresa. Aí começa o segundo capítulo de uma novela, aí eram 19 vagas no estado de São Paulo, para infinitos lugares, não era só para o trabalho com idosos, enfim. E a novela começa, fase 1, fase 2, fase 3, fase 4, foram 4 meses de seleção e estava eu outra vez na frente do Sesc e isso então foi potencializando o sonho, foi potencializando o sonho, inclusive me fazendo contar, dar esse depoimento nesta segunda seleção [...] Olha assim, assim, porque o gerente não escolheu, e aí bom vieram todas as fases, aí podia falar as cidades que você gostaria e claro

que a minha opção era Campinas, a vaga de Campinas estava outra vez na lista, porque aquela moça que tinha sido escolhida em 84, que trabalhou então dois anos no Sesc, ela foi embora para França, ela se casou e mudou, e a vaga dela estava lá na lista. Bom (suspirou) aí então claro primeira opção Campinas, segunda São Carlos, mas tudo que fosse ali. [...] Então quer dizer, eu volto em 87 que acaba essa novela para aquela Unidade, naquela vaga concorrida em 84. (Ladislau, entrevista concedida em fevereiro de 2022)

Sônia Regina Galisteu, Advogada, Auxiliar Administrativo I, trabalhou no Sesc São Paulo por 22 anos, relata os dois momentos de sua chegada na instituição e as áreas em que trabalhou, enfatizando que sua experiência naquele período, lhe propiciou momentos de muito aprendizado e alegrias. Destaca que o Sesc ainda não tinha um quadro de trabalhadoras(es) tão grande como atualmente e que todas as pessoas das áreas administrativas do Regional do Sesc, da Federação do Comércio e do Senac, desenvolviam suas atividades no mesmo local:

Sandrinha, eu trabalhei por 22 anos no Sesc e iniciei na instituição, precisamente no dia 15 de julho de 1985. Trabalhei na Superintendência técnica, na seção de documentação legislativa, (SDL), onde fiquei pouquíssimo tempo e logo em seguida, passei a secretariar o Superintendente Técnico, professor Antonio Carlos Borges, na Avenida Paulista 119, no 4º andar sendo que nessa função permaneci por 5 anos. Posso dizer que eu aprendi muito e os tempos eram outros, eu era muito feliz, não somente pelo trabalho em si que eu amava, mas por tudo que eu vivenciei naquela época.

As pessoas eram muito mais felizes no ambiente do trabalho, era nítido o brilho nos olhos, a alegria ao chegar e ao sair, a hora do almoço com os colegas, um intervalo e uma conversa rápida para um café era sempre uma alegria. Trabalhava-se muito, mas com prazer, a realidade era outra por ser menos funcionários e a instituição não tinha a dimensão que tem hoje, em termos de números de unidades do Sesc. Ficávamos todos no mesmo edifício na Av. Paulista, 119, a saber: - os funcionários do Sesc, da Federação do Comércio, do Condomínio, do Centro do Comércio e do Senac. Esse tempo foi mágico, maravilhoso. Mas também nesse tempo eu comecei a pensar em fazer uma faculdade, uma graduação em Direito para que eu pudesse atuar nessa área, era um sonho meu. Pensei bastante e decidi sair do Sesc e me dedicar exclusivamente aos estudos. Minha saída se deu no dia 04 de janeiro de 1.990.

Me graduei em Direito e tive novamente a felicidade de retornar ao Sesc, na condição de funcionária, no dia 15 de outubro de 2.002, mas trabalhando na Fecomércio, como secretária de vários Conselhos e Comissões da casa, a saber: Conselho do Comércio Atacadista, Conselho de Serviços, Conselho de Estudos Jurídicos, Comissão de Assuntos Comunitários, Comissão de Feirantes e Ambulantes, Comércio Varejista, dentre outras.

Foi um período enriquecedor de muito aprendizado, um trabalho bastante técnico, onde eu tinha contato direto com os diretores, funcionários, conselheiros, juristas e muitas personalidades de inúmeras áreas relacionadas ao Sesc como um todo.

Eu amava meu trabalho e procurava colocar sempre meu coração em tudo o que eu fazia, sempre amei trabalhar (Galisteu, entrevista em abril de 2022).

Sobre o Serviço Social no Sesc São Paulo:

Olha, quando eu era criança, o Serviço Social no Sesc era muito mais marcante porque, enfim, trabalhava com grupos, tinha um trabalho social, mas tá certo que na década de 60 era outro Serviço Social também. Eu, um depoimento pessoal, eu só pude passar férias em praia, viajar para praia porque eu ia no Sesc Bertioga. Na época, a gente dividia casa com outra família, era uma coisa doida (sorriu), mas você ia, a minha mãe fazia estudo de caso para parcelar, hoje você parcela em oito vezes sem estudo de caso, na época precisava de estudo de caso com a assistente social para parcelar, porque viúva, professora primária, com três filhos, não dava (sorriu) e parcelava, então, mas mesmo assim, tinha dentista a mesma coisa. Com o passar dos anos, o Sesc assumiu, bom, aí o Trabalho Social com Idosos, ainda foi numa época que eu vejo que o trabalho social era muito mais forte que o trabalho de cultura (Garcia, entrevista concedida em abril de 2022).

Conforme relata Garcia, o Serviço Social no Sesc, na década de 60, desenvolvia um trabalho fortemente voltado à grupos. Durante nosso diálogo, me apresenta sua experiência pessoal nesse período, deixando evidente a importância desse trabalho na instituição, enfatizando que o “trabalho social” no Sesc se destacava mais do que o “trabalho cultural” naquele momento.

Assim como Garcia, Colaneri apresenta em sua narrativa a importância desse trabalho que pode ser revisitada quando compartilha sua experiência voltada ao trabalho social com grupos no Centro Social Mário França de Azevedo (Sesc Carmo), quando abordamos o PGA – Programa Geral de Ação do Sesc anteriormente, mas aqui, retomamos alguns trechos de sua narrativa:

Recrutou-se profissionais de fora formados em Serviço Social sendo valorizados os que tinham prática em trabalho com grupos. [...] Outra parte de minhas atribuições, era o trabalho com grupos de empregados de empresas comerciais e de serviços que envolvia atribuições e objetivos bem diferentes dos grupos com os quais eu trabalhava no Senai e condutor de minha chegada ao Sesc que buscava nos concursos seletivos Assistentes Sociais que tivessem experiências com grupos. Meu trabalho de conclusão de curso foi com grupos, na época, no Brasil, poucos Assistentes Sociais tinham experiências de trabalho com grupos, porém era o que o Sesc buscava. [...] Além disso, durante toda essa história sempre estive ligado à formação do profissional de Serviço Social. Convidado pela Paulista de Serviço Social, fui professor, na época, na cadeira de Serviço Social com Grupos. Presidi a Sociedade de Serviço Social, mantenedora das Faculdades Paulistas de São Paulo e de São Caetano do Sul Paulista por 35 anos, fui professor também na Faculdade de São Caetano, fui membro ativo do CBCISS, participei de todas as reuniões técnicas do Sesc em nível Nacional. Destaco ainda ter apoiado diversos e significativos programas de alimentação, como a atividade hoje chamada de Mesa Brasil. No Rio ajudei a implantar, me envolvi também em diversos projetos de turismo social representando o Sesc. Fui membro do Bureau Internacional de Turismo Social, do Board de Administração, fui vice-presidente das Américas desta Secção do Bureau. Apresentei e participei de diversas Conferências Internacionais de Serviço Social, de Turismo

Social e de Serviços Sociais, em algumas delas apresentando trabalhos, sempre com a ótica de minha formação em Serviço Social.

[...] Contribui na fundação do GESSOT na Delegacia Regional do Ministério do Trabalho, em São Paulo, motivado em agregar Assistentes Sociais que trabalhavam em empresas. Existia em São Paulo, um grupo denominado Meta, com esse propósito, mas era muito fechado e com poucos participantes. Havia um contingente grande de Assistentes Sociais que trabalhavam em empresas e buscavam espaços para troca de informações e parcerias. No Rio de Janeiro já existia um grupo junto a Delegacia Regional do Ministério do Trabalho. A pedido do Ministério, eu ajudei a constituir o grupo em São Paulo (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022).

Sua experiência provocou importantes reflexões sobre minha própria trajetória e minha presença na academia, afinal, estamos constantemente aprimorando e socializando nossos conhecimentos. Tivemos a oportunidade de nos envolver em vários espaços participativos e democráticos, de participar de eventos internacionais, nacionais e influenciar na elaboração de programas sociais no Sesc, assim, nossa história se conecta, embora não tenhamos trabalhado no mesmo período na instituição.

Durante o diálogo com Colaneri, Mirabelli faz uma retrospectiva de sua trajetória profissional e diz:

[...] eu amo o Serviço Social, eu sou apaixonada por trabalhar no Sesc, estou há 20 anos, mas fiz também dois anos de estágio na época em que eu fazia o curso em Bauru e fiz o meu estágio no TSI e naquela época eu falava, um dia eu vou trabalhar aqui e assim foi, foi o que aconteceu (sorriu). Depois de 11 anos trabalhando no Sesc Bauru eu fui convidada para vir para a Administração Central, na verdade para ficar especificamente responsável pela área de Serviço Social dentro da Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade, que hoje já não existe mais e é chamada de Gerência de Estudos e Programas Sociais, mas continuo responsável pela área de Serviço Social e fomentando espaços de diálogos, ações voltadas aos profissionais para reflexões das expressões da Questão Social, esse é o meu trabalho. Participo também do ICSW, do CBCISS, sou membro do Conselho e por isso a nossa trajetória tem muitas coisas que se conectam (Mirabelli, entrevista realizada em março de 2022).

Conforme destaca Colaneri:

[...] é muito importante estar presente e ativo nas diferentes entidades de profissionais da área social. Quando eu estive no Sesc Rio, fui indicado membro efetivo do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, composto entre outros, por vários imortais da Academia Brasileira de Letras. Presidi o 2º Fórum Cultural Mundial realizado na Cidade do Rio de Janeiro. Ainda como Diretor do Sesc fui, por indicação da Confederação Nacional do Comércio, membro titular da Comissão Nacional de Incentivo à Cultura, representando o Patronato Nacional. [...] Quando cursei Saúde Pública levei meu olhar de Serviço Social. Na elaboração de projetos construtivos, durante 15 anos no Sesc SP, esse olhar foi importante, na acessibilidade da clientela, na valorização do frequentador do Sesc. Tenho orgulho de ter feito, o meu trabalho em

quase todas as áreas, porque eu trabalhei em saúde, e esporte, teatro, turismo, alimentação, ação comunitária, participei da formulação de processos seletivos, de elaboração de treinamentos, na comissão de compras, na coordenação da elaboração do orçamento programa, em projetos definindo locais, espaços e criação e implantação de novas unidades, supervisão de estagiários de serviço social, e de assistente sociais, etc e tal, sempre com o olhar de minha formação em serviço social. Eu nunca me desvinculei da faculdade, eu sempre mantive contato com as faculdades e esse é um outro olhar, é um outro viés, é um outro tipo de público, é uma outra perspectiva, são outros questionamentos, distintos, mas que ajudam a manter o foco nas pessoas, nas suas diversidades, no ser humano. Levei muitas pessoas do Sesc para colaborar nas faculdades. (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022)

Mirabelli enfatiza que:

[...] também não me desvinculei em nenhum momento da faculdade, sempre ministrando palestras, participando de cursos, realizando as ações na faculdade, fui convidada para ministrar algumas aulas na Gerontologia porque eu fiz meu mestrado nessa área, e nunca eu me desvinculei, porque nos completa, a prática e a teoria precisam caminhar juntas (Mirabelli, entrevista realizada em março de 2022).

Colaneri destaca a importância da(o) Assistente Social estar atento às transformações da sociedade e a relevância do trabalho desenvolvido por esse trabalhador(a) nos espaços sócio-ocupacionais:

O profissional tem que estar aberto para o mundo, encarar as mudanças e transformações da sociedade. Quando eu estive na Assessoria Técnica e de Planejamento, colegas de outras áreas do Sesc, vinham frequentemente conversar comigo sobre os seus trabalhos, ouvir minhas considerações, trocar ideias, intercambiar informações, de modo aberto e transparente. Sempre receberam o apoio, ponderações. Assim para exemplificar: quando conversava com o pessoal de turismo, eu estava atento em propostas que permitissem atender as pessoas, ou melhor o cliente da Entidade com menor condição econômica. Eu não me refiro sobre pessoas dessa ou daquela natureza, gênero, condição social, etc e tal, mais sim sobre trabalhadores, comerciários que a gente tinha que criar oportunidades para que pudessem participar de todas as atividades, fosse odontologia, turismo, culturais, recreativas, esportivas, enfim, em todos os eventos realizados pelo Sesc. O olhar do Assistente Social, vigilante na oferta de serviços para todos. O respeito à diversidade e às diferenças. (Colaneri, entrevista concedida em março de 2022)

Durante o diálogo entre Colaneri e Mirabelli, em março de 2022, observamos o posicionamento ético-político e técnico-operativo dos profissionais:

Colaneri: No trabalho sempre respeitei as ações individuais dos profissionais, como também valorizei a importância do trabalho em equipe e sua integração - procurei desenvolver um forte espírito de grupo na consecução dos objetivos institucionais. Lealdade e ética entre colegas de trabalho e um profundo sentimento de respeito às demandas da sociedade, valorizando seus sentimentos e sua

diversidade. Procurei ser verdadeiro, autêntico em meu relacionamento interpessoal, estimulando a inovação, criatividade e o espírito cooperativo.

Mirabelli: Concordo muito com você e gosto muito de te ouvir, porque eu também penso como você, a ética é primordial.

Colaneri: Eu sou um ser humano, político, que desde cedo aprendi a conviver com as divergências. Acredito no diálogo e de ser possível encarar e administrar conflitos, desde que se tenha por objetivo ajudar na resolução e provocar o entendimento. [...] Procurei nunca me omitir em situações de conflitos e injustiças, buscando o entendimento e a valorização dos colegas que comigo compartilharam tarefas e trabalhos gratificantes e algumas vezes penosos, mas que tinham que ser encarados e realizados de modo apropriado. Não escolhi desafios. Eles surgiram. Em algumas situações, difíceis, assustadoras mesmo, mas o caminho era claro a ser seguido. Ético e transparente, várias vezes tendo que se colocar frente a superiores hierárquicos com posições e visões de mundo ou de resolução de divergências, mas mantendo coerência. Fui respeitado e ao longo de minha jornada profissional, realizei-me. Frustrações surgem, mas elas se resolvem com superação, propondo e fazendo melhor.

Mirabelli: Nossa te ouvindo, você me fez lembrar de um trabalho que eu tenho desenvolvido, nós temos realizado a cada dois anos o Seminário Nacional Serviço Social no Futebol. Participam especificamente profissionais que atuam nessa área, assistentes sociais, uma área que não tinha muita visibilidade, por isso, pensamos em organizar e fortalecer esse trabalho. Então formamos uma comissão de assistentes sociais que trabalham em vários clubes, não só dos clubes de São Paulo, mas de outros estados e a gente tem dialogado muito, fazemos vários encontros durante o ano, que culmina em um seminário e um fórum voltado aos profissionais, o seminário é aberto à comunidade e o fórum voltado aos assistentes sociais e tem sido um trabalho para mim particularmente muito gratificante, porque é um trabalho coletivo de construção, de escuta, de diálogo, de troca de experiências e está sendo maravilhoso, esse ano será o 6º Seminário que vamos realizar e o ano passado realizamos um Seminário Internacional em parceria com a Universidade Lusófona do Porto, foi lindo! Então, é um trabalho que nos motiva, que fortalece o trabalho da categoria, desses assistentes sociais que estão trabalhando nos clubes também, não é Dionino? E trazendo para o Sesc esse diálogo, temos desenvolvido muitas ações nesse sentido e estou muito feliz por isso.

No relato de Padula, tenho a certeza de que estou realizando um bom trabalho e contribuindo com a construção da história do Sesc São Paulo:

É fundamental, eu vejo o seu trabalho, eu vejo você mesma dentro da instituição, a importância que você tem dentro da Gerência de Estudos e Programas Sociais, porque você com a sua formação, com a sua experiência nesses vinte anos de Sesc, você já viu a instituição também mudando, você faz parte disso, desse processo e vê hoje como anda a cidade (Padula, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

A narrativa de Ladislau possibilita a compreensão que permaneceram no Sesc São Paulo as(os) trabalhadoras(es), aqui destacamos as(os) assistentes sociais, que acompanharam e contribuíram com as transformações do Sesc ao longo desses anos.

Enfatiza a importância da equipe multi e interdisciplinar e destaca que o Sesc foi um relevante campo de estágio para os estudantes de Serviço Social, questão que eu havia destacado anteriormente ao narrar minha história pessoal e profissional.

[...] só pôde ficar quem foi caminhando nessa instituição em transformação, foram também os assistentes sociais que estavam trazendo o frescor de uma teoria, de um olhar, do seu lugar nesse cenário, e não quer dizer com isso que os colegas assistentes sociais lá do começo, não porque eles estavam exatamente ah em consonância, quer dizer o papel que eles tinham estava na expectativa que se tinha da atuação desse profissional, desde o que ele estava habilitado a fazer, a habilitação que ele tinha era pra aquela atuação, naquela instituição que requisitava era disso [...] Então o assistente social hoje tá na roda multi e inter-multidisciplinar, [...] porque quando eu estava mesmo em Campinas, tinha sempre o estagiário por excelência, era o estagiário de Serviço Social, os campos de estágio era o Serviço Social que era mantido, isso ao longo de toda a história e eu convivi com as estagiárias, sempre mulheres (Ladislau, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

Gonçalves corrobora as palavras de Ladislau ao narrar que o trabalho das(os) assistentes sociais sempre foi desenvolvido conjuntamente com outras(os) trabalhadoras(es) de diversas áreas, mas sempre muito importante e com o objetivo de alcançar o bem-estar social da pessoa, premissa destacada inclusive no site do Sesc São Paulo até os dias atuais: “Mantido pelos empresários do comércio de bens, turismo e serviços, o Sesc - Serviço Social do Comércio é uma entidade privada que **tem como objetivo proporcionar o bem-estar e a qualidade de vida aos trabalhadores deste setor e sua família**” (SESC, grifos nosso).

O trabalho não era um trabalho só, o trabalho sempre foi feito integrado com outros técnicos, como eu disse, existia inicialmente uma grande maioria da área de humanas e muitos eram assistentes sociais. [...] Toda a ação, todo o projeto mesmo que ele fosse criado pra diferentes grupos ele tinha uma ação em comum, que era a busca do bem-estar social dessa pessoa é uma discussão que sempre teve presente pra quem é da área do Serviço Social, quem é da área da Sociologia e pra nós isso era claro.

[...] E você vê, a contribuição dos assistentes sociais em todos os movimentos, em tudo isso que tem publicado, em tudo isso que a gente conversou, eu devo ter esquecido grande parte, mas ela mudou muito, ela foi extremamente importante, porque a gente vai lá, a gente vai lá no foco, você vai exatamente na questão que é fundamental, que é o bem-estar da pessoa que o Sesc prega tanto desde a sua criação (Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

Durante o diálogo entre Ladislau e Mirabelli, em fevereiro de 2022, podemos observar e constatar na construção dessa história, que muitas(os) assistentes sociais desenvolveram e desenvolvem um trabalho extremamente relevante no Sesc São Paulo:

Ladislau: *É, então, mesmo o Ênio [...] seguiu ainda que num cargo gerencial, que com certeza numa postura muito específica da formação dele, prestando uma contribuição enorme para fora com todas as articulações com a cidade, nas coisas que a entidade fazia em Campinas, quer dizer, ele era representante de eixos do Sesc na cidade muito significativa e muito por conta da sua formação como assistente social, que com certeza seria muito diferente se ele tivesse uma formação mesmo na área mais humana seria de outro jeito, e um papel, e a instituição principalmente em cidade do interior, a instituição com este viés numa cidade de interior ocupa um lugar, muito, muito, muito diferenciado, que é junto às políticas sociais, de representação e que não é só lá com velho, que o Sesc tinha um trabalho com velho, isso claro enfim, mas sempre muito articulado com política pública, social, não é? Fosse com a criança, fosse com o velho e a formação dele é assistente social, então você vê que ainda que tivesse uma formação de trás, mas uma pessoa e que foi tendo este olhar e essa possibilidade de se reinventar frente a instituição e nos cargos que foi ocupando, inclusive em cargo gerencial fez muita diferença.*

Mirabelli: *E é bom te ouvir, porque eu fico pensando muito nessas trajetórias e penso até na minha mesmo como assistente social, quando eu vou fazer estágio, depois nessa minha trajetória eu conheci algumas assistentes sociais, a Lucinha que foi minha supervisora de estágio, depois trabalhamos juntas na GETI. A própria Marta, que eu chego no momento em que ela está para se aposentar, que tem um trabalho muito potente, de envolvimento nos conselhos de direitos, enfim...*

Seguindo esse diálogo, Ladislau e Mirabelli destacam a importância da(o) assistente social estar atenta(o) às expressões da Questão Social no processo histórico e relatam o fortalecimento da categoria profissional no momento em que constroem ações coletivas e registram esse fazer profissional:

Ladislau: *E tem o próprio campo Carla, o próprio campo também foi se abrindo, se renovando, despertando, ampliando para o trabalhador social, não é? Para o assistente social, quer dizer, você está aí super ligada dessa questão do esporte, do assistente social nos times, você quer coisa mais revolucionária, não é? Para mim foi uma novidade super, você deve ter outros exemplos.*

Mirabelli: *Sem dúvida Lília, tem muita coisa que a gente tem feito e temos acompanhado as questões sociais contemporâneas, a gente tem que caminhar com a história.*

Ladislau: *Claro, e inclusive exigindo, uma diversidade de atuação, não só na formação, no currículo, todo o arsenal teórico, mas até do seu lugar, do seu acompanhar, por onde? Então eu acho que isso é uma coisa que também faz toda uma diferença e eu entendo de uma riqueza enorme até para renovação do olhar e da ocupação do assistente social.*

Mirabelli: *É verdade, e ainda é, eu tenho feito um exercício no meu cotidiano profissional, pensando no Serviço Social, porque por exemplo, todas as nossas atividades: os seminários, as conferências, nós formamos uma comissão, envolvemos profissionais, envolvemos colegas das Unidades, pessoas de outras organizações para organizarmos o evento. Então a gente faz encontros para constituir a programação, quem a gente vai convidar, qual o tema, assim a gente tem feito, e esse processo tem sido muito prazeroso, muito gratificante*

e de fortalecimento tanto de quem está na Unidade de entender o trabalho e esse processo, o quanto ele é importante, quanto para as(os) assistentes sociais que participam e contribuem com essa construção. E depois que a atividade acontece, nós avaliamos, eu tenho feito muito isso, pequenos relatórios, sabe Lilia, de quem participou na elaboração, alguns depoimentos, é tão importante isso para o Sesc, para o trabalho que desenvolvemos.

Galisteu e Mirabelli durante o diálogo em abril de 2022, apresentam aspectos importantes no que se refere ao Serviço Social e ao trabalho desenvolvido pelas(os) assistentes sociais no planejamento e coordenação de programas e projetos sociais. Enfatizam que o Sesc atende pessoas que são consideradas para a instituição prioritárias, porém, esse trabalho se estende e se faz essencial, quando acolhe as demandas de pessoas vulnerabilizadas, lhes garantindo o acesso à direitos e possibilitando transformações em suas vidas:

Mirabelli: Quando a gente fala do Serviço Social, quando a gente resgata a essência do Serviço Social no Sesc é isso, é atender todas as pessoas, o Sesc está de portas abertas para todo mundo, é aquilo que você falou, não importa a raça, não importa a religião, é para essa diversidade, assim, a gente tem que atender o trabalhador do comércio de bens, serviços e turismo, a família do trabalhador, mas além deles, atender todas as pessoas, especialmente as mais vulnerabilizadas, para que elas possam ter o seu direito garantido à cultura, ao lazer, a educação, é para ir lá na periferia realmente como você fez.

Galisteu: Então eu entrava em contato com as professoras nas escolas, divulgando as ações e projetos do Sesc e convidando-as a participarem desses projetos, oficinas, palestras, e também a assistirem as peças de teatro infantil, para adultos e idosos. Era um sucesso essas ações, o teatro ficava sempre apinhado de crianças, alegres, felizes. Essas e todas as ações que o Sesc propiciava a essas comunidades, e por intermédio de minha atuação chegava até essas pessoas, me deixavam muito feliz e realizada. Isso tudo é o Sesc, é magia, é encantamento, é muito trabalho e também, muita satisfação.

Mirabelli: Mas, Sôzinha é lindo isso, porque você me faz lembrar, me fez remeter a minha história também, as últimas estagiárias que eu tive, nenhuma delas conhecia muito o Sesc, algumas nunca haviam acompanhado uma peça de teatro. Quando chegavam, eu mostrava a programação para elas e dizia, vamos escolher e assistir? E eu as levava, era uma alegria, íamos juntas, porque esse é um mundo diferente, ampliava o nosso repertório. [...] Esse também é o meu papel como supervisora de estágio em Serviço Social.

Galisteu: Então, Sandrinha, eu não consigo imaginar o Sesc sem a figura do Assistente Social, pois, para mim ele é o coração da instituição, porque faz parte também de sua função inserir, acolher, trazer pessoas de todas as esferas sociais, de todas as idades, de todos os segmentos da sociedade, de todos os credos, porque somente pela presença, fala, participação, atuação de um Assistente Social, será possível conseguir desenvolver um bom trabalho na instituição, porque esses profissionais devem sempre estar preparados, lapidados, prontos para trabalhar com esmero não somente no planejamento, na

organização, mas também, abrangendo a coordenação, elaborando e analisando as políticas e os projetos sociais voltados para ajudar as pessoas.

Mirabelli: [...] o trabalho do Serviço Social, é o acolher, é atender bem as pessoas, transformar a vida delas por meio dos programas que o Sesc disponibiliza, é planejar, pensar em projetos para atender todas as pessoas, possibilitar a inclusão dessas pessoas nesse mundo que elas não conhecem e o Assistente Social no Sesc tem que lutar e assegurar os direitos dessas pessoas, porque estar no Sesc é um direito delas também e que muitas não conheciam. [...] Eu como Assistente Social também tenho o compromisso de trazer para o diálogo no Sesc as expressões da Questão Social, questões sociais complexas, que estão presentes no nosso cotidiano. Porque a gente está dialogando com a sociedade, com a comunidade, enfim, então é do meu lugar como profissional responsável pelo Serviço Social no Sesc, essa é a minha função, é a área que eu hoje coordeno, eu vejo que o meu papel é essencial nesse trabalho, porque eu tenho que propor e desenvolver ações e projetos na minha área de atuação, na área que eu estou responsável.

Sobre o significado do trabalho no Sesc:

Ladislau em sua narrativa nos apresenta a dimensão social do Sesc em um contexto marcado por desigualdades e grandes desafios:

(Suspirou) Ah são tantos, então são tantos, mas eu acho que essa dimensão do Sesc que foi ficando cada vez mais marcado, de fazendo mesmo marcas, sulcos, ah foi essa dimensão do social no trabalho do Sesc independente do programa [...] ah os tentáculos do Sesc que podia estar na cultura, na arte, naquilo lá, mas sempre com um eixo do social como cada vez mais definido, mais marcado, então é na alimentação, é no turismo, vai fazer isso, onde o Sesc pôs a mão, da minha trajetória, os caminhos, os programas, as áreas, o que o Sesc, aonde o Sesc vai, foi e vai pondo a mão fica no eixo do social. Então isso para mim é e hoje você faz a leitura, então quer dizer, você pode achar, mas tudo é espetáculo, vamos pensar um pouco nessa área das artes, no trabalho artístico, da cultura, gente, se você tirar a primeira pecinha do figurino (sorriu), da peça de teatro, atrás daquilo tem o eixo social, tem um sentido, tem uma proposta, tem uma coerência, um exercício, se não tem, acho que se busca cada vez mais ah como obrigação hoje e como necessidade, até como necessidade. Quando a gente está nesse momento político do país, aonde a gente tem o poder olhando para acabar com o trabalho que tem esta função, numa sociedade sem educação, sem cultura, sem respeito, sem acesso, então e isso foi ficando, as tintas foram sendo cada vez mais carregadas, primeiro porque é o entendimento mesmo e porque a realidade foi exigindo que isso fosse feito, exigindo para dar esse suporte para a população, para este grupo de pessoas e população com um todo que não necessariamente só as pessoas de direito matriculadas no Sesc, trabalhadores do comércio, mas a sociedade como um todo, pensando que tem inúmeras atividades, inúmeras coisas. Então é isso, eu acho que é isso, é nesse sentido que a gente acredita tanto e fica tão difícil a gente não ter ações e não ter manifestações que enalteçam esse entendimento e esse papel do Sesc na sociedade, nesse momento do mundo (Ladislau, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

Durante as entrevistas realizadas com Gonçalves e Padula constatei que o Sesc estimulou o trabalho coletivo, a criatividade e a participação das(os) trabalhadoras(es) que acreditam na missão da instituição:

E no Sesc ninguém consegue criar um trabalho sozinho, você pode ter até autonomia diante de determinadas circunstâncias ou por uma carência de profissional, ou por uma carência até uma dificuldade geográfica, isso eu tenho que reconhecer sempre, nós sempre fomos incentivados a criar, incentivados a desafiar e a transformar. Então, isso eu sempre tive muita liberdade de poder fazer isso. Eu acho que com isso, muitos de nós transpusemos muitas barreiras, nós tivemos colegas que faziam a lição de casa e ponto final, mas nós tivemos a inquietação de vários, o que é que a gente estava fazendo ali, qual era a transformação possível, foi assim, instigou muita gente e nos desafiou. [...] Pra que a gente pudesse desenvolver essa ação, perceber essa transformação, isso tinha que ser uma criação conjunta, é coletiva. E também eu falei a respeito da questão da criatividade, de que os colegas podiam se desafiar e podiam criar muito, nós sempre tivemos essa liberdade. Então sempre foi muito positivo, desde que atendendo a essa grande ação do Sesc São Paulo. Algumas vezes até atendendo algumas solicitações do próprio Departamento Nacional.

[...] Então esse trabalho do Sesc pra mim, ele foi importantíssimo, eu já havia feito trabalhos em outras instituições, mas nunca me identifiquei com esse trabalho, um trabalho extremamente burocrático, que me incomodou muito e o trabalho do Sesc, o que eu sempre gostei, o que eu sempre me apaixonei, é porque não tem um dia igual ao outro (sorriu) jamais, isso me deixava muito feliz. Então, a rotina ela é uma coisa muito, não existe muita rotina dentro do Sesc, então traz um enriquecimento pessoal, ele traz um enriquecimento profissional que você passa a ter uma visão, uma outra visão de vida. Então assim, coisas que a gente é em várias situações com outros colegas do próprio Sesc, de outras áreas, em outras instituições valorizavam tanto e a gente não encontrava muito sentido naquilo. Hoje, claro, com esse distanciamento, com a aposentadoria, a gente percebe mais. Ainda, então se você está, você tem que estar junto, você tem que estar inserido, você tem, não só as pessoas, como o próprio profissional.
(Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022)

Então a gente participa desses seminários, desses encontros, o Sesc sempre deu essas oportunidades, sempre houve uma identificação com as coisas que eu gosto de fazer ligado a área da cultura, ao trabalho social, a instituições, isso sempre me motivou muito, então eu entrava nesse pique, e naquela época, ah como até hoje é o Sesc, é full time. [...] E graças a isso que a gente fica, “é uma instituição que te motiva, que te desafia constantemente, você não fica parado, você fica sempre querendo ler, ver que existem outras possibilidades de trabalho.” Claro, não é uma instituição política, não é uma instituição religiosa, mas tem uma missão muito declarada de trabalho, de valorização das pessoas, de que as pessoas têm um lugar na sociedade, que elas podem participar, quer dizer, isso é constante em todo o nosso trabalho, no trabalho de juventudes, com crianças, com os idosos, é uma ênfase que a gente continua (Padula, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

Segundo Galisteu, o Sesc São Paulo é transformador e apresenta sua experiência transcendendo o espaço físico da instituição:

Trabalhar no Sesc foi tão importante para mim, que essa vivência ultrapassava a esfera física daquele local, pois tudo ao redor era extremamente significativo, belo demais. Era perceptível minha contemplação em relação a tudo que de alguma forma fizesse parte da instituição, posso falar, por exemplo, da beleza das árvores, dos canteiros majestosos em frente ao Sesc, os belíssimos jardins do Hospital Santa Catarina, a Casa das Rosas, que marcou deveras minha vida. [...] Os jardins da Casa das Rosas, nessa época, eram imensos, maravilhosos. Olha tudo que o Sesc me proporcionou, Sandrinha. Muito obrigada por estar me permitindo revisitar esse período encantador de minha vida profissional. Entende porque o Sesc representa tanto para mim? São tantas passagens importantíssimas que vivenciei, lá trabalhei feliz, aprendi, cresci, conheci pessoas muito especiais, extraordinárias. Sou imensamente grata por tudo.

[...] Eu sou muito otimista Sandrinha, assim como você, amo a vida, amo o contato com as pessoas, amo trabalhar e amo o Sesc, porque o Sesc foi um divisor marcante, transformador em minha vida. A gente pode escolher “nossas escolhas, sempre”.

[...] Eu contei o que vivenciei, o que o Sesc representou e representa em minha vida e sempre irá representar, os valores que ele agregou em minha pessoa, também como profissional e o efeito que ele normalmente causa nas pessoas, uma sensação de bem-estar, de acolhimento, de querer estar presente participando de tudo, interagindo com esse mundo que só o Sesc possui (sorriu) (Galisteu, entrevista concedida em abril de 2022).

Sobre a história e a memória do Sesc São Paulo:

No diálogo com Gonçalves em março de 2022, destaco questões importantes que já discorri anteriormente sobre o conceito de história:

Mirabelli: Como diz o Walter Benjamin, que fala sobre história oral, ele diz que a história não pode ser contada somente do lado dos vencedores, mas dos vencidos também.

Gonçalves: Ela tem dois lados, sempre, a história sempre tem dois lados.

No decorrer das entrevistas, Mirabelli destaca a importância da escuta, do olhar sensível, da escrita, fundamentais para o(a) pesquisador(a) oralista e afirma que:

[...] eu ficaria o dia inteiro te ouvindo (sorriram), é muito bom, quanta história, muitas coisas não estão documentadas, ouvir as pessoas nos conduzem para uma história que não está escrita ainda e esse é o meu papel. Eu não fiz muitas perguntas porque você traz essa história com tanta força, você resgata na sua memória todos esses acontecimentos que você vivenciou ao longo da sua trajetória (Mirabelli, entrevista realizada em março de 2022).

[...] eu vejo brilho no seu olhar quando você conta essa história, mesmo pela tela sabe (Mirabelli, entrevista realizada em abril de 2022).

Acho isso muito importante porque é a sua história materializada na práxis, expressa em sua narrativa num trabalho de pesquisa (sorriu). Eu falei para a minha orientadora, a Professora Maria Lúcia Martinelli: eu

quero entrevistar algumas pessoas no Sesc e transformar a palavra narrada em texto para eternizar o trabalho dessas pessoas. (sorriram) (Mirabelli, entrevista realizada em fevereiro de 2022).

[...] E é tão bom te ouvir, porque eu falo assim, eu tenho que eternizar a história dessas pessoas no Sesc, que é transpor a fala, essas narrativas na forma escrita e porque não por meio da minha Tese? Eu falava muito com a minha orientadora, a Professora Maria Lúcia Martinelli sobre isso: “Martinelli, tem tantas experiências de profissionais do Serviço Social tão importantes na história do Sesc”, eu quero trazer isso e é uma forma de eternizar o trabalho dessas pessoas, o teu trabalho, o trabalho de tantas pessoas que construíram a história do Sesc, porque ela não se constituiu sozinha (Mirabelli, entrevista realizada em março de 2022).

[...] com muita sensibilidade, eu quero trazer as vozes de vocês nesse trabalho contando a história do Sesc através das experiências, das narrativas e de alguns documentos e fotografias (Mirabelli, entrevista realizada em abril de 2022).

A confiança mútua entre pesquisadora e pesquisada, possibilita que Ladislau afirme que:

Do meu ponto de vista, eu assim, que são memórias que são justas, por isso não nomeiei o que não precisava e acho importante nominar o que tem a ver com a história do trabalho, quer dizer com a história de tudo, porque é isso mesmo, são autos do processo (risos) (Ladislau, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

Para Gonçalves, redescobrir essa história foi um grande desafio, afinal, foram muitos anos de trabalho no Sesc São Paulo. Segundo ela, a instituição é viva e se transforma permanentemente:

Eu precisei fazer uma retrospectiva (risos) da minha vida que foram 33 anos, fiz inclusive algumas anotações, apontamentos, porque a memória as vezes falha e foram tantos acontecimentos, participações, foi uma construção longa e pelo que observo ela continua, o Sesc é vivo, o Sesc tem um trabalho muito interessante que ele está sempre presente e acompanhando o que acontece na sociedade. Então ele procura construir essa ação baseada nessa realidade, não é? Não é fora da realidade, pelo contrário (Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

Mirabelli ao longo das entrevistas, afirma que a história do Sesc é construída pelas(os) trabalhadoras(es) e que essas histórias de vida se conectam:

É isso mesmo, como eu, nossa história é bem parecida, eu acho que a gente vai aprendendo e vai amadurecendo, enfim, e vai contribuindo com os trabalhos, com a nossa expertise, com a formação, com o nosso olhar sensível, eu acho que isso tudo contribuiu muito também com a história do Sesc, eu sempre penso muito nisso. (Mirabelli, entrevista realizada em abril de 2022)

É verdade, é uma alegria te ouvir porque você construiu a sua trajetória com tanta diversidade, passando por tantas áreas e colocando o seu olhar, desenvolvendo o seu trabalho com tanto carinho, com tanta dedicação. Ouvindo você, me remete as histórias que eu ouvi de outras

peças falando do seu trabalho, está sendo para mim emocionante, porque a nossa história também se conecta (Mirabelli, entrevista realizada em março de 2022).

Durante os diálogos com Gonçalves e Ladislau constatei a importância da troca de experiências, o aprendizado entre as(os) trabalhadoras(es) e o encantamento pelo trabalho no Sesc São Paulo:

O que eu tenho a dizer desses 33 anos foram realmente de muita luta, nunca me arrependi, pelo contrário, eu ganhei muito em aprendizado, em vivência e com os diferentes parceiros nesses anos todos, a contribuição de diferentes para as nossas subjetividades, dos nossos diferentes profissionais com os quais eu convivi e principalmente assim, eu consigo identificar que foi um trabalho positivo, que foi um trabalho que ele produziu resultados e a gente identifica isso no depoimento dos idosos que foram vários, o próprio Zé Carlos Ferrigno, que fez uma pesquisa com idosos que frequentavam o Sesc Consolação e então a gente pôde observar nesses relatos, o que o trabalho contribuiu e o trabalho mudou a vida dessas pessoas, porque transformou (Gonçalves, entrevista concedida em março de 2022).

Em 2018, com 30 anos de serviços prestados à instituição. [...] É então, e ainda sentindo que a gente teria muita coisa para contribuir, muita coisa e o encanto foi, em nenhum momento eu tive desencanto com a instituição, eu tive aprendizado de todos os lados, teve amplitude no olhar (sorriu), no entendimento, mas faria tudo outra vez e o encantamento de sempre, e fundamentalmente com este grupo de pessoas, com esta faixa etária e pude viver e de certa forma sofrer entre aspas toda a mudança social que a gente foi tendo, quer dizer, como é que foi se estruturando e reestruturando o lugar do velho na sociedade, na sociedade brasileira (Ladislau, entrevista concedida em fevereiro de 2022).

Ao longo de sua história, o Sesc tem auxiliado nos processos de inclusão de pessoas e grupos em ações socioculturais, as quais valorizam a interação e a livre escolha. Posso afirmar após todas as entrevistas, que um de seus principais objetivos é o estímulo ao intercâmbio de culturas e ideias, seja por meio do lazer, das artes, da alimentação, do turismo, dos programas e projetos, em ambientes que possibilitem a liberdade e a criatividade, independentemente das formas de pensar, de agir e de se relacionar das pessoas.

Revisitei inúmeras vezes as entrevistas e todas as narrativas apresentavam uma questão que é fundamental ao Sesc, o reconhecimento de que o trabalho cultural desenvolvido pela instituição é essencialmente educativo, um valor que permeia e permanece em todos os programas desenvolvidos pelo Sesc e está fortemente baseado na valorização e no respeito da dignidade humana e na convivência entre as pessoas.

A relevância do Sesc no contexto nacional faz com que essas memórias constituam aspecto importante da história da própria sociedade brasileira. Nessa perspectiva, zelar por elas corresponde a um comprometimento com a coletividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos construindo a nossa história e a história do Sesc, ela se constitui, porque cada um de nós, nos colocamos por inteiro e inteiramente nela (MIRABELLI, entrevista realizada em abril de 2022).

Ao tecer as últimas linhas deste estudo, pude perceber o quanto esse caminhar me fortaleceu, principalmente, porque parte dele se constituiu em anos muito difíceis para a humanidade, período de 2020 a 2022, em que vivenciamos a pandemia da Covid-19, quando o medo, a dor, o luto e muitas incertezas estiveram presentes em nossas vidas.

Essa viagem que realizei durante todo o processo de doutoramento me transformou profundamente, aprendi muito nesse período, na PUC me constituí como pesquisadora oralista, no NEPI compreendi que é um compromisso ético transformar a palavra narrada em texto. Martinelli em nossos encontros, sempre ressalta que precisamos da palavra, como do pão para a boca.

Conforme afirma Ianni (2.000, p. 31): “No curso da viagem, há sempre uma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa.” É assim que eu me sinto! Nos encontros e diálogos com tantas pessoas queridas que construíram essa história comigo, busquei respostas para minhas indagações e as encontrei.

Durante as escutas e na escrita dessa tese foi fundamental compreender o tempo, o tempo concreto e qualificado das lembranças que trazem à tona um momento único, singular e irreversível da vida.

O tempo que ficou esquecido, foi recuperado pela memória dessas pessoas durante toda essa viagem que fizemos. Percebi, quanto mais eu entrava em contato com o contexto sócio-histórico onde viveram as pessoas que entrevistei, analisando e cruzando as experiências e as lembranças, foi-se configurando aos meus olhos a imagem do campo de significações, pois além do relato histórico foi possível acompanhar a evolução de cada uma delas no tempo.

A vida é composta de momentos, por isso, minha tarefa foi trazer o quase invisível, os instantes da história que ainda não foram registrados, afinal, a fala emotiva é portadora de significações que nos aproximam do que ainda não foi desvendado.

Em Benjamin e Bosi, compreendi que a narrativa é sempre uma “escavação” original do sujeito, em tensão constante contra o tempo, e esse tempo original e interior é a maior riqueza de que dispomos. Nessa perspectiva, a memória deixa de ter um caráter de *restauração* e passa a ser memória *geradora* do futuro.

Nesse sentido, a memória é um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significados de acontecimentos cotidianos, por isso, a história precisa ser narrada, colocada em palavras, uma história que se desenvolve no tempo presente.

Compreendi que o ser humano por sua participação real e ativa na existência de uma coletividade conserva vivos instantes preciosos do passado. Esses instantes que foram narrados pelas(os) trabalhadoras(es) do Sesc São Paulo, são momentos impregnados de vida. De vida que se infiltra lá de fora pulsando esperanças e semeando novos projetos. Isso foi possível, porque essas pessoas viveram intensamente o seu tempo, atentas aos sinais da História. Segundo Bosi, 2018, p. 192: “Só a militância pode propor e propor de novo a totalidade passado-presente como um mesmo tecido de lutas e esperanças. Fazer conhecer as obras do passado e reviver as indagações que elas contêm.”

Por isso, esse tempo foi essencial para que eu pudesse me entregar ao olhar e a escuta do que é secreto, silencioso e quase invisível. Para nós pesquisadoras(es) oralistas, a entrevista é uma troca de olhares, ela é sem dúvida, uma pluralidade de autores em diálogo e foi esse movimento que procurei realizar ao longo desta tese.

Concluir esta tese sobre a história e a memória do Sesc São Paulo a partir das memórias das(os) trabalhadoras(es), percorrendo suas longas trajetórias profissionais fez com que esta pesquisa se potencializasse em um instrumento para o reconhecimento do trabalho desenvolvido por essa importante instituição no Brasil.

A esta tese não coube apenas lembrar, mas sim compartilhar saberes e experiências, afinal, o passado que se foi, não pode ser encontrado fora do tempo, ele não permanece estagnado, depende da ação presente do narrador para retomar o fio de uma história e essa concepção nos parece essencial para uma reflexão sobre nossa prática, ou seja, como contamos a nossa história e como agimos nela. Qual o fio da história que nós narramos uns dos outros? Que história lembramos? Que história esquecemos? Que história enunciamos hoje?

As memórias aqui registradas evidenciam que a história do Serviço Social do Comércio – Sesc São Paulo esteve inteiramente vinculada à história do país e das(os)

trabalhadoras(es). As narrativas preciosas apresentadas nesta pesquisa, refletem uma história coletiva que foi escrita por trabalhadoras(es) que ao narrarem suas experiências no Sesc, reescrevem a história do Serviço Social do Comércio a partir do cotidiano. São histórias plenas de vida, repletas de significados, aprendizados, emoções, resistências, paixões, criações, que desvendam a história por quem realmente a vivenciou, a construiu e continua construindo esse legado.

Trazer as memórias de tantas pessoas queridas que estiveram à frente de vários programas do Sesc São Paulo, nos possibilita para além de redescobrir essa história, valorizar essas pessoas que foram e ainda são muito importantes nesse processo de construção da história do Sesc no estado de São Paulo e no Brasil.

Confesso que relembrar, rememorar e redescobrir essa história, foi um presente para mim enquanto pesquisadora oralista e trabalhadora no Sesc. Como fios de linhas entrelaçados por várias mãos, essas histórias foram tecendo esse lindo bordado!

A elaboração desta tese me concedeu a oportunidade de voltar meu olhar para o que já vivi, e então lembrei-me dos versos do educador Paulo Freire (1992, p.155): “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”, afinal, jamais estamos sozinhas(os) nesse trajeto, sempre deixamos um pouco de nós e levamos um pouco de cada pessoa conosco, esse é o grande segredo de uma linda viagem.

Narrar essa história é um ato profundamente político!

Como vimos, constatou-se, na investigação, que a gênese do Serviço Social do Comércio está fortemente vinculada ao processo de aprofundamento do capitalismo no Brasil, com influência marcante da igreja católica e da burguesia. Porém, foi o comprometimento, a competência, a luta, a resistência e o envolvimento das pessoas que estiveram e estão no Sesc que mudaram o rumo dessa história, o Sesc transcende a missão para o qual foi criado ao longo desses anos.

Em vários momentos de nossos encontros, as(os) narradoras(es) desta Tese ao anunciarem suas histórias, apresentaram o quanto é relevante o trabalho realizado pelas(os) trabalhadoras(es) coletivamente no Sesc São Paulo. Muitas(os) assistentes sociais tiveram uma importante participação na construção do conhecimento nas áreas da Gerontologia, do Serviço Social e do Lazer.

A práxis dessas(es) trabalhadoras(es) revelam a importância do Sesc na

proteção voltada à criança e ao adolescente, à pessoa idosa. Durante todos esses anos influenciou fortemente na elaboração de leis e políticas públicas na defesa dos direitos humanos.

A política de atenção voltada à criança e ao adolescente praticada pela instituição, permeia não apenas a programação, programas e projetos desenvolvidos, como também a qualificação dos profissionais que as recebem e as acompanham.

O público infanto-juvenil sempre encontrou no Sesc um espaço de exercício da criatividade, da expressão sensível, do estímulo à autonomia, do acolhimento, da garantia da proteção integral juntamente com a rede socioassistencial nos territórios em que as Unidades do Sesc se encontram.

Após a pandemia da Covid-19, a sociedade nos apresenta questões que foram exacerbadas durante esse período, como o aumento da pobreza, do desemprego, o retorno de doenças que já estavam extintas, a falta de moradia, o aumento da população em situação de rua, das pessoas em situação de refúgio e migração e questões de saúde mental.

O Sesc desenvolveu nesse período muitas ações juntamente com a sociedade civil, inúmeras campanhas foram realizadas como Ação Urgente Contra a Fome, Ação Urgente Contra o Frio. Os frequentadores do Sesc e do Senac em todo o Estado de São Paulo puderam doar alimentos não-perecíveis e produtos de higiene pessoal e de limpeza nas unidades dessas instituições e em drive thrus solidários na capital e no interior. Essas doações se juntaram às coletas em empresas realizadas pelo programa Mesa Brasil Sesc São Paulo que foram distribuídas nas 1300 instituições sociais cadastradas, como creches, instituições de longa permanência, centros de acolhimento, hospitais, dentre outras, beneficiando milhares de pessoas.

Essa ação foi iniciada em um momento no qual se verificava um avanço da fome e da insegurança alimentar e nutricional no país no contexto da pandemia e se fazia necessário envolver toda a sociedade em uma ampla mobilização solidária, com o objetivo de aumentar emergencialmente as arrecadações e ampliar as formas de doação existentes no programa que desenvolve seu trabalho há 28 anos, contribuindo para a diminuição do desperdício de alimentos e a redução da condição de insegurança alimentar de crianças, jovens, adultos e pessoas idosas.

Com a chegada do inverno, o frio e o desamparo se tornam cada dia mais visíveis por conta da crise econômica e nesse contexto, uma parcela significativa da população vulnerabilizada resiste nas ruas do nosso país e da cidade de São Paulo,

buscando suprir suas necessidades básicas para sobrevivência. Muitas delas sem acesso à alimentação adequada, à água, ao vestuário, contam com a colaboração de pessoas e organizações sociais preocupadas com a urgência dessa atenção. A urgência que se apresentou neste cenário, teve suporte na proteção social que coloca a responsabilidade do Estado e da sociedade civil junto ao grande contingente de pessoas que estão expostas à fome e ao frio.

A Ação Urgente Contra o Frio foi uma iniciativa do Sesc São Paulo para auxiliar pessoas em situação de vulnerabilidade social ou em situação de rua a enfrentar o período de inverno com mais segurança e dignidade. Todas as Unidades do Sesc na cidade de São Paulo receberam doações de agasalhos, roupas e cobertores que foram destinados a instituições voltadas ao atendimento de pessoas em situação de rua.

A Campanha de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa, busca apresentar várias temáticas anualmente na compreensão das principais tipologias de violência contra a pessoa idosa, para que a população possa reconhecer, se proteger e denunciar, compreendendo como funcionam as redes socioassistenciais e como estas se articulam e operam de modo a agir efetivamente e de forma socioeducativa nesta questão vivenciada por muitas pessoas idosas em nosso país.

O projeto Escuta Involuntária, diante do contexto de distanciamento social no período da pandemia, abordou a temática da violência doméstica, sobretudo contra a mulher, a criança e a pessoa idosa, através da circulação nas ruas de um carro de som, trazendo mensagens para que a população fique atenta à essa questão.

Nas ações relacionadas às pessoas em situação de refúgio e migração, o Sesc manteve nesse período, a continuidade dos cursos de língua portuguesa, realizados desde 1995, que foram desenvolvidos durante a pandemia no formato on-line, procurado garantir a efetiva inclusão dessas pessoas, por meio da valorização de seus repertórios e modos de pensar, assim como da viabilização e acolhimento de suas práticas culturais. Entre os projetos, destacam-se o Refúgios Humanos, parceria com a Diretoria Regional de Educação, que possibilitou a educadores e educadoras da Rede Municipal de Educação encontros formativos voltados à prática educativa voltada aos alunos que vivem a situação do refúgio e de migração internacional.

Em tempos de pandemia e de pós-pandemia, o Serviço Social buscou consolidar espaços de colaboração no fortalecimento da rede socioassistencial, do esporte ressignificado socialmente como desencadeador do desenvolvimento

humano, possibilitando o intercâmbio de informações e a visibilidade do trabalho desenvolvido pelas(os) assistentes sociais. Outra ação, importante nesse período, foi o projeto Questão Social das Drogas, que apresentou um panorama introdutório às dimensões sociais que existem em torno do universo do uso de substâncias psicoativas, propondo olhares que partem de contextos sociais e políticos e as práticas de cuidado à saúde mental.

Outro importante projeto, foi o Legítima Diferença, ação em rede que busca evidenciar realidades e desconstruir preconceitos e estereótipos vinculados às pessoas LGBTQIAP+. Dentre as questões abordadas estão os processos de exclusão e apagamento social, empregabilidade para pessoas trans, vivências nos diferentes espaços sociais, direitos, representatividade nas artes e acolhimento familiar.

Como vimos, ao longo destes anos, o Sesc ampliou sua atuação no campo dos estudos voltados ao lazer, à cultura; o Serviço Social nos esportes; o trabalho com pessoas em situação de refúgio e migração; o trabalho com o patrimônio, a transformação de prédios desativados em grandes centros socioculturais; o direito humano à alimentação adequada por meio de um programa de segurança alimentar e nutricional; a interface com as Universidades e Centros de Pesquisas nacionais e internacionais; na interlocução com o conhecimento construído em várias áreas; na formação de profissionais; na interface com esferas do Governo; as esferas da área Patronal, como a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo; as(os) trabalhadoras(es) do Sesc ocupando outros espaços como Universidades, Conselhos de Direitos, Comitês, Comissões, Fóruns, Associações, nos espaços de organização profissional como o CBCISS – Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio em Serviços Sociais, com os segmentos que constroem com a profissão; muitos(as) trabalhadores(as) atuando em múltiplos espaços e não restritos a instituição. A ocupação de diferentes frentes de atuação técnica e política e o trabalho inovador desenvolvido por essas pessoas é que constituíram a marca do Sesc no estado de São Paulo.

O Sesc contribui efetivamente na valorização dessas(es) trabalhadoras(es) em função de que elas(es) tem um trabalho criador, portanto, precisam ter autonomia, precisam ser valorizados(as), precisam participar da vida da instituição com uma marca individual e coletiva. Durante todos esses anos na instituição e na escuta das narrativas, constatamos esse investimento na classe trabalhadora por meio da ascensão em outros cargos, bolsas de estudos e bons salários, isso possibilita que

as(os) trabalhadoras(es) se sintam tão gratificadas(os) pelo que realizam.

O Sesc possibilitou que esse perfil de trabalhador(a) se constituíssem, que é um perfil educativo, inclusivo, de valorização da cultura e que são valores fundamentais para nós Assistentes Sociais, eles fazem parte do nosso projeto ético-político vislumbrando um horizonte de emancipação, de plenitude humana.

Essas(es) trabalhadoras(es) acreditam na missão, nos valores e nas diretrizes institucionais; por meio das ações, dos projetos e dos programas que o Sesc desenvolve, vivenciam cotidianamente transformações na vida de tantas pessoas. Essa gente querida leva no olhar esperança e no coração a força para a construção de um mundo melhor, cujos valores como dignidade, equidade, justiça social, liberdade, universalidade, diversidade e direitos humanos, façam parte verdadeiramente das nossas vidas.

No último encontro dessa viagem, em abril de 2022, Mirabelli e Galisteu, afirmam que:

Mirabelli: A história do Sesc, ela é escrita e ela se constrói por cada um de nós, por quem já esteve, quem pensou na criação do Sesc em 46, todas as pessoas que acompanharam essa trajetória, essa história do Sesc até hoje, você que esteve, eu que ainda estou, um dia eu vou sair e outras pessoas seguirão construindo a história, é o que eu acho, e é tão importante isso, que a gente não pode esquecer, que a história do Sesc é feita por pessoas.

Galisteu: Sim, Sandrinha, as pessoas são o espírito do Sesc. Ele se constrói, se mantém, apenas com a presença das pessoas, as que estão de forma ativa trabalhando, as que se aposentaram, as que partiram e as que estão por vir, apenas as pessoas fizeram, fazem e irão fazer a verdadeira história do Sesc.

Essa tese de doutoramento, trouxe a reflexão de que lembrar é prosseguir na luta contra a reprodução da história vista somente de um lado. Em um processo eminentemente dialético, o presente ilumina o passado, e o passado iluminado pelo presente torna-se uma força no presente, esse foi o movimento que realizamos nesta tese de doutoramento, redescobrir a história do Sesc São Paulo e reconstruí-la coletivamente em um tempo saturado de “agoras”.

As teses de Benjamin “Sobre o conceito de história” de 1940, nos iluminam na compreensão de que a “história é aberta”, rompendo com a linearidade, por isso, é nesse tempo que se inscreve a possibilidade de contar a outra história.

As palavras de cada pessoa que entrevistei com muito respeito, humildade, horizontalidade, aqui apresentadas em textos, parte de um compromisso ético-político

e são memórias que constituem uma oficialidade histórica, afinal, essas(es) trabalhadoras(es) estão construindo a história do Sesc.

Nós somos a história viva do Sesc São Paulo!

Referências Bibliográficas

ANDRADE, M. M. **Introdução a Metodologia do Trabalho Científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo: Atlas, 2005.

ANDER-EGG, E. **El trabajo social como acción liberadora**. Cuadernos de Trabajo Social, Buenos Aires, n. 9, 1974.

_____. **¿Qué es la Animación Socio Cultural?** Centro de Cultura Popular. Santa Cruz de Tenerife, 1988.

_____. **Metodologia y pratica de la animación sociocultural**. Buenos Aires: Humanitas, 1991.

ANTONACCI, M. A. M. **Institucionalizar Ciência e Tecnologia** – em torno da fundação do IDORT (São Paulo, 1918-1931). São Paulo (SP): Revista Brasileira de História, v. 7, nº 14, 1987, p. 59-78.

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. Petrópolis (RJ): Vozes, 1990.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, Volume 1, 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. Tradução de José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. Obras Escolhidas Volume III. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **Rua de mão única**: Infância berlinense – 1900. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BERNET, J. **Conceito, discurso e universo da animação sociocultural**. In: Animação Sociocultural - Teorias, programas e âmbitos. Lisboa: Instituto Piaget, 2004, p. 19-44.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

_____. **O Tempo Vivo da Memória**: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

CACHIONI, M.; NERI, A. L. **Educação e gerontologia**: desafios e oportunidades. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, 99-115, 2004.

CARVALHO, M. C. B; NETTO, J. P. **Cotidiano**: conhecimento e crítica. 7. Edição, São Paulo: Cortez, 2007.

CASTRO, M. M. **História do Serviço Social na América Latina**. Tradução de José Paulo Netto e Balkys Villalobos. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CERQUEIRA, E. G. **O Centro de Estudos e Ação Social de São Paulo**. In: Revista Serviço Social, São Paulo, a.4, n.33, jun., 1944, p. 149-173.

CHIZZOTTI, A. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Revista Portuguesa de Educação. Braga-PT, v. 16, n. 2, 2003, p. 221-236.

CORREIO DA MANHÃ. **A industrialização do Brasil**. Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1943.

DIÁRIO CARIOCA. **Promete o Presidente do Sesc na Sessão Inaugural da Sociedade** – Serviço Social e Não Obra de Filantropia – Aumento de Salário Real Proporcionando Maiores Oportunidades. Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1947.

FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil** – ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

_____. **A ditadura em questão**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.

FERRIGNO, J. C. **Co-educação entre gerações**. Rio de Janeiro: Vozes; São Paulo: Sesc, 2003.

FERRIGNO, J. C.; LEITE, M. L. C. B. de; ABIGALIL, A. **Centros e Grupos de Convivência de Idosos: da conquista do direito ao lazer ao exercício da cidadania**. In: FREITAS, FREITAS, E. V. de et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**, São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GAGNEBIN, J. M. **Prefácio: Walter Benjamin ou a história aberta**, In: Obras Escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GUERRA, Y. In: **Serviço Social no Brasil: história de resistências e de ruptura com o conservadorismo**. São Paulo: Cortez, 2016, p. 287-309

GUIRALDELLI, R. **O enfoque metodológico da história oral na pesquisa em Serviço Social**. Ponta Grossa: Emancipação, nº 13, p. 121-131, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/3000/4378>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

HALBWACHS. M. **A Memória Coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. **Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

IAMAMOTO, M. V. **Estratégias em Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional.** São Paulo: Cortez, 1998.

IANNI, O. **A ideia de Brasil moderno.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Enigmas da Modernidade–Mundo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KONOPKA, G. **Serviço Social de grupo: Um processo de ajuda.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

KHOURY, Y. A. **O historiador, as fontes orais e a escrita da história.** In: MACIEL, L. A. e outros (org.). *Outras histórias: memórias e linguagens.* São Paulo: Olho D'Água, 2006, p.22-43.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. D. A. **Metodologia do Trabalho Científico.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas, Ed. Unicamp, 2003.

LEÃO XIII, RERUM NOVARUM. **Encíclica del Papa León XIII.** Lima, Paulinas, 1977.

LIMA, A. A. **Memórias improvisadas.** Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. **Entrevista com Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde)** no Programa Canal Livre, Rede Bandeirantes, 1980. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dy0893l0OrI> . Acesso em: 9 dez. 2020.

LOPES, M. de S. **A animação sociocultural em Portugal.** Revista Iberoamericana, vol.1, n.1, Portugal, out.2006/fev.2007.

LÖWY, M. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”.** São Paulo: Boitempo, 2021.

LUKÁCS, G. **As bases da atividade e do pensamento do homem.** In: *O jovem Marx e outros escritos de filosofia.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

MAGALHÃES, H., MARTIN, P. R. **SESC SP - século XXI.** São Paulo: SESC SP, 2013.

MARTINELLI, M. L. et al. **O Uno e o Múltiplo nas relações entre as Áreas do Saber.** São Paulo: Cortez, 1995.

MARTINELLI, M. L. et al. **A história oral na pesquisa em serviço social: da palavra ao texto,** São Paulo: Cortez, 2019.

_____. **Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio.** 2. ed. São Paulo: Veras Editora, 1999.

_____. **Serviço Social: identidade e alienação.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **História oral: exercício democrático da palavra.** Texto didático. São Paulo: PUC-SP, 2012.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 33 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MIRANDA, D. S. **Danilo Santos de Miranda, o homem do Sesc**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/danilo-santos-de-miranda-sesc/> (2017). Acesso em: 21 abr. 2023.

_____. **Cultura como fim e por princípio**. Ano 7, n. 13, *Organicom*. São Paulo: USP, 2010, p. 142-155. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/download/139075/134424/270154> Acesso em: 22 abr. 2023.

MÜLLER, A.; SILVA, M. S. **Sobre o conceito de História**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2020.

NETTO, J. P. **Para uma história nova do Serviço Social no Brasil**. In: SILVA, M. L. O (Org.). **Serviço Social no Brasil: história de resistências e de ruptura com o conservadorismo**. São Paulo: Cortez, 2016.

PERES, A. N.; LOPES, M. S (Coord.). **Animação sociocultural e os novos desafios XXI**. Chaves: Edição APAP, 2007, p. 35-42.

PÉREZ, V. J. V. **Perspectiva comparada da animação sociocultural**. In: J. T. Bernet (Coord.), **Animação sociocultural: teorias, programas e âmbitos**. Lisboa: Editorial Ariel/Instituto Piaget, 2004, p. 85-100.

PINTO, P. A. **De bombeiro a incendiário: o catolicismo na trajetória de Alceu Amoroso Lima**. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/bombeiro-incendiario-alceu-amoroso-lima/> . Acesso em: 9 dez. 2020.

PORTELLI, A. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História. São Paulo: Educ, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

_____. **Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI**. In: FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V. (Orgs.) – **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/FGV, 2000.

PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. Tradução de Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

_____. **História oral como arte da escuta.** Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRADO Jr. C. **Formação do Brasil Contemporâneo.** São Paulo: Brasiliense, 1957.

QUERIDO, F. M. **130 anos de Walter Benjamin: um intelectual na corda bamba.** Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2022/07/15/130-anos-de-walter-benjamin-um-intelectual-na-corda-bamba/> . Acesso em: 15 jun. 2023.

REQUIXA, R. A. Q. de S. **Renato Requiça (depoimento, 2001).** Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2004.

SALGADO, M. A. **Velhice, uma nova questão social.** São Paulo: SESC/GETI, 1982.

SESC. **Uma ideia original** – Sesc São Paulo 50 Anos. São Paulo: SESC, 1997.

_____. **Carta da Paz Social.** Rio de Janeiro: SESC, 2012.

_____. **O que pode um encontro:** o Programa Trabalho Social com Idosos do Sesc e a sociabilização como elemento transformador nas ações voltadas para a pessoa idosa. In: A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento, São Paulo: Sesc /GETI, v. 24, n. 58, nov. 2013, p. 6-22.

_____. **Instituição e Regulamento.** São Paulo: SESC, Setembro, 2014.

_____. **Legislação do Sesc.** 5. ed. Rio de Janeiro: SESC, 2017.

_____. **A Formação do Assistente Social.** Serviço Social do Comércio - Departamento Nacional, Publicação nº 5, Rio de Janeiro: SESC, 1950.

_____. **Critério para a Gratuidade dos Serviços Sociais.** Serviço Social do Comércio - Departamento Nacional, Publicação nº 10, Rio de Janeiro: SESC, 1950.

_____. **Relatório Anual.** Rio de Janeiro: SESC, 1948.

_____. **Periódico Sesc em Marcha.** Ano I, n. 1, novembro, Rio de Janeiro: SESC, 1949.

_____. **Revista do Comerciário.** Ano I, n. 7, de agosto-setembro, Rio de Janeiro: SESC, 1956.

_____. **Sesc Realizações 2021.** São Paulo: SESC, 2021.

SHIMIZU. R. **Redescobrimo o Alto Tietê** – Bairro do Sesc – Suzano. Disponível em: <https://redescobrimoalotiete.blogspot.com/2014/02/bairro-do-sesc-suzano.html> . Acesso em: 12 dez. 2020.

SILVA, M. L. O (Org.). **Serviço Social no Brasil:** história de resistências e de ruptura com o conservadorismo. São Paulo: Cortez, 2016.

VIEIRA, E. **A república brasileira:** 1951-2010: de Getúlio a Lula. São Paulo: Cortez, 2015.

WANDERLEY, M. B. **Conceitos de animação sociocultural**. Disponível em: http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/5/frames/fr_conceitos.aspx. Acesso em: 8 dez. 2015.

YAZBEK, M. C. In: **Serviço Social e seus fundamentos: conhecimento e crítica**. 2. ed. Campinas: Papel Social, 2018, p. 47-84.

APÊNDICE

Roteiro de Entrevista - A história pela memória

Identificação:

● Data da Entrevista
● Horário da Entrevista
● Nome Completo
● Formação Profissional
● Primeiro e Último Cargo/Função
● Período de trabalho no Sesc São Paulo
● Como gostaria de ser identificado/a no estudo

Questões norteadoras:

- Conte-me como foi a sua chegada no Sesc.
- O que você gostaria de compartilhar da história do Sesc a partir da sua experiência?
- Fale um pouco mais sobre os projetos que você acompanhou.
- Qual a sua percepção sobre o trabalho desenvolvido pelas(os) assistentes sociais no Sesc?
- Há algo que você gostaria de falar que eu não perguntei?

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCE

Você está sendo convidada (o) para participar da pesquisa “Redescobrir – História e Memória do Serviço Social do Comércio: narrativas das/os trabalhadoras/es do Sesc São Paulo” Esta pesquisa é parte das exigências do curso de doutorado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que a pesquisadora Sandra Carla Sarde Mirabelli está realizando sob a orientação da Professora Doutora Maria Lúcia Martinelli; projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC SP e tem por objetivos:

- Geral - estudar a história e a memória do Serviço Social do Comércio, no período histórico entre 1966 a 2022, para redescobrir, por meio de documentos institucionais, fotografias, jornais, publicações e narrativas das/os trabalhadoras/es do Sesc São Paulo a trajetória construída pela instituição ao longo desse período.
- Específicos: refletir sobre a importância da história e da memória para a reconstrução da trajetória do Serviço Social do Comércio - Sesc São Paulo; identificar na praxis das/os trabalhadoras/es a materialização da história expressa nas narrativas, considerando a intrínseca relação entre memória e história; e desvendar a importância do trabalho desenvolvido por Assistentes Sociais no Sesc São Paulo, no período de 1966 a 2022.

Será utilizada a metodologia da história oral, por meio de entrevista individual, propondo-se um exercício de diálogo. Para a entrevista o/a participante poderá utilizar o próprio nome ou nome fictício escolhido por ele/ela.

A entrevista individual será gravada mediante autorização do/a participante e transcrita para análise, sendo alguns fragmentos da narrativa utilizados no texto da tese, sempre que a fala registrada for significativa para apreensão do objeto de estudo.

A pesquisa não implica em nenhum gasto para as/os participantes, os quais também não receberão qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à sua participação. Ressalta-se que a sua participação nessa pesquisa é condição para que ela seja realizada, uma vez que somente o sujeito pode falar de sua experiência e do significado que ele a atribui.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informada (o) pela pesquisadora Sandra Carla Sarde Mirabelli sobre os objetivos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da mesma. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações ou retirar este consentimento durante a realização da pesquisa. Declaro, ainda, que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento.

São Paulo, _____ de _____ de 2022.

Assinatura da(o) participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora responsável

E-mail: